



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

Diná Souza da Silva

Inventário de línguas de sinais emergentes encontradas no Brasil: o caso da Cena (Jaicós – PI) e da língua de sinais de Caiçara (Várzea Alegre – CE)

Florianópolis

2021

Diná Souza da Silva

Inventário de línguas de sinais emergentes encontradas no Brasil: o caso da Cena (Jaicós – PI) e da língua de sinais de Caiçara (Várzea Alegre – CE)

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina para obtenção título de Doutora em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Ronice Muller de Quadros.

Florianópolis

2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Silva, Diná Souza da
Inventário de línguas de sinais emergentes encontradas
no Brasil : o caso da Cena (Jaicós - PI) e da língua de
sinais de Caiçara (Várzea Alegre - CE) / Diná Souza da Silva
; orientadora, Ronice Muller de Quadros , 2021.
267 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós
Graduação em Linguística, Florianópolis, 2021.

Inclui referências.

1. Linguística. 2. Língua de Sinais Emergentes. 3. Cena.
4. Língua de Sinais de Caiçara. 5. Inventário. I. , Ronice
Muller de Quadros. II. Universidade Federal de Santa
Catarina. Programa de Pós-Graduação em Linguística. III.
Título.

Diná Souza da Silva

Inventário de línguas de sinais emergentes encontradas no Brasil: o caso da Cena (Jaicós – PI) e da língua de sinais de Caiçara (Várzea Alegre – CE)

O presente trabalho em nível de doutorado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.^a Dr.^a Cristine Gorski Severo (Presidente da Banca)
Universidade Federal de Santa Catarina - PPGL

Prof.^a Dr.^a Marianne Rossi Stumpf,
Universidade Federal de Santa Catarina – PPGL

Prof.^o Dr. Anderson Almeida da Silva
Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr)

Prof. Dr. Andrew Nevins
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Prof.^a Dr.^a Bruna Crescêncio Neves
Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC)

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de doutor em Linguística.

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Prof.^a Dr.^a Ronice Muller de Quadros
Orientadora

Dedico este trabalho a todos aqueles que nestes tempos tão complexos (sobre)vivem e (re)significam o sentido da vida, pelo amor, pelo amar, pelo estar, pelo acreditar, pelo perseverar, pelo olhar e pelo cuidar!

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida, por me sustentar e me guardar sob suas mãos, por ser presente nos meus dias e me fazer senti-Lo através de minha fé!

Aos meus pais, José da Silva e Maria do Socorro de Souza da Silva, que me deram a vida e, que, lutam, vibram, sentem, oram, agradecem e sorriem por mim todos os dias. Souberam fazer de mim uma pessoa forte, disposta a enfrentar os obstáculos e conseguiram me fazer sentir feliz e realizada. A vocês, minha eterna gratidão.

Aos meus irmãos, Débora, Daniele, Daniel, Dulcicleide e David pelo amor incondicional, e por entenderem a minha ausência, por vibrarem com minhas vitórias e serem ombro amigo, nas dificuldades.

Aos meus sobrinhos e sobrinhas, Gustavo, Gabriel, Ana Júlia, Ana Laís, Lívia Raquel, Maria Valentina, Lola Maria e Dora por me fazerem feliz e sorrir sempre que os dias pareciam nublados.

Ao meu amor, Antônio Nelson Moreno pela compreensão, em razão da minha ausência, do meu silêncio, desassossego e cansaço durante esta etapa da minha vida.

Aos meus familiares pelas orações e palavras de ânimo constantes em minha vida.

À querida Ronice Quadros, minha amiga, orientadora e professora, pela paciência, competência e seriedade com que me orientou neste trabalho. Por ser este ser humano incrível, humilde, solícito, que sempre tem uma palavra acolhedora, de ânimo e conforto. Por toda atenção, compreensão, amor, carinho e apoio.

Às comunidades surdas de Várzea Queimada em Jaicós (Pi) e de Caiçara em Várzea Alegre (CE) por sempre me acolherem tão bem, por aceitarem participar da pesquisa, dispondo de seu tempo para compartilhar suas experiências. Gratidão pela leveza no olhar e simplicidade de vida que a todos encanta, mas principalmente gratidão por conceder-me conhecer e partilhar a maior riqueza de vocês: as Vossas Línguas.

À Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), por ter concedido a mim a oportunidade de contribuir com a academia, através do meu trabalho.

Aos professores e funcionários da UFSC e, em especial, aos do Programa de Pós-Graduação em Linguística, pela colaboração e orientação durante o meu percurso na pós-graduação.

Aos colegas que compuseram as incursões a Várzea Queimada (Jaicós-Pi) em 2017, 2019 e 2021: Anderson Almeida da Silva, Natália de Almeida Simeão, Antônio Nelson Teixeira Moreno, Kelly Samara Pereira Lemos, João Cunha e Silva Neto, Andrew Ira Nevins, Iago Pedro Pires, Carlos Douglas Carvalho de Macedo, Diane Stoianov, Telma Franco, Bruna Rodrigues da Silva, Nadia Fernanda Martins de Araujo.

À Banca, às professoras Dr.^a Cristine Gorski Severo (Presidente da Banca), Dr.^a Marianne Rossi Stumpf, Dr.^a Bruna Crescêncio Neves e aos professores Dr. Anderson Almeida da Silva e Dr. Andrew Nevins que gentilmente aceitaram o convite para compor a Banca de Avaliação da minha tese, e deram valorosa contribuição para o seu enriquecimento.

Aos queridos colegas da Faculdade de Educação Ciências e Letras de Iguatu (Fecli – UECE) pelo apoio e compreensão durante esta jornada, e em especial aos amigos do Curso de Letras que comigo partilharam angústias, alegrias e incertezas.

À comunidade surda, por ser fonte de inspiração, aprendizagem e de fortalecimento para a realização das minhas pesquisas.

Aos amigos de perto, agradeço a mão estendida, as madrugadas de estudo, os sorrisos que colocaram em meus lábios, em meio às lágrimas, pela força, e, principalmente, por me fazerem acreditar no meu potencial.

Aos amigos distantes, Carla Silva, Regina Araújo e Daiana Amaral obrigada pelas ligações, mensagens e e-mails, que, coincidentemente, chegavam a mim, quando eu mais precisava.

Aos meus pets, Malu, Xuxa e Bombom por trazerem a paz, a calma e leveza a minha vida!!!

Pode-se ter ou imaginar a fala sem um corpo, mas não se pode ter uma língua de sinais sem um corpo. O corpo e a alma do usuário dessa língua, sua identidade humana única, expressam-se continuamente no ato de comunicar-se (SACKS, 1998, p. 134).

RESUMO

Na presente pesquisa, apresento duas comunidades, a de Várzea Queimada (Jaicós – PI) e a de Caiçara (Várzea Alegre – CE), para, em seguida, descrever o perfil de alguns de seus surdos, mostrando como as relações entre os surdos e com os surdos sustentam o uso de uma língua de sinais, própria das citadas comunidades. A temática desta tese é, por um lado, a interrelação entre surdos e ouvintes como base que sustenta uma língua de sinais e, por outro, a interseção entre os gestos e os sinais. Deste modo, temos como objetivo geral inventariar duas línguas de sinais emergentes utilizadas em Várzea Queimada (Jaicós – PI) e Caiçara (Várzea Alegre – CE). E, a partir do objetivo geral proposto, temos os seguintes objetivos específicos: a) Identificar as relações entre os sinalizantes das comunidades de Várzea Queimada e Caiçara; b) Apresentar aspectos sociolinguísticos como atitude e transmissão linguística nas comunidades pesquisadas. c) Mapear os sinais utilizados pelos surdos das citadas localidades; d) Registrar os sinais utilizados pelos surdos de Várzea Queimada e Caiçara; e e) Analisar sinais com características específicas às comunidades investigadas. No que tange à metodologia da pesquisa, este trabalho foi desenvolvido atendendo o percurso metodológico proposto pelo Guia de Pesquisa e Documentação para o INDL publicado em 2014. Nesta pesquisa, apresentamos as diferentes formas de constituição de um inventário e os percursos metodológicos para a realização da documentação e organização dos dados, deixando claro que a proposta de identificação de línguas estrutura-se em torno de três dimensões: (a) produção de conhecimento: ações de pesquisa bibliográfica ou de campo; (b) documentação: amplo registro da língua e (c) mobilização social: envolvimento dos falantes da língua de outros atores estratégicos no processo de inventário. Como resultados, apresentamos contribuições linguísticas e sociolinguísticas pertinentes às questões relacionadas às línguas de sinais emergentes no Brasil, ao seu uso e registro. O levantamento ora realizado aponta aproximadamente vinte e uma línguas de sinais utilizadas pelas comunidades surdas e por comunidades isoladas no Brasil, identificadas nas zonas rurais e em comunidades indígenas. Verificou-se ainda que os surdos são usuários motivadores destes sinais e os ouvintes, usuários favoráveis, que se habitam a usar cada um desses sistemas de comunicação sinalizados. Face ao exposto, torna-se necessário inserir no mapa as línguas de sinais emergentes aqui citadas, assim como as centenas de línguas ainda ocultadas pela representação majoritária de um país monolíngue, ou seja, pela ideia de que só falamos o português. Talvez seja essa a possibilidade mais significativa, em médio prazo, para alcançar o reconhecimento das línguas como patrimônio cultural.

Palavras-chaves: Línguas de sinais. Línguas de Sinais Emergentes. Cena. Língua de Sinais de Caiçara. Inventário.

ABSTRACT

In this research, I present two Brazilian communities, Várzea Queimada (Jaicós – PI) and Caiçara (Várzea Alegre – CE), to then describe the profile of some of their deaf people, showing how the relationships between the deaf and with the deaf support the use of a sign language, typical of the aforementioned communities. The theme of this thesis is, on the one hand, the interrelationship between deaf and hearing people as the basis that sustains a sign language and, on the other, the intersection between gestures and signs. Thus, our main objective is to inventory two emerging sign languages used in Várzea Queimada (Jaicós – PI) and Caiçara (Várzea Alegre – CE). And, based on the proposed main objective, we have the following specific objectives: a) Identify the relationships between signers in the communities of Várzea Queimada and Caiçara; b) Show sociolinguistic aspects such as attitude and linguistic transmission in the researched communities. c) Map the signs used by the deaf in the aforementioned locations; d) Record the signs used by the deaf in Várzea Queimada and Caiçara; and e) Analyze signs with specific characteristics to the investigated communities. Regarding the research methodology, this work was developed taking into account the methodological approach proposed by the Research and Documentation Guide for the INDL published in 2014. In this research, we present the different forms of constitution of an inventory and the methodological paths for carrying out the documentation and organization of the data, making it clear that the proposal for identifying languages is structured around three dimensions: (a) knowledge production: bibliographic or field research actions; (b) documentation: broad record of the language and (c) social mobilization: involvement of the language speakers of other strategic actors in the inventory process. As a result, we present linguistic and sociolinguistic contributions relevant to issues related to emerging sign languages in Brazil, their use and registration. The survey now carried out points to approximately twenty-one sign languages used by deaf communities and isolated communities in Brazil, identified in rural areas and in indigenous communities. It was also found that deaf people are motivating users of these signs and hearing people, favorable users, who get used to using each of these signed communication systems. In view of the above, it is necessary to insert the emerging sign languages mentioned here on the map, as well as the hundreds of languages still hidden by the majority representation of a monolingual country, that is, by the idea that we only speak Portuguese. Perhaps this is the more significant possibility, in the medium term, to achieve recognition of these languages as cultural heritage.

Keywords: Sign languages. Emerging Sign Languages. Scene. Sign Language of Caiçara. Inventory.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Casamento religioso com interpretação da Libras para Língua de Sinais Caiçara	23
Figura 02 – SINAL: CASA (em Libras, sinal considerado icônico)	50
Figura 03 – SINAL: QUERER (em Libras, sinal considerado arbitrário).....	50
Figura 04 – SINAL: TELEFONAR (em Libras, sinal considerado icônico).....	51
Figura 05 – SINAL: NÃO-TER (em Libras, sinal considerado arbitrário)	51
Figura 06 – SINAIS: ABRIL E APAGAR (mesma configuração de mão).....	53
Figura 07 – SINAL: TER (ponto de articulação no corpo do sinalizante)	54
Figura 08 – SINAL (pessoa) PROCURAR (ponto de articulação fora do corpo do sinalizante)	54
Figura 09 – SINAL: DANÇAR (rapidamente).....	55
Figura 10 – SINAL: CURSO	55
Figura 11 – SINAL: ACHAR (opinião).....	55
Figura 12 – SINAL: APRESENTAR.....	56
Figura 13 – SINAL: SILÊNCIO	57
Figura 14 – SINAL: CALAR BOCA.....	57
Figura 15 – Expressões faciais de tristeza, raiva e surpresa.	58
Figura 16 – SINAL: SÁBADO (ponto de articulação: frente à boca)	59
Figura 17 – SINAL: (pessoa) PASSAR.	60
Figura 18 – Tipologia.....	64
Figura 19 – As disciplinas base da tipologia de língua de sinais.	66
Figura 20 – Alfabeto manual produzido por uma Surda.....	70
Figura 21 – Alfabeto manual da Língua de Sinais Pataxó.	72
Figura 22 – Surdos da ilha de Martha's Vineyard demonstrando a MVSL (Martha's Vineyard Sign Language).....	78
Figura 23 – Foto antiga de Martha's Vineyard (sem data)	79
Figura 24 – Martha's Vineyard em 2018.....	80
Figura 25 — Visão geral das Línguas de Sinais Rurais (SLs).....	86
Figura 26 – Princípios gerais da iconicidade	92
Figura 27 – Uso do chão como recurso na língua de sinais emergente de Soure	95
Figura 28 – Numerais da Língua de sinais Pataxó.....	96

Figura 29 – Numerais para quantidades em Libras (pessoas, coisas, animais).....	96
Figura 30 – Número 07 (Língua de Sinais Emergente de Porto de Galinhas).....	96
Figura 31 – Sinais de VERÃO e INVERNO na LS de Pataxó.....	97
Figura 32 – Sinais de Domingo e segunda-feira na LS de Pataxó.....	98
Figura 33 – Sinal de ÁRVORE (Surdos Kaingang; Guarani, Terena e Pataxó)	99
Figura 34 – Sinal Casa/OCA (Indígena).....	99
Figura 35 – ‘Para frente’ e ‘Para trás’ ou o ‘Sucessor’ e ‘Antecessor’ na Língua de Sinais Cena	100
Figura 36 – Sinais de Agosto, Setembro e Dezembro (da esquerda para direita)	101
Figura 37 – Mapeamento das Línguas de Sinais brasileiras	108
Figura 38 – Sinal de árvore em Libras.....	114
Figura 39 – Sinal árvore x imagem árvore	115
Figura 40 – Sinal de Urso seguido de uma DI	117
Figura 41 – DI do Sistema Solar	118
Figura 42 – Exemplo de TL	118
Figura 43 – Sinal Rico	119
Figura 44 – TI do Aparelho reprodutor feminino	120
Figura 45 – Sinais com alto grau de iconicidade	122
Figura 46 – Modelo de construção analógico de Taub	123
Figura 47 – Imagem de uma Araucária.....	125
Figura 48 – Sinalização.....	125
Figura 49 – Imagem de uma árvore em 3D.	126
Figura 50 – Sinalização de ÁRVORE em 3D.....	126
Figura 51– Imagem de quatro árvores.	126
Figura 52 – Sinalização da imagem de 04 árvores.....	126
Figura 53 – Árvore com vento	126
Figura 54 – Sinalização da imagem de uma árvore ao vento.....	126
Figura 55 – Árvore no Crepúsculo.....	127
Figura 56 – Sinalização de uma árvore com galhos retorcidos.....	127
Figura 57 – Sinais com a Configuração de mão em “pinçar”	128
Figura 58 – Mapa do Estado do Piauí	146
Figura 59 – Placa indicativa do povoado de Várzea Queimada	147
Figura 60 – Foto de uma rua de Várzea Queimada.....	147

Figura 61 – Registro de uma casa em Várzea Queimada	148
Figura 62 – Fogão a lenha em Várzea Queimada.....	149
Figura 63 – Recorte do Mapa de Várzea Alegre – CE a partir do IBGE (2010)	150
Figura 64 – Registro de uma casa de um surdo com deficiência intelectual	151
Figura 65 – Crianças participando do momento de visita a Toca (Várzea Queimada)	155
Figura 66 – Censo 01- surdos de Várzea Queimada (realizado entre 2019 e 2021).....	154
Figura 67 – Censo preliminar de Caiçara (realizado entre 2019 e 2021)	156
Figura 68 – Vocabulário básico segundo Swadesh (cf. Campbell, 1998)	160
Figura 69 – Modelos de Imagens utilizadas na Coleta de dados em Caiçara.....	162
Figura 70 – Cartões com cenas para serem colocadas na ordem (utilizados em Caiçara).....	163
Figura 71 – Coleta de dados a partir da apresentação de cartões com imagens ilustrativas..	163
Figura 72 – Outros recursos utilizados.	164
Figura 73 – Conversas informais para coleta de dados em Várzea Queimada	165
Figura 74 – Contação de Narrativa (Tom e Jerry).	165
Figura 75 – Toca da Possibilidades (Várzea Queimada).....	168
Figura 76 – Reunião com os surdos na Toca.	169
Figura 77 – Registro da produção do Retrato Biográfico de Elizabete (surda de Várzea Queimada)	169
Figura 78 – Registro da produção do retrato Biográfico da surda Rita (Caiçara).....	170
Figura 79 – Metadados LS Caiçara.....	174
Figura 80 – Mapa das três principais vizinhanças dos surdos da Várzea Queimada.....	179
Figura 81 – Mapa das principais residências dos surdos em Caiçara (Várzea Alegre – CE).179	
Figura 82 – Exemplo de escrita na palma da mão– LS Caiçara	185
Figura 83 – Exemplo de Contagem (quantidade) em LS Caiçara.....	186
Figura 84 – Sinalização utilizando outras partes do corpo: perna e pé.....	187
Figura 85 – Número 08 em Língua de Sinais Cena	188
Figura 86 – Número 10 em Língua de Sinais Cena	188
Figura 87 – Sinal de DOMINGO em Língua de Sinais Cena	189
Figura 88 – Sinal de SÁBADO em Língua de Sinais Cena.....	189
Figura 89 – SINAL de TRABALHAR geral em Língua de Sinais Cena	190
Figura 90 – Sinal de Trabalhar na roça em Língua de sinais Cena.....	190
Figura 91 – Sinal CASA (Cena e também em Libras).....	191

Figura 92 – SINAL MANHÃ com expressão-corporal-intensidade – Língua de Sinais Cena	191
Figura 93 – Sinal MUITO_quantidade (Cena)	192
Figura 94 – SINAL DE LONGE em Língua de Sinais Cena.....	192
Figura 95 – Sinal de SEGUNDA E QUARTA na Língua de Sinais Caiçara	197
Figura 96 – Sinal SEMANA na Língua de Sinais Caiçara	198
Figura 97 – Sinal ÁRVORE na Língua de Sinais Caiçara.....	198
Figura 98 – Imagem de Juremas	199
Figura 99 – Sinal de CASA na Língua de Sinais Caiçara.....	199
Figura 100 – Pronome interrogativo geral utilizado na LS Caiçara e na Cena	204
Figura 101 – Sinal QUAL (LS Caiçara)	204
Figura 102 – Sinal QUEM (LS Caiçara)	205
Figura 103 – Sinal POR QUE (LS Caiçara E Cena)	205
Figura 104 – Sinal EU (LS Caiçara e em Cena)	206
Figura 105 – Sinal VOCÊ (LS Caiçara e Cena)	206
Figura 106 – sinal EL@ (LS Caiçara e Cena)	207
Figura 107 – Sinal NÓS-2 Cena	207
Figura 108 – Sinal MEU ou MINHA em Cena	208
Figura 109 – Sinal MANHÃ (Cena)	208
Figura 110 – Sinal MEIO_DA_MANHÃ em Cena	209
Figura 111 – Sinal MEIO-DIA (Cena)	209
Figura 112 – Sinal de Tarde (Cena)	210
Figura 113 – Sinal em Libras para MENTE	211
Figura 114 – Sinal PENSAR em CENA e na LS Caiçara	212

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Mitos sobre as Línguas de sinais.....	47
Quadro 02 – Principais terminologias utilizadas	73
Quadro 03 – Listagem das Línguas de Sinais Emergentes no mundo	87
Quadro 04 – Complementação das LSE no mundo	89
Quadro 05– Tipo de comunidades surdas	104
Quadro 06 – Caracterização de comunidades surdas urbanas, desligadas e rurais.....	105
Quadro 07 – Línguas de Sinais do Brasil.....	106
Quadro 08 – Tipos de transferência propostos por Campello (2008).....	117
Quadro 09 – Exemplo de Equivalência nas línguas.....	121
Quadro 10 – Arbitrariedade e motivação na seleção de imagens do sinal ÁRVORE em 06 línguas de sinais	124
Quadro 11 – Exemplo de transferências a partir do sinal ARVORE.....	125
Quadro 12 – Categorias de Línguas	133
Quadro 13 – Faixas etárias	153
Quadro 14 – Total de participantes diretos e indiretos da pesquisa em Várzea Queimada ..	154
Quadro 15 – Total de participantes diretos e indiretos da pesquisa em Caiçara	156
Quadro 16 – Etapas desenvolvidas durante a pesquisa	158
Quadro 17 – Incursões realizadas para produção de dados	159
Quadro 18 – Lista Swadesh adaptada para pesquisas em Língua de sinais	161
Quadro 19 – Proposta de organização dos metadados	173
Quadro 20 – Exemplo de descrição de metadados	175
Quadro 21 – Meses do Ano em Língua de Sinais Caiçara	196
Quadro 22 – Lista de Swadesh e dados identificados na Língua de Sinais Caiçara e na Cena 201	
Quadro 23 – Síntese dos principais aspectos identificados em nossas análises	212

LISTA DE SIGLAS

ASL	American Sign Language
FENEIS	Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos
Libras	Língua Brasileira de Sinais
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
CBDS	Confederação Brasileira de Desporto Surdo
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
BKSL	Língua de Sinais de Ban Khor
CNPQ	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CE	Ceará
EJA	Educação de jovens e Adultos
ENM	Expressões não manuais
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFC	Universidade Federal do Ceará
LSE	Língua de sinais Emergente
LS	Língua de sinais
PI	Piauí
ELIS	Sistema de Escrita das Línguas de Sinais
LSKB	Língua de Sinais Kaapor Brasileira
LOF	Leitura Orofacial
INES	Instituto Nacional de Educação de Surdos
LSF	Língua de Sinais Francesa
PSL	Língua de Sinais das Planícies Norte-Americanas
CM	Configuração de Mãos
PA	Ponto de Articulação
LSB	Língua de Sinais Brasileira
NALS	Núcleo de Aquisição de Língua de Sinais
SBPC	Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência
TISLR	Theoretical Issues in Sign Language Research
MVSL	Martha's Vineyard Sign Language
INDL	Inventário Nacional da Diversidade Lingguística
INLibras	Inventário Nacional da Libras

IPOL	Instituto de Políticas Linguísticas
LO	Línguas Orais
ELAN	EUDICO Linguistic Anotador
PE	Pernambuco
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFCE	Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Estado do Ceará
UECE	Universidade Federal do Ceará
UFPI	Universidade Federal do Piauí
UFDPAR	Universidade Federal do Delta do Parnaíba
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UESPI	Universidade Estadual do Piauí

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	20
2 COMUNICAÇÃO, LINGUAGEM E LÍNGUA: PERSPECTIVAS HISTÓRICAS E CIÊNCIA LINGUÍSTICA	29
2.1 COMUNICAÇÃO HUMANA.....	29
2.2 A LINGUAGEM.....	30
2.3 LÍNGUA E LINGUAGEM: PERSPECTIVAS HISTÓRICAS E LINGUÍSTICAS	32
2.4 A LINGUÍSTICA DAS LÍNGUAS DE SINAIS.....	35
2.4.1 Breve evolução histórica das línguas de sinais	38
2.4.2 A Libras e seus estudos linguísticos	49
2.5 TIPOLOGIA DAS LÍNGUAS DE SINAIS.....	63
2.6 LÍNGUAS DE SINAIS <i>versus</i> GESTOS <i>versus</i> SINAIS CASEIROS	68
3 LÍNGUAS EMERGENTES	75
3.1 AS LÍNGUAS DE SINAIS EMERGENTES	77
3.2 LÍNGUA DE SINAIS EMERGENTES: PONTO DE PARTIDA PARA TODAS AS LÍNGUAS DE SINAIS.....	91
3.3. QUESTÕES LINGUÍSTICAS NAS LÍNGUAS DE SINAIS EMERGENTES BRASILEIRAS.....	93
3.3.1 Empréstimos linguísticos e as línguas de sinais emergentes	93
3.3.2 Sistema de Contagem numérica em Língua de sinais emergentes	95
3.3.3 Produção de sinais referente ao tempo e clima em Língua de sinais emergentes ...	96
3.3.4 Questões linguísticas específicas da Cena - estudos de Almeida e Nevins (2020).	100
4 AS LÍNGUAS DE SINAIS BRASILEIRAS	102
5 ICONICIDADE NAS LÍNGUAS DE SINAIS	110
5.1 ICONICIDADE.....	110
5.2 ICONICIDADE NAS LÍNGUAS DE SINAIS.....	116
6 SOBRE INVENTÁRIOS, PATRIMÔNIO CULTURAL, POLÍTICA E DIVERSIDADE LINGUÍSTICA: O QUE SABEMOS?	130
6.1 DIVERSIDADE LINGUÍSTICA E PATRIMÔNIO CULTURAL.....	135
6.2 INVENTÁRIO NACIONAL DA LIBRAS (INLIBRAS)	137

7 METODOLOGIA	142
7.1 CAMPO DE INVESTIGAÇÃO	145
7.1.1 Conhecendo um pouco mais sobre Várzea Queimada: vida, costumes e tradições	145
7.1.2 Conhecendo um pouco mais sobre Caiçara: seus valores e tradições	150
7.2 PARTICIPANTES DA PESQUISA	152
7.3 TIPO DE INVENTÁRIO	157
7.4 ETAPAS DA PESQUISA.....	158
7.5 PRODUÇÃO DOS DADOS	160
7.5.1 Contação de narrativas pelos participantes e entrevistas realizadas	166
7.6 PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DOS DADOS.....	171
8 ANÁLISES E RESULTADOS	176
8.1 ASPECTOS SOCIOLINGÜÍSTICOS RELACIONADOS À LÍNGUA DE SINAIS CENA E A LÍNGUA DE SINAIS DE CAIÇARA	176
8.2 TRANSIÇÃO GERACIONAL EXISTE NA LÍNGUA DE SINAIS CENA E NA LÍNGUA DE SINAIS DE CAIÇARA?	180
8.3 TENDÊNCIA DE USO DA LÍNGUA DE SINAIS CENA X LÍNGUA DE SINAIS DE CAIÇARA.....	181
8.4 QUESTÕES LINGÜÍSTICAS SOBRE A CENA E A LÍNGUA DE SINAIS DE CAIÇARA	183
8.5 ITENS LEXICAIS NA CENA E LÍNGUA DE SINAIS DE CAIÇARA	184
8.6 OUTRAS QUESTÕES LINGÜÍSTICAS IDENTIFICADAS NA CENA.....	186
8.6.1 Questões linguísticas preliminares sobre a Língua de Sinais de Caiçara	193
8.7 CONHECENDO A CENA E A LS CAIÇARA A PARTIR DA LISTA DE SWADESH: DIFERENÇAS DE SINAIS NAS LOCALIDADES	200
8.7.1 Expressões interrogativas em Cena e LS Caiçara	203
8.7.2 Pronomes pessoais e possessivos em LS Caiçara e Cena	205
8.7.3 Sinais referentes a MANHÃ, TARDE E NOITE em LS Caiçara e na Cena	208
8.7.4 Alguns Verbos em Cena e LS Caiçara	210
8.8 CONSIDERAÇÕES A PARTIR DAS ANÁLISES REALIZADAS	212
9 CONSIDERAÇÕES	217

REFERÊNCIAS	221
ANEXOS	238
Anexo A – IMAGENS DO FILME JOGOS DIRIGIDOS	239
APÊNDICES	242
Apêndice A – Termo de Consentimento para Participação em Pesquisa dos Participantes de Várzea Queimada (Jaicós-PI)	243
Apêndice B – Termo de Consentimento dos participantes de Várzea Queimada (Jaicós-PI)	246
Apêndice C – Termo de cessão de filmagens dos participantes de Várzea Queimada (Jaicós-PI)	247
Apêndice D – Termo de Consentimento para Participação em Pesquisa dos Participantes de Caiçara (Várzea Alegre – CE)	249
Apêndice E – Termo de Consentimento dos participantes de Caiçara (Várzea Alegre – CE)	252
Apêndice F – Termo de cessão de filmagens dos participantes de Caiçara (Várzea Alegre – CE)	253
Apêndice G – Registro De Alguns Sinais Identificados Na Cena	255
Apêndice H – Registro de Alguns Sinais Identificados na Ls Caiçara	262

1 INTRODUÇÃO

O reconhecimento das línguas que coexistem no mundo e em específico no Brasil possuem respaldo na Declaração Universal dos Direitos Linguísticos de 1996¹. Nessa discussão é importante frisar que, em nosso país, por suas dimensões continentais, encontram-se presentes uma variedade de línguas, e dentre elas importa mencionar a presença das diversas formas de comunicação entre pessoas surdas e entre estas e pessoas ouvintes. Nas palavras de Oliveira (2003):

No Brasil de hoje são falados por volta de 210 idiomas. As nações indígenas do país falam cerca de 180 línguas, chamadas de *autóctones*, como o guarani, o tikuna, o yanomami, o kaingáng; e as comunidades de descendentes de imigrantes, cerca de outras 30 línguas, chamadas de *alóctones*, como o alemão, o italiano, o japonês, o árabe, o polonês. As línguas africanas, embora formalmente extintas, sobrevivem no léxico e em práticas sociais diversificadas dos descendentes dos antigos escravos. O Brasil é, portanto, como a maioria dos países do mundo, plurilíngue e multicultural (OLIVEIRA, 2003, p. 7).

Neste contexto de identificação, reconhecimento e valorização das línguas em nosso país, de acordo Fernandes (2012) as associações de surdos² em vários estados no país a partir da década de 1990 começaram a militar por melhores condições no tocante à acessibilidade linguística, e por meio da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS), criada em 1987, iniciaram um movimento que culminou com a oficialização da Língua Brasileira de Sinais (Libras), no dia 24 de abril de 2002, pela Lei Federal Nº 10.436, sancionada pelo então presidente Fernando Henrique Cardoso. Após o reconhecimento da Libras, por todo o Brasil houve um avanço na luta e no fortalecimento das comunidades surdas, contribuindo três anos depois para a regulamentação da citada lei por meio do Decreto Federal Nº 5.626, promulgado em 22 de dezembro de 2005.

A Libras – a sigla utilizada para designar a Língua Brasileira de Sinais – é utilizada pelas comunidades surdas brasileiras, principalmente dos centros urbanos, uma vez que os surdos residentes em tribos indígenas, localidades distantes e em zonas rurais acabam por

¹ O texto da presente Declaração foi inicialmente produzido no âmbito do PEN Internacional (Associação Mundial de Escritores) e depois com o apoio de outras organizações, tendo contado com o patrocínio da UNESCO. As instituições e organizações não governamentais signatárias da presente Declaração Universal dos Direitos Linguísticos, reunidas em Barcelona de 6 a 9 de junho de 1996 (OLIVEIRA, 2003).

² De acordo com o Site da Confederação Brasileira de Desporto Surdo (CBDS), dados obtidos em 2011 revelam a existência de 135 Associações de Surdos no Brasil. Disponível em <http://cbds.org.br/cbds/entidades-filiadas>, acessado em 20 de maio de 2021.

desconhecê-la e, assim, tendem a desenvolver um sistema de comunicação própria, restrito e relacionado às situações e vivências cotidianas.

O conhecimento sobre as variedades de línguas de sinais faladas no Brasil, como no caso de muitos outros países, é escasso, mesmo que se considere todo o arcabouço legal existente que vem fortalecendo a luta das comunidades surdas do país. Pensar em variedade de línguas de sinais é pensar em grupo de sujeitos que se comunicam utilizando a mesma forma de expressão e comunicação. McCleary (2003) argumenta que os surdos asseguram a relação de identidade com outros surdos por possuírem a mesma língua, na qual estabelecerem um fluxo de comunicação.

Quando se imagina o termo comunidades surdas existe, sem dúvida, uma vinculação extrema entre a questão da identificação e o compartilhamento de uma língua de sinais. Ser Surdo, como propõem os autores já mencionados é, acima de tudo, compartilhar uma língua que daria acesso a uma cultura específica. E, em um efeito cascata, a língua favorece os elementos de identificação que transcende os demais elos de identificação, como os estabelecidos pela família ou por agrupamentos sociais comunitários distintos, étnicos, entre outros.

A Língua Brasileira de Sinais (Libras), conforme Ferreira – Brito (2015) citada por Quadros, Neves et al (2018), não é uma língua associada a um espaço geográfico específico, mas sim uma língua que é usada em todos os grandes centros urbanos brasileiros, tratando-se de uma língua amplamente utilizada, especialmente, onde há uma concentração maior de surdos, por isso está mais enraizada nesses grandes centros urbanos.

As línguas de sinais brasileiras, dentro desta proposta passam a configurar as políticas linguísticas no âmbito do IPHAN, no Ministério da Cultura, além de fazer parte de linhas de fomento de pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ). Assim a Libras e as diversas línguas de sinais encontradas nas comunidades surdas brasileiras, há pouco tempo, passaram a figurar dentro de uma política mais abrangente em relação às línguas do país, por meio da documentação. No intuito de contextualizar a escolha por esta temática de pesquisa faz-se necessário um pequeno aporte sobre a minha história com a língua de sinais.

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) está presente desde minha adolescência, em Iguatu, interior do Ceará, quando conheci alguns surdos e estes passaram a frequentar a Primeira Igreja Batista Regular de Iguatu, igreja esta que eu frequentava. A partir de então estes surdos prontamente resolveram me ensinar mais sobre a língua de sinais. Quando percebi, estava

mergulhada em uma comunidade e cultura muito diferentes daquelas com as quais estava acostumada a conviver. Todos estes fatos aconteceram no final da década de 1990. Naquela época, no município citado, não existiam escolas para surdos, tampouco os surdos sabiam o que era um “Tradutor Intérprete de Línguas de Sinais”, só sabiam que em todo município, existiam 02(duas) pessoas que “conseguiram se comunicar com surdos”.

Em abril de 2002, após a realização do I Seminário sobre Educação e Integração Social dos Surdos em Iguatu – CE, idealizado por um surdo participante da comunidade surda de Fortaleza – CE, modificou-se a maneira como os surdos viam as duas pessoas que “conseguiram se comunicar com surdos”, os quais doravante passaram a ser vistos como Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais devido à experiência tradutória e interpretativa que tiveram no referido seminário. Neste mesmo ano, em outubro, foram criadas as primeiras salas de aula de Educação Especial para surdos do citado município. Eram salas de alfabetização de Jovens e Adultos (EJA), onde iniciei institucionalmente a minha atuação como intérprete.

Em 2005, após concluir a primeira graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia, iniciei a atuação docente como professora da Educação Infantil em uma sala especial com crianças surdas no mesmo município. Vale salientar que a partir da minha segunda graduação, o Bacharelado em Tradução e Interpretação em Letras Libras³ (UFSC/UFC), pude adquirir conhecimentos específicos sobre a Libras, a Educação de Surdos, a Educação Bilíngue, Tradução e Interpretação em Libras e ainda sobre a formação docente necessária para a atuação em salas de aula com alunos surdos.

Em meio a minha participação na comunidade surda, conheci três famílias que ao todo somavam-se 16 (dezesesseis) pessoas surdas, moradores do Sítio Caiçara pertencente ao município de Várzea Alegre – CE, usuárias de uma Língua de Sinais Emergente (LSE), a Língua de Sinais de Caiçara; segundo Vilhalva (2009, p. 70) uma língua de sinais emergente “refere-se àquela que surge conforme as necessidades de comunicação de um determinado grupo”.

Por fazer parte da comunidade surda, durante alguns momentos de confraternização vivenciados em finais de semana em que pude visitar a referida comunidade e que na oportunidade estavam presentes surdos do citado sítio, identifiquei informalmente

³ Nesta direção, como mais um registro do momento de transição que estamos vivendo em relação à educação de surdos e a formação de profissionais para atuarem nesta área, destaca-se a implementação dos Cursos de Licenciatura e Bacharelado em Letras-Libras, modalidade à distância, promovido pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, seguindo a orientação do Decreto Federal Nº 5.626/2005 em seu Capítulo III nos artigos 4º à 13º, que tratam da formação do professor de Libras e do Instrutor de Libras.

aproximadamente 200 (duzentos) sinais utilizados especificamente pelos surdos que moram no Sítio Caiçara, apontando para uma possível riqueza na referida língua, arraigada a traços culturais e identitários daqueles surdos.

Em um desses momentos de confraternização, especificamente em 21 de Agosto de 2013, durante o casamento religioso de um surdo residente no Sítio Caiçara, e que oportunamente estavam presentes muitos dos surdos moradores do referido sítio, presenciei algo que aguçou minha curiosidade em pesquisar sobre línguas de sinais emergentes, uma mediação em sinais que muito se assemelhou a uma interpretação da Libras para língua de sinais emergente usada pelos surdos de Caiçara, de forma que o Pastor que realizava a cerimônia sinalizava em Libras e um outro surdo, residente em Caiçara, durante toda a cerimônia interpretava para a língua de sinais de Caiçara já que grande parte dos surdos presentes que eram familiares do noivo desconheciam a língua de sinais nacional.

Figura 01 – Casamento religioso com interpretação da Libras para Língua de Sinais Caiçara



Fonte: Arquivo pessoal (2013).

Neste momento de interpretação Libras-Língua de sinais de Caiçara, identifiquei similaridades com a interpretação interlingual⁴, realizada por mim enquanto intérprete em situações formais, despertando um interesse em conhecer mais sobre o assunto. Ressalto ainda que a referida mediação realizada pelo surdo neste casamento, ocorre de maneira cotidiana

⁴ Para Roman Jakobson (1975, p. 64-5), existem três tipos de tradução: 1) A tradução intralingual ou reformulação consiste na interpretação dos signos verbais por meio de outros signos da mesma língua. 2) A tradução interlingual ou tradução propriamente dita consiste na interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua. 3) A tradução intersemiótica ou transmutação consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais.

quando pessoas usuárias da Libras vão a referida comunidade e necessitam desta mediação para estabelecer uma comunicação efetiva com os surdos que residem naquele sítio.

Anos depois de participar e conhecer a Língua de sinais Caiçara e ainda motivada pela busca em conhecer mais sobre línguas de sinais em comunidades distantes dos centros urbanos, me encontrei com os estudos sobre a língua de sinais Urubu Kaapor (KAKAMASU, 1963) bem como o livro **Índios Surdos: mapeamento das línguas de sinais do Mato Grosso do Sul** escrito por Shirley Vilhalva, que retrata um estudo sobre as comunidades linguísticas indígenas de Mato Grosso do Sul, realizada numa perspectiva de mapear e registrar, por via do olhar de como as línguas de sinais familiares está emerge no contexto plurilíngue, especificamente nas aldeias Jaguapiru e Bororo das comunidades indígenas do município de Dourados no estado de Mato Grosso do Sul.

No livro a referida autora adentra no espaço de regras que vem de uma cultura e língua oral de uma etnia, pois o guarani: kaiowa, ñandeva e mbya sempre tiveram a oralidade como "poder" dentro da comunidade e das Escolas Indígenas. Ressalta-se que ainda de acordo com Vilhalva (2012) os estudos sobre sinais familiares trazem uma gama de informações a respeito da comunicação que a família, quando tem um filho surdo, em que os pais são em sua maioria ouvintes e começam a criar um meio de comunicação visual, usando todas as formas naturais possíveis, como o apontamento e gestos naturais.

Ainda nesta perspectiva de me aprofundar nos estudos sobre as comunidades que possuem uma língua de sinais própria, identifiquei a tese de Everton Pereira, publicada em 2013, pelo programa de Pós-graduação em Antropologia da UFSC, na qual encontramos a descrição de uma pequena localidade chamada Várzea Queimada, localizada na zona rural de Jaicós, Piauí. Na referida comunidade Pereira (2013) verificou o alto índice de surdos e o surgimento de uma língua gesto-visual específica de Várzea Queimada (Jaicós-Pi) chamada de Cena⁵. Outro ponto abordado na tese supracitada foi a interação entre surdos e ouvintes na produção, circulação e manutenção de Cena.

Pereira (2013) para chegar às discussões com relação à Cena, se debruçou sobre aspectos da sociabilidade de Várzea Queimada identificando assim que nas interações cotidianas e nas rotinas de seus habitantes, transforma-a em uma comunidade de prática. Face ao exposto, a Cena, dessa forma, compõe-se a partir da união de todos os elementos

⁵ Cena é o nome dado à linguagem gesto-visual, que faz uso de movimentos do corpo todo, expressões faciais e outras possibilidades do entorno para construir o processo comunicativo (PEREIRA, 2013).

apresentados: ela é um processo de contextualização das práticas da comunidade que, a partir de uma série de aspectos experienciais, históricos, sociais e ideológicos, produz a compreensão.

O conjunto dessas situações e ainda as pesquisas iniciais realizadas estimularam nossa curiosidade, motivando-me a desenvolver um estudo que realizasse um mapeamento dos sinais utilizados pelos surdos que moram no Sítio Caiçara e em Várzea Queimada (Jaicós-PI), no sentido de conhecer e registrar estas línguas emergentes, descrevendo as motivações e o cenário onde estas encontram-se inserida.

A realização desta pesquisa contribui com a luta contínua do Povo Surdo em conhecer e reconhecer as diferentes línguas de sinais do Brasil pertencentes a diferentes comunidades, posto que, além da língua de sinais oficializada pela Lei Federal Nº 10.436, de 24 de abril de 2002, o Brasil possui também outras línguas de sinais que são raramente registradas. De acordo com Pereira (2013), com relação a línguas de sinais nativas, pelo menos duas línguas já puderam ser minimamente documentadas: a língua de sinais de Urubu-Kaapor, utilizada pela etnia indígena dos Kaapor⁶, situados no estado do Maranhão, na região norte-nordeste do Brasil e a língua de sinais conhecida como “Cena”, falada na cidade de Jaicós, no povoado de Várzea Queimada no interior do Piauí, também na região norte-nordeste do país (PEREIRA, 2013).

Quadros & Leite (2013), em seu artigo *Línguas de sinais do Brasil: reflexões sobre o seu estatuto de risco e a importância da documentação*, afirmam que independentemente de seu estatuto particular, as diferentes variedades de línguas de sinais do Brasil necessitam ser reconhecidas como legítimas, estudadas e promovidas como um bem intrínseco revelador da riqueza e diversidade da experiência cultural brasileira. Deste modo, faz-se necessário o mapeamento e registro de outras línguas de sinais existentes, assim como são mapeadas e registradas as demais línguas brasileiras de diferentes comunidades, com suas especificidades culturais, étnicas, regionais, dentre outras.

Na visão de McCleary e Viotti (2011, p. 301) parece claro que os “gestos” são essenciais para o léxico, a gramática e a coesão de discursos realizados nas línguas de sinais. No entanto, apesar do seu caráter limitado, o autor admitiu haver grande potencialidade linguística assumida nos “gestos naturais” que podem se desenvolver e se tornarem sinais formais.

⁶ O nome oficial da etnia, originalmente “Urubu-Kaapor”, foi reduzido para “Kaapor” (Kakumasu, 1966). A língua de sinais falada pelos Kaapor, contudo, continua sendo designada como “língua de sinais de Urubu-Kaapor”, motivo pelo qual preservarei essas nomenclaturas distintas.

Esse potencial linguístico de ascensão, também foi vislumbrado por Souza e Segala (2009, p. 27) que, ao discutirem a evolução das “línguas de sinais emergentes”, mencionam que a maior parte das línguas de sinais “[...] nasceu do contato entre duas ou mais línguas ou de uma língua e sistema de sinais caseiros ([denominada pelos autores de] Línguas de Sinais Primárias), num processo de pidgin⁷ seguido de criouliização⁸”. Assim, no emaranhado de definições e terminologias ao qual se submetem os “sinais caseiros”, percebe-se um terreno de grande instabilidade, onde o surdo pode ser ora sujeito sem língua (LIMA, 2004; DALCIN, 2006) ora bilíngue (GESSER, 2006) e, por vezes, multilíngue (SILVA, 2008). Pode ter sua comunicação ora valorizada/potencializada e ora reduzida/empobrecida. Se as (in) definições propostas até o momento não ecoaram na história significa que os sujeitos ainda não se apropriaram de seus significados (COSTA, 2007).

Com isso, centramos nossos questionamentos no sentido de responder a seguinte problemática: Os moradores de Caiçara e de Várzea Queimada que não sabem Libras, falam utilizando qual língua de sinais? Seriam “gestos” (PEREIRA, 1989; ALBRES, 2005; DALCIN, 2006; DI DONATO; COELHO; CARVALHEIRA, 2010) ou “mímicas” (LIMA, 2004)? Uma “língua de sinais primária” ou “sinais emergentes” como um “*pidgin*” (SOUZA; SEGALA, 2009; VILHALVA, 2009; DI DONATO; COELHO; CARVALHEIRA, 2010)? Ou poderia ser considerada uma “língua” ou “variedade linguística” (SILVA, 2005; GESSER, 2006)?

A partir dos questionamentos elaborados, elencamos a seguinte hipótese: Existem sinais utilizados pelos surdos das citadas localidades que não devem ser caracterizados apenas como sinais caseiros ou gestos, mas sim como língua. Face ao exposto, o objeto de estudo desta pesquisa consiste na língua de sinais usada na comunidade de Várzea Queimada/Jaicós-PI, conhecida como Cena, e na língua de sinais utilizadas pelos surdos e ouvintes da comunidade de Caiçara, em Várzea Alegre – CE.

Não obstante, considerando o objeto de estudo proposto, a problemática e a hipótese acima citada, buscar-se-á por meio da pesquisa, inventariar e registrar os sinais utilizados pelos surdos que moram na Comunidade de Várzea Queimada distante 25,6 Km do município de Jaicós no Piauí (PI) e na Comunidade de Caiçara distante 14 Km do município de Várzea Alegre no Ceará (CE), contribuindo para o conhecimento e reconhecimento das línguas de sinais do

⁷ Conforme Pereira (2006, p. 118), pidgin é uma forma de linguagem “inventada” para efeitos de comunicação muito reduzida em contextos multilíngues em que uma das línguas é socialmente dominante.

⁸ Parâmetro adotado por DeCamp (1971, p. 16) para definir língua crioula, como “a língua nativa da maioria de seus falantes” (traduzido do original).

país. Ressalta-se ainda que este estudo associar-se-á a outros estudos desenvolvidos no âmbito do mapeamento e do registro de novas línguas.

Observa-se que, em todos os estudos encontrados, não se aborda de forma clara os surdos, familiares e profissionais de surdos, com intuito de conhecer as suas representações sobre os sinais emergentes utilizados na interação entre surdos e ouvintes no Sítio Caiçara, advindo deste arcabouço a originalidade do estudo proposto.

Espera-se que esse estudo possa trazer contribuições pertinentes às questões relacionadas as línguas de sinais emergentes, seu uso e registro. Os objetivos desta tese são:

Objetivo geral: inventariar duas línguas de sinais emergentes utilizadas em Várzea Queimada (Jaicós-PI) e Caiçara (Várzea Alegre – CE).

E a partir do objetivo geral proposto elencamos os seguintes **objetivos específicos**:

- a) Identificar as relações entre os sinalizantes das comunidades de Várzea Queimada e Caiçara;
- b) Apresentar aspectos sociolinguísticos como atitude e transmissão linguística nas comunidades pesquisadas.
- c) Mapear os sinais utilizados pelos surdos das citadas localidades;
- d) Registrar os sinais utilizados pelos surdos de Várzea Queimada e Caiçara; e
- e) Analisar sinais com características específicas às comunidades investigadas.

Face ao exposto e no intuito de alcançar os objetivos propostos o presente trabalho estrutura-se da seguinte forma:

No primeiro capítulo abordar-se-á um levantamento dos estudos da linguagem a partir dos conceitos de língua serão introduzidas algumas questões referentes às línguas de sinais e seus aspectos distintivos. No segundo capítulo, apresentaremos um aprofundamento sobre as línguas de sinais brasileiras encontradas em vilas, aldeias, e ou outros locais onde identificamos uma língua de sinais genuína, própria e compartilhada pelos moradores das citadas comunidades. Seguidamente, no terceiro capítulo, discorreremos sobre as línguas de sinais brasileiras, indicando onde estas estão localizadas bem como demonstrando quão valioso é conhecer, registrar e reconhecer estas línguas como genuínas e pertencente a uma comunidade.

No capítulo quatro, apresenta-se de forma breve conceito sobre a iconicidade em um primeiro momento e seguidamente algumas questões referentes a iconicidade nas línguas de sinais. Em seguida, no capítulo cinco apresentamos algumas questões e reflexões referentes a inventários, patrimônio cultural, política e diversidade linguística. Dando continuidade no capítulo seis, discorremos sobre a metodologia de estudo adotada neste trabalho.

Por fim, trazemos um capítulo sobre possíveis perspectivas de análises das línguas de sinais estudadas a Cena e a de Caiçara. Ressaltamos ainda que a amostra aqui apresentada compreende alguns sinais que podem servir futuramente como base para análises mais detalhadas destas línguas de sinais emergentes.

2 COMUNICAÇÃO, LINGUAGEM E LÍNGUA: PERSPECTIVAS HISTÓRICAS E CIÊNCIA LINGUÍSTICA

Neste capítulo abordar-se-á de forma breve um levantamento dos estudos da linguagem até o desenvolvimento da ciência linguística. Sabe-se que as várias formas de expressão são consideradas linguagens, mas nem todas elas são consideradas línguas. Os estudos descritivos no início da ciência linguística eram baseados nas mais diversas formas de produções orais, cujas análises se pautam no desmembramento da cadeia sonoras em unidades menores e distintivas. Por sua vez, para muitos autores as línguas sinalizadas, não eram reconhecidas enquanto línguas naturais, elas eram vistas como complementares, eram mímicas, sem nenhum crédito no âmbito da linguística. Face ao exposto, a partir dos conceitos de língua serão introduzidas algumas questões referentes às línguas de sinais e seus aspectos distintivos.

2.1 COMUNICAÇÃO HUMANA

Desde a Antiguidade, os humanos procuram deixar registrado as marcas do seu tempo e de si para as futuras gerações não importando quais meios ou caminhos traçados para a transmissão e recepção da mensagem que pode ser por intermédio de recursos físicos tais como a fala, a audição e a visão, da utilização de instrumentos técnicos como sistemas convencionados de signos ou da palavra propriamente dita (TEMÓTEO, 2008). Sem dúvida, o ser humano sempre irá buscar formas de se comunicar, ou seja, a comunicação é uma característica inata do ser humano.

Corroborando com tal pensamento, Sacks (2007) afirma que para um ser humano, ser deficiente na linguagem é uma das calamidades mais terrível, pois apenas pela linguagem é que entramos plenamente em nosso estado e cultura humanos, e assim nos comunicamos livremente com nossos pares, adquirindo e compartilhando informações.

Temoteo (2008), de maneira breve e organizada, cita que antes da invenção da escrita, o homem pré-histórico já compreendia esta realidade e para comunicar suas mensagens utilizou-se de pinturas rupestres nas paredes das cavernas, e mesmo que estas não fossem um tipo de escrita por não apresentar organização ou padronização das representações gráficas. Quase no mesmo período os mesopotâmios inventaram a escrita cuneiforme. Historicamente falando, em 5.000 anos a.C., os egípcios usaram os ideogramas, conjunto de desenhos estilizados e em 4.000 anos a.C, eles utilizavam os papiros para registro da escrita. A escrita

sagrada egípcia foi estabelecida por meio dos hieróglifos apenas em 3.200 a. C. Todas as fontes documentais supracitadas relatam a cultura e a história de cada um desses povos, de forma oficial evidenciando primeiramente a necessidade do homem em comunicar-se e a preocupação em manter vivo seu legado para as próximas gerações, bem como quando nos deparamos com tais registros conseguimos identificar ou realizar relações sobre o que as pinturas pretendiam significar. Ou seja, a comunicação é imprescindível para o ser humano.

Benveniste (1988a, p. 53) propõe que “os signos da sociedade podem ser integralmente interpretados pelos signos da língua, jamais o inverso. A língua será, então, o interpretante da sociedade”. Deste modo, entende-se que as formas de comunicação e, dentre elas, a linguagem, nos revelam um pouco de quem nós somos e também da nossa história. Afinal, como vimos de maneira breve acima, todo o registro que temos do nosso presente e passado foi registrado por meio de algum tipo de linguagem, seja de uma pintura, seja de uma gravura ou de uma escrita. Acredita-se que a linguagem cumpria aquilo que era o seu objetivo inicial, o de ser representativa, ou seja, representar, expressar e externalizar nossos pensamentos e ações no mundo, seja de um objeto, animal ou humano. No próximo tópico e ainda em complemento a este, nos debruçaremos um pouco sobre os principais conceitos de linguagem e de que forma estes se relacionam com as línguas de sinais.

2.2 A LINGUAGEM

Falar sobre a natureza do homem, sobre sua atuação na sociedade, sobre a comunicação entre os pares, sobre saber viver em grupo e a necessidade de viver em coletivo, a estabelecer a organização em um sistema é falar sobre a linguagem e nesse cenário, a língua ocupa um lugar particular no interior de cada um desses sistemas.

A linguagem é o “complemento do ato de pensar, a intenção de elevar as impressões externas e as sensações internas ainda obscuras à condição de conceitos nítidos e, para a criação de novos conceitos, ligar esses conceitos uns aos outros” (HUMBOLDT, 2006, p. 10). Deste modo, ela se constitui o principal meio de estabelecer contato com o mundo externo e assim se fazer parte dele e por esse motivo revelou-se tão instigante.

Para Sapir (1969, p. 20), a linguagem “é um guia para a realidade social”, pois simboliza uma cultura, um povo, permite que hábitos e crenças milenares se perpetuem durante milhares de anos, ou seja esta posta-se como uma trama de padrões culturais de uma civilização está indicada na língua em que essa civilização se expressa.

Sánchez (1990, p. 17), corroborando com o pensamento supracitado, acrescenta que “a comunicação humana é essencialmente diferente e superior a toda outra forma de comunicação conhecida, uma vez que todos os seres humanos nascem com os mecanismos da linguagem específicos da espécie, e estes os desenvolvem normalmente, independentemente de qualquer fator racial, social ou cultural”.

Partindo deste pressuposto, entende-se que a linguagem humana é bem mais que um sistema de comunicação, pois os seres humanos podem fazer várias coisas mediante a linguagem, além da comunicação de alguma informação para outros seres uma vez que as línguas humanas possuem certas propriedades e em certos graus que distinguem claramente qualquer enunciado, fala ou pronunciamento humano do sistema de qualquer outro animal. É por meio da linguagem que temos acesso ao processo de constituição de um povo, sua trajetória e suas respectivas mudanças ao longo tempo.

Para tanto, ao falar-se de linguagem, na maioria das vezes, depara-se com o conceito língua, sem muitos pormenores e de uma forma híbrida, sem se dar conta de até que ponto estas possuem a mesma definição ou se estas complementam-se. Não obstante, encontra-se ainda neste emaranhando, a definição de linguagem muitas vezes sendo utilizada para conceituar a palavra língua.

Para Whitney (2010, p. 17), a linguagem “era concebida como uma instituição social”. Já Saussure (1972) a definia como um conjunto de signos e, ao estabelecer essa definição, a restringe como “o corpo dos signos perceptíveis pelo ouvido, pelos quais exprimimos habitualmente o pensamento da sociedade e aos quais se ligam de uma maneira secundária os gestos⁹ e a escrita” (SAUSSURE, 1972, p. 18). Face ao exposto, a definição dada pelo autor delimita a linguagem como aquela relacionada aos sons, deixando em segundo plano as outras formas de manifestação do pensamento, tais como os sinais e a própria escrita.

Deste modo, percebe-se que a depender do período histórico, há autores que apresentam uma compreensão mais filosófica, outros se apoiam mais intensamente na perspectiva científica no que tange aos estudos da linguagem. Assim, quando se trata da separação do estudo da linguagem e do estudo da língua, nos parece que há uma carência de

⁹ No Dicionário de linguística e fonética, por exemplo, gestos são considerados traços paralinguísticos ou extralinguísticos das línguas orais, ou seja, em seu sentido mais amplo, o termo se refere a qualquer coisa do mundo (que não seja a língua) que está sendo usada - a “situação extralinguística”. A expressão “traços extralinguísticos” pode significar quaisquer propriedades de tais situações, ou, em termos mais específicos, propriedades da comunicação que não são claramente analisáveis em termos linguísticos (gestos, tom de voz etc.). Alguns linguistas nomeiam a primeira classe de traços como metalinguísticos; outros nomeiam a segunda classe como paralinguísticos. (CRYSTAL, 2000, p. 105-106).

sistematização da segunda no sentido de compreendê-la como tal e de que modo esta articulasse. E sobre esta sistematização, trataremos no tópico a seguir.

2.3 LÍNGUA E LINGUAGEM: PERSPECTIVAS HISTÓRICAS E LINGUÍSTICAS

A linguística enquanto ciência de modo sumário surge no intuito de inteirar todas as manifestações e formas de expressões da linguagem e ainda proporcionar um tratamento mais sistemático ao estudo dessa linguagem, da língua, e mais especificamente da língua natural¹⁰, procurando identificar e iterar seu funcionamento.

Numa perspectiva histórica, registra-se que, num primeiro momento, a ciência da linguagem focou seus estudos em um viés mais racionalista, ou seja, o estudo da gramática era puramente formal baseados em regras de oposição e sem o interesse na própria língua. Seguidamente surge a filologia, na qual outras ciências sociais eram de interesse junto ao estudo da língua e, em um terceiro momento, surge a Gramática comparada, cujo sistema de diferentes línguas eram comparados entre si (SAUSSURE, 1972).

Durante os séculos XVII e XVIII, a linguística concentrou-se nos estudos dos sons da língua, estabelecendo neste sentido, uma linha divisória entre o que era a linguagem dos homens e a linguagem dos animais, e o que indicava tal divisão era uma propriedade chamada articulação que de forma conceitual é

[...] decorrente da divisibilidade: a enunciação vocal humana é articulada porque se presta a uma divisão sistemática, por meio da qual chegamos a elementos sônico significativos. E, por outro lado, esses elementos existem porque a sua significação permanente assegura a sua individualidade nítida e nos faz reconhecê-los sempre idênticos a si mesmos, nas mais variadas circunstâncias (CÂMARA Jr, 1973, p. 16).

Corroborando a ideia supracitada, nessa fase da ciência linguística, ocorreu a oposição entre o que se considerava ou não linguagem, por exemplo, o grito ou qualquer tipo de som emitido por um animal ou uma pessoa não é tido como uma língua, pois este não é passível de análise em seu nível articulatorio. Já nas línguas humanas ocorre o oposto, ou seja, para cada som emitido por meio de uma palavra pode-se estabelecer uma divisão dos sons que a compõem. Ressalta-se que a produção do som é proveniente de um aparelho fonador, o qual é

¹⁰ O termo natural designa a característica natural das línguas orais sinalizadas utilizadas pelos seres humanos em suas diversas interações sociais, e se diferencia do que se chama de “linguagem formal”, isto é, linguagens construídas pelo ser humano, como as linguagens de programação de computador ou a linguagem matemática (HARRISON, 2013).

formado por órgãos do corpo humano que, trabalhando em conjunto, permitem a emissão de sons.

Quando estabelecem essa divisão, algumas línguas privam-se de receber o status de língua natural, pois ao considerar uma língua apenas aquela que se permite um desmembramento dos elementos unicamente sonoros, outras que não manifestam seu pensamento por intermédio do som, postam-se apenas na condição de gestos, ou como alguns autores da época denominavam eram apenas “mímicas”¹¹. Evidentemente, a partir das postulações aqui registradas não se objetiva fazer uma crítica contra os estudos referentes à linguagem realizados na época em que a linguística foi reconhecida enquanto ciência da linguagem, inclusive sabe-se que as pesquisas e descobertas na referida área desenvolveram-se ao longo de anos. Não obstante, é indiscutível uma centralização em torno do som e conseqüentemente da produção sonora e, por conseguinte, qualquer linguagem gestual ou corporal funcionava como plano de fundo, como uma melodia que acompanha a letra de uma língua sonora (CÂMARA Jr, 1973).

Na América além de Bloomfield (1970), destaca-se Sapir (1954-1969) por suas obras *“A linguagem introdução ao estudo da fala”* e *“Linguística como ciência”*, as quais continham um estudo linguístico de cunho antropológico e também mentalista. Sapir contribuiu para o estabelecimento de uma teoria interpretativa dos sons, a saber, a Fonologia ou Fonêmica, pois em suas obras ele ressalta propostas de descrição dos elementos da fala, os sons da linguagem, a lei fonêmica, a co-influência entre as línguas e ainda o maior destaque em se tratando de cenário mundial: a interdependência língua x cultura x pensamento, bem como a dedicação ao estudo, descrição e preservação de línguas indígenas.

Na Europa, destaca-se Saussure (1972) pelo célebre *Curso de Linguística Geral* (CLG), obra de grande referência no estudo da ciência linguística. Saussure propôs que para estudar a língua primeiramente era necessário diferenciá-la da linguagem, pois para ele esses conceitos não são a mesma coisa, visto que muitos autores da linguagem tratavam língua e linguagem como se tivesse a mesma representação no mundo. Continuando, Saussure afirma que a língua é senão parte essencial e um produto da linguagem, sendo ainda uma faculdade dada pela natureza, tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita, já a língua por sua vez é um princípio de classificação algo adquirido e convencional (SAUSSURE, 1972, p. 17).

¹¹ Expressão de ideias, palavras ou sentimentos por meio de gestos expressivos que acompanham ou substituem a fala (BIDERMAN, 1998, p. 630).

Considerando o estudo da língua, Saussure afirmava que não poderíamos estudá-las unicamente mediante de sua nomenclatura, pois ela funcionava em nível de interface, ou seja, a unidade linguística por ele denominada de signo¹² era formada por duas partes, pela combinação de um conceito com uma imagem acústica, respectivamente significado e significante. Continuando, o autor estabeleceu princípios gerais nos quais propõe que a unidade linguística era o signo, uma entidade psíquica composta pela união de duas faces interdependentes. Nesse arranjo proposto, o signo é arbitrário e por sua vez o significante sendo de natureza auditiva, desenvolve-se no tempo, unicamente, apresentando as características que toma do tempo, isto é, representa uma extensão, e esta é mensurável numa só dimensão: é uma linha” (SAUSSURE, 1972, p. 84).

Ao enunciar que o signo é arbitrário, Saussure (1972) diz na realidade que é arbitrário em relação à coisa designada, como já havia afirmado Frege (1978). Benveniste (1991, p. 55) propõe que “entre o significante e o significado, o laço não é arbitrário, pelo contrário, é necessário”. Ou melhor, vemos essa relação fundamental e nítida no texto do próprio Saussure (1972), quando afirma que esses dois elementos estão intimamente ligados e um requer o outro. A confusão entre o que é arbitrário no signo linguístico está relacionada com a discussão entre sentido e referência, que também é tratada por Benveniste (1989), e para ele, o sentido de uma palavra é seu emprego e o referente é o objeto particular a que a palavra corresponde no caso concreto da circunstância ou do uso. Segue advertindo que é “desta confusão extremamente frequente entre sentido e referência, ou entre referente e signo, que nascem tantas discussões vãs sobre o que se chama o princípio da arbitrariedade do signo” (BENVENISTE, 1989, p. 231).

Nessas condições, a tarefa do cientista da linguística será descrever a história das línguas e fazer as suas respectivas constituições; fazer uma dedução das leis gerais e universais que regem e regulamentam essas línguas e buscar uma delimitação e uma definição do próprio conceito de linguística. Para tanto, o Saussure estabelece algumas dicotomias as quais o estudioso deve considerar no trato do estudo da língua.

¹² Saussure define o signo como a união do sentido e da imagem acústica. O que ele chama de “sentido” é a mesma coisa que *conceito* ou *ideia*, isto é, a representação mental de um objeto ou da realidade social em que nos situamos, representação essa condicionada pela formação sociocultural que nos cerca desde o berço. Em outras palavras, para Saussure, conceito é sinônimo de significado (plano das ideias), algo como o lado espiritual da palavra, sua contraparte inteligível, em oposição ao significante (plano da expressão), que é sua parte sensível. Por outro lado, a imagem acústica “não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão psíquica desse som” (SAUSSURE, 1972, p. 80). Melhor dizendo, *a imagem acústica é o significante*. Com isso, temos que o signo linguístico é “uma entidade psíquica de duas faces” (SAUSSURE, 1972, p. 80), semelhante a uma moeda.

Primeiramente, deve-se diferenciar língua de fala, a primeira só “existe na coletividade” (SAUSSURE, 1972, p. 27), ela é social, já a fala, é individual e momentânea. Em segundo, ela se realiza no tempo, podendo ser estudada durante diferentes períodos. Ao analisar documentos escritos, o cientista pode compreender como a língua se modificou e evoluiu ao longo dos anos. Com isso, Saussure estabelece a dicotomia entre linguística evolutiva e linguística estática. “É sincrônico tudo quanto se relacione com o aspecto estático da nossa ciência, diacrônico tudo que diz respeito às evoluções. De mesmo modo, sincronia e diacronia designarão respectivamente um estado de língua e uma fase de evolução”. Em função dessa sistematização do estudo de uma língua, Saussure estabeleceu um marco na ciência da linguagem, pois deu a essa ciência um outro patamar, correlacionando-as a outras ciências naturais, de caráter científico e empírico.

Conforme visto acima para os autores de épocas passadas, o estudo da língua era centrado no estudo do som e posteriormente, ao longo dos anos, se disseminou aos outros âmbitos do estudo gramatical, tal como a sintaxe, semântica, morfologia e pragmática. Outros tipos de línguas, as quais as produções não são sonoras e cuja recepção é auditiva, até o período citado não recebiam o status de língua, mesmo que servissem para um propósito de comunicação e de troca de saberes entre uma comunidade e cultura específica.

Neste cerne da questão dirigimo-nos às línguas de sinais, cujas origens perpassam séculos e representam a identidade de um povo, o povo surdo. É fato que sua história foi ocultada nos livros de língua e linguagem os quais citamos acima durante a nossa exposição sobre a ciência da linguagem, uma vez que conforme Goés & Campos (2013) as línguas de sinais já existiam antes de Cristo e estão presentes em muitas histórias no mundo todo, desde tempos remotos até os dias de hoje. Destarte, o que os livros dessa ciência não contam é que paralelamente ao desenvolvimento das línguas orais, as línguas visuais espaciais eram também formas plenas de comunicação e expressão que também podiam ser articulados e desmembradas em elementos menores. Na próxima sessão, percorreremos um pouco das raízes históricas da língua de sinais até a constituição de seu estatuto enquanto língua, registrando sempre a sua constituição enquanto objeto de estudo da linguística.

2.4 A LINGUÍSTICA DAS LÍNGUAS DE SINAIS

Para a linguística, após serem excluídos do conceito de língua, os sinais retornaram como algo novo sob a égide da diversidade linguística, o que poderia dar deixo sobre aspectos

e fenômenos universais, permitindo jogar novas luzes sobre o fenômeno geral acerca da linguagem humana. As línguas de sinais apresentaram fenômenos interessantes não atestados nas línguas faladas. Considerando as especificidades da sua modalidade, o que será estudada a seguir, isto é, seu canal de transmissão são os sinais por meio de imagens motoras visuais e a modalidade sonoro-auditiva das línguas faladas (GODOY, 2020).

Nos dias de hoje, vemos inúmeros trabalhos na área da língua de sinais, e no caso da Libras, principalmente no âmbito educacional e gramatical. Contudo, a história dessa língua revela um passado ignorado pelos tradicionais teóricos da linguagem, pois até pouco tempo não apresentava nenhuma possibilidade científica de registro escrito, sendo recente a criação e difusão da escrita de sinais.¹³ Entretanto, as línguas de sinais postam-se como um meio de comunicação tão completo e complexo como de uma língua oral, representando também uma comunidade linguística, uma cultura.

O homem em seu estado primitivo estaria associado a dêixis, aos gritos e aos gestos. Essa visão, compartilhada durante muito tempo pela comunidade científica trouxe, e traz ainda, uma boa dose de rejeição às Línguas de Sinais das comunidades surdas, associando-as à gestualidade primitiva e, portanto, à inferioridade (RAMOS, 2004).

Por esse motivo não encontramos registros em literaturas referentes à história da linguística considerando a língua de sinais como uma língua natural. Muitos autores acreditavam que os gestos era um tipo de linguagem, mas não uma língua com estrutura plena e passível de articulação. O gesto, ou como alguns denominam, a mímica, era um complemento da língua oral, como se utilizássemos a gestualidade paralelamente à produção sonora. “[...] ela era considerada fonologicamente sem importância, basicamente porque não podia ser “lida” (SACKS, 1998, p. 45). Como vimos, os estudos relacionados à linguística tinham, primeiramente, como foco de estudo os sons e a partir do desmembramento dos mesmos que hipóteses foram formuladas.

¹³ Segundo Gesser (2009, p. 42), “até bem pouco tempo, a língua de sinais era considerada uma língua sem escrita”. Isso se deu pelo fato de as línguas de sinais serem excluídas da sociedade, não sendo cogitadas como objetos de pesquisa, o que ocasionou um atraso no processo de criação de sua escrita. Segundo Barreto & Barreto (2012, p. 34-39), existem pelos menos em todo o mundo 07 (sete) sistemas de escrita que foram criados para a representação das línguas de sinais, são eles: Notação Mimographie: publicado no ano de 1822, pelo educador francês Roch Ambroise; Notação de William C. Stokoe: publicado pelo linguista e pesquisador americano em 1965; Hamburg Notation System (HamNosys): teve sua primeira versão definida no ano de 1984 e foi baseado no sistema de Stokoe; Sistema S’Sign: criado por Paul Jouison, em 1990, e recuperado, após sua morte, pela Dr^a. Brigitte Garcia; Notação de François Neve: criado pelo pesquisador belga, no ano de 1996, também baseado no sistema de Stokoe; Sistema de Escrita das Línguas de Sinais (ELiS): criado no ano de 1997, pela Dr^a Mariângela Estelita Barros; Sistema de escrita SignWriting: criado pela norte-americana Valerie Sutton, em 1974, na Dinamarca, que é o sistema de escrita de sinais mais utilizado atualmente.

O fato de existir uma lacuna na história da ciência da linguagem não significa que essa língua não representava uma comunidade linguística, pelo contrário, ela era atrelada a uma cultura, a cultura surda¹⁴, embora essa nomenclatura não fosse considerada na época. “A língua de sinais é para os surdos uma adaptação única a outro modo sensorial, mas é também, e igualmente, uma corporificação da identidade pessoal e cultural dessas pessoas” (SACKS, 1998. p. 64). Acrescenta-se que segundo trabalhos de antropólogos, em alguns povos primitivos, acredita-se que a língua era coexistente às línguas orais, assim como a comunidade indígena aqui do Brasil Urubu Kaapor¹⁵. Dentre os membros dessa comunidade, havia um número considerado de surdos, e nela existia uma língua de sinais específica do local e a mesma também é utilizada pelos membros ouvintes.

Face ao exposto, surge o seguinte questionamento: se em uma comunidade indígena, sem contato direto com outras línguas de sinais, estabeleceu-se um sistema gestual capaz de promover a comunicação plena entre surdos e ouvintes, como negar que possa existir a possibilidade de que em outras comunidades também se adotou sistemas semelhantes em outras épocas paralelamente às línguas orais? Não podemos provar, pois não existem muitos registros que verifiquem essa possibilidade, mas sabemos há sim a perspectiva de um cenário linguístico no qual as línguas de sinais podem ter sido utilizada e ter se desenvolvido juntamente às línguas orais, principalmente quando pensamos no histórico de marginalização de muitas línguas minoritárias¹⁶.

¹⁴ A cultura surda é definida como o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável ajustando-o com suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas. [...] Isso significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo. (STROBEL, 2009, p. 27).

¹⁵ No início dos anos de 1950 foi descoberto no Brasil um grupo indígena, por meio de pesquisas antropológicas, os Urubu-Kaapor na floresta Amazônica (Maranhão), que falava uma variação da língua de sinais (RIBEIRO, 1996). Somente a partir da década de 1980 estudos linguísticos relacionados à Língua de Sinais Kaapor Brasileira (LSKB) foram aprofundados (sobre a LSKB cf. KAKUMASU, J.; KAKUMASU, K., 1977). Dentre os(as) estudiosos(as) que desenvolveram pesquisas sobre essa questão, destaca-se Lucinda Ferreira Brito (1995, 1993). A pesquisadora conviveu um mês com esse grupo indígena Urubu-Kaapor, registrou os dados coletados e observados, documentando a sua experiência em filme. Segundo Brito (1993), a ideia da pesquisa surgiu quando ela leu o artigo Urubu Sign Language de J. Kakumasu (1968). Nesse texto, J. Kakumasu defendeu que “[...] a Língua de Sinais dos Urubu-Kaapor [...] [se constituía como] um veículo de comunicação intratribal e não como meio de transação comercial” (apud RAMOS, [s.d.], p. 5). Brito (1993) averiguou que a Língua de Sinais dos Urubu-Kaapor era uma legítima língua de sinais dos surdos, a qual foi criada pelos próprios índios Urubu-Kaapor. Dessa maneira, “o interessante de se observar, no caso dos Urubu-Kaapor, é que os ouvintes da aldeia falam a Língua de Sinais e a língua oral, evidentemente, enquanto os surdos se restringem à Língua de Sinais. Assim, os ouvintes da aldeia se tornam bilíngues, enquanto os surdos se mantêm monolíngues” (RAMOS, [s.d.], p. 5).

¹⁶ Para Maciel (2012), as línguas minoritárias, classificadas como línguas de não prestígio e designadas de línguas majoritárias chamadas de línguas de maior prestígio. Cavalcanti (1999) identifica cinco contextos bi/multilíngues de minoria no cenário sociolinguístico brasileiro: comunidades indígenas, de imigrantes, de fronteira, de surdos e dialetais/urbanas.

A partir deste ponto faremos um recorte sobre a evolução histórica da língua de sinais, percorrendo as diferentes visões em relação a essa língua bem como aos surdos, em diversos locais do mundo, utilizando como obra base Strobel (2010) citada por Goés e Campos (2013).

2.4.1 Breve evolução histórica das línguas de sinais

As línguas de sinais já existiam muito antes de Cristo e na Antiguidade, aproximadamente em 476 d.C., em Roma, as pessoas surdas eram castigadas ou enfeitadas, e a questão da surdez era resolvida por abandono ou com a eliminação física - os surdos eram jogados no Rio Tevere. De acordo com Góes e Campos (2013) apenas sobreviviam aqueles que conseguiam sair do rio ou eram escondidos por seus próprios pais e quando este fato não ocorria muitos surdos tornavam-se escravos de senhores ouvintes, sendo obrigados a passar toda a vida dentro de moinhos de trigo realizando trabalhos braçais.

No Egito e na Pérsia, nesta mesma época, os surdos foram considerados criaturas privilegiadas, enviados dos deuses, uma vez que o povo acreditava que os surdos se comunicavam em segredo com os deuses. Muitos surdos tinham uma vida inativa e não eram educados devido a sua forma de comunicação diferente, a qual a sociedade desconhecia e não tinha domínio. Em seguida na Idade Média, na Grécia, os surdos foram proibidos de receber a comunhão, sendo considerados incapazes de confessar os seus pecados, pois havia também naquela época decretos bíblicos que proibiam o casamento de duas pessoas surdas, estando livres dessa ordem apenas aqueles que recebiam favor do Papa. Em 530 d.C., na Itália, há registros de que os monges beneditinos empregavam uma forma de sinais para comunicação entre si, a fim de não violar o rígido voto de silêncio (GOES E CAMPOS, 2013).

O médico e filósofo italiano Girolamo Cardano, na Idade Moderna, século XVI, possuía interesse em estudar o caso do seu filho surdo, e a partir daí reconheceu as habilidades do surdo e afirmou que a surdez e a mudez não impediam o desenvolvimento do surdo no tocante à aprendizagem, defendendo ainda que o melhor método para os surdos aprenderem era por meio da escrita utilizando a língua de sinais, pois para ele era um crime não instruir um surdo-mudo¹⁷.

¹⁷ Oliver Sacks, neurologista norte-americano e autor de “Vendo Vozes: uma viagem ao mundo dos surdos” explica que os surdos foram considerados “estúpidos” por milhares de anos e considerados “incapazes” pela lei ignorante – incapazes para herdar bens, contrair matrimônio, receber instrução, ter um trabalho adequadamente estimulante”, negando-lhes direitos humanos fundamentais. A “mudez” neste caso não tem relação com uma condição biológica, mas social e cultural. Face ao exposto a palavra “surdo” seria o termo mais apropriado e capaz de minimizar a estigmatização das pessoas surdas, pois não focaliza em questões físicas ou biológicas,

Pedro Ponce Leon, na mesma época, estabeleceu um método formal para a educação de surdos em um monastério de Valladolid, na Espanha, no qual inicialmente ensinava latim, grego e italiano, conceitos de física e astronomia a dois irmãos surdos, Francisco e Pedro Velasco, membros de uma importante família de aristocratas espanhóis. Francisco conquistou o direito de receber a herança como Marquês de Berlanga e Pedro se tornou padre com a permissão do Papa. Ponce de Leon criou métodos para educar surdos utilizando a datilologia¹⁸, escrita e oralização¹⁹ e criou também uma escola para professores surdos. Infelizmente, após sua morte, não houve publicação e seu método caiu no esquecimento, pois a tradição na época era guardar segredo sobre os métodos de educação de surdos.

Ainda de acordo com Góes e Campos (2013, p. 67) em 1613, Fray de Melchor Yebra, de Madrid, escreveu um livro chamado *Refugium Infirmorum*, que descreve e ilustra o alfabeto manual. Na Espanha, Juan Pablo Bonet (1579-1623) iniciou a educação de outro membro surdo da família Velasco, Dom Luís, por meio de sinais, treinamento da fala e uso de alfabeto datilológico. Seu método teve tanto sucesso que ele foi nomeado pelo rei Henrique IV como “Marquês de Frenzo”. No ano de 1620, em Madrid, na Espanha, Juan Pablo Bonet publicou o primeiro livro sobre a educação de surdos, *Reduccion de las letras y arte para enseñar a hablar a los mudos*, no qual apresentava o seu método oral, entretanto vale ressaltar que Bonet defendia também o ensino precoce de alfabeto manual aos surdos.

Compondo este leque das primeiras publicações em cenário mundial, temos o livro *Chirologia* (linguagem natural das mãos) de Jonh Bulwer, publicado em 1644 (RAMOS, 2004). Nele, o autor já propunha um método sistemático de estudo e descrição da língua de sinais no Estados Unidos. A criação desse material tinha como objetivo principal promover a educação de surdos utilizando-se de sua língua materna. Anos depois, em 1648, o mesmo autor lançou o livro *Philocopus* (Amigo do Homem Surdo e Mudo) no qual dedicou os escritos aos seus

mas considera a surdez em relação as suas particularidades e à condição linguística diferenciada. Esta diferença não diz respeito a um modo melhor ou pior de se comunicar, apenas diferente (FRANÇA, 2014).

¹⁸ A datilologia é uma forma de “escrita” que utiliza recursos da língua de sinais para designar palavras da língua oral, uma vez que quando não existe um sinal para determinado conceito, a datilologia é utilizada para soletrar palavras da língua oral. Nesse caso, diz-se que essas soletrações são empréstimos da língua portuguesa. O alfabeto manual é a mera transposição para o espaço, por meio das mãos, dos grafemas da palavra da língua oral (ROSA, 2005, p. 40).

¹⁹ Dorziat (2005) citada por Almeida (2013, p. 98) nos esclarece que a concepção do Oralismo visa a integração dos surdos na comunidade de ouvintes, condicionando-os ao aprendizado e desenvolvimento da linguagem oral. Considera-se que, para a boa comunicação, a pessoa com surdez deve oralizar bem, sendo o principal objetivo dessa filosofia, como já foi apresentado, fazer uma reabilitação da criança surda em direção à “normalidade”, à “não surdez”.

amigos surdos, afirmando e corroborando a ideia de que a língua de sinais era tão completa e servia plenamente aos propósitos de comunicação humana assim como as línguas orais.

No ano de 1755, na Alemanha, Samuel Heinicke (1729-1790) foi o pioneiro do método do oralismo puro ao obter sucesso no ensino a um jovem que aprendeu a falar, a ler os lábios e a escrever. Em seguida Heinicke publicou a obra *Observações sobre os Mudos e sobre a Palavra* e fundou, em 1778, a primeira escola de Oralismo Puro²⁰ para surdos em Leipzig na Alemanha, que se opunha fortemente à utilização da língua de sinais, tornando-se conhecido como o “pai do método alemão” (GOES; CAMPOS, 2013, p. 68). Na Europa, no século IX, alguns autores também se dedicaram aos estudos e à descrição da língua de sinais, propondo métodos de sinalização paralelos à fala. Na Inglaterra, destaca-se Watson pela produção do livro *Instruction of the deaf and dumb* (RAMOS, 2004).

Na França, o Abade Charles Michel de L’Epée foi um educador filantrópico francês do século XVIII que ficou conhecido como “pai dos surdos”, aproximando-se da comunidade surda que vagava ao redor de Paris, aprendendo assim a língua de sinais usada pelos surdos franceses. E foi a partir dessa língua que ele criou os “sinais metódicos”, que eram a junção da língua de sinais usada pelos surdos com alguns sinais criados por ele para facilitar, em sua opinião, o ensino do francês escrito aos surdos. Fruto deste método, L’Epée publicou o livro: *A verdadeira maneira de instruir os surdos-mudos*, apresentando uma metodologia de descrição e ensino da língua de sinais utilizada no local, sendo o primeiro a respeitar em alguma medida a língua usada por uma comunidade surda e a tentar usá-la nas práticas educacionais. L’Epée considerava que

[...] a linguagem de sinais é concebida como a língua natural dos surdos e como veículo adequado para desenvolver o pensamento e sua comunicação. Para ele, o domínio de uma língua, oral ou gestual, é concebido como um instrumento para o sucesso de seus objetivos e não como um fim em si mesmo (LACERDA, 1998, p. 3).

As ideias de L’Epée possibilitaram, em 1760, a criação da primeira escola pública para surdos, o Instituto para Jovens Surdos e Mudos de Paris, onde treinou inúmeros professores para surdos. Ele publicou um livro sobre o ensino dos surdos e mudos, colocou as regras

²⁰ Oralismo puro ou estimulação auditiva foi desenvolvida na CLARK SCHOOL FOR THE DEAF no final do século XIX. Para seus adeptos, a criança surda deve ser exposta à língua falada e aos sons, sempre usar aparelho de amplificação sonora, se possível, e sofrer treinamento auditivo. O trabalho começa com o treinamento de atenção para a leitura orofacial e inclui elementos sonoros isolados, combinações de sons, palavras e finalmente a fala, devendo ter continuidade em casa, mediante o envolvimento de toda a família. Esta participação familiar contínua é uma das características do oralismo (MOURA, 2014).

sintáticas e também o alfabeto manual inventado por Pablo Bonet. Tal obra posteriormente foi completada com a teoria pelo Abade Roch-Ambroise Sicard.

Ainda em 1760, na Inglaterra, Thomas Braidwood fundou a primeira escola inglesa para surdos em Edimburgo, na Grã-Bretanha, como academia privada, onde ensinava aos surdos os significados das palavras e sua pronúncia, valorizando a leitura orofacial²¹ (GOES; CAMPOS, 2013, p. 68)

Na Idade Contemporânea, em 1789, faleceu o Abade Charles Michel de L'Épée, tendo fundado um total de 21 escolas para surdos na França e em outros países da Europa. Face ao exposto no século XIX, o americano Thomas Hopkins Gallaudet parte à Europa para buscar métodos de ensino aos surdos. Na França, Gallaudet impressionou-se com o método de língua de sinais usado pelo abade Sicard. Inspirado na metodologia de L'Épée, na América, Gallaudet, professor de surdo, decidiu, em companhia de alunos de alunos de L'Épée, criar a primeira escola de surdos no Estados Unidos, em 1817. Ele levou um professor surdo francês para os Estados Unidos e começou assim um trabalho educacional considerando a língua de sinais. Em 1864, Edward Gallaudet fundou a primeira universidade nacional norte-americana para surdos, a “Gallaudet University” em Washington (GOES; CAMPOS, 2013, p. 69).

Em adendo, nos dias de hoje, a Gallaudet University é uma das principais universidades do mundo e uma das mais avançadas em estudos de língua de sinais e formação de profissionais que atuam na área. Ela possui a mais alta tecnologia em recursos tecnológicos visuais, permitindo a exploração das mais rebuscadas produções e publicações em língua de sinais.

Até aqui, traçou-se um desenvolvimento no que concerne aos estudos e descrição da língua de sinais em diferentes continentes. Como pudemos observar, diferente dos estudos das línguas orais, as produções em língua de sinais foram mais escassas, isso considerando as que se conseguiu o acesso. Porém, essas publicações mostram que há uma tentativa de buscar uma visibilidade para essa língua e para essa comunidade, seja para dar acesso ao cidadão surdo aos diversos espaços sociais, seja para considerar essa língua visual espacial como uma língua natural tão importante quanto uma língua oral.

²¹ A leitura orofacial (LOF) é feita de forma inconsciente ao se comunicar e atualmente tem sido utilizado com frequência na avaliação de deficientes auditivos. O deficiente auditivo é capaz de “ler” a posição dos lábios e captar os sons da fala de um locutor, porém é provável que até o melhor leitor labial só consiga entender 50% das palavras articuladas (DELL'ARINGA; ADACHI; DELL'ARINGA, 2007).

Com um enfoque mais nacional, em 1855, o professor surdo francês H Ernest Huet²², com experiência de mestrado e diversos cursos em Paris, chega ao Brasil sob a aquiescência do imperador Dom Pedro II com a intenção de fundar uma escola para pessoas surdas e instruí-las por meio da língua de sinais francesa. Huet contou com o apoio do Imperador para fundar a escola de surdos no Rio de Janeiro, em 1857, o atual Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), criado pela Lei Federal Nº 939, de 26 de setembro de 1857 e por este motivo a referida data anualmente é comemorada como Dia Nacional do Surdo em todo país.

De acordo com Geciauskas, (2011, p. 39) dentre os muitos alunos que passaram pelo Imperial Instituto dos Surdos Mudos, um deles ocupou um papel de destaque: Flausino José da Costa Gama, que se destacou não somente pelo seu notável desempenho acadêmico, mas também pelo seu envolvimento na elaboração da obra considerada a primeira de língua brasileira de sinais: *A Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos*.

A obra em questão, além de apresentar a iconografia relativa à língua brasileira de sinais, assunto que será aprofundado neste estudo, estruturava-se, em relação a alguns aspectos, de forma semelhante a um dicionário.

A Libras e a ASL (Língua de Sinais Americana) de acordo com os estudos de Goes; Campos (2013) foram influenciadas pela LSF (língua de sinais francesa). Todavia com o tempo cada língua foi se transformando de acordo com os traços culturais de seu país. Face ao exposto, entende-se que a organização da educação de surdos no Brasil está intimamente ligada ao reconhecimento da língua de sinais como possibilidade de instrução para pessoas surdas.

Voltando a retrospectiva histórica proposta, na época da criação do INES, a língua de sinais brasileira estava se constituindo, possuindo suas origens na LSF. Conforme exposto anteriormente, por meio do professor surdo francês, Huet, que inicialmente instruía as pessoas surdas, utilizando a língua de sinais francesa, dava aula para surdos com seus próprios métodos de educação aprendidos no Instituto de Surdos-Mudos de Paris. Acrescenta-se que no INES surgiu a época a mistura da língua de sinais francesa com os sistemas já usados pelos surdos de várias regiões do Brasil, e deste modo a língua de sinais brasileira foi então se configurando (GOES; CAMPOS, 2013).

²² Rocha (2007) diz que há controvérsias em relação ao primeiro nome de Huet. Em alguns documentos, aparece ora como Ernest, ora como Eduard. Os dados registrados quanto a sua chegada ao Brasil também são contraditórios. Os documentos assinados por ele e que se encontram no INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos) não revelam o seu primeiro nome. Porém, há o registro de funcionamento do Collegio Francez, de sua propriedade, no período de 1845 a 1851, no Rio de Janeiro (GECIAUSKAS, 2011, p. 36).

Voltando para o âmbito mundial, enquanto os surdos brasileiros que tinham condições de estudar no INES iam aprendendo e construindo por meio das relações constituídas, a língua de sinais brasileira, em 1870, Alexander Graham Bell, foniatra e inventor do telefone, publicou vários artigos criticando casamentos entre pessoas surdas, a cultura surda e as escolas residenciais para surdos, alegando serem fatores que favorecem o isolamento e a segregação dos surdos da sociedade. Bell era contrário à língua de sinais que, para ele, não propiciava o desenvolvimento intelectual dos surdos.

Contudo, como tradicionalmente acontece com as minorias linguísticas e sociais, em 1880 aconteceu um evento que marcou a história da língua de sinais de uma forma negativa. Nesta data, aconteceu o famoso Congresso de Milão, evento internacionalmente conhecido que possuía como pauta principal a extinção da língua de sinais. O II Congresso Internacional de Surdo-Mudez causou impacto em todo o mundo com relação à educação de surdos. Esse congresso foi organizado, patrocinado e conduzido por muitos especialistas ouvintes na área de surdez, todos defensores do oralismo puro. Com o objetivo de tornar os surdos sujeitos oralizados, eles propunham que a língua fosse banida das escolas de surdos e que nenhuma pesquisa e produção sobre a língua fosse desenvolvida (ATAS DO CONGRESSO DE MILÃO, 2011). O que nos pareceu claro nesse evento era que os representantes e a maioria dos participantes buscavam uma padronização dos sujeitos surdos, a meta era torná-los sujeitos falantes das línguas orais, não respeitando sua condição física, sua língua materna, sua cultura e sua identidade surda.

Nessa época, sabemos que a repressão afetava diversos grupos sociais e linguísticos e o mesmo aconteceu com a comunidade surda, pois a votação realizada no congresso decidiu, pela maioria dos votos, que a língua de sinais deveria ser banida em nível internacional e isso abriu uma lacuna de quase um século nos estudos das línguas visuais espaciais. Dos 164 representantes presentes ouvintes, apenas cinco dos Estados Unidos votaram contra o oralismo puro. Destaca-se que Alexander Graham Bell teve grande influência no referido congresso.

Foi então organizada uma votação para escolher o método mais adequado para educar surdos, se por meio do oralismo, da língua de sinais ou de ambos. Então, concluiu-se que o método oral era o mais adequado para a educação de surdos e houve a proibição oficial da língua de sinais, pois para os especialistas essa língua destruía a capacidade de fala dos surdos. Os gestos deveriam ser banidos, bem como as práticas que utilizavam sinais simultâneos com a fala também deveriam ser rejeitadas e, em detrimento delas, prevaleceria o “oralismo puro”. Segundo Sacks (2010),

Uma das consequências disso foi que a partir de então professores ouvintes, e não professores surdos, tiveram de ensinar os alunos surdos. A proporção de professores surdos, que em 1850 beirava 50%, diminuiu para 25% na virada do século e para 12% em 1960 [...] O oralismo e a supressão da língua de sinais acarretaram uma deterioração marcante no aproveitamento educacional das crianças surdas e na instrução dos surdos em geral (SACKS, 2010, p. 35).

A proibição do uso da língua de sinais entre os surdos foi realizada durante esse congresso e as resoluções foram tomadas por um corpo expressivo de ouvintes. Os professores surdos que já desenvolviam trabalhos significativos nessa área foram banidos das escolas, num processo arbitrário que afetou profundamente suas vidas. Esta decisão estabeleceu uma interdição incontestável e a língua oral passou a ser legitimada como o único acesso permitido ao conhecimento.

Os professores surdos não tiveram o direito de votar e foram excluídos do congresso. Talvez por esse motivo não houve menção da língua de sinais na evolução da ciência da linguagem pois

Durante o período em que a linguística se ocupava principalmente da evolução histórica das línguas ou dos outros problemas não relativos à estrutura linguística, as línguas de sinais não foram estudadas, ou seja, passaram despercebidas. Essa negligência com relação às línguas espaço-visuais foi, talvez, parte da responsabilidade do que ocorreu em Milão, em 1880, isto é, a proibição do uso das línguas de sinais pelas escolas, pelos pais surdos e pelos próprios surdos. Se nessa época os linguistas estivessem presentes ao encontro com seus estudos sobre essa modalidade de língua, provavelmente, a proibição não tivesse sido aprovada, e isso mudaria a história das comunidades surdas de vários países” (FERREIRA BRITO, 1995, p. 13).

Como vimos anteriormente, após o Congresso de Milão, o método oral tomou conta de toda Europa - que conforme Lane (1989), se explica pela confluência do nacionalismo vigente na época - e estendeu-se por todo o mundo permanecendo por quase um século. Deste modo as línguas de sinais e pesquisas sobre a sua estrutura e o seu reconhecimento enquanto língua foram retomadas apenas um pouco antes da década de 1940 ou mais tarde. Uma reflexão que nos ocorre, é o que aconteceu para que ocorresse essa mudança radical de pensamento? Infelizmente ainda não existem respostas claras, apenas indícios apontando para o desenvolvimento da tecnologia das próteses reabilitadoras gerando uma expectativa de superação da surdez, sobre lutas de poder entre surdos e ouvintes, resultando assim em uma lacuna histórica a ser preenchida. Depois desse longo período de proibições, somente em 1940 surgiram algumas raras publicações referentes a gramática em língua de sinais (RAMOS, 2004).

Ferreira Brito (1993, p. 12) citada por Ramos (2000), aponta os trabalhos de Carrick Mallery²³, de 1882 a respeito das Línguas de Sinais indígenas das Américas e Austrália, como os primeiros estudos linguísticos sobre Línguas de Sinais. Mallery (1882) considerava a “Plains Sign Language – PSL/Língua de Sinais das Planícies Norte-Americanas” uma espécie de pantomímica²⁴. Apesar disso, porém, seu estudo torna-se importante para o avanço do estudo linguístico das Línguas de Sinais por apresentar uma descrição bastante completa da PSL, propiciando aos seus sucessores analisar inúmeros aspectos da mesma.

Alguns estudiosos tais como Voegelin (1958), Liung (1965) e Taylor (1975) analisam a PSL em seus níveis linguísticos (gestêmico, morfêmico e lexêmico), discutindo os três parâmetros, até então não mencionados neste livro: configuração de mão (forma), movimento (‘motion’) e ponto de articulação (FERREIRA BRITO, 1993, p. 11).

Como data inicial dos estudos científicos das línguas de sinais dos surdos, e especificadamente sobre a American Sign Language (ASL), temos os trabalhos realizados por William C. Stokoe, linguista da Universidade Gallaudet, que teve suas pesquisas financiadas pelo governo norte-americano (RAMOS, 2000).

Stokoe (1960) retomou a pesquisa e descrição da língua de sinais americanas e revolucionou mundialmente, trazendo uma nova perspectiva de ver e descrever a língua de sinais. Ele comprovou que essa língua possui as mesmas propriedades gramaticais e articulatórias das línguas orais, ou seja, era possível descrever uma língua sinalizada em termos de aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos, e ainda que a língua de sinais atendia de fato a todos os critérios linguísticos de uma língua genuína no léxico, na sintaxe e na capacidade de gerar uma infinidade de proposições. Seu estudo consistiu também em demonstrar que as línguas de sinais possuem três parâmetros principais (localização, configuração de mão e movimento executado) análogos aos fonemas da fala (KLIMA; BELLUGI, 1979).

Sua primeira publicação, *Language Structure: An outline of the Visual Communication Systems of the American Deaf*, de 1960, é tida como marco, como prova cabal da importância lingüística das Línguas de Sinais. Em 1965 ele publica, em coautoria com D. Casterline e C. Cronoberg, o primeiro dicionário de Língua de Sinais (*A Dictionary of American Sign Language*), inserindo definitivamente o estudo das Línguas de Sinais na ciência linguística.

²³ Posteriormente reeditados por Umiker-Sebeok e Sebeok em 1978, em uma coletânea de dois volumes, com estudos subsequentes críticos de outros autores.

²⁴ A pantomima é uma representação que se realiza por meio de gestos, mímica e atitudes, sem a intervenção de palavras. O termo provém de um vocábulo grego que significa “que tudo imita”. Disponível em: <http://conceito.de/pantomima#ixzz4YXjpsdEt>, acessado em 10 fev. 2020.

Os Estados Unidos continuam até hoje sendo o centro mundial mais importante de pesquisa linguística em Língua de Sinais, contando atualmente, inclusive, com pesquisadores surdos em suas equipes, inaugurando um momento de trabalhos que trazem forte influência da visão culturalista. A entrada de pesquisadores surdos no cenário da pesquisa linguística sobre as Línguas de Sinais trouxe e continuará trazendo uma mudança qualitativa no trabalho que vem sendo realizado até hoje.

De acordo com Klima e Bellugi (1979) a análise das propriedades formais da língua de sinais americana realizada por Stokoe (1960) revelou que ela apresenta organização formal nos mesmos níveis encontrados nas línguas faladas, incluindo um nível sublexical de estruturação interna do sinal (análoga ao nível fonológico das línguas orais) e um nível gramatical, que especifica os modos como sinais devem ser combinados para formarem frases e orações.

Ao descrever os níveis fonológicos²⁵ e morfológicos da ASL, Stokoe apontou três parâmetros que constituem os sinais e nomeou-os da seguinte forma: Configuração de mão (CM), ponto de articulação (PA) ou locação (L) e Movimento. No tópico a seguir aprofundaremos estes conceitos.

Os estudos sobre a língua de sinais americana se seguiram a outros, cujo objeto eram as línguas de sinais utilizadas pelas comunidades de surdos em diferentes países, como França, Itália, Uruguai, Argentina Brasil e muitos outros. Essas línguas de sinais são diferentes das línguas orais utilizadas nesses países. Diferente do que ocorre com as línguas orais, as de sinais fazem uso das mãos, do espaço, do movimento, do olhar e da expressão facial, o que deu origem a algumas ideias equivocadas, consideradas mitos pelos estudiosos das línguas de sinais. Markowicz (1980) aponta 06 mitos, assim como Quadros (1997, p. 46) e Karnopp (1994 p. 24-32). Já Almeida (2013, p. 18-25) cita 08 mitos. Face ao exposto no Quadro 01, trataremos de desmistificar tais concepções inadequadas.

²⁵ A fonologia das línguas de sinais foi inicialmente referida por Stokoe (1960) como quirologia (quir- do grego, significa mão) e querema para o correspondente fonema. Entretanto, estes termos não tiveram grande aceitação, e deste modo na literatura, termos como fonética e fonologia continuam sendo usados para falar das unidades mínimas das línguas de sinais (GESSER, 2009).

Quadro 01: Mitos sobre as Línguas de sinais

Mito 01	A Libras como uma língua universal:	Não as línguas de sinais não são universais. Cada país apresenta a sua própria língua e, portanto, se diferencia em cada nacionalidade. No Brasil, ela é chamada de Libras ou LSB. Embora haja diversos contextos em que mais de uma língua é falada, ocorre no Brasil um numeroso estudo sobre os contextos multilíngues. Cavalcanti (1999) comenta que existe um forte mito do monolinguismo no país, onde comunidades indígenas, imigrantes e até comunidades surdas estão sendo excluídas. A autora alerta que o país tem cerca de 203 línguas: 170 línguas indígenas, 30 línguas de imigrantes, 1 Língua de Sinais Brasileira (a Libras), 1 Língua de Sinais Kaapor Brasileira (LSKB) e, é claro, a Língua Portuguesa. Nota-se que o Brasil não é um país monolíngue, visto que estes povos existem e mantêm suas línguas vivas, uma pluralidade linguística e heterogeneidade cultural.
Mito 02	Linguagem ou língua?	Você já disse ou ouviu alguém dizer a expressão Linguagem Brasileira de Sinais? A Língua Brasileira de Sinais, a partir do momento que é reconhecida como língua, como todas as outras línguas orais, com estruturas gramaticais próprias, perdem o status de mímica e gesto, passando a não ser considerada como linguagem. Por isso, não se diz Linguagem Brasileira de Sinais, e sim Língua Brasileira de Sinais.
Mito 03	A língua de sinais seria uma mistura de pantomima e gesticulação concreta, incapaz de expressar conceitos abstratos.	Este é outro erro cometido pelas pessoas. Elas pensam que os sinais são concretos, que são apenas gestos. No entanto, os sinais são os itens lexicais da língua de sinais, dotados de significado, arbitrários na relação entre o significado e o significante, de modo visual. Os sinais expressam sentimentos, emoções, inclusive ideias abstratas.
Mito 04	Haveria uma falha na organização gramatical da língua de sinais que seria derivada das línguas de sinais, sendo um pidgin sem estrutura própria, subordinada e inferior às línguas orais.	Isto não é verdade, pois a língua de sinais é uma língua de fato, e também independe de língua oral. As línguas de sinais são autônomas e apresentam o mesmo estatuto linguístico identificado nas línguas faladas, ou seja, dispõem dos mesmos níveis linguísticos de análise e é tão complexa quanto as línguas faladas.
Mito 05	As línguas de sinais derivariam da comunicação gestual espontânea dos ouvintes.	As línguas de sinais são tão complexas quanto outras línguas orais. Muitas vezes as pessoas acham que sabem a língua de sinais porque sinalizam alguns gestos e sinais aleatórios. É possível perceber que estes mitos passaram muitos anos no pensamento das pessoas, e o que hoje se tem feito é provar que a língua de sinais é uma língua natural. Quadros (1998, p.45) reforça o pensamento de Chomsky: “Tais línguas são naturais internamente e externamente, pois refletem a capacidade psicobiológica humana para a

		linguagem e porque surgiram da mesma forma que as línguas orais – da necessidade específica e natural dos seres humanos de usarem um sistema linguístico para expressarem ideias, sentimentos e emoções.” As línguas de sinais são sistemas linguísticos que passaram de geração em geração de pessoas surdas. São línguas que não derivam das línguas orais, mas fluíram de uma necessidade natural de comunicação entre pessoas que não utilizam o canal auditivo oral, mas o canal espaço visual como modalidade linguística (QUADROS, 1997).
Mito 06	Haveria uma falha na organização gramatical da Língua de Sinais, que seria derivada das Línguas de Sinais, sendo um pidgin sem estrutura própria, subordinado e inferior às Línguas Orais. (QUADROS; KARNOPP, 2004).	As Línguas de Sinais não são simplesmente uma versão manual das Línguas Orais. Elas são completamente independentes uma da outra. Portanto, a Língua de Sinais, assim como a língua falada, é composta por sua própria gramática, semântica, pragmática, sintaxe e outros elementos que preenchem os requisitos básicos para ser considerada um instrumento linguístico eficiente. Esses aspectos constituem uma configuração sistêmica de uma nova modalidade de língua.
Mito 07	A Língua de Sinais seria um sistema de comunicação superficial, com conteúdo restrito, sendo estética, expressiva e linguisticamente inferior ao sistema de comunicação oral. (QUADROS; KARNOPP, 2004).	Essa afirmação se baseia na concepção errada que algumas pessoas têm com relação à estrutura da Língua de Sinais. Muitos pensam que essa língua não apresenta elementos como preposições e conjunções. No entanto, por ser uma língua de modalidade espaço-visual, a Língua de Sinais agrega esses elementos estruturais nos sinais por meio de expressões faciais e corporais. Os autores Quadros e Karnopp (2004, p. 35) reforçam a eficiência da Língua de Sinais da seguinte maneira: Adicionalmente, não há limites práticos para a ordem, tipo ou qualidade de uma conversação em sinais, exceto aqueles impostos pela memória, experiência, conhecimento de mundo e inteligência. Em relação a isso as Línguas de Sinais não são diferentes das Línguas Orais.
Mito 08	As Línguas de Sinais derivariam da comunicação gestual espontânea dos ouvintes. (QUADROS; KARNOPP, 2004).	A Língua de Sinais apresenta todos os elementos classificatórios identificáveis de uma língua. Ela tem sua estrutura gramatical própria e é reconhecida linguisticamente como uma nova modalidade da capacidade de linguagem. Sendo assim, seu aprendizado demanda tempo e prática, como em qualquer outra língua.

Fonte: adaptado de Almeida (2013, p.18-25)

Em suma, tais concepções equivocadas em relação às línguas de sinais compartilham traços comuns, assinalando um estatuto linguístico inferior em relação ao plano de superfície. Todavia, as investigações descritas anteriormente procuram mostrar que as línguas de sinais,

sob o ponto de vista linguístico, são complexas possuem uma abstrata estruturação nos diversos níveis de análise.

Lucinda Ferreira Brito (1995, p. 12) afirma que “o estudo linguístico de uma língua de modalidade gestual-visual pode afetar as teorias linguísticas por vários motivos: os próprios preceitos teóricos que definiam a capacidade linguística associada à fala oral; a gramática tradicional sendo obrigada a rever seus conceitos de arbitrariedade, de simultaneidade, do que é central e o que é periférico”. Face ao exposto, acreditamos que as línguas de sinais podem fornecer novas perspectivas teóricas sobre as línguas humanas, sobre os determinantes da linguagem e o processo de aquisição e desenvolvimento de uma língua que apresenta certas particularidades em relação às línguas orais.

2.4.2 A Libras e seus estudos linguísticos

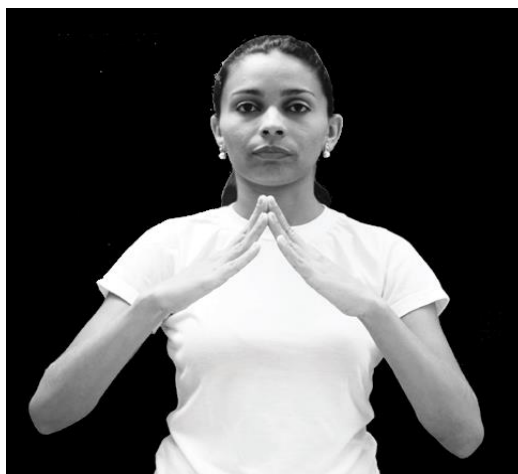
Como vimos nos tópicos anteriores, a língua de sinais não foi considerada na história da ciência linguística. *A priori*, ela foi denominada como mímica, uma espécie de linguagem, mas não língua. Também, como colocamos, essa falta de visibilidade e descrição da língua se sucedeu, em partes, pela própria proibição da língua nas escolas depois da decisão do congresso de Milão.

Contudo, acreditamos que o estudo de uma língua visual espacial poderia alterar e afetar as teorias linguísticas vigentes no século passado (FERREIRA BRITO, 1995), pois precisaria de uma reformulação dos princípios universais e da própria concepção de gramática de uma língua para dar conta das línguas com diferentes canais linguísticos. Desse modo, nesta seção faremos uma explanação do que se apresenta de semelhante e diferente entre as línguas visuais espaciais e as línguas orais, buscando indicar as propriedades das línguas de sinais que comprometeriam as leis gerais da ciência linguística que na época serviam de referência para a classificação das línguas naturais.

Ao levar em consideração o estudo de uma língua de modalidade linguística visual espacial, as teorias tradicionais da linguística seriam afetadas (FERREIRA BRITO, 1995), tanto nos pressupostos teóricos que definem o que é língua e linguagem, como em uma própria revisão na concepção de gramática. Primeiramente, a própria noção de arbitrariedade do signo, tão defendida por Saussure, seria colocada em questão. O autor afirma que o signo linguístico é arbitrário; contudo, na língua de sinais, essa propriedade é contemplada em partes.

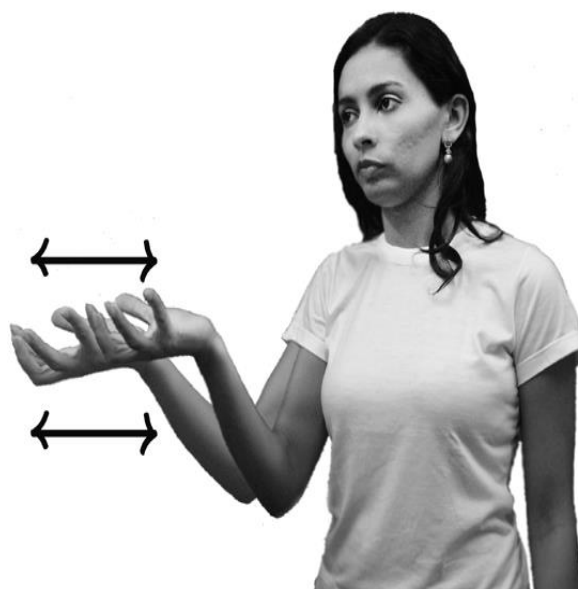
Na Libras há sinais arbitrários, cuja relação forma e sentido não apresenta nenhuma conexão a qual um significante possa prever o significado no mundo. Todavia, muitos sinais (palavras) na Libras são icônicos e convencionais, os quais a forma representa o significado no mundo. Por exemplo:

Figura 02 – SINAL: CASA
(em Libras, sinal considerado icônico)



Fonte: arquivo pessoal.

Figura 03 – SINAL: QUERER
(em Libras, sinal considerado arbitrário)



Fonte: arquivo pessoal.

Figura 04 – SINAL: TELEFONAR
(em Libras, sinal considerado icônico)



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 05 – SINAL: NÃO-TER
(em Libras, sinal considerado arbitrário)



Fonte: Arquivo pessoal

A partir deste ponto, veremos que apesar da diferença existente entre línguas de sinais e línguas orais, ambas seguem os mesmos princípios pelo fato de possuírem um léxico, isto é, um conjunto de símbolos convencionais, e uma gramática, ou seja, um sistema de regras que regem o uso destes símbolos. Diferentemente das línguas orais, os articuladores primários das

línguas de sinais são as mãos, que se movimentam no espaço em frente ao corpo e articulam sinais em determinadas localizações nesse espaço. A seguir entenderemos algumas de suas características fonológicas, morfológicas e sintáticas.

Conforme visto anteriormente, Stokoe (1960) investigou a formação do sinal e definiu 03 (três) parâmetros que eram realizados simultaneamente na formação de um sinal particular: configuração de mãos, ponto de articulação (locação) e movimento. Um quarto parâmetro - orientação -, que se refere à orientação das palmas das mãos, foi acrescentado por Battison (1974). Estudos posteriores, como os de Baker e Padden (1978), incluíram traços não manuais, como expressão facial, movimentos da boca e direção do olhar, como distintivos na língua de sinais americana.

Segundo Kumada (2012 apud Sá, 1999, p. 138) no Brasil, as pesquisas sistematizadas sobre a Libras tiveram início em 1981, com a linguista Lucinda Ferreira-Brito ao falar sobre Bilinguismo para Surdos na 33ª Reunião Anual da SBPC, em Salvador (BA). Ferreira-Brito foi a primeira linguista brasileira a investigar as línguas de sinais brasileiras, inclusive o sistema linguístico de sinais utilizado pela comunidade indígena Urubu-Kaapor, situada a uma região próxima do Rio Gurupi, no Estado do Maranhão que em 1968 foi pesquisada por Kakumasu (FERREIRA-BRITO, 1986, p. 20).

Os sinais, na Libras, são formados a partir da combinação do movimento das mãos com um determinado formato em um lugar específico, podendo este ser uma parte do corpo ou um espaço na frente do corpo (FELIPE, 2001). Em outras palavras, na formação dos sinais da Libras, os seguintes parâmetros são considerados: configuração de mãos, localização, movimento, orientação das palmas das mãos e traços não-manuais.

As línguas de sinais apresentam nas suas estruturas, sobretudo no seu aspecto morfológico, os parâmetros primários e secundários, combinados de forma sequencial ou simultânea. Segundo Brito (1995, p. 36-41), os parâmetros primários são:

a) Configuração das mãos: são as diversas formas que as mãos assumem na realização de sinais. Atualmente, o Núcleo de Aquisição de Língua de Sinais²⁶ registrou em seu site 124 possíveis configurações de mãos na Língua Brasileira de Sinais.

²⁶ O Núcleo de Aquisição de Língua de Sinais – NALS – tem por objetivo se constituir em espaço físico para a consolidação de grupo de pesquisa atuante na área dos estudos de aquisição de línguas de sinais. O núcleo objetiva também consolidar um *corpus* com dados de aquisição de Libras e aquisição bilíngue, incluindo Libras e outra língua, especialmente o português, possibilitando o acesso a dados por diferentes pesquisadores para a produção de estudos nesta área. Constituir o *corpus*, transcrever e analisar os dados para contribuir no desenvolvimento de teorias linguísticas, bem como possibilitar o desenvolvimento de estudos nas interfaces com outras áreas de

Na figura 06, você pode observar dois sinais distintos contendo a mesma configuração de mão.

Figura 06 – SINAIS: ABRIL E APAGAR (mesma configuração de mão)



Fonte: arquivo pessoal.

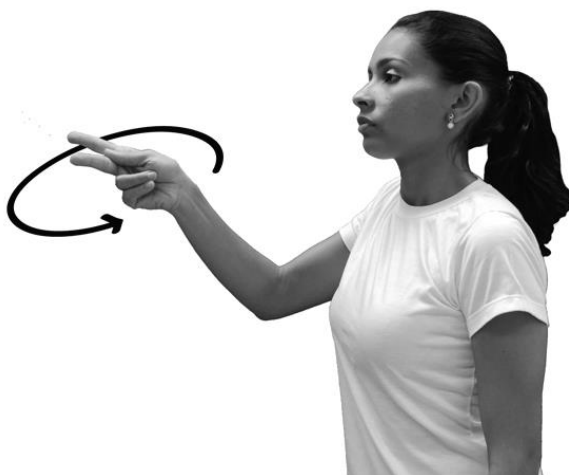
b) Ponto de articulação é o espaço ou local em frente ao corpo ou em uma região do próprio corpo do sinalizante (figura 07), na qual os sinais são articulados. Quando os sinais são articulados no espaço, eles podem ser considerados de dois tipos: os de espaço neutro diante do corpo (figura 08) e os que se aproximam de uma determinada parte do corpo, como a cabeça, a cintura e os ombros. Outros pesquisadores, como Quadros e Karnopp (2004), nomeiam esse parâmetro como *Locação*.

Figura 07 – SINAL: TER
(ponto de articulação no corpo do sinalizante)



Fonte: arquivo pessoal.

Figura 08 – SINAL (pessoa) PROCURAR
(ponto de articulação fora do corpo do sinalizante)



Fonte: arquivo pessoal.

c) Movimento é o parâmetro no qual as mãos descrevem no espaço ou sobre o corpo por meio de linhas retas, curvas, sinuosas ou circulares em várias direções e posições, a maneira como será realizado o sinal.

Figura 09 – SINAL: DANÇAR (rapidamente)



Fonte: arquivo pessoal.

Ainda segundo Brito (1995), quanto aos parâmetros secundários temos:

a) Configuração de mãos é a maneira como se articulam os sinais. Eles podem ser articulados com apenas uma mão ou com as duas mãos em movimento (exemplos: sinais ACHAR (figura 10) e APRESENTAR (figura 11)). Quando se utilizam as duas mãos e uma delas se movimenta e a outra não, diferenciamos-las como mão dominante e mão de apoio respectivamente. (exemplo: sinal CURSO, figura 10).

Figura 10 – SINAL: CURSO



Figura 11 – SINAL: ACHAR (opinião)



Fonte: arquivo pessoal.

Figura 12 – SINAL: APRESENTAR



Fonte: arquivo pessoal.

b) Orientação da palma das mãos é a direcionalidade da palma da mão durante a realização do sinal, que pode ser voltada para cima, para baixo, para o corpo, para frente, para a esquerda ou direita. Lembrando sempre que pode haver modificação na orientação durante o movimento.

c) Ponto de Articulação está relacionada ao ponto da mão que entra em contato direto com o corpo, por meio de maneiras diferentes, seja um toque, de um risco, um deslizamento etc.

d) Expressões faciais (ou expressões não manuais) referem-se à expressão facial e/ou corporal que a maioria dos sinais têm como elemento diferenciador. Elas revelam sentimentos e colocam mais sentido ao enunciado. Em muitos casos, a expressão facial determina o significado do sinal naquele contexto, podendo ainda expressar as diferenças entre sentenças afirmativas, interrogativas, exclamativas e negativas.

A entonação da voz, nas línguas na modalidade oral-auditiva, é responsável por indicar dúvida, exclamação e/ou afirmação a uma dada informação. Já nas línguas de sinais, esses indicativos são dados pelas expressões faciais e corporais. Assim, em Libras, as expressões que realizamos, tanto com o nosso corpo, quanto com o nosso rosto, são de extrema importância para que o receptor da mensagem a compreenda. Para você compreender melhor a importância das expressões faciais e corporais em Libras, análise, a seguir, os sinais de “SILÊNCIO” (figura 13) e de “CALAR-BOCA” (figura 14).

Figura 13 – SINAL: SILÊNCIO



Fonte: arquivo pessoal.

Figura 14 – SINAL: CALAR BOCA

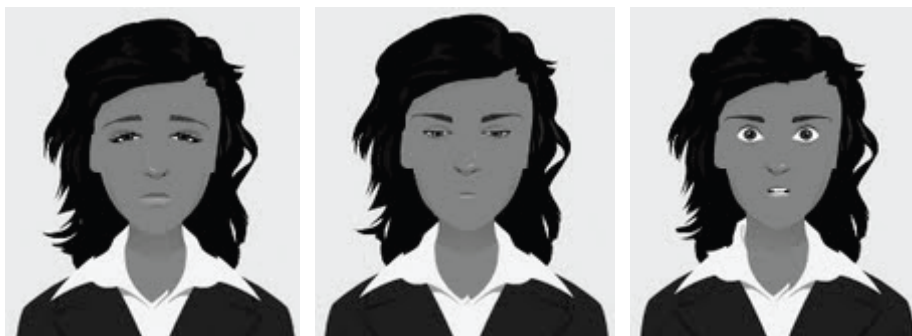


Fonte: arquivo pessoal.

Como pudemos observar, a configuração de mão em “d” sobre a boca (ponto de articulação) pode assumir significados diferentes a partir das expressões faciais e corporais (Expressão Não Manual - ENM). Na figura 13, a expressão utilizada é “tranquila”, correspondendo à ideia de “silêncio, por favor”. Já na figura 14, a expressão é mais “imponente”, “incisiva”, logo representa a ideia imperativa “cale a boca!”. Na língua de sinais, há dois tipos de expressões faciais: as afetivas (Figura 15), que estão presentes em todas as línguas e fazem parte da comunicação humana, e as expressões faciais gramaticais, chamadas de marcações não manuais, que estão relacionadas a um grau de intensidade e de tamanho e são específicas da estrutura da formação dos sinais nos níveis morfológicos e sintáticos.

Veja, a seguir, algumas expressões faciais:

Figura 15 – Expressões faciais de tristeza, raiva e surpresa.



Fonte: arquivos criados.

As expressões faciais afetivas estão relacionadas a emoções ou sentimentos. Elas geralmente ocorrem antes ou após a realização dos sinais. Já as expressões faciais gramaticais ocorrem durante a realização dos sinais. No nível morfológico, por exemplo, são responsáveis por indicar determinados tipos de construções, como sentenças negativas, afirmativas e interrogativas, além de outras construções, como condicionais, relativas, construções com tópico e com foco que, neste estudo, não serão aprofundadas.

Outro ponto interessante da fonologia das línguas de sinais, são os traços distintivos, conhecidos também como parâmetros da Libras, assim como o traço de sonoridade ou o ponto de articulação etc., na língua portuguesa. Por exemplo, na Língua Portuguesa, a substituição de um traço distintivo resulta em outro vocábulo como, por exemplo, em faca e vaca, pomba e bomba, em que ao substituir os fonemas surdos /f/ e /p/ pelos sonoros correspondentes /v/ e /b/, temos outros vocábulos. Na Libras, a alteração de um dos parâmetros resulta em mudança no sinal, como se pode observar nos exemplos a seguir.

Figura 16 – SINAL: SÁBADO
(ponto de articulação: frente à boca)



Fonte: arquivo pessoal.

Os sinais de SÁBADO (Figura 16) e APRENDER, por exemplo, têm a mesma configuração de mãos e o mesmo movimento, embora sejam produzidos em lugares diferentes do corpo: APRENDER é produzido na altura da testa, e já o sinal de SÁBADO, na altura do queixo.

Após termos vistos estes aspectos da Fonologia das línguas de sinais, partiremos para uma apresentação da morfologia das línguas de sinais. Na morfologia da Libras, diferentemente das amplas pesquisas desenvolvidas em línguas orais, são raros os estudos. Enquanto as línguas orais possuem diferentes processo combinatórios nos quais somam-se prefixos e sufixos na formação de palavras complexas; na língua de sinais, uma raiz é somada a classificadores para a formação de uma palavra complexa, isso implica que movimentos corporais dão complementaridade a um radical do sinal.

Um aspecto específico da modalidade do léxico da língua de sinais é o sistema separado de construções com classificadores que participam densamente na formação de novas palavras. Embora o termo classificador seja usado, estas construções diferem das línguas orais, e aspectos de sua construção são extremamente influenciados pela modalidade visual-espacial (QUADROS e KARNOPP, 2004, p. 93).

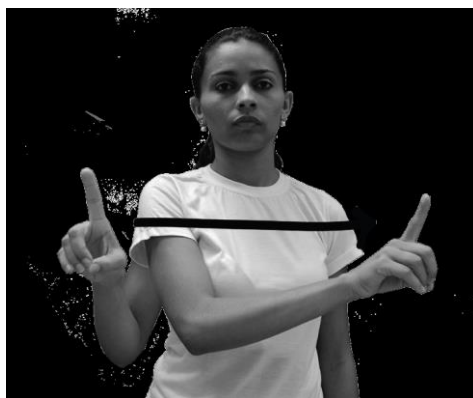
Na Libras, muitos dos sinais são convencionais e utilizam de classificadores para expressar determinadas ações no mundo. Na literatura da linguística em língua de sinais, os classificadores são “morfemas que existem em línguas orais e línguas de sinais” (FERREIRA BRITO, 1995, p. 102). Nas línguas visuais espaciais, esses morfemas se ligam a verbos de localização e movimentos, dando corpo e forma ao signo linguístico, eles são “[...] usados para

especificar o movimento e a posição de objetos e pessoas ou para descrever o tamanho e a forma de objetos” (QUADROS e KARNOPP, 2004, p. 93).

Na maioria das vezes, o classificador é transparente e icônico, pois representa a forma tal como o significado no mundo, seja por meio dos sinais tridimensionais, ou por meio dos recursos do corpo que expressam a comunicação. Um classificador, enquanto morfema, pode representar um objeto, um verbo e também a manipulação e ação desses itens. Por exemplo, enquanto no português brasileiro temos uma palavra para cada ato de proferimento, na língua de sinais, a depender do contexto, diferentes classificadores são utilizados para representar uma ação no mundo. Por isso, muitas vezes ouvimos que a libras é uma língua icônica. Ela é icônica e também arbitrária.

A iconicidade na língua de sinais é convencional, podendo ser representada por sinais e classificadores de movimentos e localização. Vejamos a Figura 17, o Classificador usado para PASSAR (pessoa):

Figura 17– SINAL: (pessoa) PASSAR.



Fonte: arquivo pessoal.

Desse modo, nas línguas de sinais, os classificadores são as marcas de concordância de gênero (para animais, coisas e pessoas), sendo necessários para a construção da estrutura sintática, utilizando-se de recursos corporais para a formação de relações gramaticais mais abstratas, referindo-se, às vezes, ao ser como um todo, ou a uma parte deste (BRITO, 1995).

Outro ponto afetado nas teorias linguísticas seria a formulação de universais linguísticos, defendido por vários autores. Ao considerar a Libras, uma nova reformulação dos universais precisaria ser proposta, pois a língua de sinais possui um canal linguístico diferente das línguas orais; portanto é necessária uma relativização ao descrever as propriedades das línguas visuais espaciais. Embora as línguas de sinais apresentem níveis de descrição

gramaticais semelhantes aos das línguas orais, elas são proporcionais a produção gestual dos falantes surdos. Logo, para extrair os princípios gerais das línguas humanas, deve-se levar em consideração os meios de produção e reprodução e qual canal é processado a linguagem. Uma das relativizações a considerar é o próprio classificador da Libras.

Altamente contextual, a produção de uma cena no mundo não depende exclusivamente de sinais prontos ou pré-estabelecidos. Ao contrário das línguas orais, as línguas de sinais são convencionais aos atos proferidos no momento da ação, na qual cada cena é representada por um classificador único ao momento de fala, das condições de produção, da descrição imagética do objeto, manipulação do mesmo.

Quando a linguística da Libras busca uma descrição da língua em termos universais, ela busca uma correlação com a descrição da estrutura da forma de uma língua, ou seja, estabelecer uma sintaxe, morfologia, fonologia e semântica da Libras. Nos Estados Unidos, conforme mencionamos acima, Stokoe (1960) propôs um modelo de descrição da ASL paralelo aos níveis de descrição das línguas orais e esse método descritivo serviu de inspiração para Ferreira Brito (1995) assim como para Karnopp e Quadros (2004) no detalhamento descritivo da Libras.

Na sintaxe, por exemplo, diferentemente do português brasileiro, cuja ordem canônica dos constituintes é SVO (sujeito, verbo, objeto); na Libras, essa ordem pode variar sem, contudo, estabelecer um padrão fixo. “A língua de sinais brasileira apresenta certa flexibilidade na ordem das palavras. Portanto, determinar a sua ordem básica não é tão trivial” (QUADROS e KARNOPP, 2004, p. 135). É muito comum produções de expressões em ordem OSV, VOS, SVO, SOV, de modo que, qualquer uma dessas formas pode representar um padrão formal sintático. Na literatura, alguns autores apontam que, na Libras, apesar da assimetria referente à ordem dos constituintes, a ordem mais comum é SVO, mas não canônica. Outra importante característica da sintaxe da Libras é

No espaço em que são realizados os sinais, o estabelecimento nominal e o uso do sistema pronominal são fundamentais para tais relações sintáticas. Qualquer referência usada no discurso requer o estabelecimento de um local no espaço de sinalização (espaço definido na frente do corpo do sinalizador), observando várias restrições” (QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 128).

Até aqui, o que observamos durante o levantamento dos materiais de descrição da Libras é que a fonologia, a morfologia e a sintaxe são pontos de maior abrangência no estudo da gramática em língua de sinais. O que também percebemos é que essas áreas ainda estão em

processos de detalhamento e muitas pesquisas ainda estão sendo desenvolvidas para dar conta das diversas produções e descrições em língua de sinais, ou seja, os estudos são muito recentes comparados aos estudos das línguas orais. Esse retardamento, mais uma vez, é um reflexo da exclusão da língua de sinais das histórias das pesquisas linguísticas e isso vai além de qualquer proposição gramatical de uma língua, representa também uma escolha política por parte dos linguistas da época.

Acreditamos que as diferenças até então apresentadas iriam requerer uma nova contextualização do estudo da linguagem como um todo, pois durante séculos as únicas línguas consideradas eram aquelas de modalidades orais. Sendo assim, considerar as especificidades gramaticais de uma língua de modalidade diferente seria o mesmo que reestabelecer um novo conceito do que é linguagem, do que é gramática e o até mesmo do que é língua, para que assim pudessem dar conta de todas as línguas do mundo, sejam orais ou sinalizadas. Obviamente, sabemos que assim como tudo no mundo, a busca de padrões é algo visado por qualquer ciência. Os surdos e sua respectiva língua não representavam, para algumas classes, o padrão “ideal” de sujeito e de língua, pois para muitos eles o consideravam deficientes e, portanto, sua produção sinalizada era vista como forma de expressão de sujeitos que “não falavam”, pois não produziam som.

Desse modo, o que percebemos, por meio das escolhas dos cientistas da linguagem, não só se tratando do lugar da língua de sinais na ciência linguística, mas como o estudo de línguas como um todo, é a correlação direta com a política da linguística. Desde a decisão e postura de como estudar uma língua e qual meio de produção a descrever (seja pelos sons ou pelos sinais), acreditamos ser um ato político. Nos dias de hoje, com o empoderamento de diversos grupos sociais, entre eles os surdos, ser visto pela língua é ser visto enquanto sujeito, portador de uma cultura, constituído de uma identidade surda. Se no século passado ele foi marginalizado, com o decorrer dos anos, ele passou a ser reconhecido enquanto falante de língua de sinais e membro de uma comunidade de fala. Essa autoridade, conquistada vagarosamente, fez com que o cientista da linguagem repensasse:

à mudança de atitude do linguista frente à pesquisa linguística. Os linguistas até há bem pouco tempo, buscavam neutralidade com *relação aos problemas políticos e sociais* que envolvem o uso de uma língua, por considerarem que deveriam atribuir a seus trabalhos um caráter de cunho puramente científico. Com os trabalhos sobre as línguas de sinais, tais profissionais se viram envolvidos com a problemática psicossocial e educacional dos surdos. O simples reconhecimento da Língua de Sinais enquanto língua os envolve automaticamente no problema de uso ou não de uma língua minoritária (FERREIRA BRITO, 1995, p. 12).

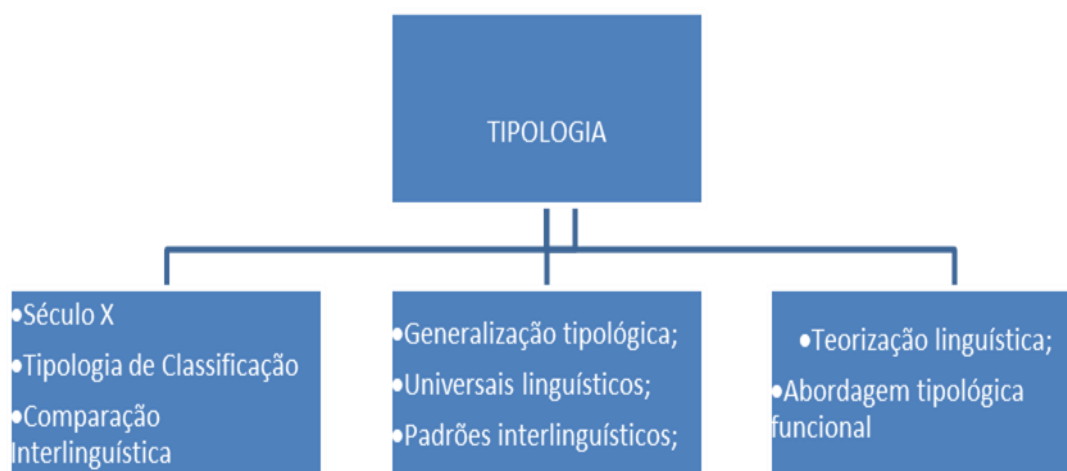
Com isso, reafirmamos o quão é importante o reconhecimento da Libras enquanto língua natural. E essa colocação vai muito além da descrição puramente formal, ela atinge diretamente o âmbito social. Por intermédio da luta dos surdos e da exigência de um estudo mais aprofundado da gramática dessa língua, a Libras foi reconhecida oficialmente, implicando “numa reestruturação social no que diz respeito ao espaço que os surdos ocupam na sociedade em que vivem” (FERREIRA BRITO, 1995, p. 13). Atualmente a Libras possui o status de língua reconhecida, mas acreditamos que a trajetória política linguística a eleve, com o fortalecimento dos grupos sociais, a um status mais elevado, com pesquisas e produções acadêmicas mais sofisticadas em diversas ciências.

2.5 TIPOLOGIA DAS LÍNGUAS DE SINAIS

Neste tópico trataremos de forma breve sobre a Tipologia das línguas de sinais a partir do artigo Raízes, folhas e ramos – a tipologia de línguas de sinais de autoria de Ulrike Zeshan (*International Centre for Sign Languages and Deaf Studies University of Central Lancashire, Preston, UK*), contido no livro *Questões Teóricas das Pesquisa em Línguas de Sinais – resultado de uma seleção dos trabalhos divulgados no TISLR 9 (Theoretical Issues in Sign language Research 9) – 9º Congresso Internacional de Aspectos teóricos das Pesquisas nas Línguas de Sinais que foi sediado pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis, SC, em dezembro de 2006*. Deste modo, trataremos adiante de forma breve sobre a tipologia em língua de sinais a partir das ideias de Zeshan (2009) publicadas no artigo supracitado.

Pizzio (2011), em sua tese de doutorado, antes de apresentar dados sobre a tipologia em línguas de sinais, elucidou o conceito de tipologia linguística, explana os tipos de pesquisas existentes na área no intuito de inteirar os leitores sobre o assunto. Portanto, a seguir, a partir dos estudos da cita autora apresentaremos três principais conceitos de tipologia a partir das ideias de Croft (1990, 2003):

Figura 18– Tipologia



Fonte: própria autora.

Como vimos na figura 18, a primeira definição comum do termo tipologia é praticamente sinônimo de taxonomia ou classificação, uma classificação do fenômeno sob estudo em tipos, particularmente tipos estruturais. Tal definição é vista fora da área da linguística como de forma mais exemplificada, por exemplo, na Biologia, campo este que inspirou a teoria linguística no século IX. Pizzio (2011), afirma que a definição mais modesta da tipologia linguística se refere a uma classificação dos tipos estruturais entre línguas, na qual a língua é dita pertencer a um tipo único e a tipologia das línguas visa uma definição dos tipos e ainda uma enumeração ou classificação de línguas nestes tipos, ou seja, teríamos uma tipologia de classificação. Tal definição introduz o sentido básico que o termo tipologia possui na linguística contemporânea, isto é, tipologia relaciona-se de algum modo com comparação interlinguística (PIZZIO, 2011).

Nos estudos de Croft (1993) identificamos uma segunda definição linguística de tipologia é o estudo de padrões que ocorrem sistematicamente entre línguas. Esta definição de tipologia pode ser referenciada como generalização tipológica. Os padrões encontrados na generalização tipológica são os universais linguísticos. Generalização tipológica é geralmente considerada como uma subdisciplina da linguística com um domínio particular de fatos linguísticos a analisar: padrões interlinguísticos. Os tipos de padrões interlinguísticos atualmente encontrados representam um conjunto coerente de universais de linguagem os quais são basicamente fenômenos a serem explicados por alguma teoria linguística (PIZZIO, 2011).

Na terceira e última definição linguística de tipologia citada neste estudo, tem-se que esta é uma abordagem para a teorização linguística, ou de forma mais precisa, uma metodologia

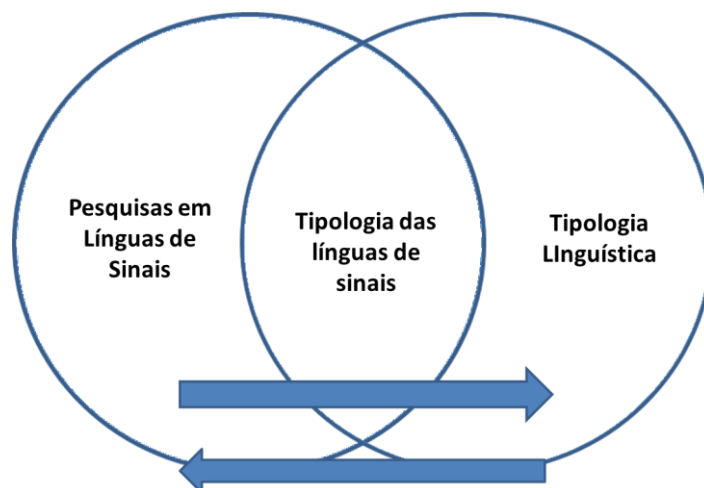
de análise linguística que dá origem a diferentes tipos de teorias linguísticas do que as encontradas em outras abordagens, representando uma abordagem ou arcabouço teórico para o estudo da linguagem que contrasta com abordagens anteriores, tal como o estruturalismo americano e a gramática gerativa (PIZZIO, 2011). Esta terceira visão de tipologia liga-se ao funcionalismo, a visão de que a estrutura linguística deve ser explicada, principalmente, em termos de função linguística, e por esta razão, a tipologia nesse sentido é muitas vezes chamada abordagem tipológica funcional.

Em linhas gerais, as três definições linguísticas de tipologia aqui apresentadas baseadas nos estudos de Croft (1993) e Pizzio (2011), correspondem a três estágios de uma análise científica empírica, ou seja, a classificação tipológica representa a observação de um fenômeno empírico e a classificação do que é observado. Já a generalização tipológica – universais linguísticos – é a formação de generalizações sobre nossas observações. E por fim a abordagem tipológica funcional constrói explicações das generalizações sobre o que nós observamos e, neste sentido, tipologia representa uma abordagem científica empírica para o estudo da língua.

Trazendo os conceitos supracitados para a nossa temática, percebe-se que o aumento da disponibilidade de dados de várias línguas de sinais ao redor do mundo possibilitou, neste contexto histórico, a ampliação das pesquisas em língua de sinais e conseqüentemente o banco interlinguístico de dados para realizar diversos estudos tipológicos significativos entre as línguas de sinais. E para Zeshan (2009) esse novo campo de estudo é conhecido como tipologia de língua de sinais.

A tipologia de língua de sinais é influenciada por duas disciplinas base da linguística que anteriormente apresentavam pouco contato entre si. Como o próprio nome sugere, essas duas disciplinas são: a pesquisa em língua de sinais e tipologia linguística, já apresentada anteriormente.

Figura 19 – As disciplinas base da tipologia de língua de sinais.



Fonte: Zeshan (2008, p.32)

A interação entre elas é ilustrada, de maneira esquematizada, na figura 19, que demonstra o duplo sentido inerente à tipologia de língua de sinais. Por um lado, a tipologia de língua de sinais utiliza recursos teóricos e metodológicos da tipologia linguística, mas amplia a gama de línguas disponíveis para incluir as línguas de sinais. Por outro lado, a tipologia de língua de sinais utiliza os resultados da pesquisa em língua de sinais, mas concentra-se na diversidade linguística no grupo de línguas de sinais, a partir de uma perspectiva tipológica (ZESHAN, 2011).

Os dados das línguas de sinais são praticamente ausentes de pesquisa em tipologia linguística, uma vez que muitos tipologistas de línguas faladas provavelmente compartilham a impressão explicitada no trabalho de Haspelmath (1997).

No referido trabalho, Haspelmath explica que as línguas de sinais não estão presentes em seu principal estudo sobre artigos indefinidos, pois o estudo interlinguístico das línguas de sinais ainda está em seus primórdios e a competência do citado autor não lhe permitia dizer algo sobre uma língua individual de sinais.

De fato, a verdadeira extensão da diversidade linguística entre as línguas de sinais só se torna aparente quando se aplica uma perspectiva tipológica aos dados conhecidos e aos dados recém-descobertos e esses resultados continuam a surpreender até mesmo os linguistas mais experientes.

Outro ponto que é crucial à tipologia linguística e que está intimamente relacionado a questões supracitadas, é a busca por universais da linguagem já expostos por Comrie (1989),

Whaley (1997), Song (2001), ou seja, a busca pelo que todas as línguas têm em comum e o que, desse modo pode-se considerar como sendo esta, a verdadeira natureza da linguagem humana.

A tipologia de língua de sinais possui dois objetivos inter-relacionados, ambos associados a metodologias diferentes. Assim temos a documentação detalhada de línguas de sinais individuais em todo o mundo e esta, por sua vez, se sobrepõe, em linhas gerais, à pesquisa descritiva correspondente em linguística de sinais, porém com um foco um tanto diferenciado. Para Zeshan (2009) o estudo interlinguístico sistemático de amostras amplas de línguas de sinais genética e geograficamente não relacionadas constitui uma nova tarefa sem precedentes paralelos em linguística de sinais, mas sim em vários aspectos similares ao trabalho correspondente na tipologia de língua falada. Esses dois tipos de investigação têm o objetivo de conduzir a uma teoria de variação entre línguas de sinais, o que é o objetivo secundário mais importante da tipologia de língua de sinais.

Face ao exposto, considerar os padrões de diferenças e semelhanças entre as línguas de sinais nos possibilita, também, reavaliar a questão dos universais da linguagem, tanto para as línguas de sinais quanto para as línguas faladas, bem como a questão das diferenças de modalidade entre línguas de sinais, por um lado, e línguas faladas, por outro. Considerando a pesquisa em tela, acrescento ainda que o arcabouço da tipologia de língua de sinais é especialmente propício ao desenvolvimento de análises descritivas de línguas de sinais ainda não documentadas, pois ela incorpora uma ampla perspectiva baseada no conhecimento já existente sobre a diversidade tipológica entre as línguas faladas (ZESHAN, 2011).

Em suma, Zeshan (2008) sistematizou que para definir os objetivos da tipologia das línguas de sinais, o aumento da documentação de línguas de sinais específicas, somadas a trabalhos comparativos, com estes dados possibilitaria formular uma teoria sobre a “variação” nas línguas de sinais. Seria possível, então, saber quais são os universais linguísticos independentes da “modalidade” – se a língua é falada ou sinalizada – e quais são os traços que são específicos das línguas de sinais, dado seu canal de comunicação.

Complementando ainda, Zeshan (2008) acrescenta que surgiu, assim, o interesse nas “línguas de sinais de aldeia” ou “rurais”, um tipo “novo” que se oporia às línguas de sinais de “comunidades surdas” ou de instituições de ensino. Deste modo, a descrição de algumas delas apontou fenômenos que não estavam presentes em nenhuma língua conhecida, como numerais subtrativos na língua de sinais de Mardin, que ele havia estudado. Segundo Zeshan (2008, p. 675), as línguas de sinais de aldeia seriam mais uma peça do mosaico de tipos diversos de

línguas de sinais a serem descritas e estudadas. Algumas destas línguas foram chamadas de emergentes e foram estudadas para entender como surgiria uma língua.

Em suma para a tipologia de língua de sinais, é importante investigar explicações voltadas as diferenças e semelhanças entre as línguas de sinais e é partindo desse pressuposto que trataremos adiante de possíveis explicações considerando as diferenças e semelhanças existentes entre a Cena e a língua de sinais da comunidade de Caiçara.

2.6 LÍNGUAS DE SINAIS *versus* GESTOS *versus* SINAIS CASEIROS

Durante muito tempo a comunidade científica trouxe, e traz ainda, uma boa dose de rejeição às Línguas de Sinais das comunidades surdas, associando-as à gestualidade primitiva e, portanto, à inferioridade, pois para eles o homem em seu estado primitivo estaria associado a dêixis, aos gritos e aos gestos (RAMOS, 2004). E como vimos anteriormente, os estudos relacionados à linguística focavam primeiramente no estudo dos sons.

O esforço em distanciar os “gestos” dos estudos linguísticos que compreendem as línguas de sinais é visto por McCleary e Viotti (2011) como uma grande ironia. Para os autores, tal ironia se dá, uma vez que cresce o interesse pela gestualidade que acompanha a fala das línguas orais, fica cada vez mais evidente que a linguística das línguas sinalizadas está na contramão. Contudo, conforme Cavalcanti (2007) essa é uma percepção recente que corresponde ao momento atual onde o conceito tradicional de língua tem sido problematizado e os “gestos” tanto na língua oral como na língua de sinais têm sido (re)pensados não apenas como parte da gramática e organização discursiva, mas como indispensáveis a tais modalidades de linguagem.

A linguagem oral, nos termos de Fedosse (2000b), é preñe de gestos, por isso não é de admirar que durante sua aquisição o gesto tenha um papel importante. Santana et al (2008, p. 297-306) afirma que

os gestos e a fala desenvolvem-se conjuntamente nas crianças. No início eles são concretos, depois icônicos, e só depois se tornam metafóricos e abstratos. Em geral, seguem o mesmo progresso do desenvolvimento da fala. Não obstante, existem diferenças, uma vez que a fala é linear e segmentada. As partes, que são as palavras, são combinadas e criam um todo, a sentença. A direção é das partes para o todo. Já o gesto é global e sintético. O gesto é um símbolo, mas um símbolo diferente da fala, vai do todo para as partes. Os gestos não precisam se combinar. Dois gestos juntos não se combinam para formar um maior, mas um gesto complexo. Não existe nenhuma estrutura hierárquica de gestos feitos de outros gestos. Essa “não-combinação” contrastaria com a estrutura da língua. Nos gestos, cada símbolo é, por si só, uma expressão completa de significados.

[...]

Quando se afirma que os gestos manuais das crianças são mais complexos que os da mãe ouvinte, deve-se levar em conta que a mãe privilegia outra forma de significação. Para ela, a fala preencheria os vazios deixados pelo desconhecimento de um referente gestual para as palavras da linguagem oral. Por isso, os gestos são inventados a partir da percepção de cada interlocutor (SANTANA et al 2008, p. 297-306).

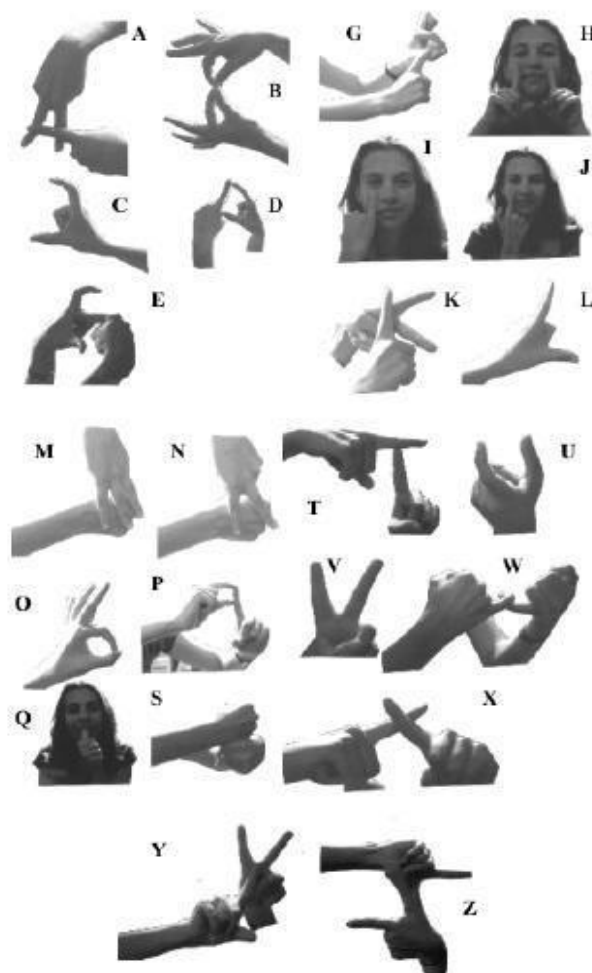
Kumada (2012) afirma que alguns sinais domésticos são altamente estruturados. Consistem de um léxico com morfologia organizada e algumas regras sintáticas. Mayberry e Eichen (1991) questionam se esses sinais podem funcionar como linguagem. Goldin-Meadow (1979) estudou com detalhes os gestos produzidos pelas crianças surdas a fim de defender a tese de que o ser humano é dotado de criatividade para a linguagem, mesmo sem ambiente linguístico. Para a autora, o sinal doméstico é a prova disso. Seu sistema linguístico é semelhante ao da linguagem oral (aspectos semânticos, sintáticos) e ele é produzido em contexto semelhante às primeiras palavras dos ouvintes; ou seja, as mesmas propriedades encontradas nas línguas naturais são encontradas nos sinais domésticos e são percebidas na ausência do *input* linguístico convencional. Para Goldin-Meadow (1979), o interessante é que as mães ouvintes produzem apenas gestos simples, enquanto os filhos surdos produzem gestos bem mais complexos. Na surdez, a criança é “forçada” a criar símbolos.

Kegl, Senghas e Coppola (1999) citados por Kumada (2012) apoiam essa tese baseando-se em outra evidência. Para os autores, os sinais domésticos podem ser considerados mímicas, mas não contêm nenhum sistema gramatical. Essas mímicas são realizadas com o corpo todo e a comunicação depende fortemente do contexto, sendo quase como sinais individuais. As expressões faciais evidenciam afeto, mas não correspondem a um sistema gramatical, diferente da língua de sinais; contudo, se uma criança que produz esses sinais domésticos entrar em contato com outra criança que também produza sinais domésticos, estes podem vir a tornar-se mais estruturados, mas somente entre aquelas crianças que possuem idade inferior a sete anos. Os autores acrescentam que esses sinais domésticos não podem ser considerados como um pidgin para a origem da crioulização, correlacionando o uso dos gestos com a ausência do *input* linguístico e tomam estes gestos como evidência da capacidade humana para a linguagem; mas essa capacidade para a simbolização só pode ser efetivada nas interações sociais, na relação com o outro (DE LEMOS, 1982).

São as interações que propiciam a emergência dos gestos, e não apenas uma capacidade biológica dada, a maturação de um órgão da linguagem. Kumada (2012) acrescenta que a partir do momento em que a mãe atribui sentido e significado ao gesto do filho, vocal e manual, este ganha um estatuto diferenciado: ele significa não só para a criança que o faz, mas

também para o interlocutor, que o interpreta. Isso ocorre tanto nos gestos da mãe quanto nos da criança. São os interlocutores, nas interações dialógicas, que chegam a um acordo quanto ao sentido do gesto e, a partir daí essa significação é convencionalizada.

Figura 20 – Alfabeto manual produzido por uma Surda.



Fonte: Kumada (2012, p.22).

Ainda para a autora, os gestos são interpretados pelo outro e, assim, internalizados, que há a possibilidade de criação de outros gestos. Essa atividade de mão dupla é própria da natureza dialógica e interativa da linguagem e é o que possibilita a criação de um sistema gestual, próprio para cada situação, ou seja, podemos dizer que cada sujeito cria em seu entorno familiar uma língua de sinais caseira. Deste modo, percebe-se que não é um input linguístico que proporciona o desenvolvimento da linguagem, mas sim, a relação de interdependência entre contexto social e linguagem, entre um signo e o seu sentido compartilhado por duas ou mais

peças. O lugar da linguagem deixa de ser o reservado à natureza, ao biológico, e passa a ocupar um lugar histórico-cultural (KUMADA, 2012, p. 16).

É nesse sentido que se percebe o sistema linguístico caseiro, sob a inconstante remodelação das lentes do caleidoscópio (CÉSAR; CAVALCANTI, 2007, p. 60-1; CAVALCANTI, 2011, p. 173), como uma língua que se ajusta à luz da situação e dos seus falantes, do mesmo modo que as línguas orais e as línguas de sinais já convencionadas.

Nesta mesma perspectiva, os estudos de Vilhalva (2009, p.37) ilustram de forma embrionária a pluralidade das línguas de sinais caseiras que, a meu ver, não podem ser classificadas sob o manto de uma única língua de sinais caseira.

As pesquisas realizadas pela autora supracitada, emanam do contato com comunidades indígenas onde habitavam sujeitos surdos e revelou a existência de diferentes línguas de sinais caseiras, conforme a família e a comunidade, ou seja, além dos aspectos sociais considera-se os aspectos geográficos. A diversidade de “línguas de sinais familiares” (cf. termo utilizado inicialmente por Vilhalva, 2009, p.21) foi ainda mais acentuada no contexto escolar e no registro de tais línguas, uma vez percebido o complexo processo de eleição da língua de sinais caseira a ser privilegiada na comunicação entre a autora e os surdos de diversas comunidades indígenas (VILHALVA, 2009, p. 37).

Por compreender que essa diversidade das línguas de sinais caseiras não envolve apenas o contexto familiar (caseiro) ou indígena, e a partir desses questionamentos, Kumada (2012) adotou em seus estudos a expressão “línguas de sinais caseiras” no plural para denominar tais línguas de sinais caseiras. Posteriormente Vilhalva (2012) passou a conceber estas línguas de línguas de sinais emergentes (LSE), sejam elas advindas de contextos familiares, macro-familiares, comunitários e macro-comunitários, sejam elas de comunidades indígenas e ou outros espaços de interação entre surdos – ouvintes ou surdos – surdos. Esse posicionamento me parece momentaneamente coerente para deliberar os conflitos terminológicos apresentados nesta revisão de literatura.

Figura 21 – Alfabeto manual da Língua de Sinais Pataxó.



Fonte: Damasceno (2013).

Como vimos acima, nas figuras referentes ao Alfabeto datilológico utilizado em diferentes comunidades e isso só corrobora para o fato que não são apenas gestos ou sinais caseiros, mas que se trata de uma língua com suas especificidades. Em suma, de acordo com Damasceno (2017), essa discussão terminológica pode ser esquematizada no quadro a seguir, demonstrando que algumas terminologias relacionadas às práticas linguísticas supracitadas, observadas entre surdos e familiares ouvintes que não tem contato com uma grande comunidade surda. Deste modo, no quadro 2, adaptado a partir dos estudos de Damasceno (2017) demonstrará terminologias referentes à prática linguística entre surdos e familiares que não tem contato com uma língua de sinais padrão, ou seja, dos centros urbanos.

Quadro 02 – Principais terminologias utilizadas.

TERMINOLOGIA	AUTOR/PESQUISADOR
Simbolismo Esotérico	Tervoort (1961) citado por Silva (2005)
Simbolismo esotérico como língua em funcionamento	Behares (1997, p. 64) citado por Kamuda (2012, p. 19)
Sinais caseiros (<i>home-signs</i>); famílioleto; <i>language-like systems</i> .	Goldin-Meadow citado por Fusellier-souza (2004)
Língua de sinais primárias	Fusellier – Souza (2001)
Língua de sinais espontâneas	Yau (1992, p. 88)
Língua de sinais emergentes	Kegl et al (2009) citado por Fusellier-Souza (2004, p. 354)
Sistemas de sinais caseiros	Supalla (2006)
Pidgin sinalizado	Fischer (1978); Woodward (1978); Felipe (1989) citado por Gesser (2006, p. 63)
Embrião de linguagem	Lima (2004) citado por Kumada (2012)
Gestos de sinais domésticos	(Goldin-Meadow, 1979; Mayberry, 1992; Morford, 1996).
Gestos/sinais caseiros	Dalcin (2006, p. 194)
Sinais caseiros	Rosa, Góes; Karnopp (2004, p. 266-9)
Sinais caseiros como língua	Adriano (2013)
Sinais emergentes	Vilhalva (2012)
Língua de sinais caseira/variedade de sinais	Gesser (2006)
Língua de sinais local	Zeshan (2009)
Língua de sinais caseira	Kumada (2012); Silva (2008, p. 398-9) citado por Kumada (2012, p. 18)
Língua de sinais compartilhada	Quadros e Leite (2014)
Língua de sinais emergentes	Azevedo (2015)
Comunicação Gestual Caseira	Albares e Benassi (2015)
Língua de sinais emergentes	Barretos (2016)
Línguas de sinais emergentes	Stoianov & Nevins (2017)
Língua de sinais emergentes	Quadros e Silva (2017)
Língua de sinais de aldeia	Godoy (2020)

Fonte: Elaboração própria a partir dos estudos de Damasceno (2017).

Como vimos acima, vários autores já discorreram sobre língua de sinais emergentes. As línguas de sinais emergentes são línguas que surgem objetivamente para conversar com os surdos. Muitas vezes quando estas línguas são utilizadas percebe-se um número reduzido de falantes, o que as torna de risco necessitando em caráter emergencial de mapeamento e registro, sendo estas, patrimônio imaterial da sociedade.

3 LÍNGUAS EMERGENTES

Tudo que vive na cultura é expresso através da língua.
Woodward, 2000.

Antes de nos aprofundarmos sobre esse novo termo Línguas de sinais Emergentes, precisamos estabelecer o conceito de línguas emergentes. Neste contexto de grupos que falam uma determinada língua, ou grupos que estão isolados de centros urbanos, ou ainda grupos menores que vivem em aldeias e que, por alguma condição fisiológica, no caso a surdez, acabam criando e utilizando uma forma visuo-espacial de comunicação.

Uma língua é considerada ameaçada quando há risco eminente de ela não ser mais falada. As línguas que possuem um número pequenos de falantes também são consideradas ameaçadas, ainda que não exista declínio na proporção de crianças que as aprendem, pois são postos em contato com uma língua de um grupo dominante e que pela própria condição a qual são expostas passam a utilizar aquela língua inicial de maneira menor, com menos falantes e são utilizadas apenas em situações de comunicação emergencial.

Esse conjunto de fatores pode levar ao surgimento de uma língua totalmente nova, distinta de todas as línguas que estiveram presentes na situação de contato em que essa nova língua se formou; sendo essa nova língua, inclusive, ininteligível para os falantes monolíngues das demais línguas.

As línguas emergentes são geralmente faladas por pequenos agrupamentos humanos que se mantiveram em situação de grande isolamento. Muitos destas línguas emergentes já desapareceram ou estão em vias de extinção, sem nenhum conhecimento de pesquisadores e infelizmente sem o seu registro. Estas línguas que surgem em situação de emergência infelizmente, em decorrência do não registro, passam a se encontrar em situação de risco, ou seja ameaçada.

De acordo com Alves (2019), a cada quinze dias, uma língua morre. As mais ameaçadas de desaparecimento são as línguas indígenas, cujos povos são os mais vulneráveis. A partir do presente estudo, arrisco-me a dizer que as línguas de sinais de comunidades isoladas e/ou emergentes também entram para esta contagem. Segundo Kuzmin, essa situação pode resultar em uma séria redução da diversidade cultural e intelectual, que sempre foi a base da vida humana em nosso planeta, uma vez que a extinção de línguas minoritárias significa a extinção de conhecimentos vastos e essenciais nelas embutidos, especialmente o conhecimento da natureza, do clima, doenças e perspectivas dos povos que vivem, por exemplo, no extremo

norte do planeta, nas regiões pouco acessíveis das selvas africanas, ou nas áreas de alta montanha, isto é, nos territórios que estão agora no centro das atenções de grandes empresas e políticos. Face ao exposto, é indiscutível que as línguas minoritárias devam ser cuidadas, por mais difícil e dispendiosa que seja essa tarefa, afirma Evgeny Kuzmin em entrevista para Alves (2019).

Com o advento da globalização, a internacionalização da economia, projetos de desenvolvimento, migrações e do ciberespaço são elencados como causas da extinção das línguas. De acordo com Oliveira (2019), estes desenvolvimentos, em geral feitos na velocidade voraz do capitalismo, trouxeram deslocamentos culturais e territoriais inéditos na história sem dar às comunidades linguísticas tempo para uma atualização estratégica de suas visões de mundo, o uso de seus conhecimentos e suas linguagens. Ressalta-se que a perda pode ser de âmbito ou ser uma descontinuidade intergeracional, sendo que no primeiro caso, há diminuição paulatina dos espaços em que uma língua é usada.

Tanto em Várzea Queimada (Pi), quanto em Caiçara (Ce) as comunidades surdas falantes de uma língua de sinais emergente, hoje são envoltos por uma diminuição paulatina das suas línguas de sinais e uma das principais causas é o uso das tecnologias e consequentemente a aprendizagem da Libras por meio de vídeos etc. De acordo com Alves (2019) na Índia, por exemplo, o telugu, embora tenha 86 milhões de falantes - mais que o italiano, por exemplo - está cada vez menos presente nas escolas, dado o avanço das “*englishmedium schools*” no país.

No segundo caso, há diminuição da transmissão, quando os filhos já não falam ou não querem falar a língua da família ou dos pais. Para Oliveira (2019) quase sempre estas perdas estão interrelacionadas, ou ainda são motivadas por outros fatores sejam eles externos ou internos a comunidade onde estes residem. Como fatores internos temos a própria mudança de valores que cada indivíduo ao crescer vai adquirindo e como fatores externos temos o contato destes indivíduos com outras realidades, como, por exemplo, o contato com outros falantes seja na escola ou por meio de recursos digitais.

A UNESCO, em seu Atlas das Línguas em Perigo, considera cinco principais graus para definição da vitalidade das línguas: vulneráveis, definitivamente ameaçadas, severamente ameaçadas, criticamente ameaçadas e extintas. Em uma sexta categoria entrariam as revitalizadas, muito poucas. Em geral uma língua entra num processo de perda quando mudam as condições de vida de uma comunidade e quando uma língua mais poderosa começa a atrair

os falantes, porque espelha melhor ou parece espelhar melhor as novas condições de vida, destaca Oliveira (2019).

Acrescenta-se que quando falamos em preservar uma língua, não estamos falando apenas em conservar amostragens gravadas de uma língua em um instituto de pesquisa, mas de uma mudança no comportamento linguístico de uma comunidade, de quando ela se torna capaz de perceber a sua língua como um ativo político e econômico, e a partir daí interpreta, analisa e começa paulatinamente a modificar o seu lugar no mundo utilizando e aprimorando a sua língua para novos usos (ALVES, 2019). Neste sentido, o presente trabalho motiva-se em ser esse motor para que ambas as comunidades envolvidas possam perceber a riqueza que está em seu falar, nessas línguas de sinais emergentes.

3.1 AS LÍNGUAS DE SINAIS EMERGENTES

Como vimos no tópico anterior, nenhum ser humano pode viver em uma situação em que a comunicação não exista. Deste mesmo modo, quando pensamos nos surdos que vivem em alguma situação de isolamento e distante de dos centros onde há um sistema de comunicação reconhecido ou oficial dentro daquele grupo, identificamos assim nesses espaços uma língua de sinais emergentes.

Um desses exemplos é a língua de sinais falada em Martha's Vineyard (Vinhedo de Marta) que é uma ilha na costa nordeste dos EUA, no estado de Massachusetts. Com uma área de 231,75 km², Martha's Vineyard é a 57^a ilha dos Estados Unidos por área. Atualmente a ilha hoje é predominantemente uma colônia de férias para veraneio.

Na década de 1970, Nora Groce, era estudante de pós-graduação na Brown University, e passou três anos viajando para Martha's Vineyard no intuito de entrevistar os residentes mais antigos da ilha e registrou os seus dados em seu livro, *"Everyone Here Spoke Sign Language"*. Muitos destes registros traremos a seguir. As informações contidas neste tópico advêm tanto do citado livro quanto de uma pesquisa realizada por Almir Cristiano em 2018.

Marthas Vineyard é uma ilha isolada, e seus primeiros colonos vieram do sul da Inglaterra. Dentre eles, havia um surdo chamado Jonathan Lambert (1694), que era carpinteiro e agricultor. Jonathan casou-se com uma ouvinte, e geração após geração, seus filhos nasceram com o mesmo gene para a surdez. Em 1710, a migração tinha praticamente cessado, e a comunidade endogâmica criada continha uma alta incidência de surdez hereditária, que persistiria por mais de 200 anos.

Em 1854, quando a população surda da ilha estava no pico, no continente a média nacional era de uma pessoa surda em cada grupo de 5728 ouvintes. Na ilha, a média era de uma pessoa surda em cada grupo de 155 ouvintes. Na cidade de Chilmark, que tinha a maior concentração de pessoas surdas na ilha, a média foi de um surdo para cada grupo de 25 ouvintes. Em um bairro de Chilmark chamado Squibnocket, havia um surdo para cada grupo de 4 ouvintes, ou seja, 25% da população local era surda.

Por haver tantas pessoas surdas em Vineyard, os moradores desenvolveram uma língua de sinais para viabilizar a comunicação. Por volta do século 18, havia uma língua de sinais distinta na cidade Chilmark, que foi posteriormente influenciada pela língua de sinais francesa, formando a MVSL – Martha's Vineyard Sign Language, a Língua de Sinais de Martha's Vineyard. No final do século 18 e início do século 20, praticamente todos os habitantes da ilha possuíam algum grau de fluência na língua de sinais local.

Figura 22 – Surdos da ilha de Martha's Vineyard demonstrando a MVSL (Martha's Vineyard Sign Language). Créditos: New England Historical Society.



Fonte: mvmuseum.org²⁷.

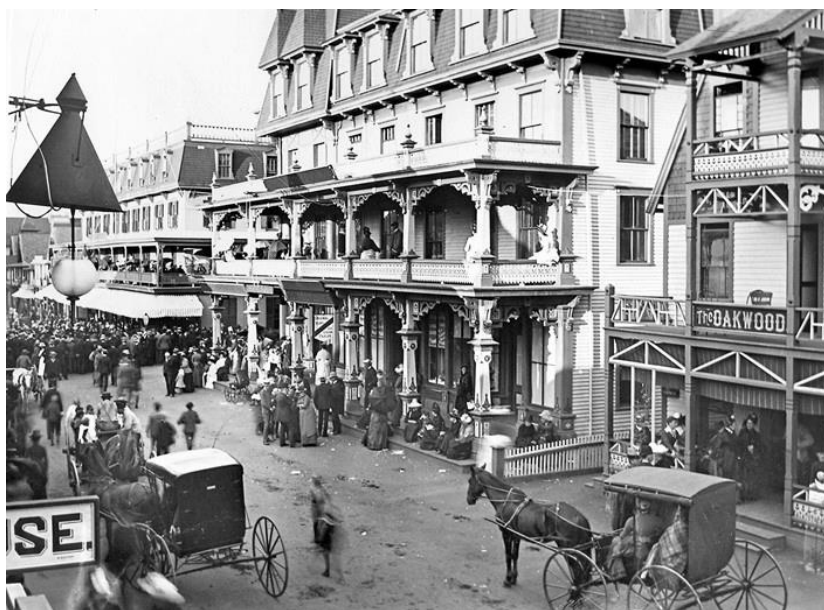
No continente, apesar das relações estabelecidas entre seus habitantes em Martha's, não era um lugar tão bom para os surdos viverem, pois muitas pessoas acreditavam que a surdez era um castigo e enquanto as famílias com surdos desenvolviam seus próprios sinais em casa, a sociedade não conseguia entender estes sinais rudimentares, pois eram diferentes de casa em casa. Com relação à vida social dos surdos, as perspectivas destes em Martha's Vineyard era

²⁷ Imagens disponíveis em <<https://mvmuseum.org/collections/photographs/>>. Acesso em: 08 abr. de 2020.

completamente diferente. Todavia, havia uma igualdade rara entre surdos e ouvintes, e isto é uma coisa notável e maravilhosa, pois os preconceitos sobre as pessoas surdas não existiam, fazendo a comunidade da pequena ilha parecer o lugar perfeito para os surdos.

Cristiano (2018), em seu trabalho, cita algumas curiosidades sobre a ilha e os surdos: havia surdos em todas as famílias; a maioria da população era bilíngue; as pessoas eram vistas sinalizando mesmo quando não havia surdos presentes; os surdos trabalhavam na agricultura, em lojas, em diversos postos de trabalho e também eram eleitos para cargos políticos, tornando-se prefeitos e vereadores, uma coisa inédita no resto do país; os agricultores ouvintes sinalizavam para seus filhos em campos abertos, onde a voz não alcançava; as crianças sinalizavam umas para as outras enquanto a professora estava de costas; e os adultos sinalizavam durante os sermões da igreja, para não fazer barulho.

Figura 23 – Foto antiga de Martha’s Vineyard (sem data).



Fonte: mvmuseum.org²⁸. Créditos: Museu de Martha’s Vineyard.

Na primeira metade do século XX, centenas de habitantes da ilha se mudaram para o continente, incluindo muitos surdos. A maior parte destas mudanças ocorreu por motivos de trabalho ou estudos, o continente nesta época estava se desenvolvendo muito rápido, e as melhorias na infraestrutura tornaram mais fácil viajar de cidade em cidade, e a indústria do turismo, que se estabeleceu no final de 1800, quebrou as barreiras entre a ilha e o continente.

²⁸ Imagens disponíveis em <<https://mvmuseum.org/collections/photographs/>>. Acesso em: 08 abr. de 2020.

As citadas mudanças permitiram novos genes, e também novas ideias. Acrescenta-se que, no continente, o conceito de educação para surdos estava começando a se firmar. Em 1817, a Escola Americana para Surdos (*American School for the Deaf*) - a primeira desse tipo nos EUA - abriu em Hartford, Connecticut, preparando as bases para o desenvolvimento de uma língua de sinais nacional. A escola, nos primeiros anos, era uma babel de gestos: alguns estudantes vieram de comunidades como Martha's Vineyard, que haviam desenvolvido sua própria língua; outros criaram sinais para a comunicação nas famílias; o primeiro professor da escola, Laurent Clerc, usou a língua de sinais francesa padronizada. Eventualmente, essas três linhagens se fundiram no que se tornaria a Língua de Sinais Americana (ASL), substituindo as línguas regionais.

Groce (1970), em seu livro citado anteriormente, registra que a última pessoa conhecida com surdez hereditária da ilha, Katie West, faleceu em 1952, e o número de ouvintes que ainda conhecem um pouco sobre a Língua de Sinais de Martha's Vineyard está diminuindo rapidamente. Infelizmente, não há fotografias, vídeos ou diagramas que o preservem, ou seja, quase tudo o que se sabe sobre o idioma veio de histórias orais de pessoas que viveram durante o auge da população surda da ilha.

Mesmo com os estudos honrosos de Groce em 1970 grande parte da língua gestual já estava perdida: "*Tivemos vestígios dela, alguns gestos*", afirmou a pesquisadora ela, mas "*não poderia ter reconstruído*", ou seja, a MVSL é um idioma extinto.

Figura 24 – Martha's Vineyard em 2018.



Fonte: mvmuseum.org²⁹.

²⁹ Imagens disponíveis em <<https://mvmuseum.org/collections/photographs/>>. Acesso em: 08 abr. de 2020.

Atualmente, Martha's Vineyard nos dias de hoje é um lugar completamente diferente daquele em que surdos e ouvintes conversavam entre si em sinais. Apesar de ter desaparecido, a mais célebre das comunidades surdas é lembrete de uma maravilhosa igualdade entre surdos e ouvintes. Uma outra reflexão inevitável diz respeito ao apagamento que a língua de sinais sofreu pela sociolinguística em se tratando dos estudos realizados nesta ilha, uma vez que nas principais obras que se debruçam sobre esse assunto não há um detalhamento mais aprofundado sobre o assunto ou sequer citam a língua de sinais outrora ali utilizada.

Acima, de forma breve, conhecemos um pouco de uma língua emergente conhecida mundialmente pela sua originalidade. Uma língua primitiva que foi por séculos falada por uma comunidade e que infelizmente não apresenta um registro. E a partir desta experiência vemos de forma clara, quão necessário e urgente se faz, mapear, conhecer e registrar as línguas de sinais emergente que ainda existem no intuito de trazê-las a luz imortalizadas como patrimônio imaterial da humanidade.

As línguas de sinais emergentes vêm de sistemas linguísticos baseados no canal visual-gestual implementado pelo surdo seja ele criança ou adulto exclusivamente integrado no ambiente auditivo, ou seja, aqueles que não têm contato algum com uma comunidade de surdo.

No Brasil, os primeiros registros de uma língua de sinais emergente, se assim a partir dos nossos estudos podemos dizer, foi a língua de sinais ka'apor, noticiada pela primeira vez em 1966, em um workshop do *Summer Institute of Linguistics*, por Jim Kakumasu missionário e linguista que viveu entre os Ka'apor (GODOY, 2020). Sua apresentação foi posteriormente transformada em um artigo conhecido mundialmente *Urubu-Kaapor Sign Language Kakumasu*, em 1968, abordando questões relacionadas ao léxico e a sua sintaxe, dentre outras. Godoy (2020) afirma que, durante vários anos, Kakumasu continuou sua pesquisa com a língua falada, bem como fazendo proselitismo entre os Ka'apor, todavia não apresentou novas informações sobre os surdos, tampouco novos dados sobre os sinais.

Em 1982, a linguista Lucinda Ferreira passou pelos Ka'apor para estudar a língua de sinais. Kakumasu (1968) havia chamado os sinais ka'apor de “*Urubu Kaapor Sign Language*”. Ferreira (1984) inicialmente adotou o nome, mas, em seguida, designou-a de “Língua dos Sinais Kaapor Brasileira” (FERREIRA, 2010, p. 258).

Godoy (2020) em sua tese justifica que, como os Ka'apor vivem no Brasil, sua língua deve ser também considerada brasileira, como a língua de sinais usada nos demais estados do país (GODOY, 2020).

Trago adiante alguns excertos advindos da recente tese de Doutorado de Godoy publicada em março de 2020, onde ele de forma bem detalhada nos apresenta com informações significativas sobre os Ka'apor. O autor pondera que além dos trabalhos de Kakumasu (1968) e Ferreira (1982), que tratam explicitamente da língua de sinais ka'apor, há informações sobre os surdos nos trabalhos de Francis Huxley e Darcy Ribeiro. Huxley (1957, p.39) fala sobre um ka'apor chamado "Engai", nome no qual rapidamente pode-se reconhecer a palavra jeʔɛŋai 'mudo'. Sabe-se, pelos diários publicados pouco antes da sua morte que Darcy Ribeiro³⁰ conheceu surdos entre os Ka'apor, como a velha Nambu, o adulto Japiái e o pequeno Tamarã (RIBEIRO, 1996). Nunca escreveu nada específico sobre os surdos, além das notas em seus diários.

Importante registrar que entre 1958 e 1959, Vladimir Kozák gravou um ritual ka'apor (cauinada), realizada na aldeia do finado Capitão Apĩ. Além do ritual, Kozák registrou várias imagens, em fotos preto-e-brancas, diapositivos coloridos e vídeo, sendo que o personagem central do filme foi o surdo Japiái, de quem tratarei adiante. Vários surdos com quem Ribeiro e Huxley interagiram já eram adultos. A mais velha entre as citadas é Nambu, que Ribeiro (1996, p. 189) calculou ter uns 60 anos em 1950. Portanto, nascida por volta de 1890. Tendo em vista a idade destes surdos no final dos anos 1940 e 1950, pode-se inferir que a língua de sinais já existia desde o início do século XX ou mesmo antes (GODOY, 2020).

As evidências acima apresentadas por Godoy (2020) são contrárias à suposição de Balée (1979), pela qual a população surda poderia ter sido resultado do efeito danoso do Agente Laranja usado pela empresa Swift durante as ações de desmatamento. Posteriormente, Balée (1998) apontou outra causa da surdez: [...] os Ka'apor são linguisticamente peculiares na Amazônia por terem uma linguagem padrão de sinais, usada para a comunicação com os surdos que, até a metade dos anos 80, compunham cerca de 2% da totalidade de sua população. A incidência de surdez deveu-se evidentemente à boubá neonatal³¹ e endêmica, que foi erradicada.

Quando Kakumasu em 1968 contava sete surdos (1,4%) numa população de aproximadamente 500 pessoas, em 1983, Ferreira (1984) calculou uma queda demográfica: o

³⁰ Enquanto antropólogo do Serviço de Proteção aos Índios, Ribeiro esteve entre os Ka'apor em duas viagens, do final de 1949 até abril de 1950 e em 1951. Ribeiro (1954 [1974]: 32) tinha a intenção de fazer uma terceira viagem, mas nunca mais voltou aos Ka'apor. Huxley acompanhou a segunda expedição de Ribeiro.

³¹ A boubá, também conhecida como frambesia ou piã, é uma doença infecciosa que atinge a pele, ossos e cartilagens. Esta doença é mais comum em países tropicais como o Brasil, por exemplo, e atinge especialmente as crianças com menos de 15 anos, principalmente nas idades entre 6 e 10 anos. A causa da boubá é uma infecção causada pela bactéria *Treponema pertenue*, uma subespécie da bactéria que causa sífilis. Porém, a boubá não é uma doença sexualmente transmissível, nem causa a longo prazo problemas cardiovasculares como a sífilis. Disponível em <https://www.tuasaude.com/bouba/>, acesso em 01/05/2021

povo ka'apor contaria com menos de 500 pessoas e destas, cinco eram surdas (mais de 1% da população).

Godoy (2020, p.67) acrescenta

[...] que atualmente, a língua de sinais é utilizada por um número de 13 a 15 surdos, distribuídos em cinco aldeias: Xie (há dois surdos, Irasui e Maku, numa população total de 114 pessoas), Axingi (há cinco surdos: Jarara Pirã, Kaka Putyr, Panhuwa Putyr, Didi e Parawa'yhu), Ama'y ty renda, Bacurizeiro (há a surda Serĩ, já idosa e viúva) e Ximborenda (moram Kaĩ, Kapikuru, Itã e outros). A população das aldeias onde moram surdos soma mais de 1.000 pessoas, sendo, aproximadamente, metade da população da TI Alto Turiaçu, estimada entre 2.000 e 2.300 pessoas. Do total de habitantes, é difícil contabilizar exatamente os ouvintes sinalizantes, fazer o levantamento de quais ouvintes sabem os sinais e qual sua proficiência.

Nesta perspectiva entendemos que a língua ka'apor de sinais é utilizada com os surdos, nas aldeias em que há surdos e nas que os surdos visitam. Todavia percebemos a partir de nossas leituras sobre os Ka'apor que os ouvintes são peça fundamental da base social da língua, pois constituem a maioria dos usuários desta língua, uma vez que os surdos são sinalizantes por condição física, os ouvintes o são pela condição social que os liga aos seus patrícios surdos e não obstante acrescenta-se que os surdos não têm nenhum acesso à língua falada.

Em suma pode-se dizer para a língua de sinais ka'apor o mesmo que foi dito para a língua de sinais de Ban Khor, uma vila do nordeste da Tailândia por Nonaka (2012, p. 305):

Embora as pessoas surdas sejam cruciais para o surgimento do BKSL [linguagem de sinais Ban Khor], tanto os moradores surdos quanto os ouvintes têm sido vitais para sua manutenção. Ao contrário de [...] comunidades de fala [...] onde pessoas surdas devem fazer acomodações linguísticas (por exemplo, aprender a falar ou escrever a língua dominante ou usar um intérprete), em Ban Khor, uma acomodação lingüística significativa é feita ouvindo pessoas que adquirem no local a linguagem de sinais. Essa dinâmica sociolinguística incomum - uma característica marcante das ecologias linguísticas das comunidades onde as línguas gestuais das aldeias se desenvolvem - é crucial para a disseminação e manutenção das línguas gestuais das aldeias. [...] A alegação aqui não é que todos os moradores são fluentes em BKSL, mas que uma parcela significativa da população da vila foi exposta e desenvolveu algum grau de competência na língua de sinais local.

Em Martha's Vyneard, nas aldeias onde existe a comunicação em Ka'apor e ainda a língua de sinais de Ban Khor, percebemos uma semelhança nestas línguas de sinais que surgem em ambientes não institucionalizados e ainda distantes de qualquer possibilidade de estruturação ou tentativa de interferência, são línguas de sinais compartilhadas já estudadas por Nyst (2012) e Nonaka (2014).

Partindo desse pressuposto, compreendemos que a maioria dos surdos que vivem no Brasil seja nas capitais ou nos municípios do interior, na sua maioria está isolada dentro suas famílias ouvintes ou em micro-comunidades, comunicam-se por línguas de sinais criadas por eles mesmos em interação com seu círculo familiar ou com os partícipes da comunidade. A essa língua de sinais chamamos de Língua de Sinais emergentes.

Fusellier-Souza (2004), em sua pesquisa sobre língua de sinais emergentes, compartilha e reafirma em seu estudo a ideia da existência de certos pontos características funcionais entre gestos humanos e linguagem gestual emergente. Ou seja, para a autora existem ligações entre os processos cognitivos, o processamento visual de informações e a forma gestual de dois universos de representação: o verbal e o de imagens.

Essas línguas de sinais emergentes são estruturadas a partir de intenção semiótica de comunicação e baseia-se na modalidade visuo-gestual. Neste contexto, as pessoas surdas e ouvintes são protagonistas na co-construção de dizer a partir do corpo, ou seja, assim como na maioria das línguas, as representações linguísticas surgem a partir das próprias experiências sejam elas corporais, visuais e culturais.

Nesta perspectiva, essa língua visuo-gestual, criativa e emergente, permite aos seus falantes que eles se encaixem o ambiente em que vivem e ouvem as pessoas se adaptarem ao seu modo de falar sua linguagem de sinais. Esse processo comunicativo natural, usado toda vez que uma criança surda nasce independentemente do local em que ela resida, merece para ser estudado com mais profundidade, a fim de ser levado em consideração e que venha a ser estudado em seus níveis linguísticos, antropológicos e sociolinguísticos, assim como a Libras vem sendo estudada desde a sua oficialização em 2002.

No ano de 2001, Cuxac em suas pesquisas trouxe os princípios criativos da construção da fala seja ela sinalizada ou oral, baseado no canal visual-gestual e iconicidade. Acrescentou ainda que estes princípios criativos devem ser estudados no intuito de preservar e registrar tais línguas, bem como seguir guiando qualquer iniciativa educacional sobre a educação de surdos, especialmente quando se trata de criar estratégias que favoreçam o ensino e a aprendizagem de línguas de sinais e o português como segunda língua para surdos.

De Vos e Pfau (2015), em seu artigo *Rural Sign Language*, afirma que em vários países, as línguas de sinais são espontaneamente emergidas em comunidades com alta incidência de surdez, geralmente hereditária. Eles acrescentam que enquanto a incidência de surdez congênita nos países em desenvolvimento é de aproximadamente 0,1%, a incidência nas áreas rurais dos países em desenvolvimento é geralmente estimada em três a cinco vezes

superior (UNICEF 1985, MORTON 1991). A proporção de membros surdos da comunidade em áreas rurais comunidades de sinalizantes podem subir para 3,3%, embora esses números possam subir com o tempo (KUSTERS 2010).

Atualmente, há pelo menos uma dúzia de casos relatados dessas linguagens de sinais rurais conforme figura 25, retirada do artigo supracitado de Vos & Pfau (2015). Além de surdos, cada uma dessas comunidades abriga um grande número de ouvintes que adquiriram a língua de sinais através da interação com os surdos membros da comunidade. Um fato interessante é que, embora muitas vezes essas aldeias não tenham instalações educacionais para surdos, há uma atitude positiva geral em relação à surdez e ao uso da linguagem de sinais, bem como o status socioeconômico dos membros da comunidade, sejam eles surdos ou ouvintes, mostra um alto grau de integração e igualdade nessas comunidades que possuem uma língua própria compartilhada (KISCH, 2008; KUSTERS, 2010).

Ainda segundo De Vos & Pfau (2015) quase sem exceção, os surdos adquirem as línguas de sinais rurais nativamente em um ambiente comparativamente rico de *inputs*, onde não apenas seus pais e irmãos, mas também com outros parentes, vizinhos e moradores que aprenderam a se comunicar visualmente usando sinais (DE VOS, 2012b). Ironicamente, vale ressaltar que os surdos são uma pequena minoria nesse contexto de comunidade que possui uma língua de sinais própria.

Figura 25 — Visão geral das Línguas de Sinais Rurais (SLs).

SL	Location	Population	Time depth	Selected references
Adamorobe SL	Ghana	35–45 deaf signers	200 years	David et al. 1971; Nyst 2007a,b, 2008
Al-Sayyid Bedouin SL	Israel	130 deaf and approximately 700 hearing signers	Four generations	Aronoff et al. 2005, 2008; Kisch 2008, 2012; Sandler et al. 2005, 2011
Algerian Jewish SL	Originally Algeria, now France and Israel	Unknown	At least five generations	Lanesman & Meir 2012
Alipur SL	India	150 deaf signers	At least six generations	Panda 2012, Zeshan et al. 2013
Ban Khor SL	Thailand	24 deaf and approximately 400 hearing signers	First two deaf signers in the 1930s	Woodward 2003; Nomaka 2004, 2009, 2011, 2012
Chocan SL (Yucatec Mayan SL)	Mexico	17 deaf and 332 hearing signers	Three generations of deaf signers	Shuman 1980, Johnson 1991, Fox Tree 2009, Escobedo Delgado 2012, Le Guen 2012, Zeshan et al. 2013
Kam Kolek	Bali, Indonesia	46 deaf and more than 1,200 hearing signers	Five generations of deaf native signers	Branson et al. 1996, 1999; Marsaja 2008; Perniss & Zeshan 2008; de Vos 2011, 2012a,b
Kouchni Sain	Jamaica	Only a few deaf, elderly monolingual signers	Unknown (moribund)	Dolman 1986, Adone et al. 2012
Inuit SL	Nunavut, Canada	47 deaf signers (spread over various villages)	Unknown	MacDougall 2001, Schuit et al. 2011, Schuit 2012, 2013
Mardin SL	Turkey	40 deaf signers and their extended family	Four generations of deafness	Dukyva 2012, Zeshan et al. 2013
Martha's Vineyard SL	Northwestern United States	Extinct (approximately 20 in 1800)	Approximately 250 years (1700–1945)	Groce 1985
Providence Island SL	Colombia	19 deaf signers	At least three generations	Washbaugh et al. 1978; Washbaugh 1979, 1980, 1986; Woodward 1978, 1982
Urubu-Kaapor SL	Brazil	7 deaf signers	Unknown	Kakumaru 1968, Brito 1983

Fonte: De Vos & Pfau. (2015, p. 268)

Com um enfoque mais recente, e ainda segundo Almeida-Silva e Nevins (2020) na literatura, não há consistência no uso do termo que designa as LSEs que podem aparecer sob o rótulo de línguas de sinais de vila, rurais, compartilhadas ou emergentes. Na tabela abaixo, os

citados autores compilaram todas as LSEs com publicações conhecidas na literatura. Esta tabela agrega dados que já estavam disponíveis em outras tabelas idealizadas por De Vos & Pfau (2015, p. 268), Silva & Quadros (2019, p. 22.118-22.121) e Le Guen (2019), Almeida-Silva & Nevins (2020) atualizando-a posteriormente no Quadro 03 com novos dados obtidos durante a elaboração desta tese.

Quadro 03 – Listagem das Línguas de Sinais Emergentes no mundo.

LÍNGUA DE SINAIS EMERGENTE	LOCALIDADE	REFERÊNCIAS	
LS Adamorobe	Gana	David et al. 1971; Nyst 2007a,b, 2008	De Vos & Pfau (2015)
LS Al-Sayid Beduína	Israel	Aronoff et al. 2005, 2008; Kisch 2008, 2012; Sandler et al. 2005, 2011	
LS de Judeus Algerianos	Originalmente Algeria, agora França e Israel	Lanesman & Meir 2012	
LS Alipur	India	Panda 2012, Zeshan et al. 2013	
LS Ban Khor	Tailândia	Woodward 2003; Nonaka 2004, 2009, 2011, 2012	
LS Maia Yucatec	México	Shuman 1980, Johnson 1991, Fox Tree 2009, Escobedo Delgado 2012, Le Guen 2012, Zeshan et al. 2013	
LS Kata Kolok	Bali, Indonésia	Branson et al. 1996, 1999; Marsaja 2008; Perniss & Zeshan 2008; de Vos 2011, 2012a, b	
LS Koinchri Sain	Jamaica	Dolman 1986, Adone et al. 2012	
LS Inuit	Nunavut, Canadá	MacDougall 2001; Schuit et al. 2011; Schuit 2012, 2013	
Ls Mardin	Turquia	Dikyuva 2012, Zeshan et al. 2013	
LS de Martha's Vineyard	Nordeste dos Estados Unidos	Groce 1985	
LS das Ilhas de Providência	Colômbia	Washabaugh et al. 1978; Washabaugh 1979, 1980, 1986;	

		Woodward 1978, 1982		
LS K'aapor	Brasil	Kakumasu 1968, Brito 1983; Godoy (2020)		
LS de Sateré-Waré	Parintins – Manaus – Brasil	Azevedo (2015)	Silva & Quadros (2019)	
LS Kaingang	Xanxerê – Santa Catarina – Brasil	Giroletti (2008)		
LS Terena	Mato Grosso do Sul – Brasil	Vilhalva (2012); Sumaio (2014)		
LS Guarani Kaiowá	Mato Grosso do Sul – Brasil	Coelho (2011); Vilhalva (2012); Lima (2013)		
LS Pataxó	Aldeia Coroa Vermelha – Bahia – Brasil	Damasceno (2017)		
Cena	Várzea Queimada – Piauí – Brasil	Pereira (2013)		
Acenos	Cruzeiro do Sul – Acre – Brasil	Cerqueira & Teixeira (2016)		
LS da Fortalezinha	Pará – Brasil	Charlize, Formigosa & Cruz (2016)		
LS da Ilha de Marajó	Ilha de Marajó (Ilha de Soure) – Pará – Brasil	Martinod (2013); Formigosa (2015); Fusilier (2016)		
LS de Porto de Galinhas	Porto de Galinhas (PE)	Charlize, Formigosa & Cruz (2016)		
LS de Caiçara	Sítio Caiçara – Várzea Alegre – Ceará – Brasil	Temoteo (2008)		
LS de San Juan Quiahije Chatino	México	Hou (2018)		Le Guen (2019)
Sinais de Zinacatan	Chiapas – México	Haviland 2011, 2013a, 2013b, 2015, 2016		
Sinais de Nebaj	Guatemala	Le guen (2019)		
LS K'iche de Naulá	Guatemala	Fox Tree (2009)		
LS das Ilhas da Baía	French Harbour /Jonesville – Honduras	Le Guen (2019)		
LS Brunca	Costa Rica	Woodward (1991)	Almeida-	
LS Bribri	Costa Rica	Woodward (1991)		
LS Central Taurus	Cadeias montanhosas no centro-sul da	Ergin (2017); Ergin <i>et al.</i> (2018)		

	Turquia		Silva & Nevins (2020)
Sinais Maxakalí	Minas Gerais	Stoianov & Nevins (2017)	
LS de São Tomé e Príncipe	São Tome e Príncipe	Mineiro & Carmo (2016)	
LS do único surdo da Ilha Rennel (compartilhada com os falantes ouvintes)	Ilha de Rennel – Ilhas Salomão – Polinésia	Kuschel (1973)	
Sinais dos surdos das ilhas Amami	Ilhas Amami – Japão	Osugi, Supalla & Webb (1999)	

Fonte: Almeida-Silva & Nevins (2020)

No Quadro acima identificamos várias línguas de sinais emergentes em diversas partes do mundo. Para Almeida-Silva e Nevins (2020), as LSEs atestadas na literatura mostram que o fenômeno da emergência linguística no caso de comunidades surdas isoladas é relativamente ubíqua no Brasil e no mundo. No entanto, devemos ser cautelosos ao classificarmos um sistema de comunicação manual como uma LSE. As comunidades acima elencadas estão isoladas por várias gerações por questões naturais que decorrem da localização ou modo de vida desta população, o que não pode ser confundido com os casos de negligência linguística. Após a publicação do quadro 04 por Almeida e Nevins (2020), identificamos outras Línguas de Sinais de comunidades:

Quadro 04 – Complementação das LSE no mundo

LÍNGUA DE SINAIS EMERGENTE	LOCALIDADE	REFERÊNCIAS	
LS Terena	Aldeia da Cachoeirinha – Miranda – MS	Soares (2018)	Silva
LS Akwê - Xerente.	Tocantins – Brasil	Barretos (2016)	
LS Compartilhadas na Fronteira	Santana do Livramento (Brasil) e Rivera (Uruguai)	Figueira (2016)	
LS Emergentes de São Gabriel da Cachoeira	São Gabriel da Cachoeira – AM – Brasil / Venezuela	Santos (2019)	
Língua de Sinais Macuxi	Uiramutã-RR	Oliveira (no prelo)	

Língua de Sinais Paiteer Suruí	Aldeia Gapgir, (Terra Indígena Sete de Setembro) Cacoal - Rondônia.	Eler (2020)	
Língua Sinais Canauim	Comunidade indígena Canauim (Município de Cantá _Roraima)	Moura e Santos (2020)	

Fonte: Elaboração própria.

As comunidades acima elencadas estão isoladas por várias gerações por questões naturais que decorrem da localização ou modo de vida desta população, o que não pode ser confundido com os casos de negligência linguística.

Em contextos de LSEs, a maioria destes códigos surge da interação espontânea dos surdos com os gestos utilizados pelos seus familiares ouvintes, ou seja, provavelmente estas LSEs surgem como sinais caseiros, por isso, em todas essas comunidades com LSEs, a língua de sinais é utilizada não só pelos surdos, mas é também compartilhada com os ouvintes.

Deste modo, alguém poderia se perguntar se na verdade estas LSEs não seriam uma criação dos ouvintes, já que eles são os principais interlocutores dos surdos que compõem as primeiras gerações destas línguas. Godoy (2020) em sua tese já afirmava que entre os Ka'apor, não há uma interação privilegiada entre surdos, em detrimento dos ouvintes, isto se deve, em boa parte, pelo pequeno número absoluto de surdos. Não existiria uma “comunidade surda” ou um “povo surdo” inserido na sociedade ka'apor. Inclusive, conforme cita Godoy, os ouvintes é que servem de modelo de aquisição dos sinais pelos surdos. Somado a isto, alguns dos sinais existem na fala dos ouvintes como gestos (ou vice-versa).

Concorda-se em parte de que os ouvintes podem sim contribuir com a formação das LSEs e, por isso, essas línguas não se desenvolveriam a partir de um input zero, já que os interlocutores ouvintes forneceriam algum tipo de substrato gestual para que se iniciasse uma comunicação caseira. Somado a esses fatos, de acordo com Almeida-Silva e Nevins (2020) na ausência de surdos, nenhuma LSE surgiria, já que os surdos são os únicos responsáveis pela emergência e beneficiados pela manutenção da língua ao longo das gerações. Portanto, a interação com ouvintes, apesar de contribuir para a emergência de uma LSE, nunca poderá ser responsável pela sua organização e fixação.

3.2 LÍNGUA DE SINAIS EMERGENTES: PONTO DE PARTIDA PARA TODAS AS LÍNGUAS DE SINAIS

Cuxac (2001; 2005) propõe que o estudo de língua de sinais emergente seja analisado a partir da extraordinária capacidade humana de linguagem. Certamente as línguas de sinais atualmente utilizadas por surdos em diferentes países do mundo tiveram, como ponto de partida, situações pragmáticas análogas àquelas observadas em surdos que utilizam línguas de sinais emergentes.

Uma criança surda desde o nascimento, criada em um ambiente exclusivamente sonoro, na grande maioria das vezes costuma não se beneficiar de modelos de língua utilizados pelos adultos. Da mesma forma, para os pais ouvintes de uma criança surda é quase impossível pôr em prática as estratégias de motivação contínua e adaptação que normalmente é realizada de acordo com o desenvolvimento da linguagem de seu filho (VYGOTSKY, 1962).

As diversas solicitações e interações que não costumam passar pelo modo verbal, colocam a criança surda em uma situação de dupla restrição, ou seja, que ela tenha que dizer algo e não seja capaz de dizê-lo, bem como numa situação que demanda desejos, fantasias, afetos sempre irão existir sofrimentos por ter que ser expressar e nem sempre saber se está sendo compreendido. Esse motor de dizer ao outro, a comunicação, é tão poderosa, tão profundamente enraizada no ser humano, que fazem com que as crianças surdas inventem o processo inverso de se tornar os criadores de um novo falar para o adulto.

Susan Goldin-Meadow (1991), como pioneira, mostrou que antes da criança entrar na escola, estas já estão tentando se comunicar com as pessoas ao seu redor por meio de gestos chamados “*homesigns*” ou sinais caseiros (Ver quadro 02), dos quais eles mesmos são os criadores sua conduta auditiva. Essas criações gestuais, evidências da capacidade humana de categorizar, permitem a hipótese de estabilizações conceituais pré-linguísticas baseadas no universo perceptivo-prático.

As fortes semelhanças nas formas gestuais utilizadas mostram que um processo de iconização da experiência foi implementado e que esse processo se baseia na descrição dos contornos da forma e/ou a linguagem corporal icônica de formas salientes de referentes categorizados (CUXAC, 2001). Estes gestos usados para fins semióticos são um pouco como boias e suportes lançados em direção do adulto (o outro, ou seja, o receptor da mensagem).

Cuxac (2000) em seus estudos também propõe a teoria da iconicidade, citado por Vilhalva (2009), o processo de organização inicial do dizer, em qualquer língua de sinais,

emerge por um mesmo processo cognitivo a partir de três princípios: a construção do dizer a partir do processo criativo de performance gestual, ou seja, a iconização da experiência perceptivo-prática; as rotinas de transferência, passagem da ilustração específica para categorização genérica - Sinais estabelecidos num grupo reduzido; e Categorias e generalizações dos sinais gestuais nascendo dali uma língua de sinais, com todas as propriedades de uma língua (CUXAC, 2000).

Figura 26 – Princípios gerais da iconicidade



Fonte: elaboração própria

A partir das observações teóricas utilizadas pela autora, baseadas em Cuxac (2000) e sua teoria sobre a iconicidade, infere-se que antes do agrupamento comunitário o indivíduo surdo não dispõe de um sistema gestual linguisticamente organizado. Desse modo, compreendemos essas formas de comunicação destes surdos isolados como “sinais emergentes” e conseqüentemente em suas casas no seio familiar, estes criam uma forma de comunicação interior, ou seja, tal comunicação emerge de forma caseira e posteriormente a depender das redes sociais destes indivíduos, esta se expande e passa a ser de uso comunitário.

Assim, ao receber estas mensagens repassadas por estes sinais caseiros (*homesigns*), o adulto as agarra e as reutiliza, as recupera por conta própria, então o processo continua e se torna compartilhado. Por outro lado, quando as famílias ouvintes não respondem às solicitações de linguagem gestual da criança surda, esta pode interromper o processo criativo. No entanto, mesmo que esta criança cresça fora do sistema educacional, e ainda se a família reutiliza os sinais utilizados pela criança, uma língua de sinais emergente se instala e se torna estrutura na vida adulta integrada às pessoas ouvintes (YAU, 1992; FUSELLIER-SOUZA, 2004).

Fusellier-Souza (2004), pioneira no estudo de Língua de Sinais emergentes no Brasil, propôs um estudo linguístico detalhado de três línguas de sinais emergentes praticados por adultos surdos brasileiros que nunca viveram em uma comunidade surda, nunca foram à escola

e sempre se integraram socialmente com a sua forma específica de comunicação. Tal estudo – feito como parte de sua tese de doutorado intitulada *Semiogênese das linguagens de sinais* – estuda as principais línguas de sinais praticadas por surdos brasileiros, revelando a relevância epistemológica de uma abordagem tão icônica, contribuindo realçando assim usos, funções e estruturas autenticamente linguísticas das línguas de sinais que atualmente vão emergindo do escuro.

Após conceituarmos o que seriam as línguas de sinais emergentes, conheceremos no tópico a seguir um pouco dos avanços percorridos para registro destas como patrimônio linguístico e imaterial da humanidade

3.3. QUESTÕES LINGUÍSTICAS NAS LÍNGUAS DE SINAIS EMERGENTES BRASILEIRAS

Neste tópico, trataremos de forma breve algumas questões que nos chamou atenção durante nossa pesquisa referente às línguas de sinais emergentes. É notório que os surdos se utilizam de meios visuais para compreender o mundo ouvinte e constituir suas próprias representações, uma vez que o acesso à informação por meio da experiência visual se relaciona com as negociações para o estabelecimento de trocas linguísticas entre Línguas Orais e Línguas de Sinais.

3.3.1 Empréstimos linguísticos e as línguas de sinais emergentes

Sabemos que o contato com os ouvintes é uma vivência cotidiana na vida dos surdos (KYLE; ALLSOP, 1982 apud ROSA; GOES; KARNOPP, 2004). Ferreira-Brito (1995) ressalta que os usuários da Libras lançam mão de diversos tipos de empréstimo linguístico: lexical, inicialização, itens lexicais de outras Línguas de Sinais, domínios semânticos e até empréstimos de ordem fonética, e não obstante estes usos certamente ocorrem nas línguas de sinais emergentes.

Quadros e Karnopp (2004) igualmente assinalam que, de forma geral, todas as Línguas de Sinais e Línguas Orais, em algum momento, incorporam palavras estrangeiras em seu léxico. Desse modo, o alfabeto manual da Libras é o instrumento utilizado para os empréstimos lexicais. Por meio da soletração digital, representamos palavras ou termos para os quais não há um sinal equivalente no uso dessa língua.

Segundo Damasceno (2017), na Libras, dentre os inúmeros empréstimos de termos e palavras do Português, temos, como exemplo, os sinais soletrados: B-E-M (como advérbio); B-I (referente a ‘bilhão’); B-O (Boletim de Ocorrência); R-U (Restaurante Universitário). Os sinais referidos, com exceção de B-E-M, estão registrados em Capovilla & Raphael (2001). Ressalta-se que essa forma de empréstimo linguístico é largamente produtiva na Libras.

No tópico 2.5, na figura 20 apresentamos o alfabeto manual da aldeia Pataxó, registrado por Damasceno (2013) quando Jersonita Pataxó, em uma roda de conversa, também sinalizou um modo peculiar de expressar cada letra do alfabeto na Língua Portuguesa. A índia surda, ao utilizar os sinais, explorou o aspecto da iconicidade nas configurações de mão e nos movimentos que representaram a maior parte dessas letras, sinalizando um alfabeto manual da Língua de Sinais Pataxó.

Esse recurso de escrita no chão, para exemplificar uma situação, também foi descrito por Carliez, Formigosa e Cruz (2016) quando discutiram sobre a língua de sinais emergente utilizada em Soure (Ilha do Maraó) e Fortalezinha (PA), quando perceberam também que os surdos pesquisados usam este recurso para explicar, por exemplo, a localização exata de sua casa na comunidade. Tomando o solo como ardósia, um deles fez o plano da terra onde encontrou sua casa conforme figura abaixo:

Figura 27 – Uso do chão como recurso na língua de sinais emergente de Soure



Fonte: Carliez, Formigosa e Cruz (2016, p. 138)

Entendemos que este recurso em algum momento assume uma função na interação entre os usuários da língua de sinais. Reforça-se que em nossos dados o uso deste recurso ocorreu de forma ocasional para soletrar nomes próprios de pessoas ou lugares, siglas, e algum vocábulo que durante a interação não foi possível estabelecer um sinal.

3.3.2 Sistema de Contagem numérica em Língua de sinais emergentes

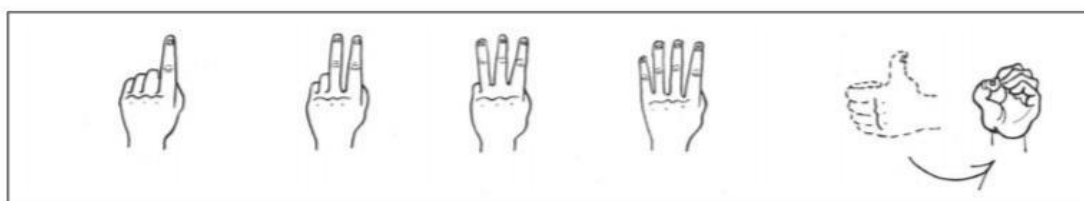
Com relação ao sistema de contagem, na Língua de Sinais Pataxó, ao contar de 1 a 5, os sinais numéricos são realizados com a forma exposta na figura a seguir proposto por Damasceno (2017) e que podemos comparar aos numerais para quantidades em Libras propostos por Felipe e Monteiro (2007).

Figura 28 – Numerais da Língua de sinais Pataxó.



Fonte: Damasceno (2017, p. 134).

Figura 29 – Numerais para quantidades em Libras (pessoas, coisas, animais).



Fonte: Felipe, Monteiro, 2007, p.59.

Figura 30 – Número 07 (Língua de Sinais Emergente de Porto de Galinhas)



Fonte: Carliez, Formigosa e Cruz (2013).

Um ponto interessante é que quando a contagem, ou o quantitativo é maior que cinco conforme figura 30, na Língua de Sinais de Porto de Galinhas – PE, verifica-se que a palma das mãos fica em sentido oposto.

3.3.3 Produção de sinais referente ao tempo e clima em Língua de sinais emergentes

Na Língua de Sinais Pataxó, Damasceno (2017), registra que uma das índias surdas participantes da sua pesquisa marca a passagem dos meses, basicamente, distinguindo as

estações de verão e de inverno, apresentando sinais para CALOR e FRIO. Ferreira-Brito (1995) discorreu acerca dos sinais para tempo em Libras e em Língua de Sinais Kaapor Brasileira (LSKB), a partir de uma análise léxico-semântica, observando que, na LSKB, diferentemente da Libras, o ano não é organizado em meses. Distintamente, as estações do ano assim como seus fenômenos característicos (seca, verão, chuvas etc) influenciam a formação dos itens lexicais que representam a passagem do ciclo anual. Deste modo, ANO, em LSKB, é um sinal composto, organizado a partir dos sinais SOL-VERÃO.

Ferreira-Brito (1995) citada por Damasceno (2017) ressalta que a estação Verão é a mais importante para a comunidade, dentre outros fatores, pelo fato de a mandioca, alimento básico dos Urubus-Kaapor, ser cultivada nesse período, o que impacta significativamente na vida dos moradores.

Em Língua de Sinais Pataxó para explicar sobre o mês de janeiro, Damasceno (2017) assevera que se deve utilizar o sinal VERÃO, e se necessário realiza a contagem dos dedos e produz o sinal VERÃO no sentido de identificar quantos meses faltam para essa estação. Os sinais FRIO/INVERNO e CALOR/VERÃO, ilustrados na figura 31, consistem em referentes de alguns períodos do ano que, em nossa cultura, é dividido em doze meses:

Figura 31 – Sinais de VERÃO e INVERNO na LS de Pataxó.



Fonte: Damasceno (2017, p. 122)

No que diz respeito aos dias da semana, na Libras, há um sinal para cada um dos sete dias. Já na LS Pataxó, Damasceno (2017) registrou os sinais de DOMINGO e SEGUNDA. Para os demais dias são mencionados, tomando-se como referência DOMINGO e SEGUNDA. Realiza-se o sinal DOMINGO ou SEGUNDA, a depender da situação, acompanhado de uma contagem com os dedos das mãos a fim de representar o dia da semana que se aproxima. Essa contagem é feita num movimento vertical, com direção de baixo para cima, partindo sempre do

dedo mínimo. A filha mais velha fornece um exemplo, dizendo “falta hoje para amanhã ser domingo”, sendo que essa estratégia sinaliza a ideia de futuro próximo (DAMASCENO, 2017, p. 12). Lebedeff e Souto (2013) relatam o caso de uma Língua de Sinais Caseira, compartilhada por dois irmãos surdos do município de Jacaré dos Homens, que apresenta um sinal para cada dia da semana.

Figura 32 – Sinais de Domingo e segunda-feira na LS de Pataxó.



Fonte: Damasceno (2017, p. 123-124)

Outro ponto importante e também notado aqui diz respeito aos verbos. Geralmente eles apresentam a incorporação do instrumento, de maneira que, para indicar a ação de trabalhar, no geral, faz-se uma sinalização de “retirar o suor da testa”, assim como percebido também na LS Pataxó essa mesma forma de realização do sinal.

Anteriormente, havíamos falado sobre as questões culturais que envolvem essas línguas, partindo sempre a criação dos sinais das diversas experiências que estes indivíduos vivenciam. Um desses casos tão fascinantes que escolhi dentre tantos para, de forma embrionária, apresentar aqui refere-se aos sinais que possuem a mesma forma de sinalização, mas que em cada comunidade emergente passam a ter significados completamente diferentes, motivados sempre pela questão cultural neles imbuídas.

Um primeiro sinal que emerge em meio às experiências visuais dos surdos é o sinal de ÁRVORE que, em várias línguas de sinais emergentes, apresenta a sua variação de acordo com o contexto geográfico que este se encontra inserido, conforme veremos na figura 33:

Figura 33 – Sinal de ÁRVORE (Surdos Kaingang; Guarani, Terena e Pataxó).



Fonte: elaborado por Damasceno (2017, p. 157).

A sinalização de ARVORE dos Kaingang é a que mais se aproxima da forma em Libras. Já a sinalização Guarani e de Pataxó para ÁRVORE são semelhantes. Tal semelhança vem reafirmar aquele entendimento de que a nossa produção, a nossa expressão do pensamento está intrinsecamente ligada as nossas experiências visuais.

Ainda nessa perspectiva de aproximação entre língua cultura e experiências visuais apresento o sinal de CASA que corrobora com a reafirmação de que a cultura é fator motivacional ou um dos principais responsáveis por fornecer elementos para a língua de sinais.

Figura 34 – Sinal Casa/OCA (Indígena).



Fonte: Vilhalva e Strobel (2017).

A partir destas concepções iniciais que se referem as línguas de sinais emergentes, um dos pontos de destaque na análise preliminar foi a forte presença de sinais icônicos e iconicidade como um dos elementos constitutivos destas línguas emergentes.

3.3.4 Questões linguísticas específicas da Cena - estudos de Almeida e Nevins (2020)

Pereira (2013), em seu estudo inicial de caráter antropológico, afirmava que, em Várzea Queimada, várias são as formas utilizadas para se referir à Língua de Sinais Cena usada na comunicação com as pessoas surdas da comunidade. Entendemos que por intermédio da Cena os surdos podem transmitir o que querem e entendem os demais que, com os surdos utilizam também a Cena. Outras frases como “Bora lá fazer Cena com os mudos”; “mas menino, você gosta de fazer Cena né”!, “mas essa muda faz Cena que só vendo”, são frases recorrentes entre os ouvintes. Pereira (2013) coloca que tais frases expressam ações como conversar com os surdos e estabelecer uma relação comunicativa com os surdos sem fazer uso da oralidade.

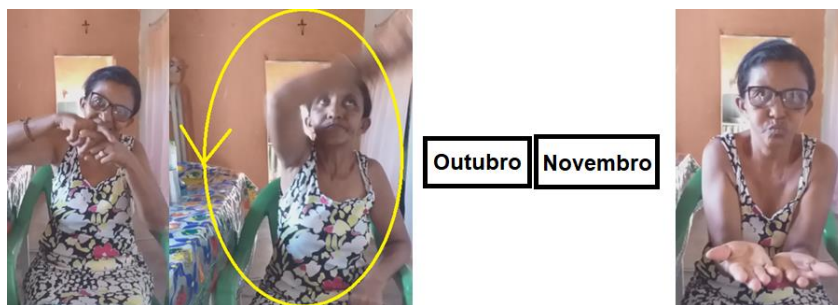
Conforme Almeida-Silva e Nevins (2020), na Cena, não há sinais fixos para todos os dias e meses do ano. No entanto, a comunidade desenvolveu uma estratégia para se referir aos meses que não tem um sinal dedicado, eles utilizam o sinal de PARA FRENTE ou PARA TRÁS, como vemos no exemplo da figura 35.

Figura 35 – ‘Para frente’ e ‘Para trás’ ou o ‘Sucessor’ e ‘Antecessor’ na Língua de Sinais Cena



Fonte: Almeida-Silva e Nevins (2020)

Figura 36 – Sinais de Agosto, Setembro e Dezembro (da esquerda para direita)



Fonte: Almeida-Silva e Nevins (2020)

Deste modo, Almeida-Silva e Nevins (2020) acrescentam ainda que, na Cena, dias da semana e meses do ano podem ser alcançados tomando como referência os meses que possuem itens fixos, como os na figura 36 em que vemos da esquerda para direita os sinais referentes ao mês de agosto (mês da festa do vaqueiro), mês de setembro (mês dos festejos em que se instala uma roda gigante na cidade vizinha) e dezembro (mês dos presentes, fazendo referência aos presentes recebidos no nascimento do menino Jesus). No caso de alguém se referir ao mês de outubro ou novembro, meses que não possuem um item na língua, a Cena emprega uma estratégia do tipo o mês que antecede + para frente, por exemplo: setembro + para frente = Outubro e Dezembro + para trás = Novembro.

Sobre o uso do espaço para o estabelecimento do sistema pronominal, Almeida-Silva e Nevins (2020) identificaram que os usuários da Cena usam a mesma estratégia que os falantes de Libras, fazendo o uso da apontação ego-alinhada ao peito do sinalizador para identificar a primeira pessoa, e as apontações ego-opostas para a segunda e terceira pessoa do discurso. Sobre os referentes ausentes, os citados autores pontuaram que não foi possível identificar o uso do mesmo tipo de apontações (pronominais).

4 AS LÍNGUAS DE SINAIS BRASILEIRAS

De acordo com Maher (2013), além do português, são faladas, hoje no Brasil, mais de 222 línguas, dentre línguas maternas, línguas indígenas, línguas de imigração e línguas de sinais. Os estudos estruturados sobre a língua de sinais brasileira iniciaram-se na década de 1980 com a pesquisadora Lucinda Ferreira Brito (1984), num estudo pioneiro no país, trazendo algumas considerações iniciais sobre a língua de sinais dos indígenas Urubu-Kaapor (Língua de Sinais Kaapor Brasileira - LSKB) do Maranhão. A autora compara a forma de comunicação gesto-visual utilizada pelos indígenas com o que ela chama de língua de sinais dos centros urbanos brasileiros, que posteriormente é definida como Libras, pontuando diferenças lexicais entre as duas formas de comunicação.

De acordo com Godoy (2020), a língua de sinais ka'apor chamou a atenção muito cedo. Mas esta notícia não causou grande impacto, gerando duas pesquisas muito curtas, do missionário Kakumasu – inspirado pelas línguas de sinais das Planícies – e de Brito, que conforme visto acima é considerada a pioneira no estudo da língua brasileira de sinais.

As línguas de sinais têm buscado, durante um longo período da história, alcançar o status linguístico que lhe é direito e, apesar das conquistas mencionadas, ainda nos dias atuais a Libras é facilmente colocada sob a suspeita de não ser uma língua assim como a língua portuguesa. O monolinguismo, frequentemente, atribuído à língua de sinais como sendo uma só para todos os países é um dos exemplos do seu não reconhecimento enquanto língua de fato.

As ideias apresentadas até aqui demonstram que essa necessidade constante de autoafirmação da língua de sinais enquanto língua não é decorrente apenas do desconhecimento de leigos na área, pois, conforme apontado por Sacks (1998, p. 33), mesmo a figura fulcral de L'Épée não considerava como língua os sinais utilizados pelos surdos. Assim assevera-se de forma semelhante o reconhecimento tardio da língua de sinais, os “sinais emergentes” podem não estar sendo valorizados linguisticamente em decorrência de uma série de fatores sócio-históricos envolvendo as representações sobre o surdo e sobre a língua de sinais.

A partir da defesa das línguas de sinais como línguas naturais das comunidades surdas (QUADROS, 1997, p. 27) os movimentos em direção à reafirmação do surdo como integrante de minorias linguísticas, e não mais como indivíduos patologizados e limitados, têm sido constantemente discutidos (SANTANA; BERGAMO, 2005, p. 567).

Para Kamuda (2012), essa é uma percepção recente que corresponde ao momento atual cujo conceito tradicional de língua tem sido problematizado (cf. CESAR; CAVALCANTI,

2007, p.62) e os “gestos” tanto na língua oral como na língua de sinais têm sido (re) pensados não apenas como parte da gramática e organização discursiva, mas como indispensáveis a tais modalidades de linguagem (McCLEARY; VIOTTI, 2011, p.289-304). Faz-se necessário saber que outros estudos já se arriscaram neste campo do saber buscando desvendar o papel dos “sinais emergentes” no cotidiano das mais diversas comunidades.

Segundo Vilhalva (2012, p. 70), emergente é o que emerge ou que surge conforme as necessidades de comunicação. A autora também acredita no aspecto evolutivo dos “sinais familiares” para os “sinais emergentes” e a transição para a língua de sinais, ou seja, “[...] a língua emergente se encontra no rumo do desenvolvimento e seus sinais são criados conforme a necessidade individual. Para Vilhalva (VILHALVA, 2012, p. 104), mesmo que cada família tenha o seu “sinal emergente” ou mesmo que estejam em processo de aquisição da Libras.

Nonaka (2012, p. 56), afirma que ao redor do mundo foram encontradas várias comunidades surdas usuárias de uma língua de sinais emergente, como por exemplo, na África, Américas, Ásia, Caribe, Médio Leste, Austrália e Oceania (KAKUMASU, 1968; KUSTERS, 2012; 2012B; MEIR ET AL., 2010; NONAKA, 2004, 2007, 2009, 2010, 2011, 2012A, 2012B; NYST, 2007, 2012; SANDLER ET AL., 2005).

A referida autora afirma ainda que a terminologia utilizada para tais línguas atualmente é amplamente conhecida como línguas de sinais de vilas³² (ZESHAN, 2006) ou línguas de sinais indígenas (WOODWARD, 2000) que espontaneamente se desenvolvem em comunidades com altos índices de habitantes surdos com grau de parentesco real. Ressalta-se ainda que os lugares onde essas línguas surgiram possuem natureza geográfica, cultural e linguística diversificados, mas as naturezas de tais línguas se correlacionam com um tipo especial de comunidade de fala (GUMPERZ, 1996) e de maneira específica a comunidade de sinais (NONAKA, 2007, 2009) ou ainda “comunidade de assinatura compartilhada” (NYST, 2012).

Annelies Kusters (2009) e Shifra Kisch (2012b) citados por Nonaka (2012, p. 55) acrescentam que nas comunidades de fala/sinais, não está relacionada a questão de deficiência e/ou minoria linguística, mas sim a grupos de pessoas que compartilham de uma língua, cultura e identidade locais como por exemplo famílias, tribos e/ou vilas. Pereira (2013) apresentou um estudo antropológico sobre uma língua de sinais utilizada por aproximadamente 36 surdos na comunidade de Várzea Queimada, zona rural de Jaicós interior do Piauí. Esta língua de sinais foi denominada de Cena, sendo utilizada na referida comunidade tanto por pessoas surdas quanto ouvintes.

³² Línguas de sinais de agrupamentos comunitários (Village Sign Language).

A partir dos estudos de Pereira (2013) e Zeshan (2006) e ainda nestas perspectivas geográficas, apreende-se que existiriam em se tratando de comunidades surdas e suas respectivas línguas de sinais, pelo menos 05 tipos, e a partir de nossos estudos pudemos incluir mais um tipo de comunidade surda:

Quadro 05– Tipo de comunidades surdas.

Tipo	Autores	Local da Pesquisa
Indígenas	Kakamasu (1968) e Ferreira-Brito (1984)	Aldeia Urubu-kaapor (Brasil)
Centros Urbanos	Ferreira - Brito (1984)	Grandes Centros urbanos do Brasil
Ilhas	Martinod (2013); Formigosa (2015) e Fusilier (2016)	Ilha do Marajó (Pará – Brasil)
Vilas	Groce (1985)	Martha's Vyneyard (USA)
Zona Rural	Pereira (2013) e Almeida-Silva e Nevins (2020)	Cena (Piauí-Brasil)
Fronteiras	Figueira (2016)	Santana do Livramento (Brasil) e Rivera (Uruguai)

Fonte: Elaboração própria

Seguindo a mesma perspectiva do quadro 05, podemos pensar em outros enfoques conforme anunciou Pereira (2013), que poderiam ser estruturados a partir de duas frentes: a primeira que leva em consideração as línguas de sinais emergentes em outras esferas, fora dos limites das línguas nacionais, com especial enfoque nas descrições dessas línguas; e em segundo lugar as que priorizam as relações socialmente estabelecidas entre os surdos e ouvintes salientando aspectos da integração social e das nuances produzidas pela surdez na esfera social, uma vez que os estudos apontados acima são, em grande medida, indicativos de possíveis campos de pesquisa.

Acrescenta-se ainda que conforme Vilhalva (2012) os sinais emergentes foram criados devido a uma necessidade de comunicação, passando por sinais indicativos, icônicos e arbitrários. A maneira como cada sinal surge levam tempo para se entender, principalmente quando os sinais são criados conforme o neologismo. Esses novos sinais passam a fazer parte da comunicação para depois designar algo consistentemente, como acontece também às línguas orais-auditivas.

Silva e Sousa (2018) trazem à baila o termo “comunidades desligadas” para grupos isolados das comunidades surdas que usam a Libras. Tais autores utilizam o termo “desligadas” para que aquelas que moram em cidades com alto nível de desenvolvimento urbano, não sendo

rurais ou indígenas. Os autores citados apresentam, ainda, uma tabela para caracterizar as comunidades surdas urbanas, desligadas e rurais, conforme segue:

Quadro 06 – Caracterização de comunidades surdas urbanas, desligadas e rurais.

PADRÕES SOCIAIS E LINGÜÍSTICOS	URBANAS	DESLIGADAS	RURAI/VILA
Surdos são a maioria dos usuários de línguas de sinais	SIM	SIM	NÃO
Alta incidência de surdez hereditária	NÃO	NÃO	SIM
Língua de sinais não padrão recriada a cada geração	NÃO	NÃO	SIM
Dependentes de recursos pantomímicos, gestuais e indexicais.	NÃO	NÃO	SIM
Morfossintaxe completa (uso do espaço), ordem de palavras, negação...	SIM	SIM	NÃO
Traços tipológicos influenciados pela dinâmica social	NÃO	NÃO	SIM
Resistentes à variação lexical	SIM	NÃO	NÃO
Concentração de associações, instituições e escolas de surdos.	SIM	NÃO	NÃO

Fonte: Silva e Sousa (2018).

Pelo que pode se apreender e mesmo considerando o trabalho árduo dos que se dedicam ao estudo de uma determinada língua e as dificuldades encontradas para sua documentação, a maior parte das pesquisas realizadas sobre as línguas de sinais utilizadas pelos surdos brasileiros não tem se debruçado na sua totalidade (ou pelo menos não nos dão elementos para refletir) sobre a realidade linguística efetiva e sociocultural das localidades pesquisadas, bem como de outras comunidades que utilizam línguas emergentes sendo que, em sua grande maioria, apontam questões de ordem linguística, refletindo sobre as diferenças lexicais entre as “línguas indígenas” e as “línguas nacionais”, mas não temos elementos suficientes para pensarmos como essas línguas “indígenas” são usadas ou pensadas pelos moradores das localidades.

Woodward (1996) e Nonaka (2004) citados por Quadros e Leite (2013), apresentam um modelo tripartido de variedades de línguas de sinais, que será também útil para a discussão da presente proposta: as línguas de sinais nacionais, que desfrutam de algum reconhecimento e/ou políticas linguísticas que as colocam como língua oficial da comunidade surda de seus

respectivos países; as línguas de sinais nativas, faladas em pequenas comunidades pouco ou nada urbanizadas, em geral distantes dos grandes centros, que apresentam grande incidência de surdez; e as línguas de sinais originais, que também eram faladas por pequenas comunidades de surdos previamente à instituição de uma língua de sinais nacional no país.

Face ao exposto, urge a necessidade de se ter um novo olhar sobre essas línguas de sinais emergentes (NONAKA, 2007, 2009, 2010, 2011), posto que de acordo com Quadros e Leite (2013) é a documentação que permitirá não apenas às comunidades usuárias dessas línguas, mas a toda população do país, reconhecer o valor e a riqueza de suas particularidades linguísticas e das perspectivas culturais nelas imbuídas. Os autores acrescentam ainda que esta documentação é um ponto de partida, portanto, para a promoção da diversidade linguística e cultural como um patrimônio da humanidade.

No quadro 07 que veremos a seguir, há estudos que versam sobre pelo menos 21 (vinte e uma) línguas de sinais utilizadas por comunidades surdas no Brasil. Todavia tais estudos são bastante iniciais necessitando ainda de pesquisas que nos levem a conhecer a descrição linguística das referidas línguas para assim registrá-las e documentá-las como Patrimônio Imaterial da Cultura Surda Brasileira anteriormente já anunciado por Rosa (2010).

Quadro 07 – Línguas de Sinais do Brasil.

Classificação da língua de sinais segundo (Quadros & Leite, 2013)	Classificação da comunidade surda segundo (Quadros & Silva, 2017)	Autor (ano)	Nome da Língua de sinais	Localização
Língua de sinais Nacionais	Centros Urbanos	Ferreira-Brito (1984)	Libras	Todo o território brasileiro.
Língua de sinais original	Aldeias	Kakamasu (1968) e Ferreira – Brito (1984)	Língua de Sinais Urubu – Kaapor	Índios Urubu – Kaapor (Maranhão – Brasil)
		Godoy (2020)	Língua de Sinais Ka’apor	Aldeias no Pará Xie, Axingi, Ama’y ty renda, Bacurizeiro e Ximborenda.
		Azevedo (2015)	Língua de Sinais Sateré-Waré	Índios Sateré – Mawé (Parintís – Manaus)
		Giroletti (2008)	Língua de Sinais Kaingang	Índios Kaingang (Xanxerê – Santa Catarina – Brasil)
		Vilhalva (2012) Sumaio (2014)	Língua de Sinais Terena	Índios Terena (Mato Grosso do Sul – Brasil)
		Soares (2018)	Língua de sinais Terena	Índios Terena

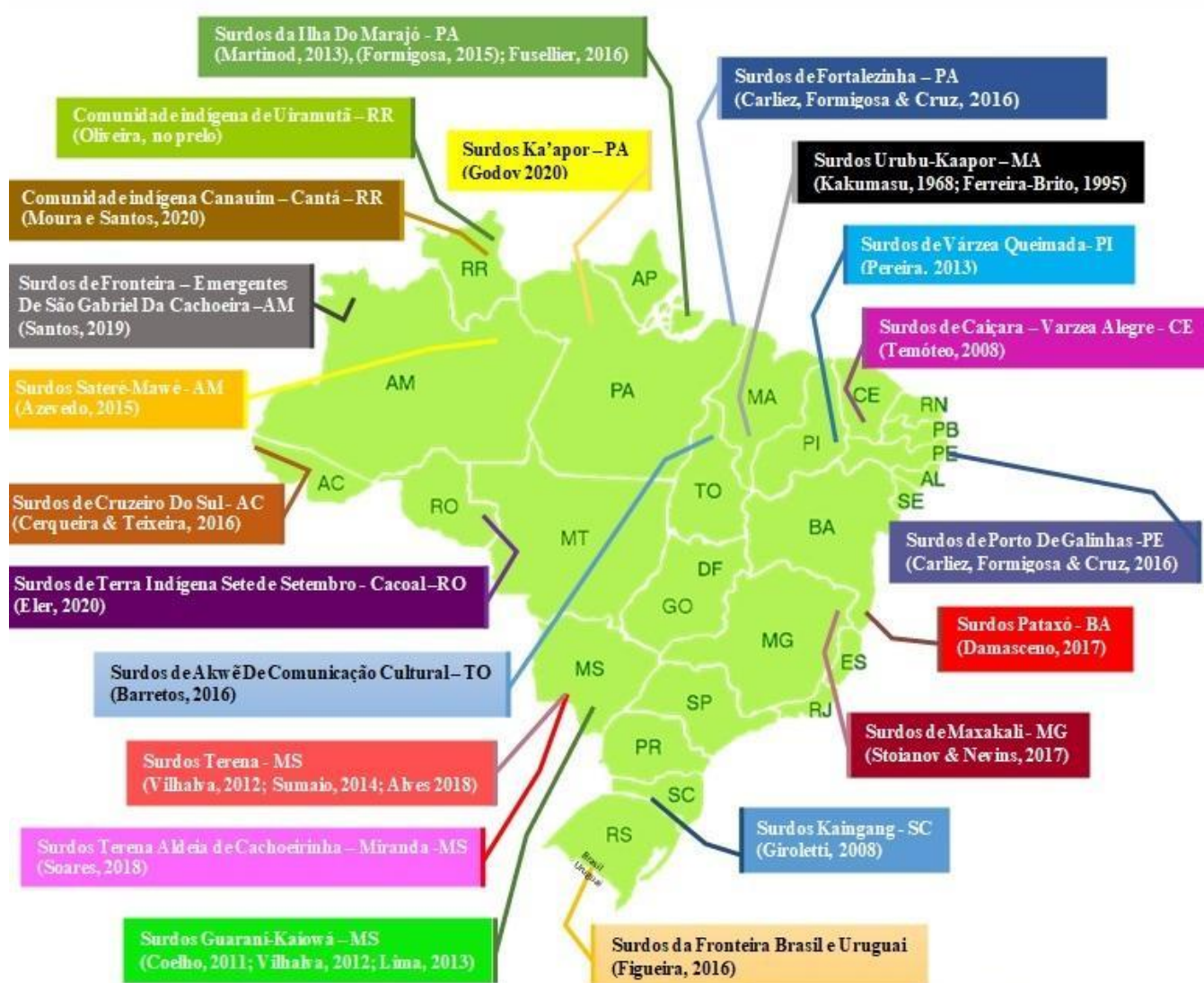
				Aldeia de Cachoeirinha (Miranda –MS)
		Coelho (2011) Vilhalva (2012) Lima (2013)	Língua de Sinais Guarani -Kaiowá	Índios Guarani- Kaowá (Mato Grosso do Sul – Brasil)
		Barretos (2016)	Língua de Sinais Akwê Sinais Akwê de comunicação Cultural Língua de Sinais Akwê - Xerente.	Índios Akwê - Xerente (Tocantins – Brasil) Tocantínia e Miracema - Tocantins
		Stoianov & Nevins (2017)	Língua de sinais Maxakali	Índios Maxakali (Minas Gerais – Brasil)
		Damasceno (2017)	Língua de Sinais Pataxó	Índios Pataxó (Aldeia Coroa Vermelha - Bahia
		Oliveira (no prelo)	Língua de Sinais Macuxi	Comunidade indígena de Uiramutã-RR
		Eler (2020)	Língua de Sinais Paiter Suruí	Aldeia Gapgir, (Terra Indígena Sete de Setembro) Cacoal - Rondônia.
		Moura e Santos (2020)	Língua Sinais Canauim	Comunidade indígena Canauim (Município de Cantá - Roraima)
Língua de sinais nativa	Comunidades Isoladas	Pereira (2013)	Cena	Várzea Queimada (Jaicós-Piauí-Brasil)
		Cerqueira & Teixeira (2016)	Acenos	Cruzeiro do Sul (Acre-Brasil)
		Charlize, Formigosa & Cruz (2016)	Língua de Sinais da Fortalezinha (PA)	Pará – Brasil
		Martinod (2013) Formigosa (2015) Fusilier (2016)	Língua de Sinais de Ilha do Marajó	Ilha do Marajó (Ilha de Soure) /Pará – Brasil
		Carliez, Formigosa & Cruz (2016)	Língua de Sinais de Porto de Galinha (PE)	Porto de Galinhas (PE – Brasil)
		Temóteo (2008)	Língua de sinais de Caiçara	Sítio Caiçara -Várzea Alegre – Ceará – Brasil.
		Figueira (2016)	Língua de Sinais compartilhadas na Fronteira	Santana do Livramento (Brasil) e Rivera (Uruguai)

Língua de sinais de Fronteiras	Comunidades de Fronteira	Santos (2019)	Língua de sinais emergentes de São Gabriel da Cachoeira - AM	São Gabriel da Cachoeira (AM – Brasil)
--------------------------------	--------------------------	---------------	--	--

Fonte: Elaboração própria.

Damasceno (2017) apresenta um mapeamento das línguas de sinais indígenas brasileiras estabelecidas geograficamente, no qual incluímos também as línguas de sinais emergentes do Brasil. A Libras, no entanto, não pode ser situada desta mesma forma por estar espalhada por todo território brasileiro.

Figura 37 – Mapeamento das Línguas de Sinais brasileiras



Fonte: Elaboração própria.

Nonaka (2010) nos alerta para o risco de desaparecimento que estas línguas utilizadas por comunidades surdas isoladas sofrem. Deste modo, urge processos de reconhecimento dessas línguas como legítimas (tanto para o estado quanto para os estudos linguísticos), uma vez que a própria estrutura dessas comunidades se posta como fragilizada e com crescente influência das línguas nacionais, tendem a se modificar.

Face ao exposto, percebe-se que há muito a ser investigado sobre as línguas de sinais emergentes e que tais estudos estão se evidenciando na atualidade e que para o fortalecimento de tais línguas é necessário conforme Zeshan (2006) que haja uma documentação destas línguas de sinais no intuito de fortalecer os estudos sobre a tipologia linguística das línguas de sinais. Acrescenta-se a este fato as ideias de Quadros e Leite (2013), quando afirmam que é a documentação que permitirá não apenas às comunidades usuárias dessas línguas, mas a toda população do país, reconhecer o valor e a riqueza de suas particularidades linguísticas e das perspectivas culturais nelas imbuídas.

5 ICONICIDADE NAS LÍNGUAS DE SINAIS

“A língua é, simultaneamente, um estoque ou um repositório de conhecimento cultural, um símbolo da identidade social e um meio de interação”. Gurmperz, 1975.

Neste capítulo, apresenta-se de forma breve conceito sobre a iconicidade em um primeiro momento e seguidamente algumas questões referentes a iconicidade nas línguas de sinais.

5.1 ICONICIDADE

Iniciamos este tópico com questões iniciais sobre a linguística até chegarmos no conceito de iconicidade. A linguística se relaciona com outras ciências, dentre elas, a semiótica ou semiologia. Conforme Cunha, Costa, Martelotta (2009, p. 20-22), a linguística é

[...] primordialmente, uma ciência descritiva, analítica e, sobretudo, não prescritiva. Para tanto, examina e analisa as línguas sem preconceitos sociais, culturais e nacionalistas, normalmente ligados a uma visão leiga acerca do funcionamento das línguas [...] É difícil delimitar o campo de atuação da semiologia, mas costuma-se caracterizar esse campo de pesquisa como a ciência geral dos signos [...] não se interessa apenas pela linguagem humana de natureza verbal, mas por qualquer sistema de signos naturais [...] ou culturais [...] (CUNHA; COSTA; MARTELOTTA, 2009, p. 20-22).

Nessa perspectiva, Pereira (2019) registra que a língua, como um sistema convencional de representação de signos, é usada pelos membros de uma determinada comunidade, seja ela de ouvintes ou de surdos. Na concepção de Benveniste (1989, p. 48), a língua é o principal sistema que expressa ideias, uma vez que o signo tem a função de representar, ocupa o lugar de outra coisa substituindo-a. Segundo o mesmo autor, os sistemas de signos têm em comum o aspecto da significância, ou seja, a propriedade de significar.

Popularmente, conforme cita Amaral (2020, p. 59), a iconicidade foi tratada dentro da ciência linguística como uma concepção contrária a um dos principais dogmas do estruturalismo (GIVÓN, 2018), a saber, a arbitrariedade ‘do signo’. A referida ideia foi difundida durante muitos anos e continua sendo, principalmente porque esta relação entre signo icônico versus arbitrário, idealizada pelo famoso e intitulado, informalmente, “pai da linguística” Ferdinand de Saussure.

Neste trabalho de pesquisa não nos propomos a tecer críticas ou comparações com os conceitos clássicos já abordados, mas trazer para este trabalho de forma breve alguns dos desdobramentos destas concepções que foram evoluindo ao longo dos anos, inseridos dentro de diferentes abordagens teóricas.

Para iniciarmos nossa discussão sobre iconicidade, traremos a tela o precursor da Linguística moderna, Ferdinand de Saussure, uma vez que quando ele se propôs a estabelecer os limites da ciência da linguagem, não se deixou ficar na superfície. Preocupado, sobretudo segundo o julgamento de Benveniste (1976), com a classificação lógica dos fatos da linguagem, percebe que é preciso ir aos fundamentos, aos dados elementares a fim de situar cada elemento na rede de relações que o determina. Deste modo, Saussure definiu língua, distinguindo-a de linguagem e fala, e estabeleceu outros conceitos que são até hoje essenciais para a linguística na compreensão de seu objeto de estudo.

Dentre as definições propostas por Saussure (1916), está a de signo linguístico, que se forma a partir da junção do significante com o significado. Como vimos no capítulo 02, esses dois elementos são considerados faces de uma mesma moeda: o significante é a imagem acústica e o significado, o conceito inerente ao signo. Todavia, Saussure esclarece que a associação dessas partes é arbitrária, ou seja, não há motivo para que, por exemplo, o significante da palavra ÁRVORE [ahvori] corresponda ao seu significado [planta de tronco alto com ramagem na parte superior].

Deste modo, ao tomar tal direção, Saussure (1916) exclui qualquer possibilidade de que esse tipo de associação possa ser de algum modo, icônico, exceto no que diz respeito às onomatopeias, as quais estão em número reduzido nas línguas.

Não obstante, Benveniste (1976), apresenta uma crítica a Saussure, pois observa que o precursor da linguística moderna, ao pensar o princípio da arbitrariedade³³, embora declare tratar da relação significante/significado, ele define a natureza do signo com base, de acordo com seus exemplos, no significante e no objeto em si. Segundo ele, “Está claro que o raciocínio

³³ Em todas as línguas, a relação entre a forma das palavras e o seu significado, assim como a forma da sentença e os seus respectivos significados, é arbitrária, ou seja, convencionalizada. É, portanto, um sistema flexível e versátil, considerando-se princípios mais gerais. Nas línguas de sinais, as palavras e suas relações com seus significados também são arbitrárias. No entanto, há também um conjunto de sinais que apresentam motivação icônica, ou seja, uma relação direta entre a forma e o seu significado (não-arbitrária). Mesmo assim, os estudos indicam que, apesar da presença da iconicidade nas línguas de sinais intimamente relacionada com a visualidade desse sistema linguístico, as palavras são convençionalmente convencionalizadas. Até mesmo um sinal que apresenta motivação icônica acaba apresentando uma forma convencional. Por exemplo, o sinal de ÁRVORE em diferentes línguas de sinais. Portanto, a arbitrariedade é uma propriedade inerente às línguas humanas (QUADROS; KARNOPP, 2004).

é falseado pelo recurso inconsciente e sub-reptício a um terceiro termo, que não estava compreendido na definição inicial. Esse terceiro termo é a própria coisa, a realidade” (BENVENISTE, 2006, p. 54).

Sob esta ótica, para Benveniste (2006), as partes constitutivas do signo não podem ser consideradas arbitrárias. Desse modo, ele retoma os exemplos dados por Saussure e esclarecendo que o significado (ideia) da palavra “boi é forçosamente idêntico na minha consciência ao conjunto fônico boi”. Assim, para Benveniste, pode haver arbitrariedade quando se considera a associação entre significante e coisa, mas não quando se leva em conta significante e significado, posto que, entre estes, há uma completa simbiose.

Face ao debate proposto por Benveniste (2006), convém salientar que, de certo modo, Saussure estava mesmo refletindo sobre a associação entre a imagem acústica e o conceito, mas não tenha se dado conta de que a ideia retirada da realidade pode, de algum modo, ter influenciado na construção do significante. Partindo deste ponto, entende-se a motivação de Benveniste para afirmar que significante evoca o significado e vice-versa.

Teixeira e Cerqueira (2016) em seus estudos sobre sinais caseiros, apresenta os estudos da antropóloga Janis Nuckolls (1999), afirmando que a matéria fônica tem um papel que vai além da comunicação de mensagens. Segundo Nuckolls (1999), o som é simbólico e, por isso, capaz de expressar nossos estados emocionais, percepção estética, relações que mantemos com outros indivíduos e deste modo pode haver, sim, uma associação motivada entre significado e significante.

No intuito de ilustrar tal questão, tomemos o exemplo da palavra mar, que segundo Saussure (1916) citado por Cerqueira (2016, p. 14) não está ligada por relação alguma interior à sequência M-A-R. Para tanto, não seria o caso dessa palavra, na sua constituição fonética, nos remeter ao barulho das ondas que quebram na praia? Teixeira e Cerqueira (2016) ponderaram a partir dos estudos saussurianos que o fonema [m], embora seja nasal no seu modo de articulação, tem uma configuração oclusiva que nos permite, acusticamente, supor a formação de uma onda marinha, enquanto os segmentos [a] e [h] podem ser associados ao desmanche da onda e ao chiado das espumas que seguem em direção à praia.

Supostamente, Saussure e Benveniste não perceberam essa possibilidade nem mesmo o fato de que a palavra boi, em português e em francês (*Boeuf*), por possuir uma vogal arredondada, poder ser associada à estrutura circular do corpo desse animal. Do mesmo modo, o vocábulo gordo possui esse mesmo fonema vocálico tanto em português como em francês

(*gros*). E é a esse modo de análise que postulam aqueles que estudam o simbolismo sonoro³⁴, mas como assinala Bolinger (1978 apud NUCKOLLS, 1999) esse tipo de análise não ajuda a resolver certos problemas, já que os chamados *phonesthemes* (fonestema: unidade sonora com significado) não se prestam à formulação de regras, embora suscite questões importantes sobre os processos históricos que resultam de padrões phonesthemic (fonestêmico).

Seguindo esta mesma perspectiva se a vogal arredondada dos vocábulos em português e francês (boi/boeuf e gordo/gros) nos parece associar-se à forma mais ou menos esférica do seu referente, o mesmo não pode ser dito nem em relação ao feminino desses lexemas (*vaca/vache*) nem à tradução inglesa (*bull*), por exemplo.

Decerto, por este motivo, Saussure tenha sido categórico ao afirmar sobre a arbitrariedade do signo linguístico, e esta é a prova que ele dá é a existência de línguas diferentes e a diferença entre elas. Ele afirma que o princípio da arbitrariedade possibilita à língua uma maior flexibilidade e produtividade e deste modo sublinha o inconveniente em se utilizar o termo símbolo em lugar de signo, já que o primeiro revela um vínculo naturalmente metafórico com seu significado.

Nuckolls (1999), entretanto, mesmo com as colocações de Saussure (1916), reconhece a iconicidade como um fator significativo em muitos níveis da estrutura linguística, pois, de algum modo, a língua estrutura-se a partir da realidade. Nesse sentido, alguns estudos vêm mostrando que o fazer semiótico, diferente do que pensava Saussure, pauta-se no real, o que torna a língua uma espécie de instrumento que, ao estruturar a experiência, estrutura o seu próprio fazer (CHAMARELLI, 2005).

Não obstante, nas línguas humanas, conforme Amaral (2020), o fenômeno da iconicidade pode se manifestar de diferentes maneiras, dentre elas pela ótica imagética ou por uma ótica diagramática. O primeiro modelo, a ótica imagética, sempre foi atrelado à forma e ao sentido que uma imagem evoca no mundo; já o segundo, a ótica diagramada, adota a concepção do diagrama como analogia entre as relações das suas partes.

De acordo com Amaral (2020), a iconicidade é um fenômeno que foi abordado pela teoria semiótica, tendo como principal expoente o filósofo norte americano Charles S. Peirce (1932), que propôs uma divisão entre os dois modos em que a iconicidade pode se apresentar: i) iconicidade imagética; ii) iconicidade diagramática. A primeira refere-se ao potencial semiótico da “imagem” e sua correlação direta com a representação no mundo. Deste modo, se

³⁴ Termo utilizado quando uma unidade de som vai além de sua função linguística contrastiva (NUCKOLLS, 1999).

pressupõe uma relação unilateral entre forma e significado como, por exemplo, uma foto, uma estátua, ou mesmo o sinal ÁRVORE da libras:

Figura 38 – Sinal de árvore em Libras



Fonte: Arquivo pessoal (2021)

A segunda refere-se a um signo complexo, no qual as relações entre as partes de um diagrama têm alguma relação com as partes dos conceitos que a representam (HAIMAN, 1985). Nesta pesquisa, utilizaremos a percepção de imagem e sua correlação direta com a representação de mundo.

Considerando os dois modos em que a iconicidade pode se apresentar, percebe-se que o ícone é individual e pode pressupor uma transparência maior no significado, já o diagrama é composto e pode pressupor uma transparência menor. Haiman (1985) citado por Amaral (2020) propõe que as partes que compõem o diagrama são símbolos e se conectarmos com a natureza das línguas naturais, as palavras são simbólicas, e a gramática, ou seja, o conjunto de regras que regem o funcionamento de uma língua são estruturas simbólicas e diagramaticamente icônicas.

Quando Haiman (1985) adota a divisão entre ícone *versus* diagrama, no qual o último pressupõe um conjunto de símbolos, o autor assume, assim como Peirce (1932), que a diferença entre os símbolos e os ícones é imprecisa, está mais para um contínuo. Ele assume essa asserção, pois mesmo os ícones não são inteiramente transparentes em relação à forma e o seu significado no mundo.

Ainda conforme Haiman (1985) citado por Amaral (2020), apenas os clones seriam os referentes ideais para representar a total transparência entre o ícone e aquilo que ele representa.

Para apresentar essa ideia, originalmente explorada por Peirce (1932), Haiman (1985) descreve o ícone “foto”, que é apontado, tradicionalmente, como um elemento que demonstra a relação “translúcida” entre forma e sentido. Na foto, em um primeiro plano, notamos a relação nítida entre a forma e o que ela representa; contudo, há muitos elementos que não estão presentes e que evocariam ainda mais a referência implícita no momento em que a imagem foi registrada (AMARAL, 2020). Esta não transparência também é observada no sinal ÁRVORE, que apesar de evocar características do referente no mundo, não expressa todas as informações que a imagem do objeto árvore evoca:

Figura 39 – Sinal árvore x imagem árvore



Fonte: Elaboração própria.

Face ao exposto, tem-se apenas um mínimo de informação a respeito das formas, mas não do tamanho real das entidades representadas. Os movimentos, cheiros, planos de fundo, não são apresentados, nem mesmo as cores são idênticas, pois o aparato máquina apenas faz uma reprodução equivalente, mas não real (AMARAL, 2020). Se fossemos avaliar os inúmeros exemplos de ícones, veremos que eles não são precisos, logo, são imperfeitos. Ou seja, quando não há uma correlação perfeita, parece que há um contínuo entre um ícone menos icônico para o mais icônico, em outras palavras “[...] um sinal que se assemelha a seu objeto com respeito a mil detalhes é mais icônico do que um que se assemelha a ele em apenas cem” (HAIMAN, 1985, p. 10)³⁵.

Porém, se a cada análise de ícone ficarmos destacando suas possíveis não correlações com o referente, a própria natureza de iconicidade é questionável “e é bem possível que uma

³⁵ Tradução feita por Amaral (2020), no original: “[...] a sign which resembles its object with respect to a thousand details is more iconic than one which resembles it in only a hundred” (HAIMAN, 1985, p. 10).

semelhança atenuada possa ser percebida como semelhança nenhuma” (idem)³⁶. Nesse ponto, Greenberg (1966) citado por Amaral (2020) afirma que o ícone vai perdendo sua identidade enquanto imagem e assume uma nova como um símbolo, em um processo diacrônico no qual a mudança e convencionalização marcam a gramaticalização de diversos itens internos e externos das línguas naturais.

Nessa perspectiva, segundo Quadros (2019) a iconicidade parece motivar, pelo menos inicialmente a formação de vários sinais, e tais motivações podem aparecer até mesmo no nível fonológico, remetendo a algum tipo de motivação, embora sem significado explícito. Sobre estas perspectivas e aproximações da iconicidade com a língua de sinais discutiremos no tópico a seguir.

5.2 ICONICIDADE NAS LÍNGUAS DE SINAIS

O signo linguístico possui o fenômeno da iconicidade e da arbitrariedade, e considerando uma equivalência linguística entre as línguas de modalidade oral auditiva e as de modalidade visual gestual, tais fenômenos estão presentes nas línguas de ambas as modalidades.

De acordo com Quadros (2019), a iconicidade faz parte das línguas de sinais e permeia todos os níveis linguísticos de seu estudo, mesmo reconhecendo que ela se manifesta convencionalmente nas diferentes línguas de sinais, ainda assim, percebe-se que se trata de um fenômeno bastante produtivo, que evoca eventos de forma altamente motivada.

De forma mais recorrente, os pesquisadores de língua de sinais têm inserido em suas análises a questão da iconicidade, pois a modalidade visual-espacial da língua favorece que os sinais de determinada língua de sinais, assim como suas combinações, registrem esse fator direcionando suas produções. Pensando nessas possibilidades de produções em línguas de sinais, a seguir traremos um pequeno excerto a partir da Tese de Campello (2008) citada por Luchi (2013).

Luchi (2013, p. 41) citando Campello (2008) afirma que nas línguas de sinais há duas formas de produção de significado, uma pelas Estruturas Altamente Icônicas (EAI) e outra pelo léxico padrão e apontamentos manuais, sendo a segunda algo mais semelhante ao que temos nas línguas orais (PIZZUTO et al. 2006).


³⁶ Tradução feita por Amaral (2020), no original: “and very possibly an attenuated resemblance may come to be perceived as no resemblance at all” (idem).


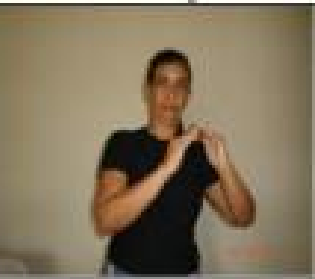
Cuxac (1996) trabalhou três tipos de transferências: transferências de forma e tamanho, transferências de situação e transferências de pessoa. Com base em Cuxac (1996), Campello (2008) propõe em sua tese que as EAI sejam chamadas de Descrições Imagéticas (DI), também compostas por transferências. Com base nesse estudo, posteriormente, Campello (2008) reformula as três transferências apresentadas por Cuxac e acrescenta mais duas, totalizando cinco transferências:



- 1) Transferência de Tamanho e de Forma (TTF);
- 2) Transferência Espacial (TE);
- 3) Transferência de Localização (TL);
- 4) Transferência de Movimento (TM) e
- 5) Transferência de Incorporação (TI).


Abaixo será explorado o conceito de cada transferência, com exemplos da tese de Campello (2008) citado por Luchi (2013).

Quadro 08: Tipos de transferência propostos por Campello (2008)

TIPO DE TRANSFERÊNCIA	CONCEITO	EXEMPLO
Transferência de Tamanho e de Forma	Dentro da especificidade da estrutura icônica, a transferência de tamanho serve para representar o signo visual independentemente do tamanho que seja for, que pode ser grande, pequeno, miúdo, colosso, maior, avantajado, vasto, corpulento, alto, de longa extensão, comprido, longo, excessivo, agudo, forte, intenso, violento (dependendo do envolvimento sentimental), poderoso, importante, notável, de qualidade superior, marcante, pouco extenso, pouco volume, estatura abaixo da média, valor inapreciável, acanhado, mesquinho, insignificante, humildade, sentimento de inferioridade, medo, menor, mais pequeno, etc. e as formas podem ser configuradas de acordo com as características físicas, dos seres e das coisas como decorrência da	<p>Figura 40 – Sinal de Urso seguido de uma DI</p>  <p>Fonte: Campello (2008)</p>

	<p>estruturação de suas partes, formatos, feitiço, figura, corpo, substância, estado, e ou aparência física de um ser ou de uma coisa aquilo que é visto.</p>	
Transferência Espacial	<p>O que influencia o espaço é a localização, profundidade espacial (tanto para baixo ou para cima), tamanho (no sentido da intensidade), isolamento, dos diferentes ângulos, com movimentos ou sem movimentos circulares, que pode ser com reto, em curvas, em curvilíneos, de quadrado, de retangulares, de triangulares, diferença de status e interesse intrínseco.</p>	<p>Figura 41 – DI do Sistema Solar</p>  <p>Fonte: Campello (2008)</p>
Transferência de Localização	<p>A localização é um dos pontos mais importantes nesta transferência, é a forma como podemos explicar um signo em relação a outros, quer seja, para cima ou para baixo ou de grande velocidade ou de pequena velocidade. Campello (2008) mostra também a importância da direção do olhar para fazer marcações no espaço de sinalização, indicando a localização de alguns elementos discursivos na construção imagética, uma vez que os olhos são uma das particularidades mais importantes na sua direcionalidade para com o</p>	<p>Figura 42 – Exemplo de TL</p> 

	<p>signo. Segundo Campello (2008, p.214) “os olhos do observador se manifestam diante da situação ou do acontecimento ou da percepção visual que norteia em sua volta, [...] ou as CMs que podem simular como os olhos visuais”. Assim, durante uma transferência de localização, além do próprio corpo, os olhos também podem fazer retomadas dos referentes estabelecidos no espaço.</p>	 <p>Fonte: (CAMPELLO, 2008, p.172)</p>
<p>Transferência de Movimento</p>	<p>Esta transferência de movimento serve para conseguir o equilíbrio visual e pode-se usar várias maneiras de modo igual ou diferentes, como: uma imagem simples ou de uma imagem complexa (inúmeros signos que cobrem um campo inteiro), como duas imagens: simples e complexa. As características de Alto e Baixo mostram as desigualdades de signos e sempre mostram a dualidade ou diferença ou oposto. É comum a associação dos signos visuais com sua concepção de desigualdade, o que passa a diferenciar seus contextos visuais. O contexto de rico/pobre, acadêmico/não acadêmico, e muitos signos, passam a ter suas distinções visualmente [...] (CAMPELLO, 2008, p. 215)</p>	<p>Figura 43 – Sinal Rico</p> 

<p>Transferência de Incorporação (TI)</p>	<p>Esta estrutura reproduz várias ações ou imagens, tudo aquilo que o narrador coloca todos os objetos ou cenas no corpo do mesmo narrador. O narrador passa a mostrar as ações efetuadas ou sofridas no processo do enunciado humano, animal ou de objeto, e mais frequentemente, pode ser um não animado. O narrador passa a ser transformado em um objeto para caracterizar aquilo que sente ou mostra fisicamente.</p>	<p>Figura 44 – TI do Aparelho reprodutor feminino</p> 
---	--	--

Fonte: Elaborado a partir de Campelo (2008, p.213-216) e Luchi (2013, p. 41-49)

Vimos acima as formas de produção de significado, uma pelas Estruturas Altamente Icônicas (EAI) e outra pelo léxico padrão e apontamentos manuais, e deste modo reforça-se quanto a iconicidade é muito evidente nas línguas de sinais e provoca os estudos linguísticos a darem conta de sua presença marcante, que parece vir de fora da língua, como indicado por Liddell (2000).




Na percepção de Teixeira (2015, p. 2) citada por Pereira (2019), “a iconicidade será as características semelhantes que o ícone tem em comum com o objeto que representa”. Isso significa dizer que um signo tem sua iconicidade fundamentada na ideia da relação estabelecida naturalmente entre os elementos linguísticos e seus sentidos através de uma motivação. Teixeira (2015, p. 2) acrescenta que a Libras, por ser “uma língua de modalidade visuo-espacial, a iconicidade está presente em grande parte dos sinais [...], pois a relação entre a ‘forma’ e o ‘sentido’ é mais visível”.

Faulstich (2007, p.155) afirma que “A iconicidade na Libras é um fenômeno de cognição, visto que uma palavra em Libras é um signo e sua significação ocorre por meio de uma cadeia de interpretantes de diferentes tipos”. Afirma também que a iconicidade está relacionada com a forma como o sinal é realizado, considerando seu movimento e configuração da mão, estabelecendo uma relação entre a forma e o ícone.

Pietroforte (2017b, p. 11-16) declara que a semiótica greimasiana³⁷ concebe o sentido baseado na relação. Para Pereira (2019) tal relação é observada nas onomatopeias³⁸ presentes nas Línguas Orais (Los) e nos sinais cuja configuração de mão e/ou movimento nas Línguas de Sinais (LSs) remete ao referente, à coisa em si. As onomatopeias e as configurações de mãos ou movimentos expressam, respectivamente, uma similaridade entre o som/imagem e o sentido.

Retomando a equivalência entre as línguas aqui abordadas, Felipe (2006) faz uma analogia entre a mímica, incorporada à estrutura das línguas de sinais, com as onomatopeias, presentes nas línguas orais. Segundo a autora, essa incorporação é uma forma linguística cujo referente é representado iconicamente pela configuração sígnica e, também, pela sintaxe dessa língua, ou seja, para representar um signo, cada LS utiliza configuração de mão distinta; também é distinto o aspecto que cada LS toma do referente para representá-lo. O mesmo ocorre com as onomatopeias nas LOs, porque para representar ruídos e sons em cada língua, há palavras distintas para fazê-lo.

Quadro 09: Exemplo de Equivalência nas línguas

Línguas Orais (Los)		Línguas de Sinais (LSs)	
Latido de cão		Liquidificador	
Brasil Au au	EUA Woof woof	Libras	Língua de sinais Chinesa
			

Fonte: Dicionário de Língua de Sinais online Spread The Sign (2018).

É importante ressaltar que a iconicidade varia de acordo com a cultura – não há um padrão universal, uma vez que as representações visuais são criadas, significadas e

³⁷ Assim, conceitualmente, a semiótica, nesses termos, não se configura como a relação entre signos, mas em uma teoria que se preocupa em “explicitar, sob forma de construção conceitual, as condições da apreensão e da produção do sentido” (GREIMAS; COURTÉS [s/d], 2008, p. 453).

³⁸ Figura que consiste no emprego da palavra cuja pronúncia imita o som natural da coisa significada” (Hypólito, 2008, p. 14), Sutton-Spence e Kaneko (2016, p. 166) afirmam que “expressões onomatopeicas podem ser aplicadas a objetos que não produzem sons reais e são melhores compreendidas como formas criativas de representar as experiências sensoriais de pessoas surdas, e não como representações incompletas do som” (traduzido por Dias, 2020, p. 23).

compartilhadas pelos sujeitos (PIZZUTO; VOLTERRA, 2000, ORTEGA; MORGAN, 2015). Assim, podemos associar a iconicidade dos sinais com a Fonologia e os aspectos culturais de um determinado grupo de sinalizantes. Pizzuto e Volterra (2000), Ortega e Morgan (2015) argumentam que a iconicidade de um sinal pode ser expressa através de um ou de mais parâmetros fonológicos das Línguas de Sinais, mas o modo como as pessoas compreendem o grau de iconicidade de determinado sinal varia de cultura para cultura, conforme o background cultural do sinalizante. Posto isso, a fim de compreendermos os desdobramentos e como ocorrem as etapas do processo de nomeação, dividimo-los em três etapas, sendo estas: percepção dos indivíduos, interação social e atribuição de significado.

Figura 45 – Sinais com alto grau de iconicidade



Fonte: Leite (2008, p. 36)

A figura 40 proposta e analisada por Leite (2008, p. 36) mostra três sinais da Libras: *ÁRVORE*; *PENSAR* e *FATIAR*. <*FATIAR*>. Observando-os, é impossível negar o seu aspecto icônico. Analisando por partes, no sinal *ÁRVORE*, identificamos o solo (representado pela mão passiva³⁹), o tronco (representado pelo antebraço da mão/braço ativo) e a copa (representada pela mão ativa), o que revela a alta iconicidade da configuração das mãos e da sua disposição espacial. No sinal *PENSAR*, identifica-se, pelo lugar em que o sinal é realizado, a região à qual atribuímos o ato de pensar (representada pela própria cabeça), o que revela a alta iconicidade do ponto de articulação. Por fim no sinal *FATIAR*, identifica-se o objeto cortante (representado pela configuração da mão ativa⁴⁰ em “B”), o objeto cortado (representado pela mão passiva em “C”) e a ação de cortar (representada pelo movimento da mão ativa, em relação à mão passiva), o que numa análise breve revela a alta iconicidade não apenas da configuração de mão, mas também do movimento do sinal e do ponto de articulação (a lateral da mão passiva).

³⁹ Mão que apoia a mão ativa durante a produção do sinal.

⁴⁰ Mão que serve de apoio para a mão ativa durante a produção do sinal.

Taub (2012) analisa a iconicidade nas línguas de sinais tanto na representação de sinais e eventos concretos, quanto na combinação da iconicidade com metáfora e metonímia para representar conceitos mais abstratos, ou seja, de forma simplificada a iconicidade é o que os sinais parecem. Mas quando uma pessoa não sabe os sinais, muitas vezes, não reconhecem a iconicidade nestes. Na verdade, segundo Quadros (2019), parece mais apropriado reconhecer que as formas dos sinais lembram algo, incluindo informações de ordem mais conceituais e culturais.

Para Leite (2008, p. 36) esse processo de construção de sinais fazendo uso de recursos icônicos é altamente produtivo nas LSs, e está também presente nas LOs, embora de maneira bem mais limitada (Taub, 2000). Taub propõe, então, um modelo de construção analógico para Odar conta desse fenômeno produtivo, que envolve três dimensões distintas: seleção de imagem, esquematização e codificação. O esquema apresentado na figura 36 proposto por Leite (2008, p. 36), reproduzido de Taub (2000, p. 35), ilustra a aplicação do modelo proposto pela autora à formação do sinal ÁRVORE da ASL.

Figura 46 – Modelo de construção analógico de Taub



Fonte: Leite (2008, p. 36)







Segundo Taub (2000), nosso conceito de árvore carrega todo o nosso histórico (subjetivo) de interação com árvores, podendo envolver o conhecimento de suas formas, cheiros, texturas, sons que produzem, além de todo conhecimento enciclopédico que pode ser adquirido indiretamente sobre elas.

De todo esse potencial intrinsecamente ligado às nossas experiências, é feita uma seleção metonímica de um ou mais traços imagéticos para serem representativos do conceito na língua. No caso da ASL – e, como veremos mais adiante, também da Libras, a figura 46 apresenta uma árvore que nasce perpendicularmente ao chão, com um tronco liso e uma copa,

sem referência, por exemplo, à raiz, folhas, frutos etc. Essa escolha é arbitrária, embora motivada.

Leite (2008) aponta, por exemplo, que outras LSs escolhem outros traços para essa representação, como a língua de sinais húngara, que seleciona apenas o solo e o tronco; a língua de sinais turca, que seleciona apenas a copa; e a língua de sinais chinesa, que seleciona apenas o tronco, como vemos no quadro 10 abaixo.

Quadro 10 – Arbitrariedade e motivação na seleção de imagens do sinal ÁRVORE em 06 línguas de sinais

Libras	LSCaiçara	LS Italiana
		
ASL	LS Húngara	(LS Chinesa)
		

Fonte: Elaboração própria

No processo de esquematização, detalhes vívidos inerentes às instâncias são abstraídos em favor de elementos abstratos e simplificados (i.e. esquemáticos). No quadro 10⁴¹, por exemplo, a esquematização de ÁRVORE na Libras, na ASL e na Língua de sinais húngara mostra que detalhes sobre o solo (e.g. se é liso ou esburacado), o relevo (e.g. se é montanhoso ou rochoso), o tronco (e.g. se possui várias ramificações, se é grosso ou fino) e a copa (se é ampla ou mirrada, alta ou baixa) cedem lugar a apenas dois elementos: superfície plana e objeto

⁴¹ Os exemplos foram tirados de <http://www.hallatlan.hu/en/> (língua de sinais húngara), <http://turkisaret dili.ku.edu.tr/en/wordlist.aspx#> (língua de sinais turca), e Klima e Bellugi (1979) (língua de sinais chinesa). Klima e Bellugi foram os primeiros a apontar a natureza arbitrária, embora motivada, dos sinais nas LSs.







comprido vertical com a ponta alargada. Mesmo com essa esquematização, são mantidos elementos estruturais suficientes para que os mapeamentos entre o domínio mais abstrato (o sinal na Libras, na ASL e na Língua de sinais húngara) e o domínio mais concreto (a imagem da árvore) sejam realizados.



Outra dimensão do processo de formação do sinal descrito por Taub (2000), então, é a codificação. Na esquematização, recortes importantes são feitos diante da riqueza de detalhes dos referentes, a fim de que o conceito possa ser representado sem uma violação dos princípios de economia que toda língua exige. Já na codificação, esse recorte assume um caráter ainda mais particular, uma vez que cada língua irá trazer um repertório convencional distinto de formas potencialmente utilizáveis para a representação linguística do conceito. (LEITE, 2008).

Retomando as possibilidades de produções em língua de sinais propostas por Campelo (2008) citadas por Luchi (2013), temos ainda tomando como base o exemplo do sinal ÁRVORE a partir dos tipos de transferências:

Quadro 11 – Exemplo de transferências a partir do sinal ARVORE

TIPO DE TRANSFERÊNCIA	IMAGEM	SINALIZAÇÃO
Transferência de Tamanho e Forma (TTF)	<p data-bbox="520 1115 906 1178">Figura 47 – Imagem de uma Araucária</p>  <p data-bbox="520 1507 906 1704">Fonte: http://cta2009-2-dominios-morfoclimaticos.blogspot.com.br/2009/05/dominio-morfoclimatico-das-araucarias.html</p>	<p data-bbox="959 1115 1241 1149">Figura 48 – Sinalização</p>  <p data-bbox="959 1547 1273 1581">Fonte: Luchi (2013, p. 67)</p>

<p>Transferência Espacial (TE)</p>	<p>Figura 49 – Imagem de uma árvore em 3D.</p>  <p>Fonte: http://merielenalves.blogspot.com.br/2010/06/stills-da-animacao-3das-aventuras-de.html</p>	<p>Figura 50 – Sinalização de ÁRVORE em 3D</p>  <p>Fonte: Luchi (2013, p. 68)</p>
<p>Transferência de Localização (TL)</p>	<p>Figura 51 – Imagem de quatro árvores</p>  <p>Fonte: Luchi (2013, p. 67)</p>	<p>Figura 52 – Sinalização da imagem de 04 árvores</p>  <p>Fonte: Luchi (2013, p. 67)</p>
<p>Transferência de Movimento (TM)</p>	<p>Figura 53 – Árvore com vento</p>  <p>Fonte: http://aidobonsai.com/2009/06/06/a-arvore-e-o-vento/0003-2/</p>	<p>Figura 54 – Sinalização da imagem de uma árvore ao vento</p>  <p>Fonte: Luchi (2013, p.</p>

		67) ⁴²
Transferência de Incorporação (TI)	<p>Figura 55 – Árvore no Crepúsculo</p>  <p>Fonte: http://www.blog.colegioamparo.org/wp-content/uploads/2011/03/arvores-com-galhos-retorcidos-30c97.jpg</p>	<p>Figura 56 – Sinalização de uma árvore com galhos retorcidos</p>  <p>Fonte: Luchi (2013, p. 69)</p>

No quadro acima, identificamos várias formas de sinalização de ÁRVORE a depender do contexto e das circunstâncias que estas se encontram, o que nos faz perceber que estas transferências e ainda a iconicidade não implica equivaler as LSs à mímica ou pantomima, uma vez que os itens linguísticos são forçados a adequar-se às categorias fonéticas e semânticas da língua, enquanto a mímica é restrita apenas pelo poder de conceitualização do imitador e suas habilidades físicas (TAUB, 2000).

Essa iconicidade dos traços mínimos que compõem os sinais das LSs tem conduzido alguns autores a achados que, embora reveladores, me parecem interpretados de maneira inadequada. Por exemplo, Capovilla e Raphael (2005) descobriram um interessante repertório de padrões icônicos produtivos na formação dos sinais da Libras (e.g. a abertura de mãos e dedos para representar a propagação de um objeto físico ou abstrato (como em ESPALHAR, ACENDER, PROJETAR, ENSINAR, entre outros), mas interpretam esses padrões como exemplo do que eles denominam morfemas metafóricos.

Taub (2012) analisa a iconicidade nas línguas de sinais tanto na representação de sinais e eventos concretos, quanto na combinação da iconicidade com metáfora e metonímia para representar conceitos mais abstratos, ou seja, de forma simplificada a iconicidade é o que os sinais parecem. Mas quando uma pessoa não sabe os sinais, muitas vezes, não reconhecem a iconicidade nestes. Na verdade, segundo Quadros (2019), parece mais apropriado reconhecer

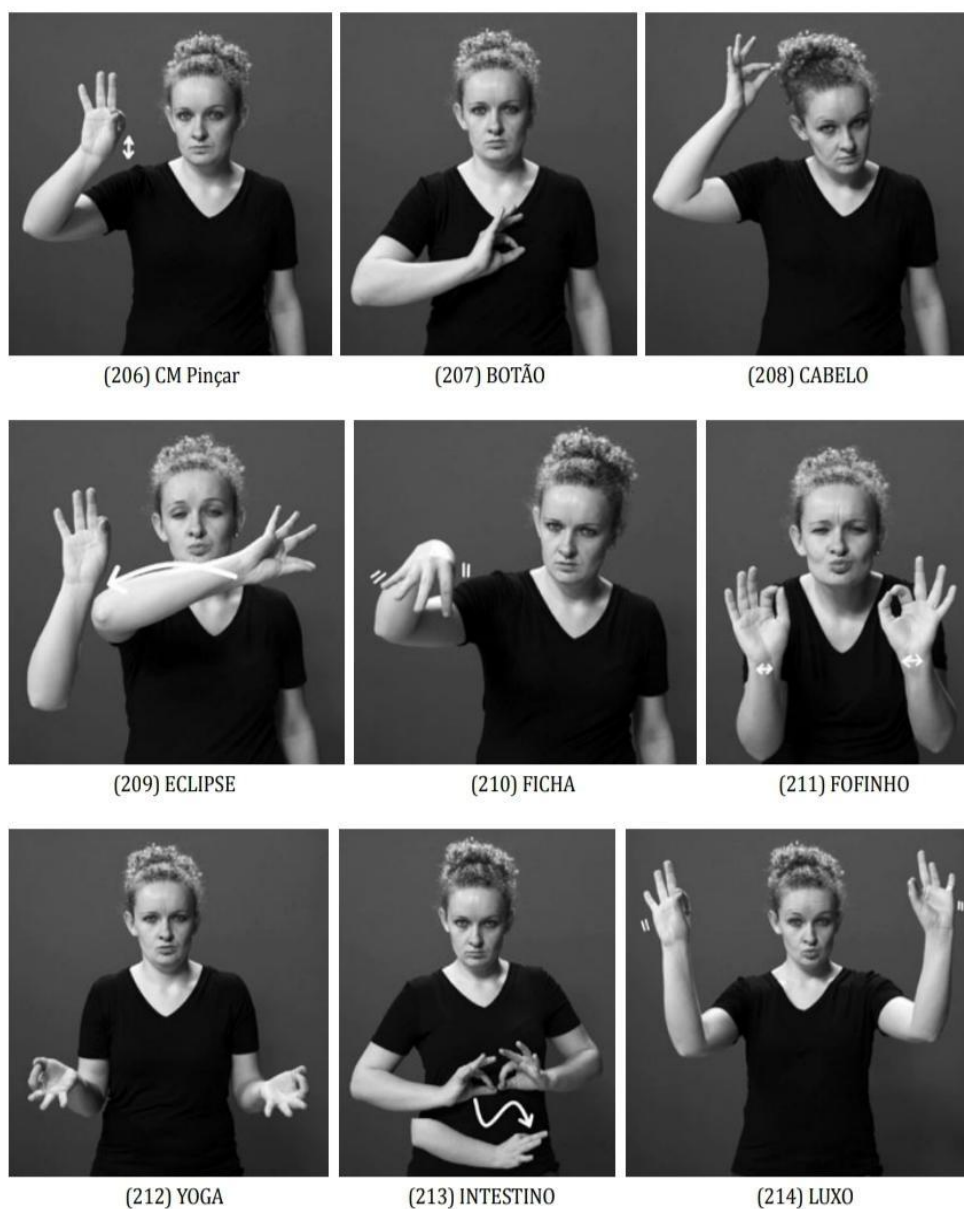
⁴² A sinalização completa destes exemplos citados por Luchi (2013, p. 67-69) estão disponíveis em: <http://www.youtube.com/watch?v=rzhKtBOuUU&feature=youtu.be>

que as formas dos sinais lembram algo, incluindo informações de ordem mais conceituais e culturais.

Costa (2014), citado por Quadros (2019, p. 116-117), analisou um conjunto de configurações de mãos em Libras e identificou vários elementos motivados por suas diferentes formas na produção dos sinais. A seguir mostraremos alguns exemplos apontados por Costa (2014).

Um primeiro exemplo é quando a configuração de mão que indica ‘pinçar’ aparece em vários sinais que apresentam uma relação motivada pela forma do objeto.

Figura 57 – Sinais com a Configuração de mão em “pinçar”



Fonte: Quadros (2019, p. 116-117)

Costa (2014) identificou no caso de BOTÃO e FICHA, a motivação está relacionada à forma dos objetos. Já em CABELO a motivação vem da própria ação de segurar um fio de cabelo. A forma arredondada do objeto e da interseção entre os dois objetos iconicamente representados. Em FOFINHO, a motivação envolve o gesto de pegar no rosto e a indicação de delicado que, também, parece estar motivada na forma de pinça produzida por ambas as mãos. Seguidamente, Costa (2014) apresenta o sinal de YOGA que tem como motivação o ato de meditar. INTESTINO, por sua vez, motiva-se pela forma arredondada do objeto, e por fim LUXO motiva-se metaforicamente pelo gesto que demonstra sentido de superioridade e perfeição.

Como vimos acima, estes são alguns exemplos identificados por Costa, utilizando a configuração de mão em pinça. A autora, então conclui a partir dos dados analisados que há também um componente gestual que motiva os sinais da Libras.

Não obstante, a partir destas concepções iniciais que se referem as línguas de sinais emergentes, bem como da iconicidade, tentaremos no capítulo das análises, descrever e analisar um pequeno excerto da Língua de Sinais Cena e da Língua de Sinais de Caiçara sobre possíveis questões gramaticais dessas citadas línguas.

6 SOBRE INVENTÁRIOS, PATRIMÔNIO CULTURAL, POLÍTICA E DIVERSIDADE LINGUÍSTICA: O QUE SABEMOS?

A língua é um bem jurídico que deve ser preservado, resguardando-se os direitos linguísticos de seus falantes (ANDRADE, 2021).

Inventário é uma palavra da Língua Portuguesa praticada no Brasil, e deriva de *inventarium*, da antiga língua latina, significando principalmente uma listagem (ou levantamento) dos bens deixados por alguém e, ao mesmo tempo, o documento onde se encontram registrados estes mesmos bens (MORELLO; SEIFFERT, 2011). Neste sentido, encontrar uma tradução ou aproximação possível para os sentidos de inventariar uma língua entre culturas linguísticas que, como vimos anteriormente, postam-se como distintas constituiu um dos grandes desafios do presente trabalho. Como vimos anteriormente, apesar dos primeiros estudos internacionais de comprovação linguística da língua de sinais datarem da década de 60 e, em âmbito nacional, se constituírem na década de 80, somente em 2002, com a Lei Federal Nº 10.436, a Língua Brasileira de Sinais foi reconhecida como língua da comunidade surda do Brasil (BRASIL, 2002, p. 23). Todavia, apesar do avanço em relação ao reconhecimento das línguas de sinais, cabe ressaltar a insistente invisibilização que se faz da surdez dentro das discussões sobre minorias linguísticas. Como exemplo disso é possível mencionar o apagamento das línguas de sinais e da comunidade surda no documento que trata sobre a Declaração Universal dos Direitos Linguísticos (DUDL), publicado por Oliveira (2003).

De acordo com Andrade (2021), a DUDL, denominada também de Declaração de Barcelona, é um documento assinado pela UNESCO, pelo PEN (clube), e por várias organizações não governamentais em 1996 para garantir os direitos linguísticos, sobretudo os das línguas em extinção. A DUDL foi aprovada na conclusão da Conferência Mundial sobre Direitos Linguísticos (1996) em Barcelona, Espanha, e elaborada em sintonia com o que foi recomendado na Declaração do Recife (1987) durante um congresso realizado na Faculdade de Direito do Recife, da UFPE.

A Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial (2003), no artigo 2º, alínea “a” prevê que a língua é integrante do patrimônio cultural imaterial. O Preâmbulo da DUDL diz:

A situação de cada língua, tendo em conta as considerações prévias, é o resultado da confluência e da interação de uma multiplicidade de fatores: político-jurídicos; ideológicos e históricos; demográficos e territoriais; econômicos e sociais; culturais; linguísticos e sociolinguísticos; interlinguísticos; e, finalmente, subjetivos.

No rol dos direitos culturais, Andrade (2021) destaca que a língua como a expressão viva de um povo, sendo, portanto, um traço distintivo do falante, seja no aspecto cultural, temporal ou social. Essa convenção, nos itens 5 e 6, explicitou dois objetivos e inseriu a diversidade linguística no rol de manifestação cultural:

5. Salvar o patrimônio linguístico da humanidade e apoiar a expressão, a criação e a difusão no maior número possível de línguas.
6. Fomentar a diversidade linguística - respeitando a língua materna - em todos os níveis da educação, onde quer que seja possível, e estimular a aprendizagem do plurilinguismo desde a mais jovem idade.

Não obstante programar essa perspectiva de salvar o patrimônio linguístico e fomentar a diversidade linguística para o Inventário de uma comunidade linguística constitui-se como uma tarefa inovadora no âmbito dos estudos sobre as línguas no Brasil.

De acordo com o portal do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) outro resultado da mobilização que envolveu setores da sociedade civil e governamentais interessados em mudar esse cenário é o Decreto nº 7.387, de 9 de dezembro de 2010, que instituiu o Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL) como instrumento oficial de identificação, documentação, reconhecimento e valorização das línguas faladas pelos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira e dentre elas a Libras.

Para Chacon et al. (2014), a produção do conhecimento e a documentação das línguas são elementos fundamentais dessa política advinda com o inventário, pois parte considerável dessa diversidade linguística no Brasil não foi suficientemente estudada. Muitas das línguas existentes correm risco de desaparecimento, motivo pelo qual é estratégica a realização de pesquisas que permitam não só gerar acervos sobre elas, mas também produzir diagnósticos para subsidiar a implantação de ações de fortalecimento e salvaguarda dessa diversidade.

A política da Diversidade Linguística atua por via de dois instrumentos específicos: o Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL) e o Guia de Pesquisa e Documentação para o INDL. Entre as ações de valorização previstas nessa política encontra-se o reconhecimento da importância das línguas como elemento de transmissão da cultura e como referência identitária para os diversos grupos sociais que vivem no país. Chacon et al (2014, p. 10) acrescenta ainda que o papel relevante das línguas para a vida das pessoas e grupos, para a

sua história e a sua memória é reconhecido por meio de título de “Referência Cultural Brasileira” emitido para cada língua incluída no Inventário Nacional da Diversidade Linguística. E assim conforme o artigo 5 do citado decreto, ao ser incluída no INDL a língua fará “jus a ações de valorização e promoção por parte do poder público” (BRASIL, 2010).

O INDL é o instrumento oficial de reconhecimento de línguas como referência cultural brasileira e tem como objetivo a “identificação, documentação, reconhecimento e valorização das línguas portadoras de referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira” (BRASIL, 2010, Art. 1º). Por ser um instrumento com a dupla finalidade de pesquisar as línguas e reconhecê-las como patrimônio cultural, o INDL deve permitir o mapeamento, a caracterização e o diagnóstico das diferentes situações relacionadas à pluralidade linguística brasileira (BRASIL, 2010, Art. 4º).

De acordo com Chacon (2014, p. 15) para que uma língua seja incluída no Inventário é necessário, antes de tudo, produzir conhecimento sobre ela, documentar seus usos e realizar um diagnóstico sobre as suas condições de vitalidade. Nesse sentido, foi elaborado o Guia de Pesquisa e Documentação, que objetiva orientar a produção de conhecimento e documentação sobre línguas, visando ainda a sua inclusão no inventário.

O referido Guia propõe um escopo de informações a serem produzidas sobre a língua, um conjunto de orientações teórico-metodológicas e um formulário para a sistematização dos resultados da pesquisa, podendo ser utilizado tanto para a produção de conhecimentos novos – em situações de identificação de línguas ainda não estudadas – quanto para a sistematização de conhecimentos já existentes, produzidos em outros contextos.

Nesta perspectiva, de acordo com Morello (2012), a política do inventário pode abordar uma língua e seus usos de modo amplo, englobando o autorreconhecimento do falante como parte dela, validado por seus pares. Com essa ação, o INDL permite que se reafirmem vínculos identitários, e assim alavanca de forma importantíssima um mote para a produção e disponibilização de novos sentidos, agora positivos, para o fato de se falar outra língua ou pertencer a uma distinta comunidade linguística no Brasil.

Sabemos que, no Brasil, há mais de 250 línguas no Brasil atualmente – sejam elas indígenas, de imigração, crioulas, afro-brasileiras ou de sinais – embora em número infinitamente menor do que as cerca de 1.500 existente há quinhentos anos, são a expressão de uma diversidade linguística que resistiu e que agora está disponível para que o cidadão brasileiro possa com ela se identificar e nela investir simbolicamente, culturalmente, economicamente (MORELLO, 2012).

Considerando a amplitude da diversidade linguística existente no país, Chacon et al (2014, p. 13-14) propõe cinco categorias de línguas no campo da política da diversidade política, e considerando a presente pesquisa acrescentamos uma sexta categoria:

Quadro 12: Categorias de Línguas

TIPO	CONCEITO	EXEMPLO	AUTOR
LÍNGUA DE IMIGRAÇÃO	Línguas alóctones trazidas ao Brasil por grupos de fala advindos principalmente da Europa, Oriente Médio e Ásia e que, inseridas em dinâmicas e experiências específicas dos grupos em território brasileiro, tornaram-se referência de identidade e memória.	Talian, Pomerano, Hunsrückisch, entre outras.	Chacon et al (2014, p. 13)
LÍNGUAS INDÍGENAS	Línguas autóctones, originárias do continente sul-americano – da porção que hoje corresponde ao território brasileiro – e faladas por populações indígenas.	Guaraní, Kaingáng, Baniwa, Tukáno, Ninam, Maxakalí, Marubo, entre outras.	Chacon et al (2014, p. 13)
LÍNGUAS AFRO-BRASILEIRAS	Línguas de origem africana faladas no Brasil. Essas línguas apresentam notáveis diferenças linguísticas em vários aspectos de sua estrutura gramatical, produzidas por mudanças históricas desencadeadas pelo contato com o Português, podendo ter ocorrido transferências gramaticais desde esse substrato africano (LUCCHESI et al., 2009).	Gíria de Tabatinga, língua do Cafundó e variedades Afro-brasileiras do Português Rural.	Chacon et al (2014, p. 13)
LÍNGUAS DE SINAIS	Línguas faladas por comunidades surdos, incluindo pessoas surdas e ouvintes, que se utilizam da modalidade visuo-espacial com sinais manuais e não manuais, tais como expressões faciais e corporais.	Libras	Chacon et al (2014, p. 14)

LÍNGUAS CRIOULAS	Línguas surgidas a partir da aquisição como língua materna por parte de um grupo social de uma língua Pidgin ⁴³ .	os Galibi- -Marwómo, os Karipuna e os Palikur ⁴⁴	Chacon et al (2014, p. 14)
LÍNGUAS DE SINAIS EMERGENTES	Sinais utilizados por uma comunidade isolada, altamente estruturados, retomando as primeiras etapas de constituição das línguas de sinais propriamente ditas.	Língua de Sinais Urubu-Ka'apor, Cena, Língua de Sinais de Caiçara (Várzea Alegre-Ce)	Silva (2021)

Fonte: Elaboração própria.

Como vimos acima, embora a Língua Portuguesa seja a língua oficial e majoritária do nosso país, o arcabouço linguístico supracitado decorre de fatores históricos, geográficos e étnico-culturais que influenciam a conformação de elementos linguísticos que demarcam identidades de grupos e processos históricos específicos de interesse para a política patrimonial.

De acordo com Chacon et al (2014, p. 14), a Política da Diversidade Linguística é estruturada a partir de duas linhas de atuação, denominadas Reconhecimento e Apoio e Fomento. A primeira acolhe todas as ações destinadas à inclusão de uma língua no INDL, em atendimento ao Decreto Federal Nº 7.387/2010. Na segunda, agrupa ações que podem contribuir para o fortalecimento e promoção das línguas e da diversidade linguística para além do Reconhecimento como Referência Cultural do Brasil, que podem ser solicitadas a qualquer momento e devem atender aos requisitos necessários para a inclusão de línguas no INDL.

Nesta perspectiva, o INDL propõe uma articulação a outras ações como a da cooficialização de línguas, podendo assim, iluminar a configuração de um novo quadro para a promoção das línguas brasileiras, caminhando na direção da consolidação social e política dessa noção línguas brasileiras, não apenas como identificação de um povo, mas, sobretudo como espaço de negociação e de fortalecimento das diversas comunidades linguísticas.

Chacon et al (2014, p. 16) acrescenta ainda que a execução da Política da Diversidade Linguística envolve muitos atores, dentre estes os mais importantes deles são as comunidades

⁴³ Pidgins são línguas formadas em situações de contato entre duas ou mais línguas, em que uma língua dominante é profundamente reformulada em seu léxico, gramática e fonologia devido a um processo de aquisição parcial e pela influência da(s) língua(s) falada(s) pelo grupo social que veio a adotar esse pidgin como língua materna. Ao se tornar uma língua materna, a língua crioula também adquire características novas, tornando-se funcionalmente equivalente a qualquer outra língua materna (CHACON et al, 2014, p. 14).

⁴⁴ Grupos que vivem no estado do Amapá e falam uma língua crioula formada a partir do Francês, como língua dominante, e de diferentes línguas africanas e indígenas da Guiana Francesa e Suriname (CHACON et al, 2014, p. 14).

linguísticas, ou seja, os grupos de pessoas que falam determinadas línguas e que as reconhecem como parte integrante da sua identidade, do seu modo de viver e de estar no mundo. Para ter acesso às ações de preservação da diversidade linguística essas comunidades precisam atender a um requisito fundamental: estarem interessadas na preservação da(s) sua(s) língua(s). São estas comunidades que participarão da produção e validação dos conhecimentos sobre a(s) língua(s); que irão solicitar à Comissão Técnica do INDL (CT-INDL) a inclusão da(s) língua(s) no Inventário; e que irão mobilizar os demais poderes públicos para a implantação de ações e políticas locais voltadas para o fortalecimento da(s) língua(s), assim como participar da execução dessas ações.

6.1 DIVERSIDADE LINGUÍSTICA E PATRIMÔNIO CULTURAL

A constituição da língua como objeto do campo patrimonial parte da compreensão da diversidade linguística como elemento fundamental para a diversidade cultural (UNESCO, 2005), e da relação indissociável entre língua e cultura. Nesse contexto, cada língua é entendida como um fenômeno cultural singular e referencial para os grupos sociais. A perspectiva antropológica de cultura e o conceito de diversidade cultural são elementos fundadores do campo do patrimônio imaterial (cf. UNESCO, 2003a; GTPI, 2012).

De acordo com Chacon et al (2014, p. 17) o “patrimônio cultural imaterial” seriam as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo, assim, para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana.

Para entender a língua como objeto do campo do patrimônio cultural, portanto, é preciso compreender as relações existentes entre língua, cultura e sociedade. É por meio dos usos que uma língua se mantém viva, que atua como meio de comunicação, como expressão e transmissão de conhecimentos, ideias e valores de uma geração para outra. E também é pelo estudo dos seus usos que se compreende, de forma mais significativa, a dimensão identitária das práticas linguísticas.

Além da reflexão supracitada de língua como objeto do patrimônio cultural, o INDL requer também que se considerem os desafios da produção de conhecimento no âmbito de uma política pública. Um desses desafios, citado por Chacon et al (2014, p.19) é a compreensão de que os processos de identificação e documentação das línguas possui uma finalidade prévia, que é gerar subsídios para o desenvolvimento de outras ações. No caso desse inventário, além da caracterização da língua como referência cultural, existe a necessidade de se realizar diagnósticos da situação em que ela se encontra, da sua vitalidade, assim como de discutir com as comunidades o que é necessário para a sua sustentabilidade.

Conforme já citamos anteriormente, e ainda de acordo com dados da UNESCO (2006) a diversidade linguística no mundo encontram-se sob ameaça, pois das cerca de 6.700 línguas faladas no mundo, 90% são faladas por apenas 4% da população mundial e 50% das línguas estão ameaçadas de desaparecerem até o final deste século. No Brasil, segundo Rodrigues (1993), o declínio dessa diversidade é notório se considerarmos a perspectiva histórica, uma vez que das 1.078 línguas indígenas que eram faladas em território brasileiro no tempo da chegada dos portugueses, hoje sobrevivem menos de 30%.

Para Franchetto (2005), Moore e Gabas (2006) e Harrison (2007) as consequências da extinção das línguas são diversas e irreparáveis, tanto para as comunidades locais e falantes quanto para a humanidade como um todo, pois impacta de forma imediata na perda de diversidade cultural, uma vez que cada língua possui os meios específicos, historicamente construídos de se conceber, conhecer e agir sobre o mundo, incluindo conhecimentos altamente técnicos.

A crise na diversidade linguística relaciona-se também ao desconhecimento da diversidade linguística por grande parte da população brasileira, que é sustentado pela representação de uma suposta unidade da língua portuguesa como única língua falada no país. Essa falta de conhecimento e de valorização leva, por conseguinte, à marginalização e discriminação de grupos falantes de línguas minoritárias.

Face ao exposto compreendemos que as línguas faladas por grupos minoritários necessitam de atenção especial e de uma política que venha a salvaguardar a sua diversidade linguística, uma vez que estas se encontram em posição de extrema vulnerabilidade sociolinguística. A situação citada advém não só do fato dessas línguas serem faladas por grupos sociais pouco numerosos considerando contexto populacional do país, mas pela falta de conhecimento e valorização de/sobre elas. Se colocássemos no mapa as centenas de línguas ainda ocultadas pela representação majoritária de um país com uma única língua – ou seja, pela

ideia de que só falamos o Português, ou ainda que só exista uma língua de sinais – talvez tenhamos a possibilidade mais significativa, em médio prazo, do alcance do reconhecimento das línguas como patrimônio cultural.

Uma dessas comunidades linguísticas citadas anteriormente que lutam pelo reconhecimento de línguas de minorias que hoje posta-se como campo para várias pesquisas, é a voltada para o estudo, mapeamento e registro das línguas de sinais brasileiras como veremos no tópico a seguir.

6.2 INVENTÁRIO NACIONAL DA LIBRAS (INLIBRAS)

O campo de estudo de línguas de sinais cresceu significativamente na última década, ganhando relevância tanto no âmbito acadêmico quanto no âmbito social. Apesar dessa relevância, estudos linguísticos baseados na Libras ainda carecem de uma maior fundamentação empírica, em parte devido aos grandes desafios que o registro e a manipulação de dados de uma língua sinalizada impõem ao pesquisador (QUADROS et al, 2018).

Muitas pesquisas, em diversas instituições por todo o país, vêm ganhando cada vez mais espaço, trazendo contribuições tanto no âmbito teórico – impulsionando as mais e mais pesquisas sobre língua de sinais e surdez no Brasil – quanto no âmbito aplicado – oferecendo fundamentos teóricos e empíricos para a criação de materiais didáticos para o ensino de Libras, além de oferecer um registro da experiência de vida da comunidade surda brasileira que poderá ser explorado pela própria comunidade surda como uma forma de promoção da inclusão social.

O conceito de comunidade surda brasileira usuária de Libras parte da concepção de comunidade linguística estabelecida no INDL, ou seja, é uma definição com base sociolinguística: [...] a língua serve para demarcar posições e identidades sociais de coletividades e indivíduos, criando o tecido simbólico e comunicativo de uma comunidade; por outro lado, as práticas sociais criam os contextos diversos de usos de uma língua, marcando a sua evolução tanto estrutural e simbólica quanto com relação a normas e valores da sociedade (CHACON et al., 2014, p. 4).

Com enfoque mais recente, em 2017 instituiu-se o Inventário Nacional da Língua Brasileira de Sinais de que é parte da Política da Diversidade Linguística e atua como instrumento oficial de identificação, documentação, reconhecimento e valorização das línguas faladas pelos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira. Conforme já citado anteriormente, estima-se que mais de 250 línguas sejam faladas no Brasil entre indígenas, de

imigração, de sinais, crioulas e afro-brasileiras, além do português e suas variedades. Esse patrimônio cultural na maioria das vezes é desconhecido por grande parte da população brasileira, que se acostumou a ver o Brasil como um país monolíngue.

O objeto de estudo do Inventário Nacional de Línguas de Sinais Brasileiras *a priori*, é a Língua Brasileira de Sinais, a Libras. Neste contexto, a Libras é uma língua nacional usada pela comunidade surda por todo o território brasileiro e essa comunidade linguística pode ser classificada como: comunidade surda que inclui surdos e ouvintes usuários de Língua Brasileira de Sinais que integram agrupamentos de surdos por meio de associações de surdos, escolas, universidades e encontros informais (QUADROS et al, 2018).

Numa perspectiva histórica, registramos que a proposta de consolidar o Inventário Nacional de Libras enquanto forma de documentação começou a tomar forma em 2018. Além dos desdobramentos legais, registramos ainda que a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS), juntamente com a Federação Mundial de Surdos, incentiva a documentação das línguas de sinais. Nessa mesma direção, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 2017, instituiu o Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL) que inclui entre as categorias de línguas, as línguas de sinais.

Como já mencionado, as línguas de sinais brasileiras adentraram essa proposta e passaram a configurar as políticas linguísticas no âmbito do IPHAN, no Ministério da Cultura, além de fazer parte de linhas de fomento de pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ).

Deste modo, pesquisas como as que estão sendo desenvolvidas junto aos falantes e fluentes da Língua Brasileira de Sinais são vistas como fundamentais para a valorização e continuidade desse valioso bem cultural brasileiro e da diversidade linguística como um todo, além de fomentar a produção de conhecimento sobre as línguas faladas no Brasil e contribuir para a garantia de direitos linguísticos.

De acordo com Quadros (2018), o campo de estudo de línguas de sinais cresceu significativamente na última década, ganhando relevância tanto no âmbito acadêmico quanto no âmbito social. Todavia os estudos linguísticos baseados na Libras ainda carecem de uma maior fundamentação empírica, em parte devido aos grandes desafios que o registro e a manipulação de dados de uma língua sinalizada impõem ao pesquisador. Como contributo, o inventário nacional da Libras constitui um corpus de Libras abrangente e consistente, com procedimentos de registro consolidados, documentação e recuperação de dados e metadados relativos à Libras, trazendo ainda contribuições tanto no âmbito teórico – impulsionando as

pesquisas sobre língua de sinais e surdez no Brasil – quanto no âmbito aplicado – oferecendo fundamentos teóricos e empíricos para a criação de materiais didáticos para o ensino de Libras, além de oferecer um registro da experiência de vida da comunidade surda brasileira e que, por sua vez, poderá ser explorado pela própria comunidade surda⁴⁵ como uma forma de promoção da inclusão social.

Além dos aspectos acima propostos o Inventário Nacional da Libras especificamente, objetiva a difusão, visibilidade, valorização e instrumentalização de políticas linguísticas relacionados a essa língua. O Inventário Nacional de Libras apresenta várias frentes de documentação:

- a) Inventário de Libras de Santa Catarina Grande Florianópolis³ – este inventário compreende um corpus de libras e o levantamento demográfico dos usos dessa língua na região. (Pesquisadora responsável Ronice Müller de Quadros).
- b) Antologia de Poesias em Libras – este inventário compreende o corpus de produções poéticas em Libras (Pesquisadora responsável Fernanda de Araújo Machado).
- c) Libras Acadêmico – este inventário inclui um levantamento das produções de textos acadêmicos em libras no escopo do Curso de Letras Libras 2006 e 2009 que compreende 15 estados brasileiros (Pesquisador responsável Tarcísio de Arantes Leite).
- d) Glossários terminológicos em Libras e Português – este inventário inclui glossários de diferentes áreas de conhecimento disponibilizados por meio de um programa desenvolvido pela Universidade Federal de Santa Catarina (Pesquisadora responsável Marianne Rossi Stumpf) (STUMPF; OLIVEIRA; MIRANDA, 2014).

Quadros et al (2018) informa que de 2014 a 2018, realizou-se um mapeamento da Libras, como resultado de um projeto financiado pelo Instituto do Patrimônio Histórico Imaterial IPHAN - Ministério da Cultura, executado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em parceria com o Instituto de Políticas Linguísticas (IPOL). O citado mapeamento parte da comunidade surda da Grande Florianópolis e de surdos identificados como usuários de referência da comunidade surda brasileira, constituindo-se comunidades de referência linguística na comunidade da Grande Florianópolis e no país, respectivamente.

A partir do Inventário de Libras de Santa Catarina da Região Metropolitana de Florianópolis, objetiva-se replicar este estudo em outros estados do Brasil, no intuito de

⁴⁵ Entende-se por comunidade surda brasileira usuária de Libras a partir da concepção de comunidade linguística estabelecida no INDL, ou seja, é uma definição com base sociolinguística: [...] a língua serve para demarcar posições e identidades sociais de coletividades e indivíduos, criando o tecido simbólico e comunicativo de uma comunidade; por outro lado, as práticas sociais criam os contextos diversos de usos de uma língua, marcando a sua evolução tanto estrutural e simbólica quanto com relação a normas e valores da sociedade (Guia do INDL, material de apoio, CHACON et al., 2014, p. 4).

assegurar que os dados sejam coletados e organizados da mesma forma para garantirmos a possibilidade de compará-los entre si indicando possivelmente diferenças e variações da Libras.

De acordo com Quadros (2016), os procedimentos criados no escopo do Inventário de Libras do Estado de Santa Catarina da Região Metropolitana podem servir de referência para constituição de outros projetos que envolva a coleta de dados de línguas de sinais não diretamente relacionados com o Inventário de Libras de cada cidade.

A replicação do Inventário de Libras já está acontecendo em alguns locais do Brasil: Ceará, Região Metropolitana de Fortaleza, na Universidade Federal do Ceará, sob Coordenação de Rodrigo Machado; Alagoas, Região Metropolitana de Maceió, na Universidade Federal de Alagoas, sob a coordenação do Jair Silva, com financiamento do CNPQ e no Distrito Federal, em Brasília, na Escola Pública Integral Bilíngue Libras e Português Escrito de Taguatinga, por meio de Projeto de Extensão, coordenado pelo Professor Messias Ramos Costa, da Universidade de Brasília, com o apoio da Professora Sandra Patrícia de Faria do Nascimento, da Secretaria de Educação do Distrito Federal, com patrocínio inicial da Secretaria de Cultura do Distrito Federal.

Face ao exposto, a Libras passou a figurar dentro de uma política mais abrangente em relação às línguas do país, por meio de sua documentação. No presente inventário, realiza-se um mapeamento, identificando as situações de usos e as atitudes linguísticas, assim como efetivamente o registro dessa língua constituindo um corpus. O trabalho do INLIBRAS sobrepõe os objetivos do próprio INDL, ou seja, identifica, reconhece e salvaguarda a Libras, abrangendo componentes linguísticos, socioculturais e políticos da Libras na comunidade de surdos. De acordo com Quadros et al (2018, p. 16-17) o INLIBRAS apresentou os seguintes resultados:

- a) Um corpus de Libras envolvendo registros em vídeo de situações eliciadas e espontâneas de uso, para ser utilizado em pesquisas e em outras finalidades aplicadas (disponível em www.corpuslibras.ufsc.br).
- b) Um acervo linguístico constituído de dados e metadados da Libras e seus usuários disponibilizados em domínio público na página do Corpus de Libras (disponível também em www.corpuslibras.ufsc.br mediante login gratuito).
- c) Um levantamento sociolinguístico que apresenta a situação dos usos e atitudes em relação à Libras e a condição bilíngue da comunidade surda, bem como indicadores sociolinguísticos parciais de usuários da Libras, apresentado neste livro.
- d) Um registro abrangente e consistente com a sistematização dos procedimentos de registro, documentação e recuperação de dados apresentado neste livro.
- e) Subsídios para o movimento político da comunidade surda com um inventário que ofereça fundamentos para a proposição de novas políticas públicas relativas à Libras.
- f) Um registro linguístico, histórico e cultural da vida das pessoas surdas, contribuindo para o processo de inclusão social na sociedade brasileira (apresentado aqui neste livro e no formulário do INDL da Libras em <http://www.corpuslibras.ufsc.br/publicações>).

Neste sentido, os produtos resultados do INLibras vêm desde a sua criação promovendo a difusão, a visibilidade, a valorização e a instrumentalização de políticas linguísticas relacionadas com a Libras no país. A difusão da Libras envolve a socialização de todas as ações que envolvem esta língua por todo território brasileiro.

A UFSC criou o Portal de Libras⁴⁶ que incluirá várias fontes de informação sobre a libras, entre elas, os glossários e o Corpus da Libras, incluindo todos os materiais compreendidos no Inventário Nacional de Libras. Promover a socialização destas ações é fundamental, pois além de garantir a difusão da Libras, dá visibilidade e é um instrumento de políticas linguísticas de status, de corpus, de aquisição e de atitude. Ou seja, além de se realizar o registro da Libras por meio de sua documentação, valoriza-se esta língua, disseminando-a e tornando-a mais empoderada. Não obstante, a socialização permite o acesso a diferentes formas de registro para fins de aquisição, ou seja, o ensino da Libras como L1 para surdos e como L2 para ouvintes. Todos estes materiais acabam tendo um impacto na relação das pessoas com a língua, implicando em mudança de atitudes em relação a produção e gestão do conhecimento sobre a diversidade linguística língua, um dos objetivos mais específicos do Inventário Nacional de Libras.

Ressalta-se que a presente tese se inspira em aspectos metodológicos do INLibras no contexto do INDL, por isso dedicamos um capítulo para a sua apresentação. Não obstante a presente pesquisa contribuirá para o inventário da Libras, mediante registro das línguas de sinais utilizadas pelas comunidades surdas brasileiras que, até pouco tempo, eram considerados como sinais emergentes⁴⁷, e que hoje caminham para o entendimento destas como línguas de sinais de comunidades isoladas (rurais, aldeias, ilhas, vilarejos, dentre outros). No caso da língua de sinais utilizada nas comunidades de Várzea Queimada e no Sítio Caiçara, o mapeamento ora proposto é um ponto de partida, portanto, para contribuir e fortalecer a promoção da diversidade linguística e cultural como um patrimônio da humanidade, e ainda para que estas possam ser preservadas, reconhecidas e estudadas.

⁴⁶ O Portal de Libras está disponível em www.portal.libras.ufsc.br

⁴⁷ Vilhalva (2009, p. 70) pesquisadora surda focaliza os “sinais caseiros” indígenas, referidos no decorrer de sua dissertação como “sinais emergentes”, e versa em prol da necessidade de valorização linguística dos “sinais emergentes” na remodelação de políticas linguísticas que considerem o índio surdo como plurilíngue, com a “[...] abertura de uma sala de recursos para o estudo das línguas: Guarani, Portuguesa, Sinais Emergentes e Libras com tecnologia adequada a tais fins” (VILHALVA, 2009, p.103) e com o registro dessas manifestações linguísticas.

7 METODOLOGIA

A presente pesquisa se propôs a inventariar duas línguas de sinais emergentes utilizadas respectivamente em Várzea Queimada (Jaicós-PI) e Caiçara (Várzea Alegre – CE). O referido inventário das línguas aqui proposto se estrutura em torno das 03 (três) dimensões apresentadas pelo Guia de Pesquisa e Documentação para o INDL: produção de conhecimento, documentação e mobilização social.

Para Chacon (2014, p. 29), o termo produção de conhecimento possui sentido amplo,

ou seja, são as ações de pesquisa bibliográfica ou de campo, abrangentes ou pontuais, realizadas a partir de metodologias e técnicas variadas que objetivem compreender, explicar, identificar, caracterizar, descrever e diagnosticar um determinado objeto ou situação-problema. Deste modo, os objetos prioritários são a língua, a sua comunidade linguística e os contextos socioculturais a ela relacionados.

O mesmo autor apresenta a documentação como um processo amplo de registro da língua e das dinâmicas socioculturais nas quais ela se encontra inserida, com o objetivo de gerar acervos que possam servir de referência para outros estudos e ações. Trata-se de constituir memórias de práticas culturais que, por sua natureza dinâmica e processual, podem mudar rapidamente. Nesse sentido, ela também se constitui como uma importante ação de salvaguarda. Em nossa pesquisa, a documentação inicial proposta irá revelar aspectos significativos e linguísticos sobre a Cena e a Língua de sinais de Caiçara.

Sobre a documentação, Chacon (2014, p. 29) afirma que ela

abrange todos os conhecimentos produzidos no processo de pesquisa, sejam eles registrados nos formatos audiovisual, visual, sonoro ou escrito. Essa documentação da língua inventariada ganha materialidade nos produtos gerados pela pesquisa, que podem ser editados e publicados – como videodocumentários ou livros – ou produzidos para acervos, organizados e indexados, como registros de entrevistas, de práticas culturais, mapas, relatórios, etc.

O termo mobilização social por sua vez, “envolve todas as ações que têm como finalidade garantir o envolvimento dos falantes da língua e de outros atores estratégicos no processo de inventário, permitindo que este seja, de fato, participativo” (CHACON, 2014, p. 29).

Face ao exposto, este trabalho foi desenvolvido atendendo o percurso metodológico proposto pelo Guia de Pesquisa e Documentação para o INDL publicado em 2014. Não obstante teve como base à pesquisa qualitativa de cunho descritivo consubstanciado pelo método da narrativa.

Conforme Triviños (1987, p. 139), a pesquisa qualitativa “[...] considera o sujeito como um dos elementos de seu fazer científico, apoia-se em técnicas e métodos que reúnem características sui generis, que ressaltam sua implicação e da pessoa que fornece as informações.” Nesse sentido, esta pesquisa adota uma linha investigativa que busca compreender os valores, crenças, hábitos, atitudes, representações linguísticas e opiniões de um grupo de surdos residentes respectivamente em Várzea Queimada e no Sítio Caiçara, portanto, trata-se da compreensão de fenômenos caracterizados por um alto grau de complexidade interna, ou seja, atuando também na citada produção de conhecimentos.

No que tange à classificação da pesquisa segundo seus objetivos mais gerais, esta se apresenta como uma pesquisa descritiva que, para Gil (1991), objetiva a descrição das características de determinada população, elaboradas com a finalidade de identificar possíveis relações entre as variáveis e a natureza desta relação.

Com relação aos procedimentos de coleta de dados, a consulta de outras pesquisas se apresenta como valioso instrumento de obtenção de dados que facilitará o conhecimento, compreensão e clareza sobre o objeto de estudo investigado. Mediante esse instrumental intencionamos recolher informações não reveladas em outros instrumentais. Tal consulta se assemelha à pesquisa bibliográfica, a diferença entre ambas é a natureza das fontes.

Para Gil (1999), esse tipo de instrumental explora materiais que não receberam nenhum tratamento analítico. Assim, as fontes de informações utilizadas são fontes primárias e secundárias. A primeira representa informações novas ou originais, não submetidas à interpretação ou condensação, enquanto a segunda, constitui todos os dados ou informações organizadas conforme esquemas determinados. Em consonância com as ideias de Gil, Lüdke (1999, p. 39) acrescenta que:

Os documentos constituem uma fonte poderosa de onde podem ser retiradas evidências que fundamentam afirmações e declarações do pesquisador [...]. Não são uma fonte de informação contextualizada. Mas surgem num determinado contexto e fornecem informações sobre esse mesmo contexto.

Diante disso, buscou-se realizar durante nossa pesquisa, levantamento dos documentos inerentes à questão de estudo como, por exemplo, teses, dissertações, artigos científicos disponibilizados em periódicos na perspectiva de melhor compreender a problemática que envolve o processo de comunicação utilizando línguas de sinais emergentes, ou seja, a língua de sinais da Comunidade de Várzea Queimada e do Sítio Caiçara.

No campo da identificação de novas línguas, as que denominamos de línguas emergentes, conforme Vilhalva (2012) e Supalla (2006), o que se busca fazer são as descrições que oferecem uma interpretação mais próxima, compreendendo que esta perspectiva tem sido parâmetro fundamental para o desenvolvimento de novas abordagens nos estudos da linguagem e nos estudos etnográficos dos antropólogos.

De forma específica, nesta pesquisa apresentamos as diferentes formas de constituição de um inventário e os percursos metodológicos para a realização da documentação e organização dos dados, deixando claro que a proposta de identificação de línguas estrutura-se em torno das três dimensões anteriormente citadas: (a) produção de conhecimento: ações de pesquisa bibliográfica ou de campo; (b) documentação: amplo registro da língua e (c) mobilização social: envolvimento dos falantes da língua de outros atores estratégicos no processo de inventário (IPHAN, 2016).

A partir dos dados obtidos nesta pesquisa, constituiremos um inventário inicial para ambas as línguas e a partir deste, poderão ser gerados os seguintes outros produtos como: relatórios; acervo digital; anuências; autorizações de uso e documentos normativos; publicações, sendo os quatro primeiros obrigatórios. Ressalta-se que para alcançar tais objetivos, especificamente em relação ao acervo digital, a metodologia apresentada no Guia ressalva a obrigatoriedade de uma documentação representativa dos usos sociais da língua e a coleta de lista de 100 palavras da língua (Lista Swadesh). Também, sugere as possibilidades de técnicas pesquisa, dentre elas: questionários individuais; entrevistas; observação etnográfica, reuniões. Desse modo, os instrumentos elaborados para a coleta de dados do Inventário Nacional da Língua Brasileira de Sinais foram utilizados como parte desse percurso metodológico, tais como roteiro de observação, roteiro de entrevista semiestruturado e reuniões. Ressalta-se que todos estes instrumentos partiram e priorizaram três pontos principais: usos linguísticos da língua, aspectos sociolinguísticos e socioeconômicos de cada uma das comunidades pesquisadas. Estes pontos supracitados serviram de base para a coleta de dados, outros pontos abordados iam surgindo de acordo com cada contexto, deixando os dados obtidos cada vez mais natural.

Acrescento ainda que o Inventário Nacional da Libras se postou como referência para o presente estudo, mas este se diferencia por documentar uma língua que está presente em todo o território nacional. Esta diferença fica evidente quando nos referimos a línguas de comunidades específicas e, por isso, doravante procuramos apresentar os desafios enfrentados

nesta pesquisa e explicitando as escolhas metodológicas em razão do contexto e deste modo encontrou-se outros caminhos em razão das especificidades encontradas.

7.1 CAMPO DE INVESTIGAÇÃO

O campo de investigação dessa pesquisa foi constituído por dois contextos: da comunidade surda que reside no Sítio Caiçara, distante 14 km de Várzea Alegre, no Estado do Ceará e da comunidade surda que residem Várzea Queimada, distante 25,6 Km de Jaicós, no Piauí. Os critérios para definição deste campo se justificam pelo nosso interesse de mapear os sinais de que compõe a língua de sinais das referidas comunidades, como forma de obter uma visão clara sobre os dilemas anteriormente citados, e, assim, realizarmos uma análise comparativa da realidade linguística no que tange ao mapeamento de uma língua de sinais emergente.

7.1.1 Conhecendo um pouco mais sobre Várzea Queimada: vida, costumes e tradições

Várzea Queimada, bem como a maioria das cidades onde seus habitantes circulam, está localizada no centro-sul do Piauí, conhecido na divisão político-geográfica do estado como “Alto Médio Canindé”. Isto é possível de ser visualizado nas definições apresentadas nos sites oficiais brasileiros como, por exemplo, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

No mapa apresentado abaixo, Jaicós se localiza próximo à tríplice divisa entre os estados de Pernambuco, Ceará e Piauí. A cidade de grande porte mais próxima a Jaicós - PI é Petrolina – PE, distante cerca de 232 Km. Com relação à capital do Piauí, Teresina, a distância soma 352 Km. Mesmo estando mais próximo de Petrolina, os habitantes de Jaicós recorrem a Teresina para questões graves como, por exemplo, altas complexidades nas internações hospitalares (PEREIRA, 2013).

Figura 58 – Mapa do Estado do Piauí



Fonte: portalintegracao.com.br⁴⁸.

De acordo com Pereira (2013) dentre as localidades rurais de Jaicós figura a Várzea Queimada, que é tida como uma das mais populosas do município, juntamente com a comunidade do Esquisito e do Croazal. Tais localidades vêm recebendo atenção privilegiada das políticas públicas do município tendo oscilado, ao longo dos anos, os focos de atenção e investimento, uma vez que os olhares estavam voltados para a localidade da Várzea Queimada, o que provocou certo alvoroço na população e conflitos políticos com as demais comunidades, principalmente as de igual porte.

⁴⁸ Foto disponível em <<https://portalintegracao.com.br/78-municipios-do-pi-fizeram-acordo-sobre-limites-territoriais/mapa-do-piaui-com-todas-as-cidades-011387532466/>>. Acesso em 13 maio 2021

Figura 59 – Placa indicativa do povoado de Várzea Queimada.



Fonte: arquivo pessoal.

Várzea Queimada localiza-se a 27 Km da cidade de Jaicós, sendo desses 20 Km percorridos pela BR 407 e 7 Km percorridos em trecho não asfaltado, em uma pequena estrada de areia por entre morros, cajueiros e roças.

Figura 60 – Foto de uma rua de Várzea Queimada.



Fonte: arquivo pessoal.

Durante as observações registramos que a paisagem que ilustra a viagem de Jaicós a Várzea Queimada é marcada por pelo menos duas estações diferentes que, ao longo do tempo, estão mudando seus meses de chegada: o inverno e o verão, ou, a estação de chuvas e de secas, respectivamente. Na maior parte do tempo, a paisagem se caracteriza por uma vegetação seca, de árvores nativas baixas ou arbustos rasteiros, interrompidos pelas folhas verdes de cajueiros ou ainda das carnaubeiras que, sem chuva, insistem em nascer.

As casas são, em geral, construídas com tijolos produzidos pelos próprios moradores, em rituais coletivos de feitura com o barro do que eles chamam de Rio Morto, que demora muitos dias e noites. Já o alicerce da casa é feito de troncos da carnaúba. Poucas coisas são compradas. A maioria delas é extraída da flora local ou confeccionada pelos próprios moradores, tudo é muito artesanal, o que faz por si só desse local muito original.

Figura 61 – Registro de uma casa em Várzea Queimada.



Fonte: arquivo pessoal.

Sobre a estrutura, a maioria das casas se assemelha na distribuição dos cômodos: uma antessala grande, com espaço livre para que as redes dos familiares sejam estendidas caso necessário; uma cozinha que conta com pia, mesa e fogão a lenha e, atualmente, com alguns produtos eletroeletrônicos (como geladeira); um quarto para o casal, geralmente os patriarcas da família; e um amplo quintal, onde se criam como galinhas e porcos, e cultivam plantas para temperos no uso cotidiano na cozinha. Na área externa da casa está localizado o banheiro, quando a casa possui. Não há sistema de saneamento na localidade. Alguns moradores construíram fossas artesanais em suas casas. Outros dispensam o banheiro e realizam suas necessidades básicas na mata. Na ausência de banheiro, estruturas com troncos e galhos da carnaúba são montadas no quintal, que servem para o banho da família residente na casa. O banho é realizado, mesmo com a presença de banheiros, com baldes de água estocados quando da dispensação pelo sistema de água local, que é jogada com pequenas latas de azeite sobre a cabeça ou ombros, sendo que as residências que possuem chuveiro são poucas, a maioria dos

faz uso dessa técnica para o banho diário. Interessante que todas as casas utilizam o mesmo recipiente para jogar água: latas de azeite cortadas no topo.

Com relação à feitura dos alimentos, as mulheres fazem uso de fogões a lenha, que permanecem aquecidos durante todo o dia. Os homens da família (esposo ou filhos) são responsáveis por coletar madeira da mata para que o fogo não se apague. Os alimentos são cozidos com esse equipamento.

Figura 62 – Fogão a lenha em Várzea Queimada



Fonte: Arquivo pessoal (2017)

De alguma forma, há uma presença muito forte dos surdos nas formas de fazer e viver em Várzea Queimada. Tudo é muito indicado e os partícipes dessa pesquisa possuem até o nome de uma rua, a Rua dos Mudos (PEREIRA, 2013). Atualmente residem em Várzea Queimada cerca de 1 mil habitantes e durante a realização desta pesquisa contabilizamos cerca de 40 surdos distribuídos em aproximadamente 12 famílias. Tudo em Várzea Queimada é bem detalhado, tudo traz uma história, todos os objetos, a sua localização traz em si um aspecto histórico e cultural.

Pereira (2013) em sua tese descreve o local de maneira ímpar uma vez que a sua pesquisa assumiu um caráter antropológico. Ressaltamos que tais detalhes supracitados foram expostos considerando que muitos dos sinais produzidos e utilizados pelos surdos de Várzea Queimada possuem entrelaçados e são partilhados a partir de uma linha tênue envolta de aspectos históricos e culturais.

Sobre a Cena assim como Pereira (2013) não foi possível identificar quando esta surgiu, apenas identificamos o ano de nascimento do primeiro surdo da comunidade, ou seja, 1950. A Cena, ao longo desses anos, veio se constituindo entre a Cena produzida pelas pessoas

não surdas sem estar interagindo com os surdos e a Cena produzida, vista e percebida pelos surdos e os falantes de Várzea Queimada.

Em suma percebe-se que a citada comunidade possui uma complexidade de relações, tendo como foco a atenção à relação entre os surdos, os ouvintes e a produção da Cena enquanto língua.

7.1.2 Conhecendo um pouco mais sobre Caiçara: seus valores e tradições

A outra localidade que compõe o universo desta pesquisa constitui-se basicamente no estudo da língua de sinais emergente utilizada pela comunidade de Surdos e ouvintes do Sítio Caiçara, Várzea Alegre – CE.

O município de Várzea Alegre foi fundado em 1870, sendo desmembrado de Lavras da Mangabeira. Dista 467 km da capital, Fortaleza, com uma área de 836 Km² e possui uma população de 36.367 habitantes em 2007. As condições climáticas caracterizam-se pelo semiárido e o potencial de seus recursos naturais compreende o solo, a água e a vegetação bastante favoráveis ao setor agropecuário, também é conhecida como a “terra dos contrastes”.

O Sítio Caiçara está localizado entre as cidades de Várzea Alegre e Lavras da Mangabeira, na propriedade territorial de Várzea Alegre. Os moradores desta comunidade vivem basicamente da agricultura, salvo poucas exceções, de pessoas que trabalham na escola ou nos bares e mercearias do local.

Figura 63 – Recorte do Mapa de Várzea Alegre – CE a partir do IBGE (2010).



Fonte: elaboração própria.

A escolha pela comunidade de Surdos do Sítio Caiçara se justifica primeiramente, pela quantidade de Surdos que lá vivem, número suficiente para contribuir com o desenvolvimento da pesquisa, nos anos de 1980 e 1990 estima-se que 27 surdos tenham vivido na referida comunidade. Atualmente lá habitam 08 surdos. Tal número justifica-se por questões relacionadas principalmente ao êxodo rural, a fome e a seca fizeram com que boa parte destes surdos mudasse para Várzea Alegre e até mesmo para São Paulo em busca de novas perspectivas de vida.

Outro ponto que nos chamou a atenção foi a existência de Surdos casados com pessoas ouvintes e tanto os cônjuges, como os filhos e parentes mais próximos sabem se comunicar na Língua de Sinais própria desta comunidade. Nas famílias visitadas observou-se que os chefes das famílias eram ouvintes e suas esposas Surdas. Esta não foi uma variante controlável da pesquisa, apenas uma característica comum entre as duas famílias descobertas durante as observações feitas durante a pesquisa.

Outro ponto que chamou atenção é a rede de solidariedade estabelecida em Caiçara, a figura 64 nos mostra uma casinha bem pequena de apenas um cômodo e um banheiro. Nesta casa reside um surdo de aproximadamente 78 anos que apresenta além da surdez, questões cognitivas. A família o abandonou ainda jovem, então os surdos moradores da localidade se juntaram e construíram uma casa para ele e passaram a cuidar dele. Até outubro de 2015 quem cuidava da alimentação dele era D. Rita, que infelizmente faleceu e assim outros membros da comunidade passaram a cuidar deste senhor.

Figura 64 – Registro de uma casa de um surdo com deficiência intelectual



Fonte: Arquivo pessoal (2015)

De acordo com Temoteo (2012), sobre a história dessa comunidade, descobrimos que uma das razões para o nascimento de tantos deficientes auditivos foi por conta de que muitos são da mesma família, geralmente primos que se casaram entre si, sendo a surdez considerada um fator hereditário por casamento consanguíneo.

Quanto aos aspectos linguísticos, observamos que a língua de sinais emergente produzida e utilizadas pelos Surdos eram os mesmos em toda a comunidade e quando investigávamos as causas daquele sinal ser usado daquela maneira, a explicação dada, muitas vezes com motivações culturais, era a mesma por todos os surdos participantes. Deste modo, observa-se que a unidade linguística dos sinais predomina. Neste mesmo contexto e ainda de acordo com Temoteo (2012), perguntou-se sobre quem havia criado esses sinais e descobrimos que foi, talvez, uma das primeiras Surdas da comunidade que já havia falecido. Os sinais eram ensinados por ela mediante a tradição oral, no cotidiano dos Surdos, na convivência do dia a dia, costume esse que permanece vivo entre os Surdos do Sítio Caiçara.

Em linhas gerais, nota-se que assim como Várzea Queimada, a citada comunidade dista-se um pouco do centro urbano com maior movimentação e possui uma complexidade de relações, tendo como foco a relação entre os surdos, os ouvintes e a produção desta língua de sinais emergentes enquanto língua.

7.2 PARTICIPANTES DA PESQUISA

Os sujeitos da pesquisa foram os usuários da língua de sinais situados no campo de estudo, seus respectivos interlocutores. O processo de seleção dos sujeitos ocorreu após visita ao campo e reunião com os possíveis participantes, momento este em que foi esclarecido o objetivo da pesquisa.

O Guia de documentação e pesquisa supracitado sugere que sejam realizadas as coletas de dados com cinco categorias geracionais: criança, jovem, adulto I, adulto II e idoso. No entanto, no presente estudo, apesar de no Quadro 14 e no Quadro 15 termos apresentado um quantitativo de participantes diretos e indiretos, ao considerarmos a natureza da questão, centraremos nossos estudos nos participantes diretos: Adultos I e Adultos II.

De acordo com Chacon et al (2016, p. 64) um maior detalhamento das gerações favorece uma amostragem mais matizada da variação sociolinguística nas gerações mais jovens, o que é fundamental para a pesquisa sobre a situação de vitalidade das línguas. Deste

modo, a especificação das cinco categorias pode seguir uma lógica numérica ou sociocultural. Como lógica numérica, lista-se as faixas etárias recomendadas para pesquisa:

Quadro 13 – Faixas etárias

Informação numérica	Faixas etárias do INDL
0-12 anos	Criança
13-25 anos	Jovem
26-40 anos	Adulto I
41-60 anos	Adulto II
+60 anos	Idoso

Fonte: Chacon et al (2016, p. 64)

a) Participantes da pesquisa em Várzea Queimada

Vale ressaltar que houve a participação de crianças e idosos em momentos de conversas espontâneas e tal presença só veio a enriquecer esse estudo. Por exemplo, em Várzea Queimada, na primeira incursão em 2017, uma das crianças ouvintes nos auxiliou no processo de conhecimento da cena, realizando a interpretação e contextualização de muitos sinais que não conhecíamos.

Figura 65 – Crianças participando do momento de visita a Toca (Várzea Queimada)



Fonte: Arquivo pessoal (2017)

Nas incursões realizadas, pudemos realizar censos preliminares com relação aos surdos de Várzea Queimada (Jaicós-Pi) e da LS de Caiçara, informando como aspectos principais as famílias, onde residem, se tem filhos surdos, a língua dominante e a quantidade de homens e mulheres em cada uma dessas famílias, conforme figuras abaixo:

Figura 66 – Censo 01- surdos de Várzea Queimada (realizado entre 2019 e 2021)

ORD.	FAMILIAS	FILHOS SURDOS QUE MORAM EM VÁRZEA QUEIMADA	FILHOS SURDOS QUE NÃO MORAM EM VÁRZEA QUEIMADA	FILHOS DOS SURDOS	LÍNGUA DOMINANTE	QUANTIDADE TOTAL DE HOMENS/MULHERES
01	SILVANA ALEXANDRE	1. MAURA BARBOSA DE CARVALHO (38 – F)  2. CELINA BARBOSA DE CARVALHO (34 – F) 	1. CLAUDIANA (SÃO PAULO) 	1. MAURA (DENILSON DE CARVALHO (20 - M)) 	MAURA – CENA/LIBRAS CELINA – LIBRAS/CENA CLAUDIANA – LIBRAS/CENA DENILSON – CENA/LIBRAS	15 MULHERES (MORAM EM VÁRZEA QUEIMADA) 04 MULHERES (NÃO MORAM EM VÁRZEA QUEIMADA)
02	FRANCISCO JOSEFA	3. MANOEL FRANCISCO DE CARVALHO (31 – M) 	2. FRANCISCO RICARDO MUDÃO (+- 52 – M) (JAICÓS)  3. JOSÉ ADEMIR (37 – M) (JAICÓS) 4. VALÉRIO (+- 38 – M) (JAICÓS) 5. JOSÉ FRANCISCO DE CARVALHO (+- 47 – M) (JAICÓS)		MANOEL FRANCISCO – CENA/LIBRAS FRANCISCO RICARDO – CENA/LIBRAS JOSÉ ADEMIR – CENA/LIBRAS VALÉRIO - CENA JOSÉ FCO DE CARVALHO – CENA	09 HOMENS (MORAM EM VÁRZEA QUEIMADA) 05 HOMENS (NÃO MORAM EM VÁRZEA QUEIMADA)

Fonte: Elaborado pelo grupo de pesquisadores da Cena⁴⁹ (2021)

Ao final da pesquisa quantificamos da seguinte forma os participantes da pesquisa:

Quadro 14 – Total de participantes diretos e indiretos da pesquisa em Várzea Queimada

Crianças	04 ouvintes 01 surda	Crianças ouvintes com um dos genitores surdos. 03 utilizam a Cena e a Língua Portuguesa. 01 utiliza a Cena, a Libras e a Língua Portuguesa.
Jovens	04 surdos 02 ouvintes	Jovens ouvintes estudantes, concluindo o Ensino Médio:

⁴⁹ Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), University College London, Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade Estadual do Ceará e Instituto Federal do Ceará.

		01 é sobrinha de surdo e 01 é filha de surdo. Utilizam a Cena, a Libras e a Língua Portuguesa.
Adultos I	10 surdos	
Adultos II	08 surdos 02 ouvintes	Ouvintes irmãos de surdos. Cena e Língua Portuguesa.
Idosos	03 surdos	

Fonte: Elaboração própria







Como vimos no quadro acima, em Várzea Queimada, ao final, somamos 34 participantes (diretos e indiretos). Buscamos uma abordagem mais naturalística⁵⁰ no que diz respeito a produção dos dados e tentou-se não interferir muito nas atividades diárias dos participantes, trabalho e outros afazeres e deste modo muitos dos arquivos em vídeos atendem esta perspectiva naturalística, ou seja, advém de conversas espontâneas entre os falantes.

a) Participantes da Pesquisa em Caiçara (Várzea Alegre-CE)

Assim como realizado em Várzea Queimada, em Caiçara também se realizaram censos preliminares com relação aos surdos que ali residem ou já residiram, informando como aspectos principais as famílias, onde residem atualmente, se têm filhos surdos, a língua dominante e a quantidade de homens e mulheres em cada uma dessas famílias, conforme a figura abaixo:

⁵⁰ Conforme Denzin e Lincoln (2006, p.17, a pesquisa qualitativa é uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. Essas práticas transformam o mundo em uma série de representações, incluindo as notas de campo, as entrevistas, as conversas, as fotografias, as gravações e os lembretes. Nesse nível, a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem naturalística, interpretativa, para mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas e eles conferem.

Figura 67 – Censo preliminar de Caiçara (realizado entre 2019 e 2021)

ORD.	FAMILIAS	PAIS_SURDOS QUE MORAM EM CAIÇARA	FILHOS SURDOS QUE MORAM EM CAIÇARA	FILHOS SURDOS QUE NAO MORAM EM CAIÇARA	FILHOS DOS SURDOS	LINGUA DOMINANTE	QUANTIDADE TOTAL DE HOMENS/MULHERES
01	Familia Gonçalves e Oliveira (09 surdos na família)	Josefa Zenaide Oliveira Gonçalves (surda) – 63 anos  Francisco Gonçalves da Silva (pai – ouvinte) – 77 anos	FRANCISCA CHAGAS 39 anos  MARIA OLIVEIRA 36 anos 	Zezinho - 40 anos (mora em Juazeiro do Norte) 	Nenhum até o momento.	Zenaide LS Caiçara ZEZINHO LS CAIÇARA/LIBRAS FRANCISCA CHAGAS LS CAIÇARA/LIBRAS MARIA OLIVEIRA LS CAIÇARA/LIBRAS	04 MULHERES (MORAM EM Caiçara) 03 MULHERES (NÃO MORAM EM VARZEA QUEIMADA) 02 HOMENS (não moram em varzen)
02	Familia Chagas Soares (13 surdos: no total na família)	Rita (surda) – 75 ANOS (falecida) 	Nenhum	Chiquinho (39 anos) 	Até o momento nenhum filho nasceu surdo.	Chiquinho LS Caiçara Libras	01 MULHERES (MORAM EM Caiçara) 04 MULHERES (NÃO MORAM EM VARZEA QUEIMADA) 02 HOMENS

Fonte: Elaboração própria (2021)

Ressalta-se que as informações contidas nos quadros acima foram coletadas durante as conversas informais e narrativas pessoais colhidas em nossas incursões. Com base nos dados levantados, e seguindo o Guia de Pesquisa e Documentação do INDL, ao final da pesquisa em Caiçara, quantificamos os participantes da pesquisa:

Quadro 15 – Total de participantes diretos e indiretos da pesquisa em Caiçara

Crianças	02 ouvintes	Codas ⁵¹ . Utilizam a Língua de Sinais Caiçara e a Língua portuguesa.
Jovens	01 surdo	
Adultos I	04 surdos	

⁵¹ Segundo Quadros (2017) codas são crianças ou adultos filhos de pais surdos. Esses sujeitos estão naturalmente expostos a dois mundos diversos: o mundo dos surdos e o mundo dos ouvintes. Os codas compartilham a experiência de crescerem em famílias que utilizam uma língua de herança em casa que é, muitas vezes, diferente daquela utilizada fora do ambiente familiar, na maioria da sociedade. Podemos chamá-los de bilíngues, pois os codas transitam desde muito cedo nesses dois mundos e aprendem as línguas desses dois ambientes linguísticos

Adultos II	02 surdos 02 ouvintes	São filhos que possuem um dos genitores surdos. LS Caiçara e Língua Portuguesa.
Idosos	03 surdos 02 ouvintes	Irmãos e irmãs de surdos. LS Caiçara e Língua Portuguesa.

Fonte: Elaboração própria

Ao final da pesquisa em Caiçara tivemos 16 (dezesseis) participantes dentre diretos e indiretos. Buscou-se não interferir muito nas atividades diárias dos participantes, trabalho e outros afazeres e deste modo muitos dos arquivos em vídeos atendem esta perspectiva naturalística, ou seja, advém de conversas espontâneas entre os falantes.

7.3 TIPO DE INVENTÁRIO

Considerando a natureza da pesquisa desenvolvida, e as características do nosso objeto de estudo, e ainda no enfoque da necessidade de se produzir uma proposta flexível e ágil para a identificação e a documentação de línguas, o escopo da produção de conhecimento prevista para a presente pesquisa seguiu os moldes descritos nos Guias de Pesquisa e Documentação para o INDL que abrange dois níveis diferentes: um básico e um amplo.

De acordo com Chacon et al (2014, p. 30), o conteúdo básico requerido para o reconhecimento de uma língua está contido no inventário básico, considerando a necessidade de se caracterizar esta língua, da referida comunidade linguística e da realização do diagnóstico sociolinguístico, requerendo assim, um conjunto menor de questões, com questões e com respostas mais objetivas e menos dissertativas, sendo mais flexível para o uso de dados secundários e estimativos.

Já o inventário amplo contempla o próprio inventário básico, acrescentando-se questões que visam complementar e aprofundar os temas tratados no primeiro nível, implicando

assim num período maior de pesquisa de campo. No nosso caso, como se tratar de línguas em risco iminente de desaparecimento e ainda no intuito de uma documentação mais abrangente e detalhada, optar-se-á pelo inventário básico, pois nos permite uma documentação mais rápida.

7.4 ETAPAS DA PESQUISA

Face ao exposto, o conjunto de diretrizes para o registro e arquivamento de dados e metadados a serem obtidos, relativos ao uso da Cena e da língua de sinais utilizada em Caiçara, a partir da metodologia utilizada para a construção do Inventário da Libras: Estado de Santa Catarina, Região Metropolitana de Florianópolis (CAAE: 17028413.0.0000.0121), estabeleceu-se as seguintes etapas:

Quadro 16 – Etapas desenvolvidas durante a pesquisa

ETAPA	VÁRZEA QUEIMADA	CAIÇARA
Levantamento de referencial teórico sobre o assunto em tela;	Ocorrido para esta pesquisa de 2016 a 2021.	
Visitas iniciais as comunidades para observação;	Fevereiro de 2017	Maio de 2017
Elaboração e organização dos instrumentos de coleta de dados;	Ocorrido para esta pesquisa de 2018 a 2021.	
Coleta de dados por meio de registros em vídeo⁵²;	Novembro de 2019 ⁵³ Janeiro de 2021	Julho de 2019 Fevereiro de 2021
Arquivamento dos vídeos;	Ocorrido desde a primeira incursão a março de 2021.	
Transcrição e análise dos dados; e	Ocorrido desde a primeira incursão a maio de 2021.	
Disponibilização dos dados.	Publicação da Tese de forma digital em 2021.	

Fonte: Elaboração própria (2021)

⁵² Ressalta-se que as coletas oficiais para a pesquisa ocorreram após a aprovação desta pesquisa pelo Comitê de ética desta universidade

⁵³ Nesta incursão fiquei impossibilitada de participar por ter sido submetida a um procedimento cirúrgico.

No intuito de coletar um número maior de dados foram realizadas em cada comunidade 03 (três) incursões:

Quadro 17 – Incurções realizadas para produção de dados

COMUNIDADE	DATA DA INCURSÃO	PARTICIPANTES
Sítio Caiçara (Várzea Alegre – Ce)	Maio de 2017	02 pesquisadores (01 ouvinte e 01 surdo)
Várzea Queimada (Jaicós-Pi)	Fevereiro de 2017	Grupo de pesquisadores de diferentes universidades e institutos de Educação Superior do Brasil ⁵⁴ .
Sítio Caiçara (Várzea Alegre – Ce)	Julho de 2019	02 pesquisadores (01 ouvinte e 01 surdo)
Várzea Queimada (Jaicós-Pi)	Novembro de 2019 ⁵⁵	Grupo de pesquisadores de diferentes universidades do Brasil e do exterior ⁵⁶
Sítio Caiçara (Várzea Alegre – Ce)	Fevereiro de 2021	02 pesquisadores (01 ouvinte e 01 surdo)
Várzea Queimada (Jaicós-Pi)	Janeiro de 2021	Grupos de pesquisadores de diferentes universidades do Brasil e do exterior ⁵⁷
Sítio Caiçara (Várzea Alegre – Ce)	Maio de 2021	02 pesquisadores (01 ouvinte e 01 surdo) realizado de forma virtual via zoom. ⁵⁸

Fonte: Elaborada pela autora (2021)

Como visto acima, nas incurções às comunidades, sempre se contou com a participação de pessoas surdas e outros linguistas que pesquisam sobre a língua das referidas comunidades e especificamente a Cena que hoje é objeto de estudo em várias instituições e grupos de pesquisa. Acredito que este fato se deva ao número de falantes e residentes em Várzea Queimada (Jaicós-PI) que a Cena possui diferenciando-se da LS de Caiçara que, de acordo com a nossa última incurção em 2021, possui apenas 05 surdos residentes ainda no Sítio Caiçara - Várzea Alegre (CE).

⁵⁴ Universidade Federal do Piauí (UFPI), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Estadual do Ceará (UECE) e Instituto Federal do Ceará (IFCE).

⁵⁵ Nesta incurção fiquei impossibilitada de participar por ter sido submetida a um procedimento cirúrgico.

⁵⁶ Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), University College London, Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade Estadual do Ceará e Instituto Federal do Ceará.

⁵⁷ Universidade Federal do Delta do Parnaíba, Universidade Federal do Rio de Janeiro, University College London, Universidade Federal de Santa Catarina e Universidade Estadual do Ceará.

⁵⁸ Link da reunião ocorrida

<https://us04web.zoom.us/j/77600020746?pwd=YmJpcjBFSG1tdnQvcXpXalJpMU96QT09>

7.5 PRODUÇÃO DOS DADOS

Os instrumentos de coleta de dados utilizados compreenderam observações, contação de duas narrativas e a eliciação do vocabulário que passou a compreender a Lista Swadesh⁵⁹, seguindo a proposta do INDL. O início das coletas de forma efetiva iniciou-se em 2018 logo após a aprovação desta pesquisa pelo Comitê de ética desta universidade.

Os dados iniciais foram coletados a partir do registro de conversas, narrativas e da aplicação do Vocabulário de Swadesh de 100 palavras, organizado por conjuntos de figuras a partir de um mesmo frame semântico, a ser apresentado a cada sujeito da pesquisa no intuito do registro do respectivo sinal para identificá-la.

Figura 68 – Vocabulário básico segundo Swadesh (cf. Campbell, 1998)

Nº	Conceito	Nº	Conceito	Nº	Conceito	Nº	Conceito
1.	'eu'	26.	'raiz'	51.	'peito'	76.	'chuva'
2.	'você'	27.	'casca'	52.	'coração'	77.	'pedra'
3.	'nós'	28.	'pele'	53.	'fígado'	78.	'areia'
4.	'isso'	29.	'corpo'	54.	'beber'	79.	'terra'
5.	'que'	30.	'sangue'	55.	'comer'	80.	'nuvem'
6.	'o que'	31.	'osso'	56.	'morder'	81.	'fumaça'
7.	'quem'	32.	'ovo'	57.	'ver'	82.	'fogo'
8.	'não'	33.	'gordura'	58.	'ouvir'	83.	'cinza'
9.	'todos'	34.	'chifre'	59.	'saber'	84.	'queimar'
10.	'muitos'	35.	'rabo'	60.	'dormir'	85.	'caminho'
11.	'um'	36.	'pena'	61.	'morrer'	86.	'montanha'
12.	'dois'	37.	'cabelo'	62.	'matar'	87.	'vermelho'
13.	'grande'	38.	'cabeça'	63.	'nadar'	88.	'verde'
14.	'longo'	39.	'ouvido'	64.	'voar'	89.	'amarelo'
15.	'pequeno'	40.	'olho'	65.	'acordar'	90.	'branco'
16.	'mulher'	41.	'nariz'	66.	'vir'	91.	'preto'
17.	'homem'	42.	'boca'	67.	'mentir'	92.	'noite'
18.	'pessoa'	43.	'dente'	68.	'sentar'	93.	'quente'
19.	'peixe'	44.	'língua'	69.	'levantar'	94.	'frio'
20.	'pássaro'	45.	'garra, pata'	70.	'dar'	95.	'falar'
21.	'cachorro'	46.	'pé'	71.	'dizer'	96.	'bom'
22.	'piolho'	47.	'joelho'	72.	'sol'	97.	'novo'
23.	'três'	48.	'mão'	73.	'lua'	98.	'redondo'
24.	'semente'	49.	'barriga'	74.	'estrela'	99.	'seco'
25.	'folha'	50.	'pescoço'	75.	'água'	100.	'nome'

Fonte: Martins (2011, p.30)

⁵⁹ Lista de Swadesh é um vocabulário básico 'teoricamente' comum a todos os idiomas, usada em glotocronologia por comparação quantitativa entre dois idiomas de um mesmo grupo linguístico para obter-se uma data aproximada da separação. Foi desenvolvida inicialmente pelo linguista norte-americano Morris Swadesh." Fonte: Wikipedia, https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_Swadesh. Acesso em 27 abr 2021.

Ao estudar as línguas de sinais do Vietnã e Tailândia, o linguista James Woodward observou que a lista tradicional de Swadesh aplicada às línguas faladas não era adequada para linguagens de sinais, uma vez que se tornava dificultoso e às vezes quase que impossível identificar o referente na língua pesquisada. A lista de Swadesh resulta em superestimação das relações entre as línguas de sinais, devido aos signos indexicais, como pronomes e partes do corpo (EMMOREY; LANE, 2000). A lista modificada é a seguinte:

Quadro 18 – Lista Swadesh adaptada para pesquisas em Língua de sinais

todos	Boa	não	fino
animal	relva	velho	árvore
Ruim	verde	de outros	vomitando
Porque	pesado	pessoa	caloroso
pássaro	Como	Toque	água
Preto	caçar	chuva	molhado
sangue	marido	vermelho	o que
criança	gelo	corrigir	quando
contagem	E se	rio	branco
Dia	mate	corda	Who
morrer	rir	sal	Largo
Sujo	folha	mar	esposa
cachorro	mentira	afiado	vento
Seco	viver	curto	com
maçante	longo	cantar	mulher
Poeira	piolho	sentar	madeira
Terra	homem	suave	minhoca
Ovo	carne	serpente	ano
Graxa	mãe	neve	amarelo
Pai	montanha	ficar de pé	cheio
Pluma	nome	Estrela	lua
Fogo	limitar	pedra	
Peixe	Novo	Dom	
Flor	noite	rabo	
Irmão	dança	irmã	
Gato	porco	trabalhos	

Fonte: Emmorey e Lane (2000, p. 21)

De acordo com Faria, Cavalcante e Cavalcanti (2014), a lista de SWADESH contém dez categorias organizadas por signos linguísticos pertencentes aos respectivos grupos semânticos. Os sinais coletados foram organizados em dez classes semânticas formadas pelas seguintes nomenclaturas: animais, numerais, cores, parentesco, natureza, verbos, plantas, artefatos, nomes, partes do corpo.

Na presente pesquisa, as 100 palavras escolhidas surgiram a partir das seguintes categorias (cores, animais, frutas, verbos relacionados ao cotidiano, partes do corpo e meios de transporte).

No intuito de facilitar a compreensão do leitor nesta parte da tese resolvemos separar os procedimentos de produção de dados em cada uma das comunidades uma vez que em certos momentos utilizou-se de estratégias diferenciadas considerando a especificidade, necessidade e contexto de cada participante como veremos a seguir.

a) Produção dos dados em Caiçara

Para motivar os participantes da pesquisa a produzirem os sinais em cada uma das comunidades, utilizaram-se os seguintes recursos:

Figura 69 – Modelos de Imagens utilizadas na Coleta de dados em Caiçara.



Fonte: arquivo pessoal.

Figura 70 – Cartões com cenas para serem colocadas na ordem (utilizados em Caiçara)



Fonte: arquivo pessoal.

Figura 71 – Coleta de dados a partir da apresentação de cartões com imagens ilustrativas.



Fonte: foto capturada em Caiçara - arquivo pessoal da autora (2019).

Figura 72 – Outros recursos utilizados



Fonte: Arquivo pessoal (2019)

Nas figuras 69 a 72, vimos algumas formas que foram utilizadas para obtermos os dados desta pesquisa. Utilizamos figuras, cards, vídeo de desenho animado Tom e Jerry e ainda material concreto como o lápis na figura 72, pois, muitas vezes, os sujeitos da pesquisa não conseguiam compreender o que estava sendo perguntado e precisou-se tentar de todas as formas a produção dos sinais que queriam. Já havíamos tentado com uma das participantes que ela sinalizasse sinais referente a cores, mostramos cartões com imagens, todavia não obtivemos as respostas que desejávamos, respondendo com “eu gosto disso...” ou “eu não gosto disso...”. Na figura 72, mostrou-se para cada cor um lápis referente a cor e pouco a pouco foi compreendido pelo sinalizante que se tratava das cores e este foi apresentando os lápis aos interlocutores criando também contextos que favorecessem o entendimento que buscávamos os sinais referentes a cores.

No âmbito dos inventários, tendo em vista que é recente, é importante destacar que durante a realização da presente pesquisa, sobretudo o percurso metodológico utilizado evidenciou, ao longo deste trabalho, as dificuldades, os desafios, as adaptações necessárias para o desenvolvimento desta e de outras pesquisas futuras que envolvam a documentação de línguas de sinais de comunidades isoladas.

b) Produção de dados em Várzea Queimada

A coleta da lista de palavras foi realizada na própria comunidade considerando as particularidades dos locais pesquisados, ou seja, ora filmávamos nas calçadas das casas, ora nos

alpendres, ora na Toca. Tais atitudes foram tomadas no sentido de deixar que os participantes se sentissem à vontade e ainda que estivessem ali onde a língua emerge.

Figura 73 – Conversas informais para coleta de dados em Várzea Queimada.



Fonte: arquivo pessoal (2017).

Figura 74 – Contação de Narrativa (Tom e Jerry)



Fonte: foto capturada em Várzea Queimada - Arquivo pessoal (2017).

Essas técnicas utilizadas em nosso estudo consistem em coletar um vocabulário básico das línguas de sinais em questão, permitindo assim o levantamento dos aspectos relacionados à variação linguística em diferentes níveis – lexical, semântico, fonético – fonológico. Em nosso caso, seguiremos os moldes do Inventário Nacional da Libras (INLibras) que criou um instrumento composto por imagens relacionadas às palavras contidas da referida lista, além de outras por nós consideradas importantes.

Em conjunto com os procedimentos supracitados, a observação participante representou uma técnica importante para a realização da nossa pesquisa, visto que a mesma, conforme Lavílle e Dionne (1999, p. 181-182), permitiu ver longe, levar em consideração várias facetas de uma situação, sem isolá-las umas das outras, entrando em contato com os reais autores, com frequência [...], e extraíndo o sentimento do que eles lhes atribuíam.

Nessa perspectiva a observação participante, possibilitou um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno estudado. Assim, dado a sua natureza, entendemos que essa técnica se associa satisfatoriamente à etnografia e, portanto, ao nosso objeto de investigação. Após a coleta de dados e considerando a Lista de Swadesh proposta por Emmorey e Lane (2000), identificamos 92 sinais em ambas as línguas conforme registrado no Apêndice 01. No capítulo que trata das análises discorreremos um pouco mais sobre esta lista.

7.5.1 Contação de narrativas pelos participantes e entrevistas realizadas

Consubstanciado aos dispositivos mencionados, utilizamos também a narrativa, por ser de grande valia para a abstração de informações que, possivelmente, não forem bem compreendidas nos momentos que transcorrem as observações.

Conforme Moreira e Caleffe (2006, p. 169) esse dispositivo de coleta de dados, além de permitir ao pesquisador deixar os participantes livres para desenvolverem as questões da forma como eles desejarem [...] “também oferece uma oportunidade para esclarecer qualquer tipo de respostas quando for necessário”. Assim, entendemos que essa técnica poderá enriquecer nosso estudo com maiores detalhes nas informações.

A narrativa agrega uma característica interessante de favorecer um clima cordial e amigável e aberto entre pesquisador e pesquisado. Na dinâmica do processo narrativo, o pesquisado vai adquirindo confiança, desenvoltura e autonomia para relatar os fatos inerentes e significativos acerca de sua vida pessoal e profissional bem como o contexto de trabalho estimulado pelo pesquisador. Tal instrumento de obtenção de dados segue os princípios orientadores de Jovchelovitch e Bauer (2002) que a compreendem como um gênero de pesquisa sociolinguística. Informamos que no momento do uso dos instrumentos de coleta, realizaremos a gravação em vídeo no intuito de registrar de maneira eficaz todos os dados coletados.

Segundo o Guia de pesquisa e documentação – volume 01 (INDL), a entrevista caracteriza-se como uma técnica que proporciona uma maior interação do pesquisador com o pesquisado e para os inventários. Sugere-se que as questões sejam previamente elaboradas em

um roteiro para que todos os temas interessantes à pesquisa sejam contemplados. Nas entrevistas realizadas existem dados que são fundamentais para a documentação. Por exemplo, as perguntas relacionadas ao contexto sociolinguístico da comunidade que utilizamos versam: sobre os falantes, aquisição, transmissão, escrita e leitura, situações de uso, atitudes linguísticas, as representações da comunidade com relação às línguas. Essas informações foram contempladas nas entrevistas bem como conversas informais.

Como a proposta das entrevistas é que os sujeitos discorressem livremente sobre as questões, registrou-se por escrito apenas por escrito o conteúdo da fala, bem como uma documentação audiovisual, mesmo que esta seja mais onerosa. Uma vez que segundo Chacon et al (2014) a manipulação dos registros após a realização de entrevistas demanda escutá-los novamente, realizar transcrição de trechos ou da íntegra e, eventualmente, também os traduzir. E deste modo, a utilização de entrevistas não foi utilizada para contemplar todo o universo da pesquisa ou em grandes escalas, mas sim para levantamentos de caráter qualitativo e para obtenção de informações específicas, com pessoas-chave da comunidade linguística (lideranças, falantes de referência, professores, entre outros).

Já as questões relativas a atitudes linguísticas, por exemplo, podem ser contempladas em entrevistas, uma vez que, dentre os objetivos do método, está o de identificar o que os indivíduos pensam, sabem, compreendem e fazem (CHACON et al, 2014).

Dentre as entrevistas realizadas, algumas possuem um significado cultural de maior destaque seja pela natureza dos temas das entrevistas seja pela relevância da pessoa entrevistada para a comunidade linguística e língua de referência e deste modo, em alguns momentos as entrevistas mais significativas foram gravadas em vídeo na língua de referência do inventário e, posteriormente, passarão por edição, seguindo os procedimentos-padrão para o registro dos usos sociais da língua conforme indicação do guia de documentação.

Face ao exposto Chacon et al (2014, p. 71) propõe alguns temas possíveis das entrevistas e sua correspondência para itens específicos dos campos temáticos.

- a) História oral da comunidade linguística (tema **Historicidade**).
- b) Explicações sobre usos especiais da língua (tema **Usos linguísticos**)
- c) Explicações sobre termos de autodenominação e heterônimos para o grupo social e para a língua de referência (tema **Denominações**).
- d) Atitudes e representações com relação à língua.
- e) Discussão sobre **ações de salvaguarda** para a língua.

Além dos prontos acima mencionados, Chacon et al (2014) sugere ainda que os inventários produzam “retratos biográficos” de certos membros da comunidade linguística.

Durante a primeira incursão em cada uma das comunidades de forma espontânea gravamos alguns surdos das comunidades pesquisadas realizando uma pequena autoapresentação de sua história de vida e de seu contexto sociocultural.

a) Entrevistas realizadas em Várzea Queimada

Em Várzea Queimada, na primeira incursão, em fevereiro de 2017, tivemos um momento na Toca das possibilidades⁶⁰ e durante esse momento para motivar os surdos a contarem suas biografias cada um dos pesquisadores ali presentes contou em Cena (ou pelo menos tentou contar) um pouco da sua história para que os surdos entendessem a atividade.

Figura 75 – Toca das Possibilidades (Várzea Queimada)



Fonte: Arquivo pessoal (2021)

⁶⁰ A Toca das Possibilidades é o local de trabalho das artesãs e dos artesãos, projetada e construída em 2012, durante a primeira fase do projeto, que contou com os arquitetos e bioconstrutores Henrique Pinheiro e Tomaz Lotufo para, junto com Marcelo Rosenbaum. O uso de técnicas estruturais como o arco, a cúpula e o elementos vazados de tijolos substitui o uso de madeira, material escasso na região. O projeto é um espaço de sombra, bem ventilado com cobogós e aberturas nas paredes. A estrutura da cobertura é de carnaúba com um pátio central, que na época de chuva concentra a água que cai sobre a cobertura e é armazenada em uma cisterna. As portas pivotantes tem fechamento com o talo da folha da carnaúba e o sistema de abertura foi feito com freio de bicicleta. Na Toca das Possibilidades, as mulheres de Várzea Queimada tecem o milagre com as próprias mãos. Além de ser o local de trabalho é também o local de união e celebração da comunidade. Disponível em <https://agentetransforma.org.br/projetos/agtvarzeaquemada/toca-das-possibilidades/> acessado em 10 de maio de 2021.

Figura 76 – Reunião com os surdos na Toca



Fonte: Arquivo pessoal (2017)

Figura 77 – Registro da produção do Retrato Biográfico de Elizabete (surda de Várzea Queimada)



Fonte: Arquivo pessoal (2017)

Foi muito interessante ver em cada narrativa as perspectivas de cada um dos sujeitos, apontando fases da sua vida, bem como questões de foro íntimo relacionadas à relacionamento, dificuldades, sonhos e conquistas.

Incorporamos a esta pesquisa uma produção de 2019, idealizada por Jonathas de Andrade⁶¹ que lançou o filme “Jogos Dirigidos”⁶² no qual traz exercícios de corpo e de fala, improvisando palcos ao ar livre para depoimentos espontâneos de um grupo de 18 personagens, homens e mulheres de Várzea Queimada (Jaicós-Pi). Os depoimentos em Cena registrados no vídeo de 57 minutos, apresentam um teor educativo como se o autor tentasse ensinar a Cena, além do seu universo e questões próprias. Deste modo, o citado filme também serviu para compararmos os dados por nós coletados com os identificados em Jogos Dirigidos.

b) Entrevistas realizadas em Caiçara

Foram realizadas inúmeras propostas para produção da LS de Caiçara, utilizando-se de temas referentes à vida familiar e cotidiana na própria comunidade, pois a maioria desses não tiveram condições mínimas de serem escolarizados, o que nos priva de alongarmos e nos aprofundarmos em outras questões geralmente abordadas em estudos referentes à língua.

Figura 78 – Registro da produção do retrato Biográfico da surda Rita (Caiçara)



Fonte: Arquivo pessoal (2017)

⁶¹ Trabalha com instalações, ações e fotesquisas. Graduado em Comunicação Social pela Universidade Federal de Pernambuco em 2007. Participou da 7ª Bienal do Mercosul (2009). Realizou exposições individuais no Instituto Itaú Cultural e Galeria Vermelho (São Paulo), Furnas Cultural (Rio de Janeiro), Instituto Cultural Banco Real e Fundação Joaquim Nabuco (Recife). Publicou a coleção Amor e Felicidade no Casamento, em co-autoria com Yana Parente (2008). Em 2009, desenvolveu o projeto Documento Latinamerica – Condução à Deriva, com pesquisa de imersão em países da América do Sul, através de bolsas da Funarte (Rio de Janeiro) e do Salão de Artes Plásticas de Pernambuco. Recebeu o prêmio concurso de videoarte da Fundação Joaquim Nabuco. Site: <http://www.jonathasdeandrade.com.br/>

⁶² Mais informações sobre o filme em <https://cargocollective.com/jonathasdeandrade/jogos-dirigidos> e <https://www.premiopia.com/2020/10/assista-ao-novo-filme-de-jonathas-de-andrade-no-online-viewing-room-do-artista/> Trailer disponível em <https://vimeo.com/364403549>

Os dados obtidos em todas as etapas de pesquisa e produção de dados foram explicitados de forma mais aprofundada nas análises adiante.

7.6 PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DOS DADOS

Considerando o processo de análise dos dados, inicialmente realizou-se uma análise contextualizadora composta das descrições de natureza etnográfica e dos comentários sobre as histórias de vida dos colaboradores e a *posteriori* uma análise de natureza linguística com enfoque lexical, que consistiu no registro do sinal utilizado para a comunicação cotidiana. Procurou-se indicar possíveis motivações para a criação dos sinais, bem como o uso das marcações temporais e espaciais realizadas pelos falantes de ambas as línguas.

Uma das primeiras reflexões identificadas nestes procedimentos de análise diz respeito à documentação das referidas línguas. De acordo com Chacon et al (2014), documentar uma língua exige um conhecimento etnográfico dos usos linguísticos por uma sociedade, e deste modo faz-se necessário ter amostras tanto da língua em usos sociais quanto em usos especiais. Em outras palavras, não se trata de uma meta exaustiva, até porque documentar uma língua à exaustão é algo impossível, e neste processo seletivo deve-se saber escolher muito bem o que e como documentar.

Para Chacon et al (2014, p. 77) existem dois princípios básicos para determinar o que uma documentação linguística deve abranger. São eles:

Diversidade de usos linguísticos: usos da língua em diferentes situações sociais cotidianas, praticadas por pessoas da comunidade, utilizando-se tipos textuais diversos como diálogos, narrativas, instruções, comandos, entre outros.

Relevância cultural: usos linguísticos que ilustram a relação entre língua e cultura, sobretudo os usos linguístico-culturais especiais, aos quais se atribui valor estético, simbólico e/ou social pela comunidade.

A documentação linguística aqui realizada não se focou na documentação de usos puros das línguas de referência, mas no que se refere aos usos sociais cotidianos da língua. Não se esperou que os falantes utilizassem apenas a Cena ou a Língua de Sinais de Caiçara, pelo contrário, foi bem natural em ambas as comunidades o uso da Libras, conforme a dinâmica do multilinguismo em seu contexto social.

De acordo com Chacon et al (2014), o tempo total do conjunto de amostras que compõe o acervo digital da língua deve ser maior do que 15 (quinze) minutos de áudio e vídeo, para inventários amplos, e de 10 (dez) minutos, para os inventários básicos. Na comunidade de

Várzea Queimada a maior parte dos vídeos de registros possuem no máximo 08 minutos. Já em Caiçara os vídeos foram mais curtos de no máximo 06 minutos. Acredita-se que esse fato esteja motivado pelo número de falantes, ou seja, em Várzea Queimada há um número maior de participantes do que em Caiçara.

As amostras foram registradas em diferentes clipes. Tentou-se editá-las conforme descrito no Suplemento Metodológico do Guia. Abaixo apresentamos os referentes a diferentes temáticas da pesquisa, que também contam como documentação de usos sociais da língua e, portanto, atendem ao que se pede para o produto final da documentação linguística (CHACON et al, 2014). São eles:

- a) Registro em vídeo de entrevistas com membros da(s) comunidade(s) linguística(s) (sobretudo os falantes de referência).
- b) Registro em vídeo de reuniões e outras atividades relativas aos trabalhos dos inventários.

Em algumas pesquisas voltadas à documentação, identificou-se que algumas línguas podem já contar com acervos preexistentes de documentação linguística. No caso da Cena não havia um acervo preexistente, o que existe é uma pesquisa de cunho antropológico⁶³ que referenciou a língua usada pelos surdos de Várzea Queimada, mas que não pretendeu documentá-la.

Com a língua de sinais de Caiçara ocorreu semelhantemente o registro de uma pesquisa que tratou a referida língua como uma variação linguística da Libras⁶⁴. Algumas partes das citadas pesquisas atendem às questões fundamentais discutidas neste trabalho e alguns recortes foram incluídos como parte do produto de documentação linguística.

Outro ponto importante foi a organização dos dados de cada uma das línguas. Partimos de campos semânticos, ou seja, dos domínios do conhecimento cultural, explorando a expressão e produção de conceitos nesses campos como, por exemplo, alimentação, saúde, transporte, vida na comunidade, trabalho, dentre outros.

Seguidamente, pensou-se na organização dos metadados, que contêm um conjunto de informações sobre os itens da documentação. Chacon et al (2014, p. 89) propõe a seguinte organização:

⁶³ Pereira (2013)

⁶⁴ Temóteo (2008)

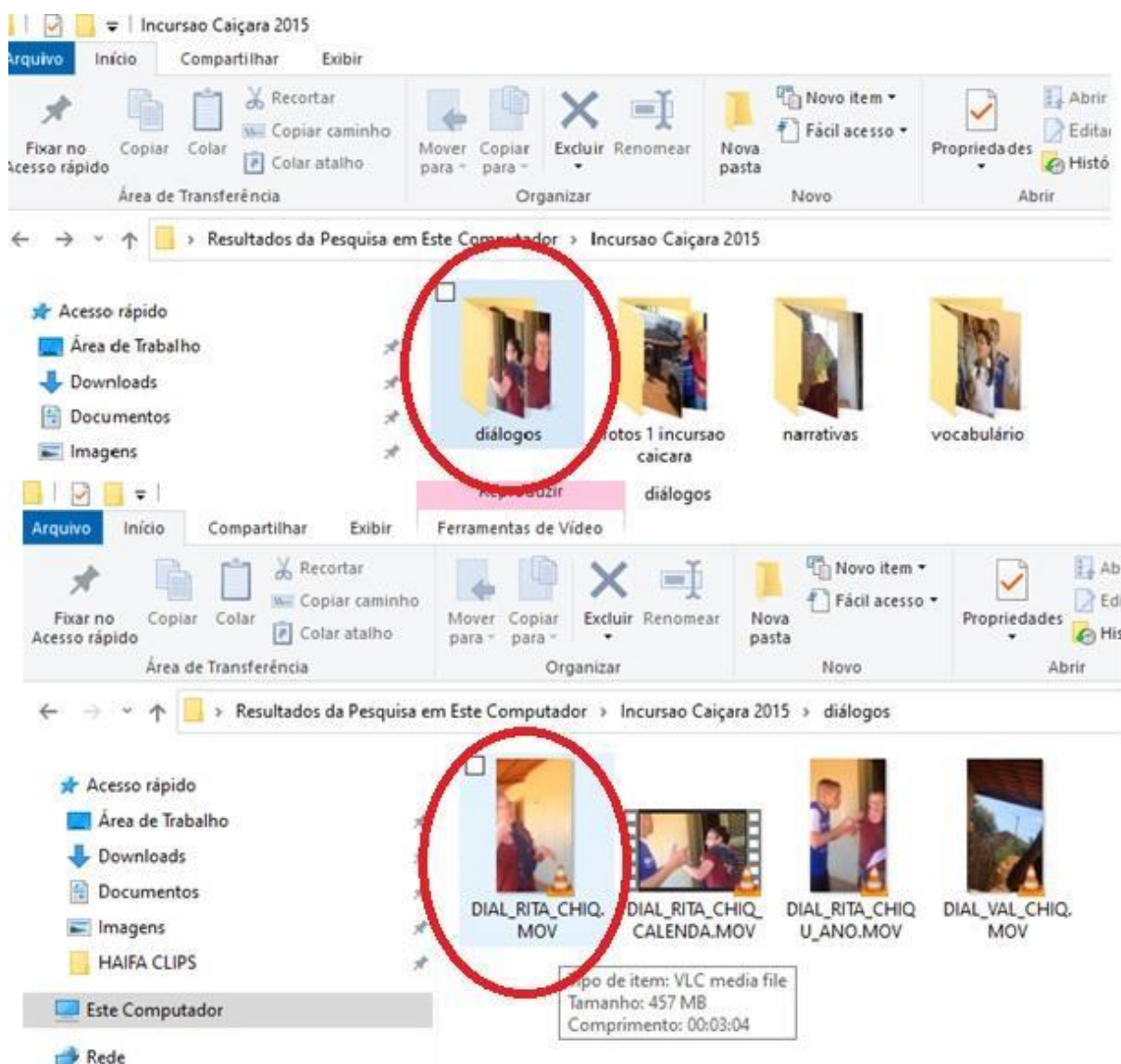
Quadro 19 – Proposta de organização dos metadados

<p>Seção: o nome do diretório onde se encontram os itens de documentação.</p> <p>Título do arquivo de áudio: o nome criado para cada um dos arquivos de áudio.</p> <p>Título do arquivo de vídeo: o nome criado para cada um dos arquivos de vídeo.</p> <p>Título do arquivo de anotação: o nome criado para os arquivos contendo traduções, transcrições e outros tipos de anotações.</p> <p>Participantes: o nome de indivíduos e/ou grupos sociais específicos que estão participando da situação ou evento sendo registrado.</p> <p>Conteúdo: palavras-chave e breve descrição (mais ou menos 200 palavras) sobre o conteúdo de cada item.</p> <p>Autor: instituição ou pessoas responsáveis pela criação, registro ou produção original do item.</p> <p>Local: a localidade onde o item foi criado, registrado ou produzido.</p> <p>Data: no formato dd/mm/aaaa (Dia, Mês e Ano), quando o item foi criado, registrado ou produzido.</p> <p>Contextualização: breve relato de como o item foi produzido, registrado ou criado.</p> <p>Informações técnicas: informações sobre procedimentos técnicos que o item passou após o seu registro, criação ou produção.</p> <p>Acesso: se o item tem a permissão dos participantes como:</p> <p>a) acesso livre, incluindo reprodução por terceiros;</p> <p>b) acesso restrito, somente para atividades de promoção e valorização da língua, desenvolvidas pelo Iphan/MinC e demais instituições responsáveis pelas ações de salvaguarda da diversidade linguística; ou</p> <p>c) indisponível para o grande público (acesso permitido somente para a comunidade, instituição proponente e Iphan).</p>

Fonte: Chacon et al (2014,p.89)

A partir das orientações acima, organizou-se dos metadados da LS de Caiçara, por exemplo, da seguinte forma:

Figura 79 – Metadados LS Caiçara



Fonte: Elaboração própria.

Os metadados organizados para as amostras de usos da Cena e da LS de Caiçara abrangeram a seção, título do arquivo de vídeo, participantes e o conteúdo. Com relação às palavras-chave, por exemplo, e breve descrição para a pasta selecionada na figura acima registramos a seguinte descrição conforme quadro abaixo:

Quadro 20 – Exemplo de descrição de metadados

CONTEÚDO	Palavras-chave: diálogo Breve descrição: diálogo entre mãe surda e filho surdo sobre os últimos acontecimentos em Caiçara.
AUTOR	Diná Souza
LOCAL	Sítio Caiçara (Várzea Alegre-Ce)
DATA	01.05.2015
CONTEXTUALIZAÇÃO	O item foi produzido a partir de uma conversa espontânea entre a Rita e seu filho surdo Chiquinho.
INFORMAÇÕES TÉCNICAS	Filmagem realizada com máquina digital.
ACESSO	Com relação ao acesso espera-se em breve, após exígua edição liberar este acesso em sites com fins de inventário de Língua de sinais no intuito de salvaguardar essa diversidade linguística.

Acrescenta-se que, devido à quantidade enorme de gravação obtida durante a pesquisa, as referidas fichas semelhantes a Figura 79, estão em fase de conclusão e estão apenas separados por seções, título e conteúdo.

Neste capítulo, apresentou-se o percurso metodológico escolhido para esta pesquisa, a partir dos dados produzidos e estabelecido os procedimentos de análise, segue-se a apresentação sistematizada dos sinais da Cena e da Língua de Sinais Caiçara mapeados.

8 ANÁLISES E RESULTADOS

Se você falar com um homem numa linguagem que ele compreende, isso entra na cabeça dele. Se você falar com ele em sua própria linguagem, você atinge seu coração.
Nelson Mandela

Neste capítulo, trabalharemos algumas questões pertinentes referentes às línguas de sinais de Caiçara e de Várzea queimada analisando questões referentes ao inventário de ambas às línguas, seu uso, ambiente sociolinguístico e a iconicidade.

8.1 ASPECTOS SOCIOLINGÜÍSTICOS RELACIONADOS À LÍNGUA DE SINAIS CENA E A LÍNGUA DE SINAIS DE CAIÇARA

Estudos de comunidades em pequena escala como as que escolhemos para esta pesquisa, a partir das análises de rede social, “são capazes de fornecer informação mais detalhadas sobre o uso que os falantes fazem da variabilidade linguística”, em especial no que se refere às partes vistas como menos formais do repertório linguístico (MILROY, 1980, p. 21).

A dinâmica das relações nas redes sociais e sua intensidade, em um dado território, concorrem para o desenvolvimento concorre para o desenvolvimento do sentimento de pertença da identidade local, construída por meio da relativa homogeneidade de comportamento – no vestir, no falar, no divertir-se, no alimentar-se, nos valores praticados, entre outros – como assume o estudo da variação na linha das práticas sociais (ECKERT, 2000) e no nosso caso o estudo das línguas de sinais emergentes.

Labov (2010), ao discutir os fatores sociais que, em seu conjunto, dirigem o processo de mudança linguística e moldam a história da divergência dialetal, afirma que rede social e comunidades de prática são duas das forças motrizes da variação e mudança. Unidades sociais menores do que a classe, essas forças dão relevo ao indivíduo no processo de mudança.

Em nosso trabalho, não tratamos as línguas de sinais emergentes como variação e mudança, mas sim como uma língua legítima que surge em meio a comunidades que compartilham os mesmos valores e costumes. Labov (2010) afirma que redes sociais de maior complexidade e densidade preservam falares contra os efeitos do nivelamento dialetal, e que os líderes da mudança são os membros da rede com o maior número de contatos dentro e fora dela.

Para alguns autores, as comunidades em questão poderiam ser consideradas como comunidades de prática, e estes esclarecem que, neste sentido, a variação é usada para evocar

diferentes identidades e, na negociação dos indivíduos por *status*, as formas linguísticas adquirem valor social, o que pode incrementar ou fazer regredir a mudança. Reconhecida a pertinência de investigar redes e práticas sociais no estudo da variação linguística, bem como de outras línguas, uma vez que em meio a este emaranhado de conceitos e novas possibilidades sobre línguas de sinais emergentes de comunidades surdas isoladas resta-nos o desafio de dar conta dessas forças, associando as medidas quantitativas da análise destes construtos sociais.

Milroy e Milroy (1992) afirmam que, ao engajarem-se em grupos, as pessoas criam uma estrutura significativa para a resolução dos problemas que surgem em seu cotidiano e este engajamento também encontramos na Cena e na Caiçara como, por exemplo, quando vemos que em Caiçara muitos destes surdos além do benefício do governo (aposentadoria) sobrevivem da venda de leguminosas e de animais de criação – galinhas, porcos e cabritos. E é no meio destas relações que esta língua de sinais emergente é compartilhada e se fortalece enquanto língua em uso.

Eckert (2000) observa que em meio a estas circunstâncias de interação os problemas diários mudam, assim como as pessoas. Embora possam relacionar-se localmente com mais intensidade, conhecendo quase todos os membros de uma comunidade e esses, conhecendo-se também, os indivíduos movimentam-se, engajam-se em diferentes empreendimentos e em variadas comunidades, nas quais processos simbólicos e relações identitárias diversas têm lugar.

Consubstanciados por esta ideia acima mencionada é imprescindível demarcar nesta discussão a percepção quanto a existência de uma estreita ligação entre redes e práticas sociais na variação, na mudança linguística e no uso em si de uma nova língua advinda destas relações.

Para a análise de rede, o ideal é identificar as conexões entre os membros dos grupos, também com observação participante, como fez Eckert (2000). Se isso mostrar-se inviável, sugere-se que a rede se forme quando, da realização das entrevistas sociolinguísticas, um informante indica outro com o perfil requisitado pelo pesquisador. À medida que a rede se forma, o quadro dos sujeitos já entrevistados vai sendo apresentado aos informantes subsequentes, que dizem se conhecem ou não os anteriores, e qual é sua forma de relacionamento.

As redes sociais são ancoradas nos indivíduos e são consideradas como teias de laços que se estendem, potencialmente, a toda a sociedade, as redes apresentam diferenças em sua configuração estrutural em duas dimensões, a da densidade e a da plexidade (do inglês *density* e *plexity*, respectivamente).

Segundo Evans (2004), a densidade (estrutura da rede) refere-se aos contatos dos indivíduos: quanto maior o número de pessoas em rede que se conhecem, maior sua densidade. Quando pensamos na Cena, e na comunidade de Várzea Queimada concebemos esta densidade, ou seja, a estrutura da rede, da teia que envolve os sujeitos sinalizantes da Cena. Já plexidade (conteúdo da rede) à multiplicidade de conexões dos membros. Por exemplo, pode ter membros que sejam vizinhos (rede uniplexa), ou também colegas de escola (rede multiplexa). Na rede uniplexa, em Caiçara temos os familiares, surdos e ouvintes que utilizam a Língua de sinais de Caiçara para se comunicar em um dado momento.

Em teoria a rede multiplexa seria observada quando os moradores de Várzea Queimada passam a frequentar a única escola da comunidade, pois lá a língua utilizada como língua de instrução é a Cena. Todavia com o advento das tecnologias onde os surdos bem como outros sinalizantes de Várzea Queimada tem acesso à internet e conseqüentemente a Libras, esta passa/passou a ser a “língua” de instrução na referida escola, e como veremos no tópico a seguir, a Cena passou a ser vista como uma língua de menos prestígio, ou errada em relação a Libras.

Li Wei (1996) afirma que, por essa razão, geralmente interessam as análises das redes, cujos laços estabelecem-se entre pessoas que interagem diretamente, o que limita a um número entre 20 e 50 o total de participantes da rede analisada, ressaltamos que em Várzea queimada temos atualmente em média 30 a 40 sinalizantes da Cena o que torna o nosso objeto de estudo um campo exímio de análise.

Nessa discussão, autores como Milroy (2002) distingue ainda laços fortes dos fracos, da seguinte forma: opõem-se, respectivamente, laços que conectam amigos e parentes, àqueles que conectam conhecidos. Sobre este ponto cabe destacar que tanto em Várzea Queimada quanto em Caiçara a maioria dos surdos sinalizantes destas línguas de sinais emergentes, são familiares e de alguma forma tornam esses laços mais fortes.

Conforme Evans (2004), as redes sociais podem ser vistas tanto como um sistema de relações pessoais com efeitos sobre os indivíduos ou como relações usadas pelas pessoas para atingir seus objetivos. Esta primeira visão é a mais frequentemente adotada por sociolinguistas, entre eles Milroy (1980), que fez uma análise do vernáculo, ou modalidade não padrão da língua, durante o estudo de três bairros de classe trabalhadora (*working-class neighborhoods*) de Belfast em seus padrões variáveis de realização vocálica, predominantemente. A quantificação da variação, correlacionada à rede social dos informantes, revelou que o emprego majoritário de alternantes vernaculares reflete os padrões de interação social entre as

comunidades em redes densas, multiplexas, que não poderiam ser explicados por gênero, idade e classe social, dada a homogeneidade das comunidades em rede.

Figura 80 – Mapa das três principais vizinhanças dos surdos da Várzea Queimada.



Fonte: Almeida-Silva e Nevins (2020)

Figura 81 – Mapa das principais residências dos surdos em Caiçara (Várzea Alegre – CE).



Fonte: elaboração própria

Como vimos acima e ainda Milroy (1980) complementa que diferentemente das classes sociais mais abstratas, esses grupos sempre têm uma forte base territorial, e no estudo por ela realizado em bairros habitados por pessoas que, em função de limitadas condições socioeconômicas, não apresentam grande mobilidade territorial, assim tais indivíduos interagem socialmente no próprio bairro o que contribui para desenvolverem um forte sentimento de posse a ele, como se fossem os proprietários daquela área da cidade.

Em nosso caso, no tocante às comunidades investigadas nesse estudo, ambas são compostas por um número significativo de usuários destas línguas de sinais emergentes e que

fortalecem uma rede de relações e costumes principalmente devido à proximidade de residência e os laços sejam sanguíneos, econômicos ou afetivos que estes grupos possuem.

A esse sentimento de posse, de pertença ao bairro, e o valor social de cunho positivo, denominamos localismo. Na interação local, os contatos de uma pessoa conhecerão uns aos outros, integrando uma rede social densa, e quase sempre multiplexa, o que sustenta e explica a emergência destas.

Sob esta ótica da emergência que algumas línguas se colocam, este estudo posta-se como um chamariz para estas línguas, posto que aqui reunimos um total de vinte e uma. E nesse sentido, importa demarcar que muitos de seus sinalizantes/usurários do quantitativo mencionado o fazem, possivelmente desconhecendo a riqueza que estas línguas carregam.

8.2 TRANSIÇÃO GERACIONAL EXISTE NA LÍNGUA DE SINAIS CENA E NA LÍNGUA DE SINAIS DE CAIÇARA?

A língua de sinais de Caiçara e a Cena são utilizadas com os surdos, nas comunidades bem como nos locais em que há surdos e nos que os surdos visitam. Entretanto em ambas as comunidades, os ouvintes são peça fundamental da base social da língua, pois constituem a maioria dos sinalizantes. Se os surdos são sinalizantes por condição física, os ouvintes o são pela condição social que os liga aos seus patrícios surdos (GODOY, 2020). Em contraposição, os surdos não têm nenhum acesso à língua falada.

Vale ressaltar que há diferentes graus de competência na sinalização entre os ouvintes. Algumas pessoas dizem que não sabem sinalizar. Entretanto, ao encontrar um surdo, sinalizam. Ao menos, sabem alguns sinais básicos o que promove a comunicação entre os membros da comunidade.

Um dos principais aspectos observados em ambas as comunidades é que os sinais durante pelo menos 03 gerações acompanharam seus falantes independente de ser surdo ou ouvinte. De acordo com Almeida-Silva e Nevins (2020), a Cena surgiu na década de 50 com o nascimento da primeira surda da comunidade em 1949, hoje ainda viva com 71 anos de idade. Ela não é mais usuária da Cena da Várzea Queimada, pois há algumas décadas ela se mudou para outra localidade chamada Peixe, e daí não acompanhou a evolução dos sinais, mas utiliza gestos e se comunica com os surdos da Várzea com facilidade. Na figura 66, referente ao Censo de Várzea Queimada inserido na metodologia, percebe-se que estamos já em 03 gerações desde

o nascimento da primeira surda e que principalmente nos falantes da terceira geração há uma presença maior da Libras em detrimento do uso da Cena.

Na comunidade de Caiçara, a língua de sinais surgiu por volta do final década de 1940 com o nascimento dos primeiros surdos. Seguidamente na segunda geração com o nascimento de mais surdos, e de acordo com familiares e moradores do sítio este fato ocorreu por questões consanguíneas, ou seja, casamento entre familiares. Conforme visto no capítulo da metodologia no ponto referente aos participantes da pesquisa, vimos que na terceira geração ainda não registramos o nascimento de nenhum surdo, todavia identifica-se que quando os netos (terceira geração) estão em contato com os sinalizantes da LS Caiçara, estes tendem a usá-la em sua produção. Este fato é interessante e importante no tocante a preservação, valorização e continuidade de uso da LS Caiçara.

De acordo com Godoy (2020), existem diferentes profundidades temporais e regularidades na convivência de um ouvinte com surdos – sejam aparentados, vizinhos ou amigos. O contato pode ser mais recente, quando um ouvinte passa a conviver regularmente com um surdo depois de adulto. Outros interagem com algum surdo desde o nascimento. Alguns têm contato intermitente com surdos que veem ocasionalmente, como, por exemplo, quando vão a feira em Jaicós – PI e/ou Várzea Alegre – CE.

Há os que interagiam frequentemente com finados surdos em outras épocas, mas que atualmente não convivem com um surdo. Assim, o contato atual esporádico com surdos não significa, necessariamente, menor profundidade de uso dos sinais, que pode ter sido frequente outrora.

Esta forma de língua de sinais – de meios não-institucionais – utilizada em ambas as comunidades foi chamada de “língua de sinais de aldeia” ou “rural”. Devido ao seu uso compartilhado entre surdos e ouvintes, assim como a língua de sinais ka’apor, a Cena e a língua de sinais de Caiçara podem ser classificadas como uma “língua de sinais compartilhada” (shared sign language) (NYST, 2012) ou uma “comunidade de fala/sinalização” (speech/sign community) (NONAKA, 2014).

8.3 TENDÊNCIA DE USO DA LÍNGUA DE SINAIS CENA X LÍNGUA DE SINAIS DE CAIÇARA

As línguas vivem em constante contato uma com a outra e se “contaminam” mutuamente, constantemente criando possibilidades novas e nunca sonhadas (RAJAGOPALAN, 2001).

Em primeiro lugar, quando falamos na produção, no uso das línguas de sinais emergentes, estas línguas, na maioria dos sentidos em que elas ocorrem, representam somente uma fração mínima do que normalmente consideramos ser o escopo total das capacidades linguísticas humanas.

Nem sempre essas línguas estão mescladas de forma absoluta, sua coexistência numa dada região não exclui uma relativa repartição territorial. No caso das línguas de sinais emergentes, este fato acaba não se consolidando, considerando o advento das tecnologias e a possibilidade de contato destes surdos outrora isolados, com o mundo ao seu redor por meio da internet. O que vem ocorrendo é que, por exemplo, no caso de Caiçara e Várzea Queimada os surdos desta localidade que antes utilizavam suas línguas de sinais emergentes, agora vivem transitando entre as duas línguas.

A constatação da realidade examinada nas observações das duas localidades fizeram emergir a nossa preocupação, na condição de pesquisadora, com a possível pressão que uma língua pode exercer na outra e especialmente seus desdobramentos, como, por exemplo, a atribuição do prestígio de uma das línguas possa vir a ser compreendida como o encaminhamento mais adequado pelos sinalizantes, ou seja, a decisão correta enquanto a outra língua seja vista como errada para utilização pelos sinalizantes.

As bases empíricas para a preocupação partilhada acima tiveram como subsídio o ocorrido em nossas observações em ambas as comunidades. Por vezes, vimos os surdos que anteriormente só usavam a Língua de Sinais Cena ao serem questionados sobre “como se diz algo em sua língua” eles faziam o referente na Língua de Sinais Cena e o sinalizante (terceira geração) dizer: Não, fala assim (em Língua de Sinais Cena) é errado, precisa fazer assim (em Libras).

Sob a ótica da fala deste indivíduo da terceira geração é que reside nossa preocupação: dizer que uma língua é melhor que a outra! Acontece, por exemplo, na situação evidenciada acima, quando temos duas línguas, onde uma é falada nas cidades e a outra em locais não-urbanos (vilas, sítios, vilarejos, tribos, comunidades isoladas, de fronteiras, dentre outros), ocorre a preocupação se uma irá substituir a outra, ou se uma será vista como a certa e outra como a errada. Infelizmente em várias observações participantes principalmente em Várzea Queimada, percebemos que com a chegada da Libras a estas comunidades e por exemplo em Várzea Queimada, a Cena vem sofrendo desprestígio e é necessário sempre reforçar com seus falantes natos, que ela não é uma língua errada, nem muito menos feia, mas ao contrário é uma

língua linda, genuína que não pode ser esquecida, nem muito menos apagada da comunidade, uma vez que constitui a identidade desta comunidade.

Ressalta-se que quando me refiro a chegada da Libras me refiro primeiramente a Libras que é vista e estudada em ambientes educacionais. Por exemplo, em Caiçara a Libras chegou quando os jovens da segunda geração entre (2004 e 2008) começaram a frequentar escolas com a presença de intérpretes de Libras e traziam esses sinais para a comunidade. Posteriormente com o advento das tecnologias, acesso à internet e mídias sociais o acesso a Libras tornou-se mais frequente e presente nas comunidades.

Em Várzea Queimada –Pi, em nossa primeira incursão em 2017, dos 44 surdos que contactamos apenas 04 estavam em contato direto com sinalizantes da Libras. Na última incursão realizada em janeiro de 2021 do número de surdos residentes ainda em Várzea Queimada (Jaicós-Pi), quase todos os surdos, independente da faixa etária, já inseriram sinais da Libras em suas sinalizações.

Tal repartição, contudo, nem sempre é clara e como vimos acima, acaba colocando uma língua em situação de desprestígio, e posteriormente o que pode acontecer é que a língua desta comunidade vista como minoritária seja sobreposta pela língua dos centros urbanos. O desafio é como estabelecer uma relação de valorização das duas línguas de sinais, sem implicar na substituição de uma língua pela outra, por causa do prestígio dado a uma delas. E garantindo a preservação de aspectos identitários das localidades pesquisadas.

8.4 QUESTÕES LINGUÍSTICAS SOBRE A CENA E A LÍNGUA DE SINAIS DE CAIÇARA

Durante as visitas realizadas nas comunidades estudadas coletamos um número grande de sinais que compõem o léxico da Cena e da língua de sinais de Caiçara, respectivamente. Sobre a Cena, Pereira (2013) registrou uma média de 85 sinais da língua, considerando um vocabulário dedicado a termos religiosos, sinais de atividades laborais e sinais de parentesco, todavia sem uma perspectiva linguística, mas com viés antropológico.

Na primeira visita a Várzea Queimada em fevereiro de 2017 foram coletados aproximadamente 280 sinais da Cena que abrangiam desde palavras lexicais relacionadas às atividades diárias, mas também um léxico funcional que incluía formas verbais, advérbios e adjetivos. Dados obtidos em uma segunda ida já em 2019, essa lista foi ampliada para algo em torno de 330 sinais.

Já em Caiçara, Temóteo (2008) registrou 444 sinais desta língua. Todavia nas visitas realizadas em 2015, 2017 e 2019 pudemos registrar no total de 350 sinais. Ambos os registros incluem itens de conteúdo e funcionais que serão publicadas posteriormente em forma de um dicionário como contributo ao fortalecimento destas línguas, uma vez que junto ao léxico da Cena e da Língua de sinais de Caiçara atualmente, por exemplo, ocorre a inserção lenta e progressiva de alguns sinais da Libras na língua, conhecidos como os ‘sinais da Marcilene’⁶⁵ (em Várzea Queimada) e os “sinais da escola” (em Caiçara).

Nas duas comunidades pesquisadas foram significativos os depoimentos de alguns moradores quanto a afirmação de que alguns surdos depois que começaram a aprender Libras no cotidiano da escolarização vem, por sua vez, progressivamente modificando a sua língua de sinais local.

Durante as visitas percebeu-se que essa entrada de sinais da Libras na Língua de Sinais Cena e na Língua de Sinais de Caiçara é empreendida pelos surdos mais jovens que frequentam escolas na comunidade e/ou na sede e na qual eles dispõem de aulas semanais de Libras, bem como possuem acesso à internet e as diversas redes sociais.

No entanto, ainda que os surdos das citadas comunidades tenham acesso à Libras nas escolas, o fato de que os surdos mais velhos não vão à escola e também os familiares ouvintes não aprendem a Libras representa uma garantia para que estas línguas emergentes prossigam e permaneçam vívidas e de certa forma resistentes as alterações/substituições dos sinais antigos.

Como em qualquer comunidade linguística onde há o contato entre línguas, e principalmente duas línguas de sinais, há uma situação propícia para a ocorrência de empréstimos (THOMASON & KAUFMAN, 1988; ADAM, 2012).

Nas falas dos surdos, há um quantitativo de preocupação de ambas as comunidades pesquisadas, de que tanto a Cena quanto a Língua de Sinais de Caiçara sejam completamente substituídas pela Libras. Todavia, no entendimento de autores como Almeida-Silva e Nevins (2020) esse acontecimento é uma situação improvável ou impossível já que a língua não é de uso exclusivo dos surdos.

8.5 ITENS LEXICAIS NA CENA E LÍNGUA DE SINAIS DE CAIÇARA

⁶⁵ É a professora de Libras da comunidade e Tia de Surdos.

Neste tópico, traremos de forma breve algumas questões que nos chamou atenção durante essas análises iniciais referentes às línguas Cena e a Língua de Sinais de Caiçara numa perspectiva embrionária de análise linguística.

Em Caiçara (Várzea Alegre – Ce), os surdos mais idosos e que não conhecem a Libras e nem tiveram contato com o alfabeto manual utilizam da escrita da palma da mão para demonstrar as letras do alfabeto ou escreverem alguma palavra conforme figura abaixo:

Figura 82 – Exemplo de escrita na palma da mão– LS Caiçara



Fonte: Arquivo pessoal (2019)

Entendemos que este recurso em algum momento assume uma função na interação entre os usuários da língua de sinais. Reforça-se que em nossos dados o uso deste recurso ocorreu de forma ocasional para soletrar nomes próprios de pessoas ou lugares, siglas, e algum vocábulo que durante a interação não foi possível estabelecer um sinal.

Um ponto interessante é que quando a contagem, ou o quantitativo é maior que cinco conforme figura abaixo, na Língua de Sinais de Porto de Galinhas – PE, verifica-se que a palma das mãos fica em sentido oposto.

Figura 83 – Exemplo de Contagem (quantidade) em LS Caiçara



Fonte: Arquivo pessoal (2015)

Na figura acima, identificamos que, além das formas já descritas acima, nos surdos mais velhos que usam LS de Caiçara a contagem ocorre com a palma da mão virada para o sinalizante com movimentos repetitivos até atingirem a quantidade desejada. No exemplo acima, a sinalizante movimentou a mão 6 vezes porque queria demonstrar a quantidade 30 (trinta). Esta perspectiva merece atenção e certamente sugere a necessidade de um estudo futuro.

8.6 OUTRAS QUESTÕES LINGUÍSTICAS IDENTIFICADAS NA CENA

Durante nossas incursões (2017, 2019) também registramos na fala de muitos moradores a expressão de que “os mudos fazem Cena”, fazendo assim referência a forma como os surdos se comunicam.

Para os moradores através da Língua de sinais Cena também é possível nomear palavras, como, por exemplo, quando eles perguntam “como que é a cena de pai?” ou quando dizem “a cena de feijão é assim”. Em outras palavras, significa dizer que a Língua de Sinais Cena é a forma de comunicação que possui significado e que faz significar as ações, as relações e os momentos vivenciados em Várzea Queimada.

Nesta perspectiva podemos identificar na Língua de Sinais Cena a presença de parâmetros que igualmente constituem outras línguas de sinais como, por exemplo, as

configurações de mão, movimento, ponto de articulação, expressões não manuais, dentre outros.

Muitas vezes, os sinais da Cena são produzidos com o corpo todo, com isso o que se quer dizer é que o espaço de sinalização é composto por todas as regiões do corpo, tendo como predominante a região do abdômen.

Figura 84 – Sinalização utilizando outras partes do corpo: perna e pé



Fonte: arquivo pessoal

Na Cena ocorre também a soletração, mas com um diferencial, esta é realizada mediante o uso do dedo indicador para desenho das letras do alfabeto da língua portuguesa na palma da mão ou no antebraço do receptor da mensagem, e até mesmo quando não há entendimento no chão seja de terra batida com um graveto ou com o dedo. Também há ocorrência de escrita das letras no ar.

Nos momentos que estive em ambas as comunidades, percebi como os surdos e ouvintes usam os números e formas bastante peculiares de se representar quantidades de horas, de dias de meses, de valores monetários, dentre outros quantitativos. E assim como na Língua de Sinais Pataxó, a Cena ao contar de 1 a 5, os sinais numéricos são realizados com a forma exposta na figura abaixo. Na Cena, os números são realizados de forma contínua e caso necessário com o uso de ambas as mãos.

Figura 85 – Número 08 em Língua de Sinais Cena



Fonte: arquivo pessoal (2017)

Figura 86 – Número 10 em Língua de Sinais Cena



Fonte: arquivo pessoal (2017)

Sobre os dias da semana, a contagem ocorre a partir do domingo e do sábado. Por exemplo: faz o sinal de domingo (figura 87) e sinaliza PARA FRENTE + 1, se for terça-feira PARA FRENTE + 2 e assim por diante.

Nesta mesma perspectiva SEXTA é sinalizado como SÁBADO + PARA TRÁS.

Figura 87 – Sinal de DOMINGO em Língua de Sinais Cena



Fonte: arquivo pessoal

Figura 88 – Sinal de SÁBADO em Língua de Sinais Cena



Fonte: arquivo pessoal

Outro ponto importante e também notado aqui diz respeito aos verbos. Geralmente eles apresentam a incorporação do instrumento. Dessa maneira para indicar a ação de trabalhar no geral faz-se uma sinalização de “retirar o suor da testa”, assim como percebido também na Cena identificamos várias formas de realizar o sinal TRABALHAR.

Todavia como Várzea Queimada é uma zona rural, em alguns momentos há a diferenciação desta forma de trabalhar, havendo a incorporação do objeto que se usa para o trabalho, como, por exemplo, trabalhar no roçado, faz-se a ação de usar uma enxada. Se estiver referindo-se ao corte de cana, utiliza-se o corte e o movimento com o facão e assim por diante, são tantas possibilidades que demonstram quão ricas são estas línguas.

Figura 89 – SINAL de TRABALHAR geral em Língua de Sinais Cena



Fonte: arquivo pessoal (2017)

Figura 90 – Sinal de Trabalhar na roça em Língua de sinais Cena



Fonte: Pereira (2013, p. 292)

Nesta figura 90, percebemos a iconicidade quando a motivação para a sua realização é a enxada, da mesma forma que na comunidade as mulheres trabalham com a palha e que quando vão falar que saíram para trabalhar na confecção de cestos de palha faz-se o movimento sinalizado de entrelaçar a palha. Sobre estas questões motivacionais e consequentemente de iconicidade, observemos a figura a seguir.

Figura 91 – Sinal CASA (Cena e também em Libras)



Fonte: arquivo pessoal (2017)

Considerando as figuras acima, identificamos um fator decisivo para essa criação do sinal, ou seja, não mais o aspecto da iconicidade identificada no sinal de CASA/OCA vista na figura 91, mas o material e a forma como ela é feita, assim como pode ser percebido no sinal de CASA da Libras e da Cena.

Com relação ao nível morfológico, na Cena é possível se atesta gradações típicas de modificações adverbiais realizadas por articuladores não-manuais como a face. Xavier (2017) referindo-se à Libras, quanto ao uso de “sobrancelhas franzidas, bochechas infladas, tronco inclinado, e mudanças no número de mãos e duração do sinal” são recursos miméticos metaforicamente vinculados à noção de intensidade (ALMEIDA-SILVA; NEVINS, 2020). Para exemplificar, tomamos a figura 92 o sinal manual MANHÃ, que é comum em ambas as comunidades pesquisadas que, na sua realização, foi acrescido da expressão facial intensificada e da curvatura do tronco, aumentando assim o significado do sinal para ‘bem de manhã’ ou ‘muito cedo’.

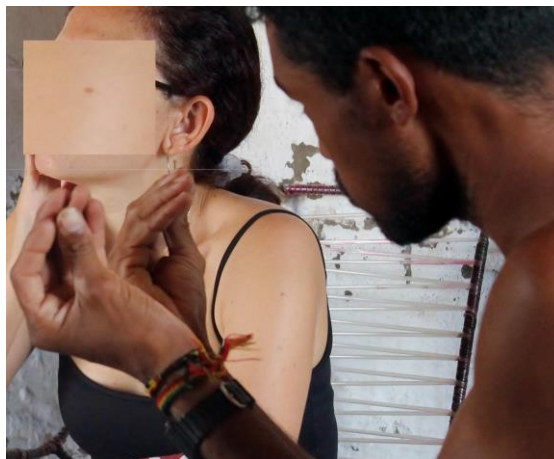
Figura 92 – SINAL MANHÃ com expressão-corporal-intensidade – Língua de Sinais Cena



Fonte: Almeida-Silva e Nevins (2020)

A partir da referida figura, podemos inferir que, na Cena, lança-se mão também além da expressão de intensidade, do advérbio MUITO, seguido do seu correspondente em outras construções usadas para indicar o quantitativo.

Figura 93 – Sinal MUITO_quantidade (Cena)



Fonte: arquivo pessoal (2017)

Na interface da morfologia com a sintaxe, a apontação para referenciar as pessoas do discurso em ambas as línguas é percebida só com referente presente e de forma pontual, como, por exemplo, VOCÊ, ELE. Pronomes como EU e MEU, muitas vezes, nas conversas observadas, são realizados da mesma forma, ou seja, correspondem ao sinal MEU/MINHA em Libras. Usa-se também a apontação para denotar localização: LÁ/AQUI. Quando estão se referindo ao sinal LONGE realiza-se o sinal de LÁ, mas a expressão facial é contínua indicando que há uma distância significativa.

Figura 94 – SINAL DE LONGE em Língua de Sinais Cena



Fonte: arquivo pessoal (2017)

Na Cena nessa análise preliminar não foi possível identificar o uso do mesmo tipo de apontações (pronominais) para falar sobre referentes ausentes. Nestes casos, quando querem referir-se a pessoas que não estão presentes no contexto de fala, apontam para a localização real mais provável dessa pessoa como, por exemplo, a direção da casa, ou a provável distância que estamos do referente ausente, mas não observamos o uso dos pronomes de segunda e terceira pessoa para referentes ausentes sem que a apontação esteja direcionada para a provável localização real do referente.

8.6.1 Questões linguísticas preliminares sobre a Língua de Sinais de Caiçara

Neste tópico conversaremos um pouco sobre algumas questões iniciais sobre a Língua de Sinais de Caiçara, considerando-a sobretudo como um instrumento de construção e detecção de uma visão de mundo, de uma ideologia, composta de um sistema de valores e aspectos culturais peculiares desta comunidade.

Para Galisson (1978), citado por Timóteo (2008), as palavras organizam um universo que forma a trama da cultura comum ou compartilhada pelos sujeitos falantes ouvintes: os espaços léxico-culturais que recortam o mundo servem como balizas para aqueles sujeitos.

Partindo desse pressuposto, ressaltamos que um dos pontos de destaque na análise das Línguas de Sinais de Caiçara foi a forte presença de sinais icônicos, independente dos informantes Surdos pesquisados, a iconicidade é uma marca presente na “fala” dos Surdos ali inseridos. Para Sacks (1998, p. 136):

No caso das línguas de sinais, aquilo que a distingue, seu “caráter”, é também biológico, pois se alicerça nos gestos, na iconicidade, numa visualidade radical que a diferencia de todas as línguas faladas. A língua emerge – biologicamente – de baixo, da necessidade irreprimível que tem o ser humano de pensar e se comunicar. Mas ela também é gerada, e transmitida – culturalmente – de cima, uma viva e urgente incorporação da história, de visões de mundo, das imagens e paixões de um povo. A língua de sinais é para os surdos uma adaptação única a um outro modo sensorial; mas é também, e igualmente, uma corporificação da identidade pessoal e cultural dessas pessoas.

Conforme vimos acima e identificado também em nossa pesquisa a Língua de Sinais Caiçara emerge da necessidade irreprimível que tem o ser humano de pensar e se comunicar com parentes ou vizinhos, e não obstante entendemos que ela é gerada, e transmitida –

culturalmente – de cima, uma viva e urgente incorporação da história, de visões de mundo, das imagens e paixões de um povo.

Deste modo, deve-se mencionar que iconicidade conforme vimos em um tópico anterior, em Linguística, possui interpretações variadas, mas convergentes. Quanto à iconicidade Faulstich (2007, p. 153), afirma que:

Um ícone, do grego eikón (imagem, representação), é um signo que está numa relação de semelhança, similaridade ou analogia com o objeto designado. Desde o princípio resulta, portanto, uma relação de motivação entre um ícone e o respectivo referente. Dito de um outro modo, um ícone é um signo que é determinado pelo seu objeto dinâmico, em virtude da sua própria natureza interna. No desempenho da função, um signo está dirigido a alguém e cria na mente dessa pessoa um signo equivalente, ou talvez um signo ainda mais desenvolvido. Este signo criado é o que se chama de “interpretante” do primeiro signo.

Face ao exposto, por se tratar de uma língua espaço-visual, a Língua de Sinais de Caiçara em si mais iconicidade em sua estrutura do que as Línguas orais como, por exemplo, na Libras temos um sinal para TAPIOCA; na Cena a forma como realizamos o sinal de TAPIOCA já apresenta outro significado que é o de ARROZ devido a forma como o arroz é peneirado antes de ser cozido. Já na LS de Caiçara, a forma como os moradores de Várzea Queimada sinalizam ARROZ corresponde ao sinal de CAFÉ, pois eles primeiro passam o café em uma peneira para depois pilar! Que fantástico perceber quão ricas são essas línguas e como podemos encontrar questões semânticas como qualquer outra língua.

Não obstante e ainda seguindo o pensamento de FAULSTICH (2007:153):

o signo icônico solicita que o falante de uma língua tenha familiaridade com o objeto, pois só assim poderá compor, em sua mente, as relações signíficas, enquanto signo lingüístico, imotivado, não exige do falante familiaridade com o objeto, porque entende que o discurso da definição é claro o bastante para dizer o que a “coisa é”.

Para Quadros & Karnopp (2004, p. 32), tanto a iconicidade como a arbitrariedade é determinada pelos falantes da Língua, assim, toda arbitrariedade é convencional, pois quando um grupo seleciona um traço como característica do sinal, outro grupo pode selecionar outro traço para identificá-lo e, somente por meio de informantes Surdos adultos é que tais traços poderiam ser identificados em nossa pesquisa.

A iconicidade é um elemento ligado a forma, visto que o movimento que descreve as configurações de mão. É entendido como indicativo para a realização do sinal, daí a relação entre forma e ícone. A iconicidade em língua de sinais é um fenômeno de cognição, posto que

uma palavra língua de sinais Caiçara, sob a perspectiva do “objeto dinâmico”, é um signo complexo, e a significação é um processo que se dá em cadeia de interpretantes de diferentes tipos (FAULSTICH, 2007, p. 155).

Os Surdos do Sítio Caiçara possuem grande familiaridade com os elementos pesquisados, visto que os sinais produzidos são o produto do vocabulário de sua Língua, da expressão do conhecimento da comunidade ligado a outras formas de conhecimento acerca do mundo, refletida na realização dos sinais típicos desta região.

Timóteo (2008) destacou alguns sinais em que se foi possível comprovar a iconicidade nos sinais típicos da Língua de Sinais de Caiçara como, por exemplo, o sinal de BANANA. Na região os surdos conhecem e consomem vários tipos de banana e por este motivo para este sinal, eles utilizam outras sinalizações como, por exemplo, “banana- sapo”, “banana-nanica” e “banana da terra”, também conhecida como “banana-pão”. Ressalta-se que o próprio sinal de “banana” traz uma iconicidade em si, referindo-se ao ato de descascar a banana. Os tipos de banana são icônicos por destacarem as características de cada banana, que pode ser pelo seu formato, “gorda” e parecer com um sapo ou pelo seu tamanho, “pequena”.

Outro exemplo identificado por Timóteo (2008) é o sinal de cachaça. Para ele foram encontradas a partir do conceito quatro outros sinais, duas delas são icônicas por identificarem o sinal de “cachaça” com a “dose de cachaça”, com o pequeno copo onde se vende a dose, outro sinal remete a pessoa que toma a cachaça e o último ao litro de cachaça.

Como análise inicial identificamos o empréstimo linguístico que diz respeito a Soletização, e em nosso caso da Língua de Sinais da Caiçara há um diferencial. Esta é realizada mediante o uso do dedo indicador para desenho das letras do alfabeto da língua portuguesa na palma da mão ou no antebraço do receptor da mensagem, e até mesmo quando não há entendimento no chão seja de terra batida com um graveto ou com o dedo. Também há ocorrência de escrita das letras no ar.




Outro ponto é que os surdos e ouvintes usam os números e formas bastante peculiares de se representar quantidades de horas, de dias de meses, de valores monetários, dentre outros quantitativos. Os números são geralmente feitos conforme a contagem mostrando os dedos das mãos, apenas pela quantidade e não com um sinal específico para os números como ocorre na Libras.

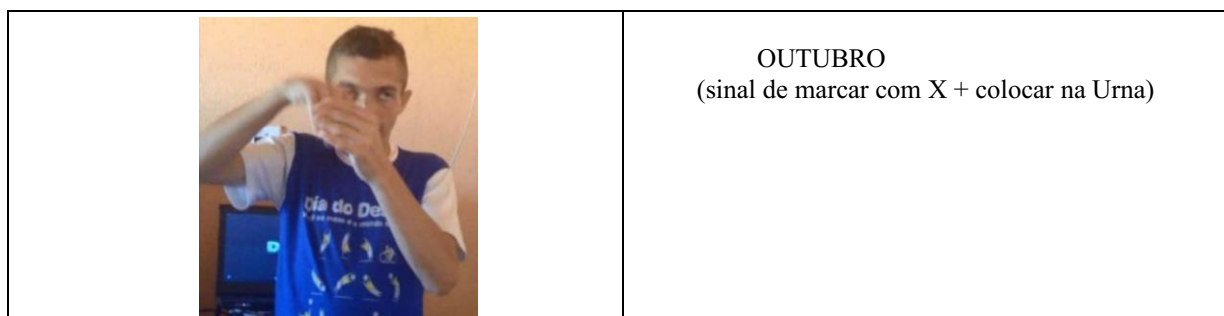
Com relação à contagem do tempo, na Língua de Sinais de Caiçara encontramos formas diferentes para a contagem dos meses, de anos e dos dias da semana conforme veremos a seguir.

A contagem dos anos é feita por intermédio do uso do sinal de CHUVA - realizado com as duas mãos + a quantidade de anos indicada pelo dedo das mãos. No meu primeiro contato com a Língua de Sinais de Caiçara, identifiquei este sinal quando Dona Cássia (falecida) ao rever meu marido sinalizou para ele: "VOCÊ VIR AQUI CAIÇARA ANTES CHUVA 4 FAZ TEMPO". Então após analisar esta sinalização, identifiquei a contagem de anos por meio da contagem e percepção das Chuvas fortes que no sertão do Ceará costumam acontecer apenas uma vez em cada ano.

Sobre os meses do ano a forma de sinalizá-los está intrinsecamente ligado às tradições culturais percebidas pelos moradores da comunidade e como resultado há a predominância de sinalização para todos eles. A seguir veremos alguns deles:

Quadro 21 – Meses do Ano em Língua de Sinais Caiçara

SINAL	MÊS
	<p>MAIO</p>
	<p>ABRIL (dedo indicador toca os 2 ombros, semelhante a chicotadas de Jesus)</p>
	<p>AGOSTO (sinal de fogos de artifício feito com o dedo indicador)</p>



Fonte: Elaboração própria.

Acima, vimos os exemplos de quatro meses do ano, em que fica explícito que todos os sinais estão relacionados a alguma data comemorativa que ocorre seja em âmbito local, seja nacional.

Com relação aos dias da semana, segue-se a mesma motivação, bem como a contagem com os dedos para SEGUNDA, TERÇA, QUARTA, já quinta e sexta não consegui identificar qual a motivação. O SÁBADO relaciona-se ao dia que se lava roupas e o DOMINGO à missa.

Figura 95 – Sinal de SEGUNDA E QUARTA na Língua de Sinais Caiçara



Fonte: arquivo pessoal da autora (2015)

Um sinal bastante intrigante não encontrado em nenhuma outra língua de sinais que eu tenha pesquisado diz respeito ao sinal de SEMANA que, em Libras, quando sinalizamos fazemos a alusão aos sete dias que a semana tem, mesmo com as variações dos sinais no Brasil sempre há a perspectiva de sete dias. Já na LS de Caiçara, o sinal de SEMANA é indicado com 8 dedos, o que foge totalmente a qualquer padrão de iconicidade ou representatividade do conceito na língua, elucidando a questão da arbitrariedade deste sinal. Chamou-me a atenção quando para se referir a contagem de SEMANAS, os surdos de Caiçara tivessem uma forma de representá-la. Faz-se o sinal de SEMANA + DEPOIS - 1 ou SEMANA + DEPOIS - 2 e SEMANA + depois - 3.

Figura 96 – Sinal SEMANA na Língua de Sinais Caiçara



Fonte: arquivo pessoal (2015)

A sinalização de ARVORE dos Kaingang é a que mais se aproxima da forma em Libras. Já a sinalização Guarani e de Pataxó assemelha-se ao sinal de ARVORE utilizado em Caiçara conforme figura 97. Tal semelhança vem reafirmar aquele pensamento de que a nossa produção, a nossa expressão do pensamento está intrinsecamente ligada as nossas experiências visuais, ou seja, o tipo de mata, as percepções visuais que os surdos de Caiçara possuem remetem a forma de sinalização para ÁRVORE que pode ser vista na figura abaixo.

Figura 97 – Sinal ÁRVORE na Língua de Sinais Caiçara



Fonte: arquivo pessoal (2015)

Considerando a figura acima, identificamos um fator decisivo para essa criação do sinal, que é a iconicidade que, como se observa, está intrinsecamente ligada as experiências visuais dos sujeitos, ou seja, a experiência de árvores predominantemente no Sítio Caiçara são

as Juremas⁶⁶ e a representação indicada na LS Caiçara de certa forma remete a essa forma de vegetação:

Figura 98 – Imagem de Juremas



Fonte: Arquivo pessoal (2019)

O sinal de CASA da LS Caiçara difere-se dos demais por considerar os aspectos constitutivos das casas, ou seja, a maior parte das casas de Caiçara é feita de barro batido (taipa) e o próprio movimento do sinal nos traz à lembrança dessa forma de se construir uma casa, ou seja, a representação dos sinais está além das questões de iconicidade abrangendo também as crenças e valores de um povo.

Figura 99 – Sinal de CASA na Língua de Sinais Caiçara



Fonte: Arquivo pessoal (2015)

⁶⁶ Árvore de pequeno porte, dotada ou não de espinhos no tronco e galhos, de ocorrência natural na caatinga. A espécie pertence à família Fabaceae, subfamília Mimosoideae, gênero Mimosa e recebe o nome científico *Mimosa tenuiflora* (Mart.) Benth. Apresenta alguns sinônimos como *Acacia hostilis* Mart.; *Mimosa cabrera* Karsten; *Mimosa limana* Rizzini; *Mimosa nigra* Huber; *Acacia tenuiflora* Willd., sendo seu basônimo *Acacia tenuiflora* Willd (TROPICOS, 2017).

Com relação ao nível morfológico, na LS de Caiçara é possível se atesta gradações típicas de modificações adverbiais realizadas por articuladores não-manuais como a face. Xavier (2017) referindo-se a Libras, quanto ao uso de “sobrancelhas franzidas, bochechas infladas, tronco inclinado, e mudanças no número de mãos e duração do sinal” são recursos miméticos metaforicamente vinculados à noção de intensidade.

A partir da referida figura, podemos inferir que outras construções com relação ao número para indicar o quantitativo. Na LS de Caiçara lançam mão também além da expressão de intensidade, do advérbio MUITO, seguido do seu correspondente.

Na interface da morfologia com a sintaxe, a apontação para referenciar as pessoas do discurso em ambas as línguas é percebida só com referente presente e de forma pontual, como, por exemplo, VOCÊ, ELE. Pronomes como EU e MEU muitas vezes nas conversas observadas são realizados da mesma forma, ou seja, correspondem ao sinal MEU/MINHA em Libras.

Sobre o uso do espaço para o estabelecimento do sistema pronominal, identificamos na da LS de Caiçara que os sujeitos usam a mesma estratégia que os falantes de Libras, fazendo o uso da apontação ego-alinhada ao peito do sinalizador para identificar a primeira pessoa e as apontações ego-opostas para a segunda e terceira pessoa do discurso.

Na Língua de Sinais de Caiçara não foi possível identificar o uso do mesmo tipo de apontações (pronominais) para falar sobre referentes ausentes, ou seja quando querem referir-se a pessoas que não estão presentes no contexto de fala, apontam para a localização real mais provável dessa pessoa como, por exemplo, a direção da casa ou a provável distância que estamos do referente ausente, mas não observamos o uso dos pronomes de segunda e terceira pessoa para referentes ausentes sem que a apontação esteja direcionada para a provável localização real do referente.

Esta última perspectiva nos abre um caminho para uma possível diferença tipológica entre LSEs e Línguas de Sinais estáveis e assim pode-se lançar luz sobre como os traços pronominais surgem e se desenvolvem nas línguas naturais.

8.7 CONHECENDO A CENA E A LS CAIÇARA A PARTIR DA LISTA DE SWADESH: DIFERENÇAS DE SINAIS NAS LOCALIDADES

No capítulo da metodologia vimos de que forma a Lista de Swadesh (100 palavras) foi utilizada nesta pesquisa para a produção dos dados na Cena e na LS de Caiçara.

Quadro 22 – Lista de Swadesh e dados identificados na Língua de Sinais Caiçara e na Cena

Lista de Swadesh	Cena	Língua de Sinais Caiçara
1. todos	I	I
2. animal	NI	NI
3. ruim	I	I
4. Porque	I	I
5. pássaro	I	I
6. Preto	I	I
7. sangue	I	I
8. criança	I	I
9. contagem	I	I
10. dia	I	I
11. morrer	I	I
12. sujo	I	I
13. cachorro	I	I
14. seco	I	I
15. aborrecido	I	I
16. poeira	I	I
17. terra	I	I
18. ovo	I	I
19. gordo	I	I
20. pai	I	I
21. pena	NI	NI
22. fogo	I	I
23. peixe	I	I
24. flor	I	I
25. Boa	I	I
26. Relva	I	I
27. Verde	I	I
28. Pesado	I	I
29. Como	I	I
30. Caçar	I	I
31. Marido	I	I
32. Gelo	NI	NI
33. E se	I	I
34. matar	I	I
35. rir	I	I
36. folha	I	I
37. mentira	I	I
38. viver	I	I
39. longo	I	I
40. piolho	NI	NI
41. homem	I	I
42. carne	I	I
43. mãe	I	I
44. montanha	I	I

45.	nome	I	I
46.	estreito	NI	NI
47.	novo	I	I
48.	noite	I	I
49.	não	I	I
50.	velho	I	I
51.	de outros	I	I
52.	peessoa	I	I
53.	Toque	I	I
54.	chuva	I	I
55.	vermelho	I	I
56.	certo	I	I
57.	rio	I	I
Lista de Swadesh		Cena	Língua de Sinais Caçara
58.	corda	I	I
59.	sal	I	I
60.	mar	NI	NI
61.	afiado	I	NI
62.	curto	I	I
63.	cantar	I	I
64.	sentar	I	I
65.	suave	I	I
66.	serpente	I	I
67.	neve	NI	NI
68.	ficar de pé	I	I
69.	Estrela	I	I
70.	pedra	I	I
71.	sol	I	I
72.	cauda	NI	NI
73.	fino	I	I
74.	árvore	I	I
75.	vomitir	I	I
76.	caloroso	I	I
77.	água	I	I
78.	molhado	I	I
79.	o que	I	I
80.	quando	I	I
81.	Onde	I	I
82.	branco	I	I
83.	quem	I	I
84.	Largo	I	I
85.	esposa	I	I
86.	vento	I	I
87.	com	I	I
88.	mulher	I	I
89.	madeira	NI	NI
90.	Minhoca	NI	NI

91.	Ano	I	I
92.	amarelo	I	I
93.	cheio	I	I
94.	lua	I	I
95.	irmão	I	I
96.	gato	I	I
97.	dança	I	I
98.	porco	I	I
99.	irmã	I	I
100.	trabalhar	I	I

Legenda: I – identificado e NI – Não identificado

Fonte: elaboração própria.

Após este levantamento conforme Quadro 22, identificamos em ambas as línguas pelo menos 88 sinais. Os sinais não identificados foram os seguintes: animal, pena, gelo, piolho, estreito, mar, afiado, neve, cauda, madeira e minhoca.

Ressalta-se que a não identificação dos sinais não significam necessariamente que eles não existam nas referidas línguas, mas que durante o processo de produção dos dados eles não foram possíveis de serem elucidados. Por exemplo, com relação ao sinal MAR, acredita-se que devido ao fato de ambas as cidades não serem próximas a regiões com praia, esse sinal não foi revelado, diferentemente dos sinais de RIO e AÇUDE que já são parte das experiências dos surdos de ambas as comunidades.

8.7.1 Expressões interrogativas em Cena e LS Caiçara

Nos dados produzidos e coletados em Cena e LS caiçara, identificamos durante as nossas as incursões as seguintes expressões interrogativas: PORQUE? COMO? O QUE? QUANDO? ONDE? QUEM? QUANTOS? Em nossas análises, identificamos que esses sinais geralmente são compostos, a partir de um pronome interrogativo geral realizado com a palma das mãos abertas acrescido de expressão não manual interrogativa:

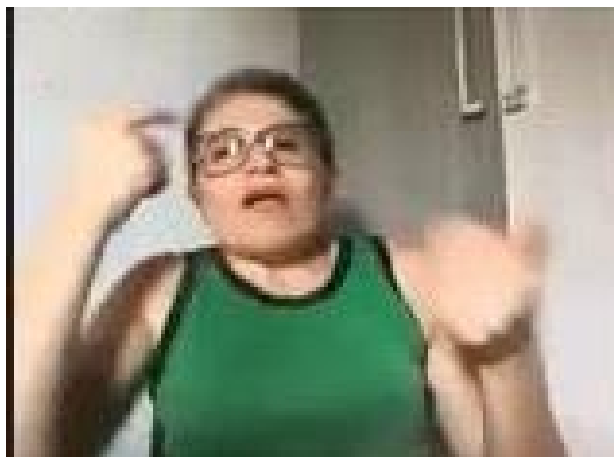
Figura 100 – Pronome interrogativo geral utilizado na LS Caiçara e na Cena



Fonte: Arquivo pessoal (2021)

Por exemplo, para perguntar QUAL em LS Caiçara realiza-se o sinal de PENSAR (LS Caiçara e Cena) com a mão esquerda e o sinal de QUAL com a mão direita conforme figura abaixo:

Figura 101 – Sinal QUAL (LS Caiçara)



Fonte: Arquivo pessoal (2021)

Outro exemplo dessa mesma formação é o sinal de QUEM realizado em LS Caiçara a partir da apontação acrescido do sinal QUAL como vemos na figura 102:

Figura 102 – Sinal QUEM (LS Caiçara)



Fonte: Arquivo pessoal (2021)

O sinal PORQUE (interrogativo) na LS Caiçara e na Cena é realizado a partir da realização do sinal QUAL acrescido da expressão não manual interrogativa, mas esse se torna entendível a partir do contexto. Ver figura 103 abaixo:

Figura 103 – Sinal POR QUE (LS Caiçara E Cena)



Fonte: Arquivo pessoal (2015)

As outras expressões interrogativas COMO? QUANDO? ONDE? Dentre outras são realizadas com um uso de apontação e expressões não manuais.

8.7.2 Pronomes pessoais e possessivos em LS Caiçara e Cena

A produção de pronomes pessoais em LS Caiçara e na Cena ocorre com a apontação para o sujeito acompanhado ou não do uso do olhar, como por exemplo o pronome ELE (figura 104):

Figura 104 – Sinal EU (LS Caiçara e em Cena)



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 105 – Sinal utilizado para VOCÊ na LS Caiçara e na Cena.



Fonte: Arquivo pessoal – Várzea Queimada (2019)

Figura 106 – Sinal identificado para EL@ na LS Caiçara e na Cena



Fonte: Arquivo pessoal - Caiçara (2015)

No caso de pronomes dual ou trial, NÓS-2 ou NÓS-3 tanto na LS Caiçara quanto na Cena, também ocorre a apontação para os sujeitos referentes como, por exemplo, na figura 107:

Figura 107 – Sinal NÓS-2 Cena



Fonte: arquivo pessoal (2017)

O pronome possessivo MEU ou MINHA também foi identificado em ambas as línguas a partir da seguinte sinalização:

Figura 108 – Sinal MEU ou MINHA em Cena



Fonte: Arquivo pessoal (2017)

Com relação ao estudo dos pronomes sabemos que este ainda pode ser expandido, trouxemos a esta tese um excerto correspondente as principais ocorrências do uso pronominal na Cena e na LS Caiçara.

8.7.3 Sinais referentes a MANHÃ, TARDE E NOITE em LS Caiçara e na Cena

Um aspecto interessante identificado durante nossa coleta diz respeito aos contextos de sinalização do sinal MANHÃ e TARDE em cena. Na Figura 109, vemos sinal de MANHÃ. Esta mesma configuração, mas com ponto de articulação diferente pode significar “o meio da manhã”, ou seja, umas 09:30 ou 10:00 (ver figura 110)

Figura 109 – Sinal MANHÃ (Cena)



Fonte: Arquivo pessoal (2021)

Observa-se que o local que a surda sinaliza está voltado para o lado onde o sol nasce.

Figura 110 – Sinal MEIO_DA_MANHÃ em Cena



Fonte: Arquivo pessoal (2017)

Continuando, nesta mesma perspectiva de orientação pelo movimento do sol durante o dia temos o sinal de MEIO-DIA, onde o sol se encontra “ao meio” no céu. A realização desse sinal é semelhante em LSCaiçara e em Cena (Figura 111):

Figura 111 – Sinal MEIO-DIA (Cena)



Fonte: Arquivo pessoal (2019)

Seguidamente, temos o sinal de TARDE, que é quando o sol já está quase no horizonte, mudando assim o ponto de articulação do sinal, conforme figura 112:

Figura 112 – Sinal de Tarde (Cena)



Fonte: Arquivo pessoal (2017)

Quanto à realização desse sinal em Cena, foi observado que dependendo do local que o sinalizante estivesse em relação ao Sol, durante a realização do sinal TARDE este modificaria a orientação e direcionalidade em sua execução.

Com relação à sinalização de NOITE, verificamos a mesma configuração de mão, o ponto de articulação é o espaço acima da cabeça e junto a estes parâmetros acrescenta-se uma expressão correspondente a algo escuro. Este mesmo sinal foi observado na LS Caiçara.

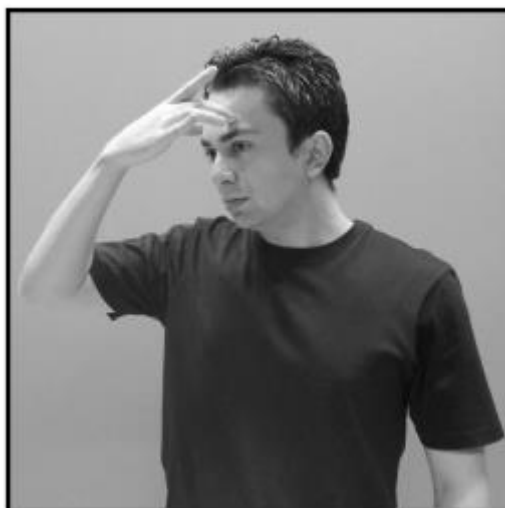
8.7.4 Alguns Verbos em Cena e LS Caiçara

Para iniciarmos nossas análises aqui, retomamos o verbo TRABALHAR já citado anteriormente, identificamos ainda verbos como COMER que na sua realização percebe-se a incorporação do que e com o que se come, assim como ocorre na Libras.

Para Câmara (2011, p. 129) que em sua dissertação de mestrado abordou questões sobre modelos cognitivos⁶⁷ e produção de sinais, os sinais cognitivos, ou seja, aqueles que representam processamento de pensamento ativo, têm como principal ponto de articulação a região frontal da cabeça e/ou cérebro, onde o pensamento e os processos cognitivos estão geralmente associados como, por exemplo, nos respectivos sinais de MENTE (Figura 113).

⁶⁷ Os modelos cognitivos são onnipresentes: em qualquer ato de categorização estão envolvidos, mais ou menos conscientemente, um ou mais modelos cognitivos; mesmo nos casos de objetos ou situações desconhecidas ou não-familiares, é possível começar a ter deles uma ideia através de modelos cognitivos parecidos. Uma categoria pode envolver um complexo de diferentes modelos cognitivos: por exemplo, mãe remete, não só para os domínios de nascimento e genético, mas também para os domínios nutritivo (e educacional), marital e genealógico (cf. Lakoff 1987, p. 74-76) razão pela qual a mulher que alimenta e educa uma criança, mesmo que a não tenha dado à luz, pode ser considerada como sua mãe.

Figura 113 – Sinal em Libras para MENTE



Fonte: Câmara (2011, p. 129)

Relacionando a esta pesquisa, temos o trabalho de Friedman (1976) que em sua tipologia para verbos, partiu de critérios fonéticos e sintáticos, mas não se aprofundou na relevância sintático-semântica do fato de um verbo ter ou não ter uma configuração ancorada ao corpo, ou seja, ter uma realização sígnica rente ao corpo como, por exemplo, os verbos de cognição PENSAR, ESQUECER, LEMBRAR.

Nesta perspectiva, o sinal para PENSAR em Cena e em LSC são executados da mesma forma (conforme a Figura 114) e são realizados com apenas uma mão configurada em dedo indicador no mesmo ponto de articulação para sinais cognitivos (realizados na cabeça). Interessante que nesta sinalização o sujeito aponta inicialmente para a testa para mostrar que o “conhecimento” está ali dentro. E esta mesma forma de realização do sinal aplica-se aos contextos de CONHECER, ENTENDER, SABER e LEMBRAR.

Figura 114 – Sinal PENSAR em CENA e na LS Caiçara



Fonte: Arquivo pessoal (2015)

Por exemplo, se conhece alguém se faz o sinal de PENSAR seguido da apontação ao referente. Caso seja o sinal de entender, faz-se o sinal de ENTENDER com expressões positivas e afirmativas. Para o sinal de LEMBRAR realiza-se o sinal de PENSAR e com uma expressão não manual de ter na memória associa-se ao sinal de FAZ-TEMPO (passado).

No apêndice H e I apresentamos um conjunto de sinais da Cena e da Língua de Sinais Caiçara que compõe o inventário que nos propomos a inventariar.

8.8 CONSIDERAÇÕES A PARTIR DAS ANÁLISES REALIZADAS

A Cena e LS Caiçara a partir dos dados coletados realmente apresentam evidências da capacidade humana para linguagem. As pessoas quando se comunicam em Cena e LS Caiçara utilizam-se de línguas com estrutura, aspectos linguísticos e vivacidade como qualquer outra língua. Após apresentarmos os dados encontrados e suas respectivas análises, sintetizamo-los no quadro a seguir:

Quadro 23 – Síntese dos principais aspectos identificados em nossas análises

Aspectos trabalhados	Principais achados
Aspectos sociolinguísticos relacionados à língua de sinais cena e a língua de sinais de caiçara	Com relação aos aspectos sociolinguísticos identificamos redes sociais, relações e laços estabelecidos nas comunidades pesquisadas. Milroy (2002) distingue laços fortes dos fracos, da seguinte forma: opõem-se, respectivamente, laços que conectam amigos e parentes, àqueles que conectam conhecidos. Sobre este ponto cabe destacar que tanto em Várzea Queimada quanto em Caiçara a maioria dos surdos sinalizantes destas línguas de sinais emergentes, são familiares

	<p>e de alguma forma tornam esses laços mais fortes. Sobre as comunidades investigadas, ambas são compostas por um número significativo de usuários destas línguas de sinais emergentes e que fortalecem uma rede de relações e costumes principalmente devido à proximidade de residência e os laços sejam sanguíneos, econômicos ou afetivos que estes grupos possuem.</p> <p>Apresentou-se dados importantes acerca dos aspectos sociolinguísticos das línguas estudadas, ao longo da coleta e que se relacionam às representações da língua para ambas as Comunidades, aos tipos de falantes que participaram da pesquisa e às línguas usadas nas comunidades pesquisadas. Identificou-se ainda um contexto multilíngue e neste meio a existência do contato da Cena e da LS de Caiçara com outras línguas, além da Libras como por exemplo a Língua Portuguesa na forma escrita seja na escola ou durante o uso da tecnologia, manuseio de APP's e redes sociais (Instagram, Facebook e Whatsapp).</p> <p>Observou-se ainda o número de surdos por habitantes em cada comunidade é bem diferente: em Várzea Queimada soma-se aproximadamente 40 e em Caiçara apenas 08 que ainda residem lá. Certamente, isso tem relação com as diferentes realidades encontradas nas duas regiões, bem como as ações de permanência em cada uma delas. No caso da Várzea Queimada, há projetos voltados a artesanato o que além de fortalecer questões culturais e econômicas locais torna o uso da Cena constante entre surdos e ouvintes que lá residem.</p>
<p>Transição geracional existe na língua de sinais cena e na língua de sinais de caiçara?</p>	<p>Nota-se que da primeira para a segunda geração em cada uma das comunidades pesquisadas houve uma transição geracional tanto na Cena quanto na Libras. Todavia quando pensamos na terceira geração e ainda considerando os avanços tecnológicos e o acesso da Libras pelas redes sociais percebe-se que as línguas de sinais de cada uma das comunidades são utilizadas quando adultos da primeira geração conversam com os da terceira geração, o que pode ser importante no que tange a sua preservação, valorização e uso.</p> <p>Ao discutir a transmissão intergeracional, realizou-se a caracterização dos falantes da língua (ouvintes, codas e surdos), uma vez que os dados mais detalhados apresentados nos ajudaram a entender melhor os aspectos que impactam nessa transmissão, nos auxiliando a pensar em ações futuras que visem colaborar para a preservação da vitalidade linguística das línguas estudadas.</p>
<p>Tendência de uso da língua de sinais cena x língua de sinais de caiçara</p>	<p>Percebe-se que com a chegada da Libras a estas comunidades, ambas as línguas vêm sofrendo desprestígio e é necessário sempre reforçar com seus falantes natos, que ela não é uma língua errada, nem muito menos feia, mas ao contrário é uma língua linda, genuína que não pode ser esquecida, nem muito menos apagada da comunidade, uma vez que constitui a identidade desta comunidade.</p> <p>A discussão apresentada aqui é sobre o prestígio linguístico, ainda mais por serem línguas de uma mesma modalidade, ou seja visuo-espacial. Outras pesquisas com foco no Inventário</p>

	<p>da Libras investigou a relação da Língua Portuguesa e a Libras, uma vez que grande parte dos usuários utilizavam as duas línguas. Observou-se na presente pesquisa, uma curiosidade em relação a isso que o uso ou valorização da Libras dependerá do contexto e dos sinalizantes. Ou seja, jovens surdos que possuem acesso à internet tendem ao se encontrar utilizar mais a Libras em detrimento das línguas emergentes pesquisadas. Os ouvintes sinalizantes da Cena e da LS Caiçara raramente usam a Libras, pois a chamam de a Língua diferente, ou a língua nova e tendem assim como os surdos idosos usarem de forma prioritária a Cena ou a LS de Caiçara.</p>
<p>Sobre os itens lexicais nas línguas de sinais emergentes brasileiras e relações com as línguas de sinais cena e língua de sinais de caiçara</p>	<ul style="list-style-type: none"> -Uso de empréstimos linguísticos. Ex: Alfabeto manual escrita na palma da mão, chão ou outras partes do corpo; - Sistema de Contagem numérica em Língua de sinais emergentes, que tem como ponto que nos chama atenção a orientação da palma da mão e ainda o movimento realizado na contagem; - Produção de sinais referente ao tempo e clima em Língua de sinais emergentes a partir de seus fenômenos característicos (seca, verão, chuvas etc) influenciam a formação dos itens lexicais que representam a passagem do ciclo anual. E ainda a forte presença de sinais icônicos e iconicidade como um dos elementos constitutivos destas línguas emergentes.
<p>Questões linguísticas sobre a Cena</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Os sinais da Cena são produzidos com o corpo todo, com isso o que se quer dizer é que o espaço de sinalização é composto por todas as regiões do corpo, tendo como predominante a região do abdômen; - Os números são realizados de forma contínua e caso necessário com o uso de ambas as mãos; - Quanto aos meses que não tem um sinal dedicado, eles utilizam o sinal de PARA FRENTE ou PARA TRÁS junto com o mês que tenha um sinal; - Aos verbos, geralmente eles apresentam a incorporação do instrumento, dessa maneira para indicar a ação de trabalhar no geral faz-se uma sinalização de “retirar o suor da testa”, assim como percebido também na Cena identificamos várias formas de realizar o sinal TRABALHAR. - Existência de gradações típicas de modificações adverbiais realizadas por articuladores não-manuais como a face. Xavier (2017) referindo-se à Libras, quanto ao uso de “sobrancelhas franzidas, bochechas infladas, tronco inclinado, e mudanças no número de mãos e duração do sinal” são recursos miméticos metaforicamente vinculados a noção de intensidade; - O uso do espaço para o estabelecimento do sistema pronominal, por via da apontação ego-alinhada ao peito do sinalizador para identificar a primeira pessoa, e as apontações ego-opostas para a segunda e terceira pessoa do discurso.
<p>Questões linguísticas preliminares sobre a Língua de Sinais de Caiçara</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Forte presença de sinais icônicos; - A contagem dos anos é feita por intermédio do uso do sinal de CHUVA - realizado com as duas mãos + a quantidade de anos indicada pelo dedo das mãos;

	<ul style="list-style-type: none"> - A sinalização dos meses do ano está intrinsicamente ligada às tradições culturais percebidas pelos moradores da comunidade e como resultado há a predominância de sinalização para todos eles; - Gradações típicas de modificações adverbiais realizadas por articuladores não-manuais como a face. Xavier (2017) referindo-se a Libras, quanto ao uso de “sobrancelhas franzidas, bochechas infladas, tronco inclinado, e mudanças no número de mãos e duração do sinal” são recursos miméticos metaforicamente vinculados à noção de intensidade;
<p>Conhecendo a Cena e a Ls Caiçara a partir da Lista de Swadesh: diferenças de sinais nas localidades)</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Expressões interrogativas: Em nossas análises, identificamos que esses sinais geralmente são compostos, a partir de um pronome interrogativo geral realizado com a palma das mãos abertas acrescido de expressão não manual interrogativa; - Pronomes pessoais e possessivos em LS Caiçara e Cena: a apontação para referenciar as pessoas do discurso em ambas as línguas é percebida só com referente presente e de forma pontual como, por exemplo, VOCÊ, ELE. Pronomes como EU e MEU muitas vezes nas conversas observadas são realizados da mesma forma, ou seja, correspondem ao sinal MEU/MINHA em Libras. - Sinais referentes à MANHÃ, TARDE E NOITE em LS Caiçara e na Cena são produzidos a partir da realização de um sinal que de acordo com o horário do dia modifica-se a orientação e direcionalidade da palma da mão; - Verbos em Cena e LS Caiçara: verbos com incorporação o objeto ou da ação; Verbos com carga semântica relacionados ao cognitivo (PENSAR, CONHECER, SABER) são realizados a partir de um sinal iniciar PENSAR + acrescidos de expressões relacionadas ao significado que se quer alcançar.

Fonte: Elaboração própria.

As análises e descrições que realizamos da Cena e da LS Caiçara a nível de inventário aponta para o registro de investigações que se abrem não somente para as línguas aqui investigadas, mas para a temática das línguas de sinais emergentes.

Os resultados revelam que o contato social denso e o isolamento geográfico das comunidades em questão e ainda suas línguas de sinais serviram como os ingredientes que fizeram emergir e também garantiram a manutenção e estabilidade do léxico da LS Caiçara e da Cena ao longo dos anos.

Em alguns tópicos mostramos que ambas as línguas, a exemplos de outras línguas estáveis, dispõem de recursos linguísticos estruturais que são regularizados por uma capacidade inata dos usuários de desenvolverem. Quanto à organização sociolinguística das comunidades estudadas, esta posta-se de forma clara considerando o léxico já identificado, abrindo espaço para discussões relevantes no âmbito educacional, sociolinguístico, linguístico e político no que se refere ao contexto de línguas minoritárias.

E como as línguas emergem nas comunidades, ressalta-se que as considerações e análises aqui propostas não esgotam as línguas aqui envolvidas, todavia abrem espaços para pesquisas no campo fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático tanto da Cena e quanto da LS Caiçara.

9 CONSIDERAÇÕES

As análises que trouxemos no texto em tela sobre as Línguas de sinais emergentes, e especificamente de duas comunidades a de Várzea Queimada (Jaicós – PI) e a de Caiçara (Várzea Alegre – CE) emergem sob a luz de estudos valiosíssimos que demonstram quão importante é caminhar para o registro de línguas de sinais dessas comunidades isoladas.

Dessa maneira, elucidou-se que o contato social denso e o isolamento geográfico das comunidades de outras línguas de sinais funcionaram como os ingredientes que fizeram emergir e também garantiram a manutenção e estabilidade do léxico destas ao longo dos anos. De forma preliminar, organizamos uma proposta metodológica que se propõe a inventariar as duas línguas de sinais emergentes supracitadas.

No decorrer do texto, identificamos as redes sociais dos sinalizantes das comunidades de Várzea Queimada e Caiçara, mediante mapeamento dos sinais utilizados pelos surdos das citadas localidades, bem como as relações que estes constituem com seus familiares, vizinhos, amigos e demais moradores desta localidade. Tais redes sociais serão descritas de forma mais aprofundada em nossa tese.

No tocante às comunidades investigadas nesse estudo, ambas são compostas por um número significativo de usuários destas línguas de sinais emergentes e que fortalecem uma rede de relações e costumes principalmente devido à proximidade de residência e os laços sejam sanguíneos, econômicos ou afetivos que estes grupos possuem.

Não obstante, verificamos a existência de um forte grau de iconicidade nos sinais nas comunidades estudadas o que ficou evidente nas amostras iniciais que há uma perspectiva positiva para esta aproximação linguística.

Compreendemos que a Cena e a LS de Caiçara, assim como outras línguas de sinais emergentes, contribui com a discussão sobre como as línguas humanas podem ter surgido e, quais teriam sido os possíveis passos da emergência linguística, e desse modo como em outras línguas, a organização sociolinguística da comunidade tem efeitos claros pelo menos para a variação identificada no nível lexical e abre espaço para discussões relevantes no âmbito educacional e político considerando o contexto de línguas minoritárias.

As descrições que apresentamos sobre a Cena e a LS de Caiçara indicam uma pauta interessante de novas investigações que se abrem não somente para as línguas investigadas, mas para a temática das línguas de sinais emergentes. Sob esta ótica da emergência que algumas línguas se colocam, este estudo posta-se como um chamariz para estas línguas, posto que aqui

reunimos um total de vinte e uma. E, nesse sentido, importa demarcar que muitos de seus sinalizantes/usurários do quantitativo mencionado o fazem, possivelmente desconhecendo a riqueza que estas línguas carregam.

Um dos principais aspectos observados em ambas as comunidades é que os sinais durante pelo menos 03 gerações acompanharam seus falantes independente de ser surdo ou ouvinte. Vale ressaltar que há diferentes graus de competência na sinalização entre os ouvintes. Algumas pessoas dizem que não sabem sinalizar. Entretanto, ao encontrar um surdo, sinalizam. Ao menos, sabem alguns sinais básicos o que promove a comunicação entre os membros da comunidade.

Percebe-se que em Várzea Queimada (Jaicós-Pi) estamos já em 03 gerações desde o nascimento da primeira surda e que principalmente nos falantes da terceira geração há uma presença maior da Libras em detrimento do uso da Cena. Já em Caiçara (Várzea Alegre-Ce) na terceira geração ainda não registramos o nascimento de nenhum surdo, todavia identifica-se que quando os netos (terceira geração) estão em contato com os sinalizantes da LS Caiçara, estes tendem a usá-la em sua produção. Este fato é interessante e importante no tocante à preservação, valorização e continuidade de uso da LS Caiçara.

Com relação à chegada e uso da Libras nas comunidades pesquisadas, os surdos mais jovens apresentam-se como empreendedores, pois frequentam escolas na comunidade e/ou na sede e na qual eles dispõem de aulas semanais de Libras, bem como possuem acesso à internet e as diversas redes sociais. No entanto, ainda que os surdos das citadas comunidades tenham acesso à Libras nas escolas, o fato de que os surdos mais velhos não vão à escola e também os familiares ouvintes pelo que se observou não aprendem a Libras, isto representa uma garantia para que estas línguas emergentes prossigam e permaneçam vívidas e de certa forma resistentes as alterações/substituições das mesmas.

É notório que os surdos se utilizam de meios visuais para compreender o mundo ouvinte e constituir suas próprias representações, uma vez que o acesso à informação por meio da experiência visual se relaciona com as negociações para o estabelecimento de trocas linguísticas entre Línguas Orais e Línguas de Sinais.

Na Cena ocorre também a soletração, mas com um diferencial, esta é realizada mediante o uso do dedo indicador para desenho das letras do alfabeto da língua portuguesa na palma da mão ou no antebraço do receptor da mensagem, e até mesmo quando não há entendimento no chão seja de terra batida com um graveto ou com o dedo. Também há ocorrência de escrita das letras no ar.

A escrita na palma da mão, no chão ou no braço identificada na LS Caiçara no chão ou no braço em algum momento assume uma função na interação entre os usuários da língua de sinais. Reforça-se que em nossa pesquisa o uso destes recursos ocorreu de forma ocasional para soletrar nomes próprios de pessoas ou lugares, siglas, e algum vocábulo que durante a interação não foi possível estabelecer um sinal.

Na Cena, não há sinais fixos para todos os dias e meses do ano. No entanto, a comunidade desenvolveu uma estratégia para se referir aos meses que não tem um sinal dedicado, utilizando o sinal de PARA FRENTE ou PARA TRÁS.

Na LS Caiçara com relação aos meses do ano a forma de sinalizá-los está intrinsicamente ligada às tradições culturais percebidas pelos moradores da comunidade e como resultado há a predominância de sinalização para todos eles. Com relação à contagem do tempo, na LS Caiçara encontramos formas diferentes para a contagem dos meses, de anos e dos dias da semana conforme veremos a seguir.

A contagem dos anos é feita por intermédio do uso do sinal de CHUVA - realizado com as duas mãos + a quantidade de anos indicada pelo dedo das mãos. Então identificou-se que a contagem de anos devido à percepção das Chuvas fortes que, no sertão do Ceará, costumam acontecer apenas uma vez em cada ano.

Ainda considerando a questão da iconicidade marcante apresentou-se o sinal de CASA da LS Caiçara que se difere dos demais por considerar os aspectos constitutivos das casas, ou seja, a maior parte das casas de Caiçara é feita de barro batido (taipa) e o próprio movimento do sinal nos traz à lembrança dessa forma de se construir uma casa, ou seja, a representação dos sinais está além das questões de iconicidade abrangendo também as crenças e valores de um povo.

Com relação ao levantamento dos sinais a partir da Lista de Swadesh (100 palavras) utilizada nesta pesquisa para a produção dos dados na Cena e na LS de Caiçara, conforme levantamento apresentado no Apêndice G, identificou-se em cada uma das línguas pelo menos 88 sinais dos 100 presentes na Lista. Os sinais não identificados foram os seguintes: animal, pena, gelo, piolho, estreito, mar, afiado, neve, cauda, madeira e minhoca. Ressalta-se que a não identificação dos sinais não significa necessariamente que eles não existam nas referidas línguas, mas que, durante o processo de produção dos dados, não foram possíveis de serem elucidados. Por exemplo, com relação ao sinal MAR, acredita-se que devido ao fato de ambas as cidades não serem próximas a regiões com praia, esse sinal não foi revelado, diferentemente

dos sinais de RIO e AÇUDE que já são parte das experiências dos surdos de ambas as comunidades.

Com relação aos pronomes ou expressões interrogativas nos dados produzidos e coletados em Cena e LS caiçara identificou-se as seguintes expressões interrogativas: PORQUE? COMO? O QUE? QUANDO? ONDE? QUEM? QUANTOS? E que estas geralmente são realizadas a partir de um pronome interrogativo geral realizado com a palma das mãos abertas acrescido de expressão não manual interrogativa.

Sobre os sinais referentes à MANHÃ, TARDE E NOITE em LS Caiçara e na Cena são produzidos a partir da realização de um sinal que de acordo com o horário do dia modifica-se a orientação e direcionalidade da palma da mão.

Alguns verbos em Cena e LS Caiçara apresentam incorporação o objeto ou da ação. Identificamos também verbos com carga semântica relacionados ao cognitivo (PENSAR, CONHECER, SABER) que são realizados a partir de um sinal base PENSAR acrescidos de expressões relacionadas ao significado que se quer alcançar.

Em alguns tópicos da tese, mostramos que ambas as línguas, a exemplos de outras línguas estáveis, dispõem de recursos linguísticos estruturais que são regularizados por uma capacidade inata dos usuários de desenvolverem. Quanto à organização sociolinguística das comunidades estudadas, esta posta-se de forma clara considerando o léxico já identificado, abrindo espaço para discussões relevantes no âmbito educacional, sociolinguístico, linguístico e político no que se refere ao contexto de línguas minoritárias.

Face ao exposto e embasados pelos dados obtidos na presente pesquisa, faz-se necessário inserir no mapa das pesquisas linguísticas, as línguas de sinais emergentes aqui citadas, assim como as centenas de línguas ainda ocultadas pela representação majoritária de um país monolíngue, ou seja, pela ideia de que só falamos o português, talvez seja a possibilidade mais significativa, em médio prazo para alcance do reconhecimento das línguas como patrimônio cultural.

E como as línguas aqui estudadas emergem nas comunidades vivas, produtivas e valiosas no tocante ao patrimônio imaterial que elas nos apresentam, ressalta-se que as considerações e análises aqui propostas não esgotam as línguas aqui envolvidas, todavia abrem espaços para pesquisas no campo fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático tanto da Cena e quanto da LS Caiçara.

REFERÊNCIAS

- ADRIANO, Nayara de Almeida. **Sinais caseiros**: uma exploração de aspectos linguísticos. 2010. 100 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2010.
- ALBRES, N.A. **História da Língua Brasileira de Sinais em Campo Grande – MS**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2005.
- ALMEIDA-SILVA, Anderson; SOUSA, Roger S. Avaliação da capacidade expressiva e de compreensão da Libras: um estudo comparativo entre a aquisição de linguagem em comunidades surdas urbanas e desligadas. In: STUMPF, M.R.; R.M. **Estudos da Língua de Sinais**, vol. 4. Florianópolis: Insular, 2018.
- ALMEIDA-SILVA. A.; NEVINS, A.I. Observações sobre a estrutura linguística da Cena: a língua de sinais emergente da Várzea Queimada (Piauí, Brasil). In: **Revista Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 23, n. 4, p. 1029-1053, out.-dez. 2020.
- AZEVEDO, Marlon Jorge Silva de. Mapeamento e contribuições linguísticas do professor surdo aos índios surdos da etnia Sateré – Mawé na microrregião de Parintins. 2015. 115f. Dissertação (Mestrado em Letras e Artes) – Escola Superior de Artes e Turismo, Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2015.
- BAKER, Charlotte. PADDEN, Carol. **ASL: A Look at Its History, Structure, and Community**. Silver Spring, Md: TJ Publishers, Inc., 1978.
- BALÉE, W. **Ka'apor**. In: Povos indígenas no Brasil. Instituto Socioambiental, 1998. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Ka'apor>. Acesso em: 3 fev. 2021.
- BARON, I.; HERSLUND, M. Semantics of the verb have. In: BARON, Irène; HERSLUND, Michael; SØRENSEN, Finn (Org.). **Dimensions of Possession**. Stanford: John Benjamins, 2001.
- BARRETOS, Euder Arrais. A situação de comunicação dos Akwe-Xerente Surdos [manuscrito]. 2016. 97f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.
- BERNARDO, Luciana Coladine. Mapeando os sinais Paiter Suruí no contexto da comunidade. 2017. 179f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2017.
- BATTISTON. R. Phonological Deletion in American Sign Language. **Sign Language Studies**, v. 5, n. 1, p. 1-19, 1974.
- BELLUGI, Ursula. How Signs Express Complex Meanings. In: BAKER, Charlotte. BATTISON, Robbin (Orgs.). **Sign Language and the Deaf Community**: Essays in honor of William C. Stokoe. Washington: National Association of the Deaf, 1980. p. 53-74.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. Campinas, SP: Pontes, 1988.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral II**. Campinas, SP: Pontes, 1989.

BENVENISTE, Émile. Da subjetividade na linguagem. In: **Problemas de Linguística Geral I**. 3 ed. São Paulo: Pontes, 1991.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral II**. Campinas, SP: Pontes, 2006.

BIDERMAN, Maria Tereza C. Terminologia e Lexicografia. In: **TradTerm** Revista do Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia, v. 7, p. 153-181, 2001.

BLOOMFIELD, L. A set of postulates for the science of language. **Language**, n. 2, p. 153-164. Reprinted in Hockett, 1970, p. 128-138.

BORGES NETO, J. **De que trata a linguística afinal?** In: BORGES NETO, J. (org.). **Ensaio de filosofia da linguística**. São Paulo: Parábola, 2004. p. 31-65.

BRASIL. **Declaração de Salamanca e linhas de ação sobre necessidades educativas especiais**. Brasília: CORDE, 1994.

BRASIL. Presidência da República. **Decreto nº 7.387, de 9 de dezembro de 2010**. Institui o Inventário Nacional da Diversidade Linguística e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos, 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2010/decreto/d7387.htm#:~:text=DECRETO%20N%C2%BA%207.387%2C%20DE%2009,Lingu%C3%ADstica%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%Aancias. Acesso em: 3 fev. 2021.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei 10.436/2002. Brasília, DF, 2005.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais. 2002.

BRASIL. Ministério da Cultura. Iphan. **Portaria Iphan nº 586, de 11 de dezembro de 2006**. Dispõe sobre o reconhecimento de grupo de trabalho criado por instituições governamentais e não governamentais para tratar de políticas públicas voltadas à preservação e proteção do multilinguismo no país. Brasília, DF: Iphan, 2006.

BRASIL. Ministério da Cultura. Iphan. **Portaria Iphan nº 274, de 3 de setembro de 2007**. Dispõe sobre o reconhecimento de grupo de trabalho criado por instituições governamentais e não governamentais para tratar de políticas públicas voltadas à preservação e proteção do multilinguismo no país. Brasília, DF: Iphan, 2007.

BRASIL. Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de

Sinais – LIBRAS e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Poder Legislativo, Brasília, 24 abr. 2002.

BRITO, Lucinda Ferreira. (Org). **Educação Especial: Língua Brasileira de Sinais**. V. III. Série Atualidades, nº 4. Brasília: SEESP/MEC, 1998.

CAMPELLO, A. R. e S. Aspectos da visualidade na educação de surdos. 2008. 244f. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

CAPOVILLA, F.C.; RAPHAEL, W.D. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira**. V.1 e 2. São Paulo: EDUSP, 2001.

CAPOVILLA, F.C.; RAPHAEL, W.D. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira**. V.1 e 2. 3 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

CARLIEZ, M. L. Collecte des LS des sourds de Soure (Île de Marajó) et de Fortalezinha: un parcours méthodologique (2008-2013). Recherche non publiée, réalisée à Paris 8, en régime de postdoctorat.

CARLIEZ, M. L. S. S.; FORMIGOSA, E.; CRUZ, E. B. Accessibilité et égalité des chances aux micro-communautés des sourds brésiliens : vers la reconnaissance des langues des signes pratiquées par les sourds de Soure (Île de Marajó) et Fortalezinha-PA et Porto de Galinhas-PE. *MOARA*, v. 1, p. 113-143, 2016.

CARLIEZ, M. L. S. S. & FUSELLIER, I. Collecte des langues des signes des sourds de Soure (Île de Marajó): un parcours méthodologique (2008/2013), les enjeux sociaux et politiques de la non reconnaissance des langues des signes émergentes pratiquées par ces sourds *MOARA*, v. 1, p. 144 - 160, 2016.

CAVALCANTI, M. Estudos sobre educação bilíngue e escolarização em contextos de minorias linguísticas no Brasil. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 15, n. SPE, p. 385-417, 1999.

CERQUEIRA, I. F. Estudos. O problema da Iconicidade na eliciação de Sinais Caseiros. **Estudos Linguísticos Revista Letrando**, v. 4, jan. /jun., 2016, p. 8.

CERQUEIRA, I.F. & TEIXEIRA, E.R.T. Iconicidade e realidade: um olhar sobre a produção de sinais dos surdos do município de Cruzeiro do Sul/Ac. In: **Anthesis: Revista de Letras e Educação da Amazônia Sul-Ocidental**, v. 4, n. 08, p. 64-89, 2016.

CESAR, A.L.; CAVALCANTI, M.C. Do singular para o multifacetado: o conceito de língua como caleidoscópio. IN: CAVALCANTI, M.C.; BORTONI-RICARDO, S.M. **Transculturalidade, linguagem e educação**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007. p. 45-66.

CHACON, T. C. et al. **Guia de pesquisa e documentação para o INDL: patrimônio cultural e diversidade linguística e pesquisa**. Iphan, Brasília, Distrito Federal, v. 1. 2014. Disponível

em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Guia%20de%20Pesquisa%20e%20Documenta%C3%A7%C3%A3o%20para%20o%20INDL%20-%20Volume%201.pdf>. Acesso em: 26 maio 2021.

CHACON, T. C. et al. **Guia de pesquisa e documentação para o INDL: patrimônio cultural e diversidade linguística e pesquisa**. Iphan, Brasília, Distrito Federal, v. 2. 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Guia%20de%20Pesquisa%20e%20Documenta%C3%A7%C3%A3o%20para%20o%20INDL%20-%20Volume%202.pdf>. Acesso em: 26 maio 2021.

CHAMARELLI FILHO, Milton. A dimensão experiencial da linguagem. **Muiraquitã**, Rio Branco, v. 1, p. 109-118, 2005.

CHOMSKY, N. **Arquitetura da linguagem**. Tradução Alexandre Morales e Rafael F. Coelho. MUKHERJI, Nirmalangshu; PATNAIK, Bibudhendra N.; KANT, Rama. Bauru: Edusc, 2008.

CANDAUI, Vera Maria. Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. **Revista Brasileira de Educação**, v. 13, n. 37, jan./abr. 2008.

COELHO, Luciana Lopes. **A Constituição do sujeito surdo da Cultura Guarani – Kaiowá: os Processos Próprios de Interação e Comunicação na Família e na Escola**. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade Intercultural Indígena, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2011.

COELHO, Luciana Lopes. **A Educação escolar de indígenas surdos Guarani e Kaiowá: discursos e práticas de inclusão**. 2019. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade Intercultural Indígena, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2019.

COMRIE, B. **Aspect**. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

COSTA, Lucienne Matos da. **Traduções e marcas culturais dos surdos capixabas: os discursos desconstruídos quando a resistência conta a história**. 2007. 186f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2007. Disponível em: http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/nometese_94_LUCYENNE%20MATOS%20DA%20COSTA.pdf. Acesso em: 24 fev. 2014.

COSTA, Miriã Gil de Lima. **Mapeamento dos sinais da comunidade surda do povo Paiter Suruí no contexto familiar**. 2017. 190f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras) – Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2017.

CRYSTAL, David. **Language Death**. Cambridge: Cambridge University Press/United Kingdom, 2000.

CUXAC, X. **La Langue des Signes Française (LSF)**. Les voix de l'iconicité. Faits de Langues Paris, 2000. p. 15-16.

CUXAC, C. **Iconicité des Langues des Signes**. Faits de langues, Paris, n. 1, p. 47-56, mar. 1993.

CUXAC, C. **Langue et langage: un apport critique de la langue des signes française**. Langue française, Paris, n. 137, v. 1, p. 12-31, vol. 137, fév. 2003.

DAMASCENO, L. S. M. **A Linguística e a Língua Brasileira de Sinais**. 2013. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).

DAMASCENO, L. M.S. Surdos Pataxó: inventário das Línguas de Sinais em território etnoeducacional. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

DECAMP, D. **Introduction: The study of pidgin and creole languages**. In: D. HYMES (org.) **Pidginization and creolization of languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 1971. p. 13-39.

DECAMP, D. Decreto no 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o Art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília, 22 dez. 2005.

DE OLIVEIRA, Gilvan Muller. O Instituto Internacional da Língua Portuguesa da CPLP. **Linha D'Água**, v. 32, n. 2, p. 11-36, 2019.

DE VOS, C.; PFAU, R. Sign Language Typology: The contribution of rural sign languages. **Annual Review of Linguistics**, 1, p. 265-288, 2015.

DE VOS, C.; PFAU, R. Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica. Brasília: Ministério da Educação - Secretaria de Educação Especial (Seesp), 2001.

DI DONATO, A.; COELHO, E.C.; CARVALHEIRA, G.M.G. A produção escrita de surdos e sua relação com a língua brasileira de sinais. In.: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DO NÚCLEO INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS DA LINGUAGEM – SINIEL. 1. Recife, 2010. **Anais...** Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/qmLbFqKMTNf6DJ9rPG3jHXk/?lang=pt>. Acesso em: 17 abr. 2020.

ECKERT, P. **Linguistic variation as social practice**. Malden/Oxford: Blackwell, 2000.

ECKERT, P; EICHEN, E. B. The lost-lasting advantage of learning sign language in childhood: another look at the critical period for language acquisition. **Journal of memory and language**, v. 30, p. 486- 512, 1991.

ELER, Rosiane Ribas de Sousa. Mapeamento de Sinais da Educação Escolar Indígena dos Surdos Paíteer Suruí. 2017. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2017.

EMMOREY, K. Language, cognition, and the brain: Insights from sign language research. Nahwash, NJ: **Psychology Press**, 2001, p. 408-408.

EVANS, B. The role of social network in the acquisition of local dialect norms by Appalachian migrants in Ypsilanti, Michigan. **Language Variation and Change**, Cambridge, 16 v, p.153-167, 2004.

FARIA, S.P. **Cultura surda e cidadania brasileira**. 2002 (artigo manuscrito).

FARIA, S.P. A metáfora na LSB e a construção dos sentidos no desenvolvimento da competência comunicativa de alunos surdos. 2003. 310f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2003.

FARIA, S.P. Metáfora na LSB: debaixo dos panos ou a um palmo de nosso nariz? In: QUADROS, R. M. (Org). **Estudos Surdos II**. Campinas: Arara Azul, 2006.

FARIAS, E.M.P. Cognição, metáfora e ensino. In: MACEDO, A. C. P. et al. (Org.) **Cognição e Linguística: explorando territórios, mapeamentos e percursos**. Caxias do Sul, RS: EDUCS; Porto Alegre, RS: EdiPUCRS, 2008.

FARIAS, E.M.P.; MARCUSCHI, L.A. A linguagem e o pensamento metafóricos. In: MACEDO, Ana Cristina Pelosi de/ BUSSONS, A.F. (Orgs.). **Faces da metáfora**. 1. ed. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2006.

FAULSTICH, Enilde. Modalidade oral-auditiva versus modalidade viso-espacial sob a perspectiva de dicionários na área da surdez. In: LIMA-SALLES, Heloisa Maria Moreira (org). **Bilinguismo dos surdos: questões linguísticas e educacionais**. Goiânia: Cânone, 2007.

FERGUSON, C. Language planning and language change. In: COBARRUBIAS, J.; FISHMAN, J. A. (org.). **Progress in language planning: international perspectives**. Nova York: Mouton Publishers, 1983. p. 29-40.

FERNANDES, Sueli. **Educação de Surdos**. 2. ed. Curitiba: Editora Ibepe, 2012.

FERREIRA BRITO, L. **Por uma gramática de línguas de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

FORMIGOSA, E. **Étude de la variation linguistique de la ls au Brésil dans l'enseignement de la Libras**, Paris 8. 2015.

FRANCHETTO, Bruna. Línguas em perigo e línguas como patrimônio imaterial: duas ideias em discussão. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 32, p. 182-205, 2005.

FUSELLIER-SOUZA, I. **Sémiogenèse de langues des signes: études des langues de signes émergentes (LS ÉMG) pratiqués par de sourds brésiliens**. 2004. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) – Universidade de Paris, Paris, 2004.

FUSELLIER-SOUZA, Ivani. Emergence and Development of Signed Languages: From a Semio-genetic Point of View. **Sign Language Studies**, v. 7, n. 1, p. 30–56, 2006. Gallaudet University Press.

GALISSON, R. **Recherches de lexicologie descriptive**: La banalisation lexicale. Paris: Nathan, 1978. In: BARBOSA, Maria Aparecida. O léxico e a produção da cultura: elementos semânticos.

GESSER, A. **Um olho no professor e outro na caneta**: ouvintes aprendendo a Língua Brasileira de Sinais. 2006. 2019. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2006.

GESSER, A. **Libras? que língua é essa?**: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.

GESUELI, Zilda Maria. Língua(gem) e identidade: a surdez em questão. **Educação e sociedade**, v.27. Campinas, 2006.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIROLETTI, M. F. P. Cultura Surda e Educação Escolar Kaingang. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

GIVÓN, T. Definiteness and referentiality. In: GREENBERG, J.H. (Orgs.). **Universals of human Language**. v. 4. Stanford: John Benjamins, 1978.

GIVÓN, T. Iconicity, isomorphism, and non-arbitrary coding in syntax. In: HAINMAN, Jonh. **Iconicity in Syntax**. Stanford: John Benjamins, 1985.

GIVÓN, T. **On Understanding Grammar**: Revised edition. Philadelphia: John Benjamins, 2018.

GODOY, Gustavo. **Os Ka'apor: seus gestos e sinais**. 2020. 385f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

GOLDIN-MEADOW, Susan; MYLANDER, Carolyn. Beyond the input given: The child's role in the acquisition of language. **Language**, p. 323-355, 1990.

GOLDIN-MEADOW, S. Structure in manual communication system development without a conventional language model: language without helping hand. In: WHITAKER, H.; (org.). **Neurolinguistics**. Nova York: Academic Press, v. 4, p. 125-209, 1979.

GREENBERG, J. **Universals of Language**. Massachusetts: The M.I.T Press, 1966.

GROCE, Nora Ellen. **Everyone here spoke sign language**. Harvard University Press, 1985.

- GTPI. Relatório Final das Atividades da Comissão e do Grupo de Trabalho Patrimônio Imaterial. In: O Registro do Patrimônio Imaterial: Dossiê Final das atividades da Comissão e do Grupo de Trabalho Patrimônio Imaterial. 2012.
- GUMPERZ, J. J. Introduction to part IV. In: GUMPERZ, J. J.; LEVINSON, S. C. (Ed.). **Rethinking linguistic relativity**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. p. 359-373.
- HAIMAN, J. The iconicity of grammar: Isomorphism and motivation. **Language**, 1980.
- HAIMAN, J. **Natural Syntax: Iconicity and Erosion**. London: Cambridge University Press, 1985.
- HAIMAN, J. (Org.). **Iconicity in Syntax**. Amsterdam: John Benjamins, 1985.
- HALLIDAY, M.A.K. **An introduction to functional grammar**. 3. ed. London: H. Arnold, 2004.
- HARRISON, David K. **When Languages Die: the extinction of the world's languages and the erosion of human knowledge**. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- HASPELMATH, M. **Indefinite Pronouns**. Oxford: Clarendon Press, 1997.
- HASPELMATH, M. Preface. I: Language Universals, With Special Reference to Feature Hierarchies. Berlin: De Gruyter Mouton, 2005.
- HASPELMATH, M. Transitivity prominence. In: MALCHUKOV, Andrej L.; COMRIE, Bernard (Orgs.). **Valency classes in the world's languages: A comparative handbook**. v. 1. Berlin: De Gruyter Mouton, 2015. p. 131–147.
- HUMBOLDT, Wilhem von. Sobre a natureza da língua em geral. Tradução Paulo Oliveira. In: HEIDERMAN, Werner; WEININGER, Markus J. **Wilhem von Humboldt: Linguagem, Literatura**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2006. p. 2-19.
- IBGE. **Censo demográfico 2010: resultados gerais da amostra**. Rio de Janeiro: IBGE, 27 de abril de 2012. Disponível em: Acesso em: 27 abr. 2020.
- INSTITUTO de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística – IPOL. Disponível em: <<http://e-ipol.org/>>. Acesso em: 08 jun. 2018.
- INSTITUTO do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/>>. Acesso em 08 jun. 2018.
- IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Ministério da Cultura. 2020. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/> Acesso em: 25 abr. 2020.
- JAKOBSON, Roman. **Linguística; poética; cinema**. São Paulo: Perspectiva, 1970a, p. 11-64.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

KAKUMASU, Jim. Urubu sign language. **International journal of American linguistics**, v. 34, n. 4, p. 75-81, 1968

KEGL, J.; SENGHAS, A.; COPPOLA, M. Creation through contact: sign language emergence and sign language change in Nicaragua. In: DEGRAFF, M. (ed.). **Language creation and language change: creolization diachrony, and development**. Cambridge: Mit Press, 1999. p. 179-237.

KENDON, Adam. Knowledge of sign language in an Australian Aboriginal community. **Journal of Anthropological Research**, v. 40, n. 4, p. 556-576, 1984.

KISCH, S. “**Deaf Discourse**”: Social Construction of deafness in a Bedouin community in the Negev. M.A. thesis, Tel-Aviv University. (2000)

KLIMA, Edward S.; BELLUGI, Ursula. **The signs of language**. Harvard University Press, 1979.

KUMADA, K.M.O. “**No começo ele não tem língua nenhuma, ele não fala, ele não tem LIBRAS, né?**”: representações sobre línguas de sinais caseiras. 2012. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2012.

KUSTERS, A. Being a deaf white anthropologist in Adamorobe: Some ethical and methodological issues. **Sign languages in village communities: Anthropological and linguistic insights**, v. 27, p. 52, 2012.

KUSTERS, A. L. Similarities and differences in two Brazilian sign languages. **Sign Language Studies**, n. 42, 1984, p. 45-56.

KUSTERS, A. Deaf utopias? Reviewing the sociocultural literature on the world’s “Martha’s Vineyard situations.” **Journal of Deaf Studies and Deaf Education**, v. 15, n. 1, p. 3–16, 2010.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta P. Scherre e Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. Tradução Mara Sophia Zanotto. São Paulo: Mercado das Letras, 2002.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

LE GUEN, Olivier. Emerging Sign Languages of Mesoamerica. **Sign Language Studies**, v. 19, n. 3, p. 375-409, 2019.

- LEITE, T. de A. **A segmentação da língua de sinais brasileira (Libras):** um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos. 2008. 280f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Ciências Humanas e Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- LIDDELL, S. K. **American Sign Language syntax.** The Hague: Mouton, 1980.
- LIMA, J. M. S. **A criança indígena surda na cultura Guarani-Kaiowá:** um estudo sobre as formas de comunicação e inclusão na família e na escola. 2013. 123 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, 2013.
- LIMA, M.S.C. **Surdez, bilingüismo e inclusão:** entre o dito, o pretendido e o feito. 2004. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2004.
- LUCHI, M. Interpretação de descrições imagéticas: onde está o léxico? 2013. 116f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.
- LÜDKE, M. & ANDRÉ, M. **Pesquisa em Educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.
- MAHER, J. **Seeing language in sign:** the work of William C. Stokoe. Washington: Gallaudet, 1996.
- MAHER, T. M. Ecos de resistência: políticas linguísticas e línguas minoritárias no Brasil. In: NICOLAIDES, C.; Da SILVA, K. A.; TILIO, R.; e ROCHA, C. H. (Orgs.). **Política e políticas linguísticas.** Campinas, SP: Pontes, 2013.
- MALLERY, G. **Sign Language Among North American Indians Compared With That Among Other Peoples And Deaf-Mutes.** In: First Annual Report of the Bureau of Ethnology to the Secretary of the Smithsonian Institution, 1879-1880. 1881.
- MARTELLOTA, M. E (org.). **Manual de linguística.** São Paulo: Contexto, 2009.
- MARTINOD, E. Les LS pratiquées par des sourds isolés de Marajó. Dissertação (Mestrado) – Université Vincennes Saint Denis- Paris 8, 2013.
- MAYBERRY, R. The cognitive development of deaf children: recent insights. In: SEGALOWITZ, S. J.; RAPIN, I. (Orgs.). **Handbook of neuropsychology.** Nova York, v. 7.
- MCNEILL, D. (Org.). **Language and gesture.** Chicago: Cambridge, 2000.
- MEIR, Irit; ARONOFF, Mark & SANDLER, Wendy & PADDEN, Carol. Sign language and compounding. In: SCALISE, S. & VOGEL, I. (Eds.). **Compounding.** John Benjamins, 2010. p. 301-322.

MILROY, James. **Linguistic variation and change**. On the historical sociolinguistics of English. GB: Brasil Blackwell, 1992.

MORFORD, J. P. Insights to language from the study of gesture: a review of research on the gestural communication of non-signing deaf people. **Language and communication**, Oxford, v. 16, pp. 165-78, 1996.

MCCLEARY, L.E. Repensando a dimensão do surdo no contexto ouvinte. In: SURDEZ E QUALIDADE DE VIDA: SEMINÁRIO EM COMEMORAÇÃO AO DIA NACIONAL DO SURDO, 1. **Anais...** Caxias do Sul, RS: Universidade de Caxias do Sul [Local: Universidade de Caxias do Sul], 2003.

McCLEARY, L.; VOTTI, E. Língua e gesto em línguas sinalizadas. **Veredas** [online], *Atemática*, 1, p. 289-304, Juiz de Fora, 2011.

MIRANDA, W. de O. **Comunidade dos surdos**: olhares sobre os contatos culturais. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2001.

MORELLO, R. Uma política pública e participativa para as línguas brasileiras: sobre a regulamentação e a implementação do Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL). **Gragoatá**, Rio de Janeiro, n. 32, 2012.

NASCIMENTO, S. P. F. do. Representações lexicais da língua de sinais brasileira: uma proposta lexicográfica. 2009. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

NEWPORT, Elissa L. “How Many Seats in a Chair? The Derivation of Nouns and Verbs in American Sign Language”. In: SIPLE, Patricia. (Ed.). **Understanding Language through Sign Language Research**. New York: Academic Press, 1978. p.91-132.

NONAKA, A.M. **Emergence of an Indigenous Sign Language and a Speech/Sign Community in Ban Khor, Thailand**. 2007. (unpublished Ph.D. dissertation). Department of Anthropology, University of California, Los Angeles, 2007.

NONAKA, A.M. **Estimating size, scope, and membership of the speech/sign communities of undocumented indigenous/village sign languages: the Ban Khor case study**. **Lang. Commun.** N. 29, 2009, p. 210–229.

NONAKA, A.M. Interrogatives in Ban Khor Sign Language: a preliminary description. In: MATHUR, G., Napoli, D.J. (Orgs.). **Deaf Around the World: The Impact of Language**. Oxford/New York: Oxford University Press, 2010. p. 194–219.

NONAKA, A.M. Language socialization and language endangerment. In: Duranti, A., Ochs, E., Schieffelin, B.B. (Orgs.). **The Handbook of Language Socialization**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2011. p. 610–630.

NONAKA, A.M.. Language ecological change in Ban Khor, Thailand: an ethnographic case study of village sign language endangerment. In: ZESHAN, U.; DE VOS, C. (Orgs.). **Sign**

Languages in Village Communities: Anthropological and Linguistic Insights. Amsterdã: De Gruyter Mouton: Ishara Press, 2012a. p. 277–312.

NONAKA, A.M. **Sociolinguistic sketch of Ban Khor and Ban Khor Sign Language.** In: Zeshan, U., de Vos, C. (Eds.), *Sign Languages in Village Communities: Anthropological and Linguistic Insights.* Amsterdã: De Gruyter Mouton and Ishara Press, 2012b. p. 373–376.

NONAKA, A. M. (Almost) everyone here spoke Ban Khor Sign Language-Until they started using TSL: Language shift and endangerment of a Thai village sign language. **Language and Communication**, v. 38, n. 1, 2014.

NYST, V. A. S. Shared sign languages. In: PFAU, R.; STEINBACH, M.; WOLL, B. (Orgs.). **Sign Language: An International Handbook.** Berlin/Boston: De Gruyter Mouton, 2012. p. 552–574.

NUCKOLLS, J. The case for sound symbolism. **Annual Reviews of Anthropology, Birmingham**, v. 28, p. 225-52, 1999.

NYST, V. **A Descriptive Analysis of Adamorobe Sign Language (Ghana).** LOT, Utrecht, The Netherlands, 2007.

OLIVEIRA, Gilvan Müller de (org.). **Declaração Universal dos Direitos Linguísticos: novas perspectivas em política linguística.** Campinas (SP): Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB); Florianópolis: IPOL, 2003.

OLIVEIRA, Nilton Câmara de. **Grito silenciado: conceitualizações de violência na comunidade surda de Fortaleza.** Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2011.

OLIVEIRA, J. S. de. **Análise descritiva da estrutura querológica de unidades terminológicas do Glossário Letras Libras.** 425 f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Florianópolis, 2015.

OLIVEIRA, A. F de. **Aspectos da Convencionalização de Sinais nas Línguas de Sinais Emergentes do Brasil.** Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Roraima, (no prelo)

PEREIRA, Dulce. **Crioulos de base portuguesa.** Lisboa: Caminho, 2006.

PEREIRA, E. L. **Fazendo cena na cidade dos mudos: Surdez, práticas sociais e uso da língua em uma localidade no Sertão do Piauí.** 2013. 416f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, UFSC.

PEIRCE, C. **Philosophical writing.** Cambridge: Harvard University Press, 1932

PEIRCE, C. **Semiótica.** 4. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2010.

- PFAU, Roland; STEINBACH, Markus; WOLL, Bencie (Ed.). **Sign language: An international handbook**. Berlin/Boston: Walter de Gruyter, 2012.
- PINKER, S. **O instinto da linguagem: como a mente cria linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- PIZZIO, Aline Lemos. **A Tipologia linguística e a língua de sinais brasileira: elementos que distinguem nomes de verbos**. 2011. 237 p. Tese (Doutorado em Linguística) - Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.
- QUADROS, R. M. & LEITE, T. A. Línguas de sinais do Brasil: reflexões sobre o seu estatuto de risco e a importância da documentação. In: QUADROS, R. M.; STUMPF, M. R.; LEITE, T. A. **Estudos da Língua Brasileira de Sinais II**. Florianópolis: Ed. Insular, 2013. p.15-28.
- QUADROS, R. M. de; SILVA, D. S. da. As comunidades surdas brasileiras. In: ZAMBRANO, R. C.; PEDROSA, C. E. F. (Orgs.). **Comunidades Surdas na América Latina: Língua, Cultura, Educação, Identidade**. Florianópolis: Editora Bookess, 2017. p. 135 – 152.
- QUADROS, Ronice Muller de. Contextualização dos estudos linguísticos sobre a Libras no Brasil. In: QUADROS, Ronice Müller de; STUMPF, Marianne; LEITE, Tarcísio de Arantes. (Org.). **Estudos da língua brasileira de sinais I**. 1. ed. Florianópolis: Editora Insular, 2013. p. 15-36.
- QUADROS, R. M. et al. O Inventário Nacional da Língua Brasileira de Sinais. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE INVESTIGADORES DE POLÍTICAS LINGUÍSTICAS, VIII, 2017a, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: UFSC, 2017a, Programa de Políticas Linguística. Núcleo Educação para a Integração. Associação de Universidades Grupo Montevideo.
- QUADROS, Ronice Muller de; Neves, Bruna Crescêncio; Schmitt, Deonísio; Lohn, Juliana Tasca & Luchi, Marcos. **Língua Brasileira de Sinais**. Patrimônio Linguístico Brasileiro. Editora Garapuvu. Florianópolis. 2018
- QUADROS, Ronice Müller de. **Libras para o ensino superior**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2019.
- QUADROS, Ronice M. de; KARNOPP, Lodenir B. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: ArtMed, 2004.
- QUER, Josep; STEINBACH, Markus. Ambiguities in sign languages. **The Linguistic Review**, v. 32, n. 1, p. 143-165, 2015.
- RAJAGOPALAN, Kanavillil. O conceito de identidade em linguística: é chegada a hora para uma reconsideração radical. In. SIGNORINI, Inês. **Lingua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado**. Campinas, SP: Mercado de letras, 2001.
- RAPOSO, E. P. **Teoria da gramática: a faculdade da linguagem**. Lisboa: Caminho, 1992.
- REED, Lauren W. et al. **Sign Languages of Western Highlands, Papua New Guinea, and their Challenges for Sign Language Typology**. 2019.

ROSA, F. S.; LEBEDEFF, T. B.; MONTE, M. S. R. Memórias Linguísticas e registros dos verbos do sistema de sinais caseiros de duas crianças surdas de Jacaré dos Homens. In: COELHO, Orquídea; KLEIN, Madalena. **Cartografias da surdez: Comunidades, línguas, práticas e pedagogia**. Porto: Livpsic, 2013.

SACKS, O. **Vendo Vozes: Uma viagem ao mundo dos surdos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SALLANDRE, Marie-Anne. **Les unités du discours en Langue des Signes Française: tentative de catégorisation dans le cadre d'une grammaire de l'iconicité**. 2003. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) – Universidade de Paris, Paris, 2003.

SANDLER, Wendy et al. The emergence of grammar: Systematic structure in a new language. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, v. 102, n. 7, p. 2661-2665, 2005.

SANDLER, W.; LILLO-MARTIN, D. C. **Sign language and linguistic universals**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005

SANTANA, A. P. **Surdez e linguagem: aspectos e implicações neurológicas**. São Paulo: Plexus, 2007.

SANTANA, A. P.; BERGAMO, A. Cultura e identidade surdas: encruzilhada de lutas sociais e teóricas. **Educação & Sociedade**, Campinas, SP, v. 26, n. 91, p. 565-582, maio/ago., 2005. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 17 ago. 2017.

SANT'ANA, Sâmela Celeste Garcia Viturino. **Educação de Índios Surdos no Brasil: desafios linguísticos e culturais**. 2016. 58f. Monografia (Bíngue de Pedagogia) – Instituto Nacional de Educação de Surdos, Rio de Janeiro, 2016.

SAPIR, Edward. O gramático e a língua. In: CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. **Linguística como ciência: ensaios**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969. p. 29-42.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1976 [1916].

SILVA, I.R. Quando ele fica bravo, o português sai direitinho; fora disso a gente não entende nada: o contexto multilíngue da surdez e o (re)conhecimento das línguas no seu entorno. In: MAHER, T.M. **Trabalhos de Lingüística Aplicada**, Campinas, v. 2, n. 47, p. 393-407, jul.-dez. 2008.

SILVA, Diná Souza; DE QUADROS, Ronice Muller. Línguas de sinais de comunidades isoladas encontradas no Brasil/Sign languages of isolated communities found in Brazil. **Brazilian Journal of Development**, v. 5, n. 10, p. 22111-22127, 2019.

SINGLETON, Jenny L.; NEWPORT, Elissa L. When learners surpass their models: The acquisition of American Sign Language from inconsistent input. **Cognitive psychology**, v. 49, n. 4, p. 370-407, 2004.

SOARES, Priscilla Alyne Sumaio. **Língua Terena de Sinais**: análise descritiva inicial da língua de sinais usada pelos terenas da Terra Indígena Cachoeirinha. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2018.

SILVA, A.A.; SOUSA, R.S. Avaliação da capacidade expressiva e de compreensão da Libras: um estudo comparativo entre a aquisição de linguagem em comunidades surdas urbanas e desligadas. In: STUMPF, M. R; R. M. **Estudos da Língua de Sinais**. v. 4. Florianópolis: Insular, 2018.

SOUZA, R.B.; SEGALA, R.R. A perspectiva social na emergência das Línguas de Sinais: a noção de comunidade de fala e idioleto segundo o modelo teórico laboviano. In: QUADROS, R. M.; STUMPF, M. R. (Org.). **Estudos Surdos IV**, Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2009.

STOIANOV, Diane; NEVINS, Andrew. The phonology of handshape distribution in Maxakalí sign. **Sonic signatures**: studies dedicated to John Harris. Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, p. 231-62, 2017.

STOKOE, William C. Sign language structure: An outline of the visual communication systems of the American Deaf. **Journal of Deaf Studies and Deaf Education**. Oxford (UK): Oxford University Press, 2005. v. 10, n. 1.

STOKOE, William C. **Sign language structure**: an outline of the visual communication systems of the american deaf. Burtonsville (Maryland): Linskestok, 1993.

STROBEL, Karin. **História da Educação de surdos**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

SUMAIO, Priscilla Alyne. **Sinalizando com os terenas**: um estudo do uso da LIBRAS e de sinais nativos por indígenas surdos. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2014.

SUPALLA, Ted. “Sinal de Arqueologia Idioma: Integrando Linguística Histórica com trabalho de campo em Jovens Línguas Sign”. In: QUADROS, R. M. de (Orgs.). **Sinal Idiomas**: Fiação e desvendar o passado, presente e futuro. Proceedings da Nona Conferência Internacional sobre questões teóricas em Pesquisa Sign Language. Florianópolis, Brasil, dez., 2006. Petrópolis, Brasil: Editora Arara Azul.

SUPALLA, Ted. Arqueologia das línguas de sinais: integrando linguística histórica com pesquisa de campo em línguas de sinais recentes. In: QUADROS, R. M. D; VASCONCELLOS, M. L. B. D. **Questões teóricas das pesquisas em língua de sinais**. Florianópolis, SC: Arara Azul, 2006. p. 22-29.

_____, TED. CLARK, Patricia. **Sign Language Archaeology**: Understanding the Historical Roots of American Sign Language. Washington DC: Gallaudet Press, 2015.

SUTTON, Valerie. **Lessons in sign writing**. SignWriting, 1995.

- TAKAHIRA, Aline Garcia Rodero. Compostos na língua de sinais brasileira. 2015. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências, Universidade de São Paulo, 2015.
- THOMASON, Sarah Grey; KAUFMAN, Terrence T. **Language Contact, Creolization and Genetic Linguistics**. Berkeley/Los Angeles/Oxford: University of California Press, 1988.
- TOMKINS, William. **Indian Sign Language**. Courier Corporation, [1931] 1969.
- TAUB, S. **Language from the body: Iconicity and Metaphor in American Sign Language**. United Kingdom: Cambridge University Press, 2004.
- TEIXEIRA, E. R. Palavras versus enunciados eliciação de dados em fonologia em desenvolvimento. **Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, v. 21-22, p. 59-68, 1998.
- TEIXEIRA, E. R.; CERQUEIRA, I. F. Iconicidade e realidade: um olhar sobre a produção de sinais dos surdos do município de Cruzeiro do Sul/AC. **Revista Anthesis**, v. 4, n. 08, 2016.
- TEIXEIRA, E. R. Palavras versus enunciados: eliciação de dados em fonologia em desenvolvimento. **Estudos Linguísticos e Literários**. Salvador, v. 21-22, p. 59-68, 1998.
- TEIXEIRA, V. G. A iconicidade e arbitrariedade na LIBRAS. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro: CiFEFiL. [2017?]. ISSN 1413-6457. Disponível em: http://www.filologia.org.br/vii_sinefil/COMPLETOS/A%20iconicidade%20e%20arbitrariedade%20na%20LIBRAS%20-%20VANESSA.pdf. Aces
- TEMÓTEO, J. G. **Diversidade linguístico-cultural da língua de sinais do Ceará: um estudo lexicológico das variações da Libras na comunidade de surdos do Sítio Caiçara**. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2008.
- TERVOORT, R.T. Esoteric symbolism in the communication of young deaf children. **American Annals of deaf**, n. 106, a. 5, p. 436-80, 1981.
- THOMASON, S.; KAUFMAN, Terrence. T. **Language Contact, Creolization and Genetic Linguistics**. 1988.
- TOMKINS, William. **Indian sign language**. Courier Corporation, [1931]1969.
- TAUB, S. Iconicity in American sign language: concrete and metaphorical applications. **Spacial cognition and computation**, Netherlands, n. 2, 2000, p. 31-50.
- TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.
- UNESCO. T. Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial. Paris: Unesco, 2003a.
- UNESCO. Endangered Languages. The Intangible Heritage Messenger. Paris: Unesco, 2006.

VILHALVA, S. **Mapeamento das Línguas de Sinais Emergentes**: um estudo sobre as comunidades linguísticas indígenas de Mato Grosso do Sul. 2009. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

VILHALVA, S. **Índios Surdos: Mapeamento das Línguas de Sinais de Mato Grosso do Sul. Coleção Cultura e Diversidade**. Petrópolis/RJ: Arara Azul, 2012.

WHITNEY, D. W. **A vida da linguagem**. Tradução M. A. Alexandre Cruz. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

WILCOX, S. Cognitive iconicity: Conceptual spaces, meaning, and gesture in signed languages. In: **Cognitive Linguistics**, v. 15, n. 2, p. 119-147, 2004.

WILCOX, Sherman; WILCOX, Phyllis Perrin. **Aprender a ver**: o ensino da língua de sinais americana como segunda língua. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2005.

WOODWARD, James C. Signs of change: historical variation in American Sign Language. **Sign Language Studies**, n. 10, p. 81-94, 1976.

WOODWARD, J.C. Sign languages and sign language families in Thailand and Vietnam. In: EMMOREY, K.; LANE, H. (Orgs.). **The Signs of Language Revisited**. Lawrence Erlbaum, Associates, Mahwah, NJ, 2000, p. 23-47.

XAVIER, André Nogueira; NEVES, Sylvia Lia Grespan. Descrição de aspectos morfológicos da libras. **Revista Sinalizar**, v. 1, n. 2, p. 130-151, 2016.

XAVIER, André Nogueira. A Expressão de Intensidade em Libras. **Revista Intercâmbio**, Especial Expressividade, v. XXXVI, p. 1-25, 2017. São Paulo: LAEL/PUCSP.

YAU, S.-C. **Création de langues gestuelles chez des sourds isolés**. In: **Cahiers de linguistique** – Asieorientale, v. 17, n. 1, p. 151-154, 1988. Disponível em: <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/clao_01533320_1988_num_17_1_1_268>. Acesso em: 16 nov. 2019.

ZESHAN, Ulrike. **Roots, leaves and branches**: The typology of sign languages. Sign Languages: spinning and unraveling the past, present and future. TISLR9, forty five papers and three posters from the 9th. Theoretical Issues in Sign Language Research Conference. Petrópolis, Editora Arara Azul, 2006. p. 671-695.

ZESHAN, Ulrike *et al.* Cardinal numerals in rural sign languages: Approaching cross-modal typology. **Linguistic Typology**, v. 17, n. 3, p. 357-396, 2013.

ZESHAN, U. Interrogative constructions in signed languages: cross-linguistic perspectives. **Language**, v. 80, n. 1, p. 7-39, 2004.

ANEXOS

Anexo A – IMAGENS DO FILME JOGOS DIRIGIDOS

Imagem 01: Imagem inicial do trailer de Jogos Dirigidos

Fonte: <https://vimeo.com/364403549>

Imagem 02

Fonte: <https://cargocollective.com/jonathasdeandrade/jogos-dirigidos>

Imagem 03



Fonte: <https://www.premiopipa.com/2020/10/assista-ao-novo-filme-de-jonathas-de-andrade-no-online-viewing-room-do-artista/>

Imagem 04



Fonte: <https://www.goethe.de/ins/br/pt/kul/sup/b20/21773237.html>

Imagem 05



Fonte: <https://cargocollective.com/ionathasdeandrade/jogos-dirigidos>

Imagem 06



Fonte: <https://cargocollective.com/ionathasdeandrade/jogos-dirigidos>

APÊNDICES

Apêndice A – Termo de Consentimento para Participação em Pesquisa dos Participantes de Várzea Queimada (Jaicós-PI)

Este termo de Consentimento Livre e Esclarecido segue as orientações da Resolução 510/2016. Essa resolução apresenta as diretrizes e normas regulamentadores de pesquisas envolvendo seres humanos.

Participante: _____

Data de nascimento: _____

Pesquisadores responsáveis: Ronice Müller de Quadros (Orientadora) e Diná Souza da Silva (Doutoranda)

Título da pesquisa:

Inventário das línguas de sinais dos vilarejos brasileiros: o caso da Cena (Jaicós-Pi) e da língua de sinais de Caiçara (Várzea Alegre – Ce)

Você está sendo convidado (a) a participar de uma pesquisa de doutorado do Programa de Pós Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina que investigará sobre o "**Inventário das línguas de sinais dos vilarejos brasileiros: o caso da Cena (Jaicós-Pi) e da língua de sinais de Caiçara (Várzea Alegre – Ce).**"

O objetivo desta investigação é o de coletar amostras de produção da língua de sinais, diferentes da Libras, utilizada por pessoas surdas e ouvintes de sua comunidade. Com isso, nós queremos documentar línguas de sinais existentes no Brasil e analisá-las em termos de seu uso social, de sua gramática e vocabulário. Além disso, as experiências narradas nessas gravações poderão ser divulgadas à sociedade brasileira, como uma forma de promovermos uma real inclusão das pessoas surdas, bem como o fortalecimento dessa língua de sinais tão rica utilizada por você em sua comunidade.

Faremos entrevistas com você e coletaremos dados por meio de vídeos de diferentes formas. Você vai contar sobre você, sobre onde estudou, falar histórias, realizar tarefas que vamos lhe apresentar e conversar com outra pessoa que usa a mesma língua de sinais que você. Todas estas atividades serão filmadas. Estas filmagens serão transcritas pela pesquisadora Diná Souza da Silva, e serão postadas no Corpus de Libras, sob domínio da UFSC, de forma pública e gratuita à comunidade interessada para fins de pesquisa, de estudo e aplicação pedagógica.

A participação neste projeto não apresenta nenhum risco, nem de nível mínimo da vida diária. A única questão que você deve considerar é a divulgação de sua imagem em vídeo nas pesquisas e trabalhos futuros que utilizarem o seu material como base de estudo. Nessas pesquisas, outras pessoas farão análises e comentários sobre a sua produção em língua de sinais, e algumas pessoas podem se sentir constrangidas com isso.

Este estudo não deverá beneficiar você diretamente, mas a sua participação certamente contribuirá para a melhoria da vida das pessoas surdas no Brasil, por dois motivos: em primeiro lugar, o estudo da sua produção vai nos ajudar a compreender melhor como funcionam as línguas de sinais de vilarejos, beneficiando a educação de surdos e o ensino de libras como primeira e segunda língua; em segundo lugar, o estudo de sua produção vai contribuir para fortalecer a Libras no Brasil, pois uma língua documentada é muito importante para a formação de professores dessa língua e para os estudos dessa língua.

Não haverá nenhum tipo de pagamento para a sua participação, mas se você tiver algum custo decorrente da sua participação na pesquisa, você será devidamente ressarcido. Em caso de algum dano resultante da sua participação na pesquisa, você tem direito a assistência e a indenização.

Caso você queira, poderemos dar-lhe um pseudônimo substituindo o seu nome e informações pessoais na identificação da gravação, independentemente de sua imagem aparecer na gravação. Você indicará essa informação no *Termo de Cessão de Filmagens*.

Outros pesquisadores poderão ter acesso ao material de sua gravação para desenvolver suas próprias pesquisas, após serem avaliadas pelo CEPSH, ou seja, eles também terão que submeter seus projetos para a avaliação do CEPSH. Paralelamente a isso, eles também preencherão um cadastro prévio no qual, além de detalharem seus vínculos institucionais, deverão encaminhar um termo de responsabilidade dando ciência aos critérios que devem ser observados para a utilização dos dados. Da mesma forma, isso se aplica ao uso dos dados por pesquisadores de outros países por meio de cooperação internacional, havendo necessidade do projeto ser submetido ao CONEP, caso isso se configure.

Com seu consentimento específico à integração do Corpus de Libras, os pesquisadores que utilizarem os seus dados poderão fazer apresentações e publicações com os resultados do estudo, mas sem apresentar as suas informações pessoais, caso você assim solicite. Com relação à sua imagem, ela poderá ser veiculada nessas apresentações e publicações, tendo em vista a importância das expressões faciais e corporais na produção da língua de sinais. Todos os clips ou frames que incluem a sua imagem serão para apresentar exemplos da sua língua de sinais, sem nunca comprometer a sua imagem pessoal.

Você pode interromper a sua participação neste estudo a qualquer momento. Caso em algum vídeo ocorra alguma situação que lhe causou um constrangimento pessoal, você poderá solicitar por e-mail aos coordenadores do projeto – ver dados abaixo indicados – que não incluam esse dado no Corpus e, com a solicitação documentada no e-mail, nós garantiremos que esse dado seja apagado do banco de dados. No entanto, como o material é de domínio público, não temos como garantir que o vídeo já tenha sido acessado até a data da retirada dos dados.

Ressaltamos que a presente pesquisa seguirá os moldes do Inventário Nacional da Libras aprovado pelo Comitê de Ética (CAAE: 17028413.0.0000.0121), que utiliza a metodologia de coleta de dados do Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL).

Se você tiver qualquer dúvida ou problema de ordem ética, por sua participação na pesquisa, poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina pelo telefone 37216094, e-mail cep.propesq@contato.ufsc.br ou no endereço:

Universidade Federal de Santa

Catarina – Reitoria II, Rua Desembargador Vitor Lima, nº 222, 4º andar, Sala 401 – Trindade – CEP 88040400 – Florianópolis/SC

Você pode entrar em contato conosco a qualquer momento. Estaremos disponíveis para responder a qualquer dúvida que possa surgir sobre este estudo. Se você tiver mais perguntas sobre o projeto ou se você tiver algum problema relacionado com a pesquisa, você pode entrar em contato com os pesquisadores principais do estudo:

Professora Orientadora: Ronice Müller de Quadros

Email: ronice.quadros@ufsc.br

Celular: (48) 8454-4041

Lotação como Servidor: Departamento de Artes e Libras / Centro de Comunicação e Expressão / Universidade Federal de Santa Catarina

Doutoranda: Diná Souza da Silva

E-mail: dinassilva16@gmail.com

Celular: (88) 9 9611 1718

Apêndice B – Termo de Consentimento dos participantes de Várzea Queimada (Jaicós-Pi)

Eu li este termo de consentimento e decidi que vou participar da pesquisa intitulada Inventário das línguas de sinais dos vilarejos brasileiros: o caso da Cena (Jaicós-Pi) e da língua de sinais de Caiçara (Várzea Alegre – Ce). Ficaram claras as implicações da minha participação nesta pesquisa. Eu entendo que poderei interromper a minha participação na pesquisa, a qualquer momento Minha assinatura também indica que eu recebi uma via deste documento em língua portuguesa (de forma impressa ou digital assinada) e que tive acesso a sua versão em Libras.

Nome do participante da pesquisa

Assinatura do participante da pesquisa

Data da Assinatura

Nome da pesquisadora

Assinatura da pesquisadora

Data da Assinatura

**Apêndice C – Termo de cessão de filmagens dos participantes de Várzea Queimada
(Jaicós-PI)**

Colaborador: _____

Pesquisadoras: Dina Souza da Silva e Ronice Müller de Quadros

Título da pesquisa: Inventário de língua brasileira de sinais dos vilarejos brasileiros: o caso da Cena (Jaicós-PI) e da língua de sinais de Caiçara (Várzea Alegre – Ce)

****ATENÇÃO****

A sua privacidade é muito importante. Por causa disso, seus dados pessoais jamais serão veiculados nesta ou em outras pesquisas que utilizarem as suas filmagens, caso você assim determine. Ainda assim, é preciso ter clareza de que, ao consentir em participar desta pesquisa, sua imagem ficará acessível ao público acadêmico.

Como os dados publicados na página são públicos, se você respondeu NÃO as questões abaixo, exceto a primeira, você não estará participando deste Banco de Dados. Se você respondeu SIM as questões, SIM ou NÃO a primeira questão, você passa a integrar o *Corpus da Língua Brasileira de Sinais* na qualidade de participante.

1. Você deseja que seja criado um pseudônimo para ocultar a sua identidade pessoal quando os seus dados tornarem-se objeto de pesquisa?
Sim _____ Não _____
2. Você permite que as suas filmagens sejam publicadas no *Corpus* de Língua Brasileira de Sinais, de forma pública e de livre acesso mediante cadastro em nosso projeto?
Sim _____ Não _____
3. Você permite que as suas filmagens sejam transcritas pelos pesquisadores cadastrados no projeto Constituição de *Corpus* da Língua Brasileira de Sinais?
Sim _____ Não _____
4. Podemos compartilhar as suas filmagens com outros pesquisadores que também desejam estudar a Libras, surdez e educação de surdos academicamente?
Sim _____ Não _____
5. Você permite que fotos e trechos de suas filmagens sejam utilizados para apresentar os resultados de pesquisas em publicações científicas, em eventos acadêmicos e em materiais didáticos relativos ao ensino de Libras e à educação de surdos?
Sim _____ Não _____
6. Podemos disponibilizar as suas filmagens em outros trabalhos de divulgação do *corpus* de Libras?
Sim _____ Não _____
7. Podemos continuar utilizando as suas filmagens para as finalidades acima indicadas exclusivamente para esta pesquisa descrita no documento ou outras com aprovação do CEPESH?

Sim _____ Não _____

Nome do participante_____
Assinatura do participante_____
Data da Assinatura_____
Nome do coordenador_____
Assinatura do coordenador_____
Data da Assinatura

Apêndice D – Termo de Consentimento para Participação em Pesquisa dos Participantes de Caiçara (Várzea Alegre – CE)

Este termo de Consentimento Livre e Esclarecido segue as orientações da Resolução 510/2016. Essa resolução apresenta as diretrizes e normas regulamentadores de pesquisas envolvendo seres humanos.

Participante: _____

Data de nascimento: _____

Pesquisadores responsáveis: Ronice Müller de Quadros (Orientadora) e Diná Souza da Silva (Doutoranda)

Título da pesquisa:

Inventário das línguas de sinais dos vilarejos brasileiros: o caso da Cena (Jaicós-Pi) e da língua de sinais de Caiçara (Várzea Alegre – Ce)

Você está sendo convidado (a) a participar de uma pesquisa de doutorado do Programa de Pós Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina que investigará sobre o "**Inventário das línguas de sinais dos vilarejos brasileiros: o caso da Cena (Jaicós-Pi) e da língua de sinais de Caiçara (Várzea Alegre – Ce).**"

O objetivo desta investigação é o de coletar amostras de produção da língua de sinais, diferentes da Libras, utilizada por pessoas surdas e ouvintes de sua comunidade. Com isso, nós queremos documentar línguas de sinais existentes no Brasil e analisá-las em termos de seu uso social, de sua gramática e vocabulário. Além disso, as experiências narradas nessas gravações poderão ser divulgadas à sociedade brasileira, como uma forma de promovermos uma real inclusão das pessoas surdas, bem como o fortalecimento dessa língua de sinais tão rica utilizada por você em sua comunidade.

Faremos entrevistas com você e coletaremos dados por meio de vídeos de diferentes formas. Você vai contar sobre você, sobre onde estudou, falar histórias, realizar tarefas que vamos lhe apresentar e conversar com outra pessoa que usa a mesma língua de sinais que você. Todas estas atividades serão filmadas. Estas filmagens serão transcritas pela pesquisadora Diná Souza da Silva, e serão postadas no Corpus de Libras, sob domínio da UFSC, de forma pública e gratuita à comunidade interessada para fins de pesquisa, de estudo e aplicação pedagógica.

A participação neste projeto não apresenta nenhum risco, nem de nível mínimo da vida diária. A única questão que você deve considerar é a divulgação de sua imagem em vídeo nas pesquisas e trabalhos futuros que utilizarem o seu material como base de estudo. Nessas pesquisas, outras pessoas farão análises e comentários sobre a sua produção em língua de sinais, e algumas pessoas podem se sentir constrangidas com isso.

Este estudo não deverá beneficiar você diretamente, mas a sua participação certamente contribuirá para a melhoria da vida das pessoas surdas no Brasil, por dois motivos: em primeiro lugar, o estudo da sua produção vai nos ajudar a compreender melhor como funcionam as línguas de sinais de vilarejos, beneficiando a educação de surdos e o ensino de Libras como primeira e segunda língua; em segundo lugar, o estudo de sua produção vai contribuir para fortalecer a Libras no Brasil, pois uma língua documentada é muito importante para a formação de professores dessa língua e para os estudos dessa língua.

Não haverá nenhum tipo de pagamento para a sua participação, mas se você tiver algum custo decorrente da sua participação na pesquisa, você será devidamente ressarcido. Em caso de

algum dano resultante da sua participação na pesquisa, você tem direito a assistência e a indenização.

Caso você queira, poderemos dar-lhe um pseudônimo substituindo o seu nome e informações pessoais na identificação da gravação, independentemente de sua imagem aparecer na gravação. Você indicará essa informação no *Termo de Cessão de Filmagens*.

Outros pesquisadores poderão ter acesso ao material de sua gravação para desenvolver suas próprias pesquisas, após serem avaliadas pelo CEPESH, ou seja, eles também terão que submeter seus projetos para a avaliação do CEPESH. Paralelamente a isso, eles também preencherão um cadastro prévio no qual, além de detalharem seus vínculos institucionais, deverão encaminhar um termo de responsabilidade dando ciência aos critérios que devem ser observados para a utilização dos dados. Da mesma forma, isso se aplica ao uso dos dados por pesquisadores de outros países por meio de cooperação internacional, havendo necessidade do projeto ser submetido ao CONEP, caso isso se configure.

Com seu consentimento específico à integração do Corpus de Libras, os pesquisadores que utilizarem os seus dados poderão fazer apresentações e publicações com os resultados do estudo, mas sem apresentar as suas informações pessoais, caso você assim solicite. Com relação à sua imagem, ela poderá ser veiculada nessas apresentações e publicações, tendo em vista a importância das expressões faciais e corporais na produção da língua de sinais. Todos os clips ou frames que incluem a sua imagem serão para apresentar exemplos da sua língua de sinais, sem nunca comprometer a sua imagem pessoal.

Você pode interromper a sua participação neste estudo a qualquer momento. Caso em algum vídeo ocorra alguma situação que lhe causou um constrangimento pessoal, você poderá solicitar por e-mail aos coordenadores do projeto – ver dados abaixo indicados – que não incluam esse dado no Corpus e, com a solicitação documentada no e-mail, nós garantiremos que esse dado seja apagado do banco de dados. No entanto, como o material é de domínio público, não temos como garantir que o vídeo já tenha sido acessado até a data da retirada dos dados.

Ressaltamos que a presente pesquisa seguirá os moldes do Inventário Nacional da Libras aprovado pelo Comitê de Ética (CAAE: 17028413.0.0000.0121), que utiliza a metodologia de coleta de dados do Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL).

Se você tiver qualquer dúvida ou problema de ordem ética, por sua participação na pesquisa, poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina pelo telefone 37216094, e-mail cep.propesq@contato.ufsc.br ou no endereço:

Universidade Federal de Santa

Catarina – Reitoria II, Rua Desembargador Vitor Lima, nº 222, 4º andar, Sala 401 – Trindade – CEP 88040400 – Florianópolis/SC

Você pode entrar em contato conosco a qualquer momento. Estaremos disponíveis para responder a qualquer dúvida que possa surgir sobre este estudo. Se você tiver mais perguntas sobre o projeto ou se você tiver algum problema relacionado com a pesquisa, você pode entrar em contato com os pesquisadores principais do estudo:

Professora Orientadora: Ronice Müller de Quadros

Email: ronice.quadros@ufsc.br

Celular: (48) 8454-4041

Lotação como Servidor: Departamento de Artes e Libras / Centro de Comunicação e Expressão / Universidade Federal de Santa Catarina

Doutoranda: Diná Souza da Silva
E-mail: dinassilva16@gmail.com
Celular: (88) 9 9611 1718

Apêndice E – Termo de Consentimento dos participantes de Caiçara (Várzea Alegre – CE)

Eu li este termo de consentimento e decidi que vou participar da pesquisa intitulada Inventário das línguas de sinais dos vilarejos brasileiros: o caso da Cena (Jaicós-Pi) e da língua de sinais de Caiçara (Várzea Alegre – Ce). Ficaram claras as implicações da minha participação nesta pesquisa. Eu entendo que poderei interromper a minha participação na pesquisa, a qualquer momento Minha assinatura também indica que eu recebi uma via deste documento em língua portuguesa (de forma impressa ou digital assinada) e que tive acesso a sua versão em Libras.

Nome do participante da pesquisa

Assinatura do participante da pesquisa

Data da Assinatura

Nome da pesquisadora

Assinatura da pesquisadora

Data da Assinatura

Apêndice F – Termo de cessão de filmagens dos participantes de Caiçara (Várzea Alegre – CE)

Colaborador: _____

Pesquisadoras: Dina Souza da Silva e Ronice Müller de Quadros

Título da pesquisa: Inventário de língua brasileira de sinais dos vilarejos brasileiros: o caso da Cena (Jaicós-Pi) e da língua de sinais de Caiçara (Várzea Alegre – Ce)

****ATENÇÃO****

A sua privacidade é muito importante. Por causa disso, seus dados pessoais jamais serão veiculados nesta ou em outras pesquisas que utilizarem as suas filmagens, caso você assim determine. Ainda assim, é preciso ter clareza de que, ao consentir em participar desta pesquisa, sua imagem ficará acessível ao público acadêmico.

Como os dados publicados na página são públicos, se você respondeu NÃO as questões abaixo, exceto a primeira, você não estará participando deste Banco de Dados. Se você respondeu SIM as questões, SIM ou NÃO a primeira questão, você passa a integrar o *Corpus* da Língua Brasileira de Sinais na qualidade de participante.

1. Você deseja que seja criado um pseudônimo para ocultar a sua identidade pessoal quando os seus dados tornarem-se objeto de pesquisa?
Sim _____ Não _____
2. Você permite que as suas filmagens sejam publicadas no *Corpus* de Língua Brasileira de Sinais, de forma pública e de livre acesso mediante cadastro em nosso projeto?
Sim _____ Não _____
3. Você permite que as suas filmagens sejam transcritas pelos pesquisadores cadastrados no projeto Constituição de *Corpus* da Língua Brasileira de Sinais?
Sim _____ Não _____
4. Podemos compartilhar as suas filmagens com outros pesquisadores que também desejam estudar a Libras, surdez e educação de surdos academicamente?
Sim _____ Não _____
5. Você permite que fotos e trechos de suas filmagens sejam utilizados para apresentar os resultados de pesquisas em publicações científicas, em eventos acadêmicos e em materiais didáticos relativos ao ensino de Libras e à educação de surdos?
Sim _____ Não _____
6. Podemos disponibilizar as suas filmagens em outros trabalhos de divulgação do *corpus* de Libras?
Sim _____ Não _____
7. Podemos continuar utilizando as suas filmagens para as finalidades acima indicadas exclusivamente para esta pesquisa descrita no documento ou outras com aprovação do CEPSH?
Sim _____ Não _____

Nome do participante

Assinatura do participante


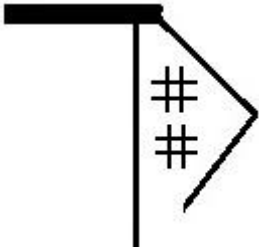





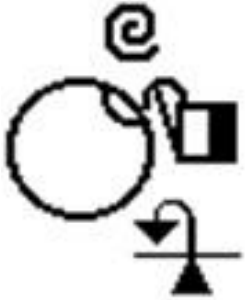
Data da Assinatura


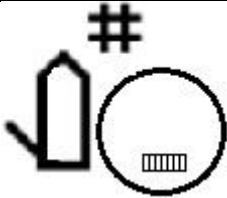




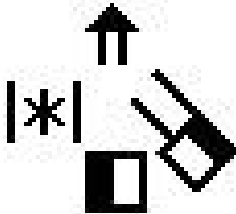


Nome do coordenador

Assinatura do coordenador

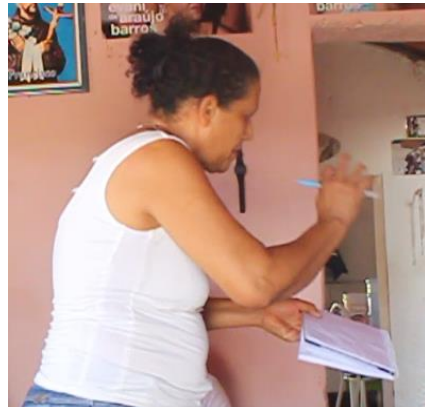
Data da Assinatura

Apêndice G – Registro De Alguns Sinais Identificados Na Cena

	SINAL	ESCRITA DE SINAIS
AÇÚCAR		
AMANHÃ		
CACHORRO		
CAFE		


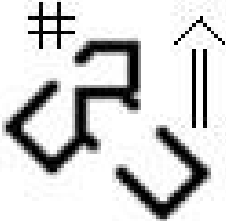

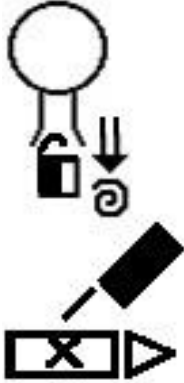
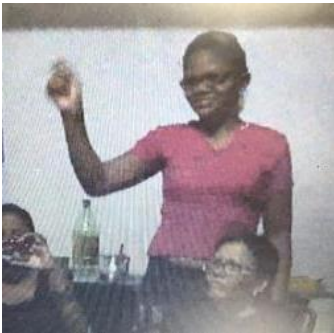
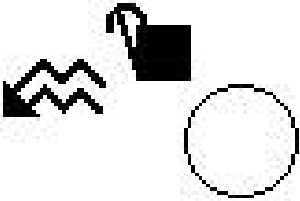
	SINAL	ESCRITA DE SINAIS
CARNE		
CELULAR		
CERVEJA	 	
CHEFE		










NOME


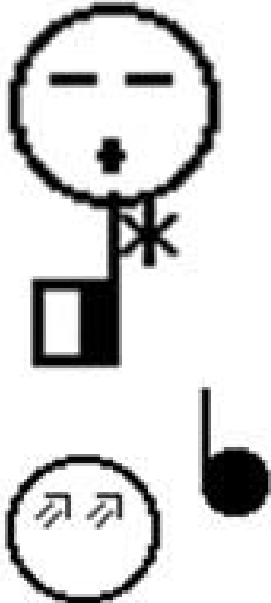






OVO



<p>PAGAR</p>		
<p>PREFEITO</p>		
<p>PROFESSOR</p>		




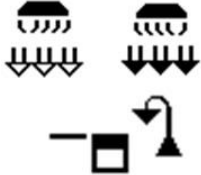
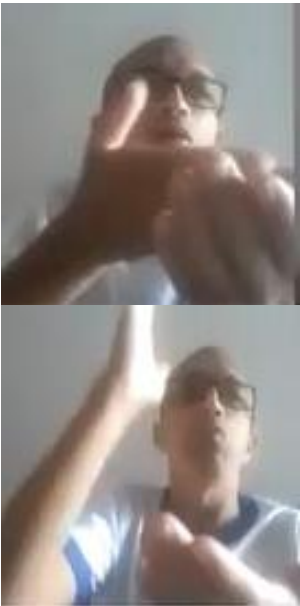

	SINAL	ESCRITA DE SINAIS
REFRIGERANTE		
SÁBADO		
SAL		
SETEMBRO	 	


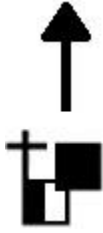

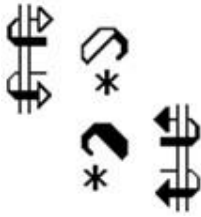

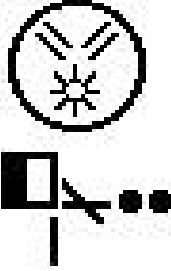
<p>SOL</p>		
<p>TERESINA</p>		
<p>TRAIR</p>		

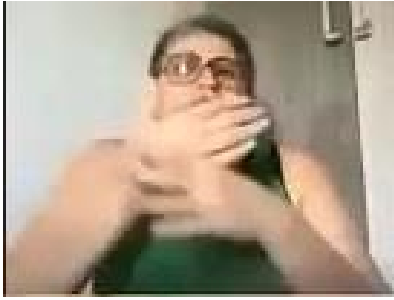
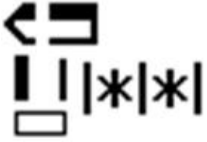
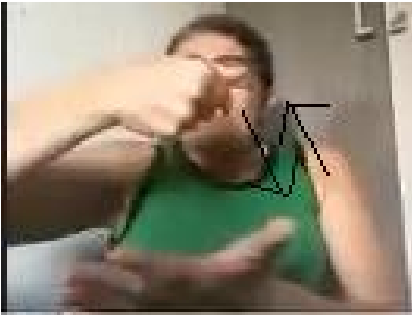


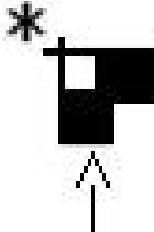
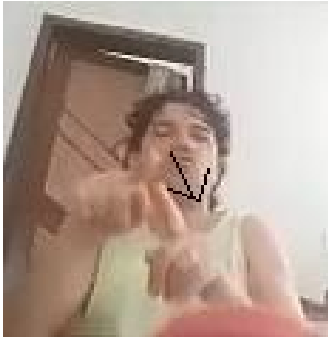

VERGONHA


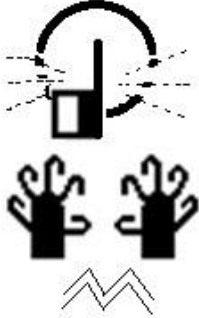

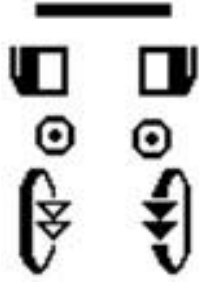

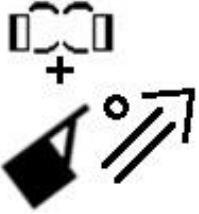


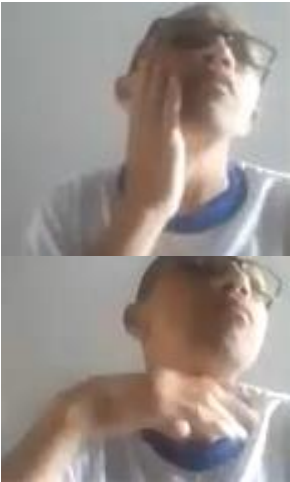
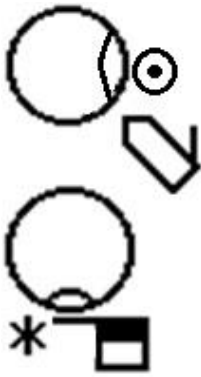


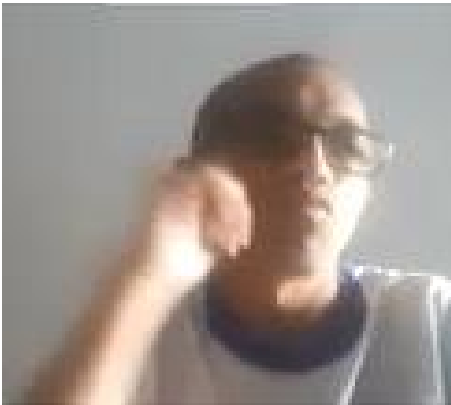

Apêndice H – Registro de Alguns Sinais Identificados na Ls Caiçara

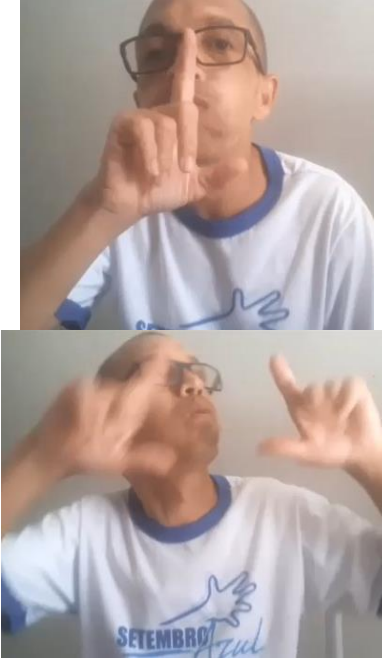
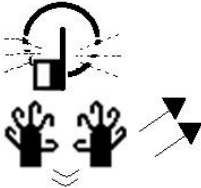
	SINAL	ESCRITA DE SINAIS
<p>ÁGUA</p>		
<p>ANO</p>		
<p>ARROZ</p>		

<p>AVIÃO</p>		
<p>BOLO</p>		
<p>CACHORRO</p>		

<p>CASA</p>		
<p>CUSCUZ</p>		
<p>DOMINGO</p>		
<p>FELJÃO</p>		

<p>FOGO</p>		
<p>IDADE</p>		
<p>LARANJA</p>		

<p>MÃE</p>		
<p>MÊS</p>		
<p>PAI</p>		

<p>SOL</p>		
<p>TOMAR-BANHO</p>	